

O mistério da chácara

por Daniel Lucrédio

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Dedico este livro ao Gabriel e à Julia

O mistério da chacara - por Daniel Lucrédio

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 1

Sexta-feira, 16 de outubro
17h47min

- Passa a bola! - gritou Fernando.

Julio ouviu o grito, mas não passou a bola. Estava com ela dominada, um pouco depois do meio da quadra, mas achou que podia driblar mais um adversário e deixar Fernando livre, sem marcação. Conseguiu avançar mais um pouco e estava quase conseguindo. Mais alguns passos e tentaria o drible para a direita.

- Vai! Passa a bola, Julio! - voltou a gritar Fernando.

- Anda, Julio, passa essa bola! - agora era o treinador quem dava a ordem.

Dessa vez Julio pensou em passar, mas ainda não era o momento certo. Se conseguisse driblar só mais esse adversário, o gol iria sair. O jogo estava empatado. Estava quase no fim. Talvez fosse o último lance. Precisava tentar.

- Segura! Ele vai driblar para a direita! - gritou o goleiro adversário, avisando o zagueiro.

Não deu tempo de Julio mudar sua jogada. Tentou o drible para a direita, mas o adversário à sua frente colocou o pé exatamente no lugar em que a bola iria passar. A bola bateu de volta no pé de Julio e saiu pela lateral.

- Pô, Julio, seu fominha! Por que não passou a bola? - reclamou Fernando, batendo as mãos no lado do corpo.

- Eu ia passar! Eu ia te deixar na cara do gol! - respondeu Julio.

Fernando balançou a cabeça negativamente e voltou correndo para a defesa. O time adversário tinha cobrado o lateral e estava criando uma jogada perigosa. Julio olhou para

o treinador, para tentar explicar o lance, mas o treinador gritou imediatamente:

- Volta, Julio! Olha a marcação!

Julio olhou para trás a tempo de ver a bola batendo na rede. Logo depois ouviu o juiz apitando e a gritaria da torcida adversária, confirmando que seu time havia levado um gol.

- Tudo bem! Tudo bem! Ainda dá tempo, vamos empatar! - gritou o treinador, batendo palmas e tentando reanimar os jogadores cabisbaixos.

- Vai Julio! Faz um gol! - Julio ouviu uma voz de menina vindo da arquibancada. Era Gabriela, sua prima de sete anos, que pulava feliz, acenando para ele. Pelo jeito, ela não viu o que tinha acabado de acontecer. Julio respondeu com um aceno de mão e voltou para sua posição.

O time de Julio até que tentou, mas não deu tempo de fazer mais nada. O juiz apitou o fim de jogo e o time adversário correu junto para a sua torcida, todos gritando felizes. Os companheiros de Julio trocaram olhares tristes entre si. Julio viu Fernando olhar para ele uma última vez, com a boca repuxada de lado e a cabeça balançando negativamente, em sinal de reprovação. Julio ficou parado, olhando para o chão, sem querer encarar mais ninguém.

- Tudo bem Julião! - ouviu o treinador dizendo - Foi um bom jogo! O outro time era muito bom também, desta vez não deu.

O treinador deu-lhe um tapinha nas costas e foi para o vestiário, atrás dos outros jogadores. Julio ficou ali parado por um tempo. Depois olhou para a arquibancada, que já estava ficando vazia, e viu sua família. Seus pais estavam ali, conversando com os pais de Gabriela, que ainda acenava para

ele, com um sorriso no rosto. Julio foi caminhando lentamente até eles.

- Oi! - disse Gabriela, feliz.

- Oi Gabi! - respondeu Julio.

- Oi Julio, seu time perdeu? Não vimos o jogo, chegamos só agora no final! - perguntou sua tia Daniela.

- É, perdemos! - respondeu Julio, cabisbaixo.

- Esporte é assim mesmo, um ganha e outro perde! - disse seu tio Alessandro, colocando a mão em seu ombro.

- A gente vai passar o fim de semana juntos, Julio! - disse Gabi, animada.

- É verdade, filho! A gente vai ... - sua mãe Fabiana começou a falar animadamente sobre os planos para o fim de semana, mas Julio não estava prestando atenção direito. Balançava a cabeça, concordando com tudo, sem saber sobre o que estavam falando.

Será que ninguém tinha visto o que aconteceu? Será que não viram que seu time tinha perdido e que a culpa era dele? Se tivesse passado a bola, talvez Fernando tivesse feito o gol. Ou talvez tivessem conseguido segurar o empate. Podia até ser que Fernando perdesse a bola, dando o gol para o adversário. Mas aí a culpa não teria sido dele. Deveria ter passado a bola.

O arrependimento deixou-o muito triste. Seu pai, André, que estava quieto até então, percebeu sua tristeza e puxou Julio de lado, dando-lhe um abraço. Julio enfiou a cabeça em seu peito e chorou. Depois de um tempo, ouviu a voz reconfortante do pai:

- Está tudo bem, filho! Se você tivesse passado a bola seu colega não ia conseguir fazer o gol.

Julio ficou feliz que o pai tivesse percebido exatamente o que tinha acontecido sem que ele precisasse explicar. Respondeu, com os olhos ainda cheios de lágrimas:

- Mas pelo menos eu não ia ser o culpado da derrota. O treinador mandou eu passar a bola!

- E daí? Você tentou fazer a coisa certa! Você estava em busca da vitória, tentando ajudar seu time!

Julio ficou pensativo. Seu pai então lhe disse, serenamente:

- Julio! É melhor perder tentando fazer a coisa certa do que obedecer a uma ordem que seu coração sabe que está errada!

No começo, Julio não tinha certeza de que concordava com o pai. Na verdade, continuava achando horrível aquela sensação de ter estragado tudo. Mas depois, pensando bem, ele não tinha sido fominha. Tinha realmente tentado passar a bola para o colega. E teria sido uma jogada incrível. Esse pensamento fez que se sentisse melhor. Conseguiu até prestar um pouco de atenção na conversa dos adultos. Aparentemente, iriam todos passar o fim de semana em uma chácara, juntos.

- Vamos embora? - perguntou sua mãe Fabiana.

- Eu preciso pegar minhas coisas no vestiário - respondeu Julio.

- Então vai logo!

Julio não queria ir logo. O time todo estaria lá dentro, e eles certamente não estariam felizes. Mas não queria desobedecer sua mãe, então foi depressa para o vestiário. Iria pegar suas coisas, sem olhar para ninguém, e sair correndo.

Ao entrar, viu que o vestiário estava bem vazio. A maioria dos jogadores já tinha ido embora. Mas olhou para o armário onde estavam suas coisas e viu metade do time ali perto, inclusive Fernando. Olhou em volta, em busca do treinador, mas não o encontrou.

- Olha o fominha aí! - disse Fernando, com um sorriso irônico no rosto.

- Deixa ele, Fernando! - era Miguel, outro colega de time.

Julio se aproximou do armário e o abriu. Começou rapidamente a pegar suas coisas, mas uma mão fechou a porta do armário. Era Fernando.

- Obrigado, viu? Por ter dado aquela bola de presente! Todo mundo sabe que você só consegue driblar para a direita! - provocou Fernando.

- E daí? Pelo menos eu tentei! - respondeu Julio - Se eu tivesse conseguido, a gente ia ganhar o jogo!

- Mas não consegui! Como sempre, foi fominha e não passou a bola.

- Eu não sou fominha! Eu ia te passar a bola! Você ia ficar na cara do gol! - retrucou Julio, agora gritando.

- Deixa disso, gente! A gente não jogou bem hoje! - disse Pedro, o goleiro do time, puxando Fernando para trás.

- Não! Era pra gente estar comemorando agora, mas por culpa do Julio vamos ter que aguentar a zoação na segunda-feira.

- Não foi culpa minha! - gritou Julio, indignado.

- Chega! - ouviram uma voz forte. Era o treinador, que estava em uma sala ao lado e chegava para terminar a discussão. Continuou a falar, em voz alta:

- Ninguém é culpado! Quando um time ganha, todos ganham! Quando perde, todos perdem! Pra casa, todo mundo, anda!

Todos obedeceram e começaram lentamente a pegar suas coisas e ir embora. Quando o treinador virou as costas, Julio olhou para Fernando. O colega ainda estava irritado. Ele apontou para Julio com o dedo, mexeu os lábios e disse claramente, mas sem emitir som algum, a palavra “fominha”.

Julio saiu do vestiário triste e foi andando até a arquibancada que, exceto por sua família, estava agora completamente vazia. Gabriela não esperou. Foi correndo em direção ao primo e começou a falar:

- Nós vamos para uma chácara, Julio! A mamãe e o papai vão junto, o lugar é bem legal! Tem um quintal enorme! E até uma floresta perto!

- Floresta? - perguntou Julio, esquecendo um pouco sobre o jogo.

- É! E a mamãe falou que a gente vai poder ir lá. Acompanhados, é claro!

- Que chácara é essa, Gabi?

- Não sei! Mas vai ser legal, né?

Ao chegarem perto dos adultos, Julio perguntou:

- Mãe, que chácara é essa que nós vamos?

- É a chácara onde morava a sua bisavó. Depois que ela morreu, ficou abandonada. Nós precisamos ir lá para dar uma limpada e trazer algumas coisas.

- Uma casa abandonada? - perguntou Julio.

- Não é que vai ser super legal? - disse Gabriela, dando um gritinho.

- É, acho que vai! - respondeu Julio, mas era mentira. Ia demorar muito até conseguir esquecer aquele jogo e conseguir se divertir de novo.

Ele estava triste.

Sábado, 17 de outubro
6h33min

Julio acordou bem cedo, ouvindo os pais andando pela casa. Vez ou outra entravam em seu quarto, acendiam a luz, abriam o armário, faziam barulho e saíam de novo. Foi assim por um tempo, sem que Julio entendesse direito o que estava acontecendo.

- Anda, Julio, levanta! - ouviu sua mãe chamar várias vezes.

Estava com preguiça e não queria sair da cama. Ainda sentia o corpo um pouco dolorido por causa do jogo. Mas depois se lembrou que iriam viajar para a tal chácara de sua bisavó e se animou. Levantou e foi até o banheiro para se arrumar. Depois foi até a cozinha, sonolento, onde a mesa estava arrumada com o café da manhã. Comeu um pão com manteiga, tomou uma xícara de leite, e depois de visitar mais uma vez o banheiro para escovar os dentes, estava pronto para ir.

A sala estava uma bagunça. Havia várias malas no chão. Pelo jeito, seus pais achavam que iriam passar um mês fora. Ele perguntou:

- Mãe, porque vamos levar tanta coisa?

- Lá na chácara não deve ter quase nada, então precisamos levar tudo daqui de casa. Travesseiro, roupa de cama, de banho... - a mãe falava enquanto conferia o

conteúdo das malas - ... e não sei se vai fazer frio, então estamos levando roupas de frio também... ah, e cobertores para todos, porque a noite com certeza será fria... Esqueci alguma coisa?

André, o pai de Julio, respondeu, brincando:

- Você lembrou de pegar o sofá? E a geladeira?

- Engraçadinho! - respondeu Fabiana, sorridente - Está tudo pronto então! Vamos?

- Vamos! Minha irmã já deve estar nos esperando - respondeu André.

Saíram de casa, colocaram as malas no carro e começaram a viagem. O carro estava tão cheio que precisaram colocar uma mala no banco ao lado de Julio. Logo pararam em um posto de combustível, onde Julio viu o carro de seus tios Alessandro e Daniela, com a feliz Gabi acenando no banco de trás.

- Mãe, posso ir com a Gabi? - perguntou Julio.

- Não! O carro deles está cheio também! Não vai caber!

- Ah, que chato! Eu queria ir brincando.

- Ah filho, nem é tão longe! Vocês podem esperar até chegarmos lá.

Mas algo estava errado. Depois de abastecer, o frentista notou um pinga-pinga embaixo do carro dos pais de Julio, e disse:

- Ih moço, seu carro está vazando óleo!

- Não é possível! Eu troquei o filtro esta semana! - respondeu André.

- Acho que colocaram um modelo errado! Quer que a gente dê uma olhada?

- Tá bom!

- Pode colocar o carro ali no elevador? Vou chamar o mecânico.

Nesse momento, Gabriela e os pais tinham descido do carro também, e todos ficaram olhando enquanto o mecânico tentava encontrar o problema. No começo, Julio estava se divertindo olhando o carro sendo consertado. Mas estava demorando demais e eles resolveram visitar a loja de conveniência. Enquanto olhavam os produtos à venda, o pai de Julio entrou e disse:

- O mecânico disse que precisa de uma peça que não tem aqui, vai precisar buscar em outra oficina.

- E agora? Vai demorar muito? - perguntou Alessandro.

- Não sei. Mas já mandei trazer a peça, sem ela o carro não sai do lugar. O que fazemos?

- Já é quase hora do almoço! Podemos comer! - sugeriu Daniela.

- Pode ser. Tem um restaurante aqui perto.

- Então vamos.

Foram caminhando até o restaurante, que estava quase vazio. A comida era muito boa. Julio e Gabriela comeram tudo, até a sobremesa. Depois de descansar um pouco, voltaram até o posto. Chegaram bem a tempo de ver o carro sendo abaixado e colocado no chão. O conserto tinha terminado.

Depois que o pai de Julio pagou a conta, todos entraram nos carros e finalmente conseguiram chegar à estrada. A tarde estava bonita e ensolarada, e não havia nuvens no céu. Julio olhava a paisagem pela janela do carro, que passava rapidamente. No começo, havia casas. Depois um canavial,

depois árvores e mais para a frente outro canal. Julio começou a ficar cansado. Estava demorando mais do que esperava. De tanto olhar a paisagem monótona, e com o suave ronco do motor, acabou adormecendo.

Sábado, 17 de outubro

17h43min

- Julio! Acorda, estamos chegando! - ouviu a voz do pai.

Julio olhou pela janela e viu que estavam em uma estrada de terra, com muitas árvores ao redor. O sol estava quase se pondo, e logo iria anoitecer. Olhou para a frente, e viu que estavam atrás do carro dos tios, que levantava muita poeira.

- Vamos pai, passa eles! Vamos na frente!

- Não posso, eu não sei onde é a chácara, sua tia é quem sabe.

Depois de andar por mais um tempo, o carro que ia à frente fez uma curva e parou no lado esquerdo da estrada de terra. O pai de Julio parou o carro também. Seu tio Alessandro, que tinha descido do seu carro, apareceu na janela e disse:

- Pronto! É aqui! - e apontou para um grande portão de ferro enferrujado bem à frente de onde estavam.

- Não dá para abrir o portão? - perguntou André.

- Preciso pegar a chave com os vizinhos, esperem um pouco.

Julio ficou olhando enquanto seu tio caminhava até a chácara vizinha, que ficava a uns duzentos metros para trás. Depois de um tempo, ficou entediado, pois o tio estava

demorando. Então escutou uma batida na janela e viu o rosto da prima, Gabi. Ela e sua tia tinham descido do carro. Julio e a mãe desceram também, e eles foram para perto das árvores que ficavam do outro lado da estrada.

- Nossa, quantas árvores tem aqui, mamãe! - disse Gabi.

- É! Estamos no meio de uma região de floresta. Tem um rio aqui perto e muitas árvores em volta - respondeu Daniela, a mãe de Gabi.

- Que legal! A gente pode entrar na floresta? - perguntou Gabi.

- Aqui, não! A mata é muito fechada, não dá pra andar! Mas eu ouvi dizer que tem algumas trilhas por perto.

- O que são trilhas? - perguntou mais uma vez Gabi, ansiosa.

Julio respondeu:

- Ai, Gabi, você não sabe? Uma trilha é um caminho no meio da floresta, onde dá pra gente andar.

- Oba! Vamos, mamãe?

- Depois, filha! Temos muita coisa pra fazer! - disse Daniela.

- Posso ir com o Julio? - insistiu Gabi.

- Sozinhos? Claro que não! Vocês vão acabar se perdendo! E está quase anoitecendo!

- É verdade! Fiquem com a gente! - disse Fabiana, encerrando o assunto.

Julio e Gabi se olharam tristes. Mas logo chegou Alessandro, com uma chave na mão. Ele foi até o portão enferrujado e o abriu, fazendo um grande barulho.

- Venham crianças, vamos a pé! - disse Daniela.

Julio, Gabi, Daniela e Fabiana passaram pelo portão e foram caminhando, enquanto André e Alessandro ligavam os carros.

Passando pelo portão, o caminho seguia reto em meio a um amplo gramado, que parecia um pouco abandonado, pois a grama estava bastante alta. O caminho terminava em um círculo ao redor de um pequeno jardim. Devia ter sido bonito no passado, mas agora havia somente mato alto e galhos secos e retorcidos. Julio então avistou a casa.

A casa era enorme. Havia uma varanda, sustentada por seis colunas de pedra de cor avermelhada. A varanda era escura, e quase não era possível ver o desenho quadriculado do piso, pois estava muito sujo. No centro da varanda havia uma enorme porta de madeira escura, entalhada com formas de flores e folhas, que dava entrada para a casa. Além da varanda, a casa se estendia para os dois lados, com três janelas grandes de cada lado. Não dava para ver nada dentro das janelas, pois estavam muito sujas, e estava escuro demais lá dentro.

- Nós vamos ter que dormir lá dentro? - perguntou Julio, com um pouco de medo.

- Calma, vamos ver como está. - respondeu André - Se estiver muito ruim a gente vai dormir em um hotel.

Daniela foi a primeira a subir na varanda. Ela pegou uma chave em sua bolsa e abriu a porta, que fez um forte rangido ao ser aberta. Ela entrou, enquanto os outros ficaram do lado de fora, esperando. Logo depois, Daniela saiu, dizendo:

- Venham me ajudar a achar onde é que acende a luz!

Os outros entraram também: primeiro Alessandro, depois Fabiana e por fim André. Julio e Gabi ficaram sozinhos.

- Vai, Gabi! Pode entrar! - disse Julio.

- Eu, não! Estou com medo, Julio! Tá muito escuro lá dentro!

- Mas aqui fora também está escurecendo!

Estava mesmo. Julio olhou para trás e viu as árvores do outro lado da estrada. Sob o céu cinza do fim de tarde, a floresta parecia muito escura, impenetrável.

- Venham para dentro, os dois, já acendemos a luz! - ouviram a voz de Fabiana.

Julio olhou para Gabi, que o olhou de volta, com o olhar assustado. Deram-se as mãos e entraram na casa.

Sábado, 17 de outubro

18h15min

Ao entrar na casa, Julio se sentiu apreensivo. Se por fora a casa era assustadora, por dentro não deixava a desejar. Todos os móveis estavam cobertos com lençóis brancos, para protegê-los da poeira. As luzes estavam acesas, mas eram muito fracas, e por isso projetavam muitas sombras escuras por todos os lados. O teto era de madeira, muito alto, e as paredes eram amareladas. O ambiente todo lembrava uma biblioteca antiga.

- Vamos conhecer a casa? - perguntou Daniela.

- Não mamãe, eu não quero! - respondeu Gabi.

- Ora, vamos todos juntos! Assim a gente já fica conhecendo tudo antes de começar a arrumar um lugar para dormir.

Havia dois corredores escuros, um de cada lado do saguão principal. Daniela seguiu em frente, em direção a um dos corredores. Ela acendeu a luz e todos a seguiram. Julio e Gabriela foram correndo atrás, ainda de mãos dadas.

Passaram por uma sala de estar, um quarto e depois outro quarto. Os cômodos estavam cheios de móveis cobertos com lençóis. Havia camas, sofás, cadeiras e armários, todos de madeira e com aparência de antiguidade. Depois passaram por uma biblioteca, com grandes prateleiras cheias de livros por todos os lados. Enfim chegaram ao final do corredor, onde havia um atelier. Era um espaço amplo, quase sem móveis, exceto por uma poltrona pesada, alguns banquinhos de madeira e material de pintura encostados na parede.

No final do corredor havia uma porta que se abria para o quintal. Julio saiu junto com os outros, mas não viu muita coisa, pois estava muito escuro lá fora. Viu apenas uma estátua no meio do quintal e muitas árvores ao fundo.

- Amanhã a gente explora o quintal. Vamos! Acho que eu vi uma porta que dá na cozinha.

Voltando pelo corredor, encontraram outra porta, que realmente dava entrada à cozinha. Diferente dos outros cômodos, a luz da cozinha era bastante clara e branca, o que deixou Julio mais aliviado. Ao contrário do resto da casa, a cozinha tinha um estilo moderno, com pia, mesa, fogão e geladeira parecendo novos. Fabiana ligou a geladeira e viu que ainda funcionava. Estava vazia, mas podia ser usada.

- Vou trazer os mantimentos e colocar o que precisa na geladeira. Me ajuda, Alessandro? - disse André.

- Vamos.

Os homens saíram, deixando as mulheres e as crianças sozinhas, que continuaram explorando. A cozinha ficava ao lado de um jardim de inverno, que nada mais era do que uma extensão do quintal. Assim como no restante da chácara, a grama e o mato estavam muito altos. Havia também saídas para a despensa, vazia, e uma área de serviço. Depois de verificarem que não tinha nada de interessante ali, seguiram adiante.

Do outro lado da cozinha, havia um hall, que levava até uma sala de jantar. Havia uma mesa enorme de madeira encerada, que não estava coberta com um lençol e por isso estava cheia de poeira. Havia doze cadeiras ao redor, também de madeira encerada. Um bonito lustre pendia sobre a mesa. A sala era revestida por um papel de parede amarelo, e também por muitos quadros, todos eles com motivos de frutas, alimentos, copos e jarras com água ou vinho.

Julio ainda estava um pouco nervoso ao explorar aquela casa antiga, mas naquele momento Gabi já estava correndo por todo lado, levantando os lençóis e descobrindo coisas novas em todo cômodo que entravam. Havia duas portas do lado oposto da sala de jantar e Gabi correu a abrir as duas. Depois de olhar rapidamente, ela disse:

- Olha, essas duas portas dão no mesmo corredor! Vem ver, Julio!

- Deve ser o outro corredor que chega no saguão principal - disse Fabiana.

De fato, ao entrarem no corredor, viram a luz do saguão do outro lado, acesa. Deste lado da casa, havia mais três quartos e uma sala de estudos, que tinha uma escrivaninha antiga e muitos armários cheios de papéis. Havia também

uma sala de música, com um grande piano empoeirado no meio, rodeado por alguns sofás e cadeiras. Julio enfim se animou, e brigou com Gabi para sentarem juntos no banquinho e fazerem muito barulho ao apertar as teclas do velho piano.

Com todas as luzes acesas, e depois de terem explorado tudo, a casa não parecia mais tão assustadora. Conversaram um pouco e escolheram os dois quartos ao lado da biblioteca para dormir. Todos ajudaram a trazer as malas para os quartos, e começaram a fazer a limpeza. Os homens iam tirando os lençóis dos móveis, enquanto as mulheres iam passando o aspirador e um pano úmido pelo chão, deixando a casa com um aspecto mais agradável.

No começo, Julio e Gabi estavam ajudando a tirar os lençóis dos móveis. Mas eles começaram a fazer muita bagunça e a espalhar muita poeira, então seus pais os mandaram ficar quietos. Eles obedeceram. Pegaram alguns gibis na mala de Gabi e foram se sentar em um grande e confortável sofá na sala de estar que ficava ao lado do saguão principal.

Julio estava lendo, quando de repente algo lhe chamou a atenção. Por uma das janelas da sala, ele viu um vulto escuro lá fora, passando rapidamente. Ele deu um pulo e gritou:

- Gabi! Eu acho que vi alguma coisa!

Gabi olhou assustada, e perguntou:

- O que? O que foi Julio?

- Ali, na janela!

Ficaram olhando por um tempo, sem ver nada além do escuro da noite. Até que viram, claramente, um rosto olhando

para dentro da casa. Deram um grito e saíram correndo em direção ao quarto onde seus pais trabalhavam.

- Pai! Pai, tem alguém lá fora! - disse Julio.

- Mamãããeee, eu tô com meeedoo! - choramingou Gabi, abraçando a mãe.

Logo ouviram umas batidas na porta, seguidas por um novo grito de Julio e Gabi.

- Calma, gente! Deve ser o vizinho! Ele falou que ia passar aqui para dar uma ajuda! - respondeu Alessandro. Vou lá abrir.

Julio ouviu enquanto o tio ia até o saguão e abria a porta. Ouviu uma conversa, e depois passos que diziam que o tio estava voltando até o quarto, junto com outra pessoa. Alessandro entrou no quarto, acompanhado de um menino com um sorriso simpático no rosto.

- Oi! - disse o menino. - Desculpe ter assustado vocês! Eu não devia ter colocado minha cara na janela!

- Esse é o Belmiro! - disse Alessandro - Ele mora na chácara ao lado. Ele tem a sua idade, Julio!

Julio e Gabi se olharam e deram uma risada, aliviados. Aproximaram-se de Belmiro e foram cumprimentá-lo.

- Podem me chamar de Miro! Minha mãe mandou eu vir ajudar vocês! Ela não pode vir, pois está preparando a janta.

- Não precisa ajudar não, Miro, obrigada!

- Vocês conheciam a Dona Olívia? - perguntou Miro.

- Sim, era nossa bisavó! - respondeu Gabi.

- Ah, tá. Ela era muito legal! Sempre me deixava brincar no quintal dela e me chamava para tomar café.

- Que bacana! - respondeu Fabiana!

- Minha mãe é que não gostava muito! Ela dizia que eu ficava incomodando, que a Dona Olívia era muito velha e estava doente e precisava descansar.

- Tenho certeza que ela não ligava! - disse Alessandro.
- Ela sempre gostou muito de crianças.

- É, até o médico dela me disse que era bom eu ficar por aqui, para deixá-la mais animada.

- Médico? Que médico? - perguntou Alessandro - Não sabia que ela tinha um médico particular!

- Ele mora aqui perto e costumava passar aqui para cuidar dela. Ficava bastante tempo na casa. Ele é legal! Acho que ele ficava aqui porque gostava dela. - respondeu Miro.

- Depois você nos conta onde ele mora? Eu gostaria de conversar com ele! - disse Fabiana.

- Claro! Ele mora no vilarejo, perto do cemitério. Depois eu mostro pra vocês.

- Obrigada!

- Ah, eu esqueci de falar: minha mãe disse que vocês estão convidados para jantar lá em casa - disse Miro.

- Não, obrig... - começou a dizer Daniela.

- E ela disse - interrompeu Miro - que era pra eu insistir. Vocês chegaram tarde e não devem ter tido tempo de preparar uma janta decente.

Todos olharam para Miro, que sorriu. Daniela então disse:

- Tudo bem! A gente aceita! Mas antes vamos dar uma ajeitada aqui para podermos dormir. Julio e Gabi, por que não

vão brincar um pouco e conhecer melhor o Miro? - disse Daniela.

Miro olhou para Julio e Gabi. Eles se simpatizaram na hora. Julio pegou um pequeno pacote em sua mala e disse:

- Vem Miro, eu trouxe minhas cartas de jogo das Plantas versus Alienígenas! Você joga?

- Que legal, jogo sim! Quais cartas você tem? - respondeu Miro, animado, seguindo Julio até a sala de estar.

- Ai, não, Plantas versus Alienígenas não! Eu não gosto! - respondeu Gabi, sem sair do lugar.

- Vem Gabi, eu deixo você sortear as cartas! - gritou Julio.

- Tá booom, então! - disse Gabi, resignada, indo até a sala onde Julio e Miro já começavam a colocar cartas sobre a mesa.

Sábado, 17 de outubro

23h19min

A noite foi agradável. A mãe de Miro, que se chamava Alberta, tinha preparado muita comida, e a janta foi apreciada por todos. Eles moravam sozinhos, mãe e filho, pois o pai de Miro tinha morrido há muito tempo. Por isso, Alberta disse que ficou feliz por poder preparar comida para bastante gente, para variar. De barriga cheia, e depois de muita conversa, Julio, Gabi e seus pais voltaram para a casa de sua bisavó, com a promessa de se encontrarem novamente pela manhã para Miro lhes mostrar a região.

Todos se acomodaram para dormir, Julio e seus pais em um quarto, e Gabi com seus pais em outro. Apesar de estar bastante confortável, Julio não conseguiu dormir direito.

Ficava dormindo e acordando várias vezes, e tinha sonhos esquisitos. Em um deles, estava jogando futebol, mas ninguém passava a bola para ele. Até que uma hora, a bola veio em sua direção, mas passou direto pelo seu pé, como se ele fosse um fantasma. Depois desse sonho, acordou assustado e demorou para dormir novamente.

No início, achou o lugar bastante silencioso, mas de madrugada começou a perceber que fazia muito barulho lá fora. Alguns barulhos, como grilos e sapos, ele conseguia distinguir. Mas havia muitos outros barulhos que ele não conseguiu identificar. Havia um rangido distante, parecido com uma porta abrindo e fechando sozinha. Havia um barulho de vento, mas diferente, como se fossem asas batendo. E de vez em quando, ouvia um estalo muito perto, de dentro da casa. Em um desses, acordou seu pai, que lhe disse que era normal, pois o teto de madeira esfriava durante a noite, e com isso encolhia um pouco e isso produzia estalos. Depois do que pareceu muito tempo, Julio finalmente conseguiu dormir.

Domingo, 18 de outubro
7h01min

Julio acordou com o brilho do Sol, quando sua mãe abriu a janela. Devia ser bem cedo, pois a luz que entrou era amarelada. Ela disse:

- Vamos, vamos! Todos de pé, pois temos muito o que fazer hoje!

Julio não queria acordar. A noite mal dormida pedia mais um pouco de sono. Mas não teve jeito, pois logo Gabi entrou no quarto e começou a pular na cama em que Julio estava deitado:

- Acorda, Julio! O Miro está aí! Vamos na floresta!

- Nãnnã! Nada de floresta hoje! É muito longe! - disse Fabiana.

- Ah, mãe, deixa! - reclamou Julio.

- Hoje, não! A gente precisa dar uma arrumada nos outros cômodos e empacotar as roupas e pertences da sua bisavó! Deixa pra outro dia, quando algum adulto puder ir junto! - decidiu Fabiana.

- E a gente podia colocar os móveis lá fora pra tomar um pouco de Sol! - disse André.

- Isso! - concordou Fabiana. - Crianças, vocês ajudam um pouco com isso, depois o Miro leva vocês para conhecer alguns lugares aqui perto!

- Mas tia, hoje não é Domingo? A gente não vai ter que ir embora hoje?

- Sim, Gabi.

- Então a gente não vai poder ir na floresta!

- Hoje não, mas a gente já está combinando de voltar semana que vem. Agora que o lugar ficou mais limpo, pensamos em vir pra cá mais vezes para aproveitar o verão, que tal?

- Ebaaaa! - gritaram Julio e Gabi juntos.

- Então vamos, ao trabalho, todos! - disse André.

Depois de tomar um rápido café da manhã, todos começaram a revirar tudo na casa. Sofás, mesas, cadeiras, tudo foi levado para fora. As crianças, com a ajuda de Miro, se divertiram batendo com pedaços de madeira nos sofás e colchões, para tirar a poeira. Depois que tudo já estava lá fora, foram pra dentro da casa e começaram a esvaziar todos os armários e gavetas.

Essa parte se mostrou muito chata, pois cada espaço que abriam estava lotado de coisas velhas. Havia muitas roupas, sapatos, toalhas, panos, caixas, e logo ficou claro que iriam precisar de um tempão para separar aquilo que podia ser aproveitado. Miro disse que poderiam emprestar algumas caixas de papelão que estavam jogadas em sua casa. Com a ajuda de Julio e Gabi, trouxeram pelo menos vinte caixas onde podiam separar as coisas.

A maioria eram roupas, de todos os tipos e cores. No começo, tentavam separar vestidos, calças, meias, mas logo viram que nada poderia ser aproveitado e decidiram colocar todas as roupas para doação. O problema é que tinha muita coisa e as crianças ficaram entediadas. Alessandro então sugeriu que eles fossem olhar na sala de estudos e na sala de música:

- Crianças, tem um monte de coisa interessante nas mesas e armários lá. Por favor, separem tudo o que for de papel e coloquem nessa caixa aqui - e escreveu a palavra “papéis” no lado de uma caixa, antes de entregá-la às crianças.

- Certo, papai! - respondeu Gabi, animada.

- Tudo o que não for de papel, coloquem nessa outra caixa aqui - e entregou outra caixa de papelão, agora para Miro - Mas dêem uma olhada antes. Se for alguma coisa estragada ou quebrada, coloquem nesse saco de lixo aqui - disse, entregando um grande saco preto para Julio.

- Certo, tio! - respondeu Julio, também se animando.

- Qualquer dúvida, vocês me chamam, tudo bem?

- Tudo bem! - responderam os três em uníssono, antes de saírem correndo pelo corredor.

Começaram pela sala de música. Havia um grande armário cheio de prateleiras, portas e gavetas. A maioria estava cheia de livros e pastas com partituras. Gabi olhava tudo com cuidado antes de colocar os papéis na caixa. Encontraram algumas coisas interessantes, entre elas uma velha flauta enferrujada, mas que ainda produzia um pouco de som.

- Blergh, mas o gosto é ruim! - disse Miro, depois de experimentar soprar a flauta.

- Ah! Ah! Ah! É claro né? Vai saber quanto tempo isso ficou guardado aqui! - brincou Julio.

Também encontraram uma caixa com uma chave para dar corda e uma vareta de metal que ficava balançando de um lado para o outro. Foram correndo perguntar o que era aquilo aos adultos, e Daniela explicou a eles que se tratava de um metrônomo, um instrumento de marcação de tempo que ajudava no estudo musical.

Encontraram um violino muito empoeirado, cujas cordas e o arco estavam quebrados. Depois de pensar um pouco, decidiram não colocar no saco de lixo, pois poderia ser consertado. Havia também uma caixa de ferramentas, cheia de chaves e alicates de diferentes tipos, que também foi guardada na caixa.

Depois de um longo tempo, conseguiram deixar todas as portas e gavetas vazias. Em contrapartida, as caixas e o saco de lixo já estavam cheios, por isso precisaram voltar e pegar mais caixas antes de irem para a sala de estudos. Ficaram desanimados, pois havia ainda mais gavetas e armários nessa sala. Começaram a esvaziar tudo, mas aqui a maioria das coisas eram papéis. Havia uma infinidade de livros, cadernos, fotos, receitas, jornais e revistas velhas.

- Nossa, sua bisavó tinha um monte de coisa aqui! O que será que é tudo isso? - perguntou Miro.

- Sei lá! Só sei que a gente está perdendo o dia inteiro aqui! Daqui a pouco a gente vai ter que ir embora e nem conseguimos brincar lá fora ainda! - reclamou Julio.

- É verdade! Eu queria mostrar pra vocês o pesqueiro que tem aqui perto!

- Peraí que vou perguntar para o meu pai para ver se ele deixa! - disse Julio.

Depois de algum tempo, Julio voltou um pouco animado, dizendo:

- Eba, ele deixou, mas só depois do almoço. Ele falou pra gente continuar aqui por mais alguns minutos, depois vamos almoçar e aí estamos livres pra fazer o que quisermos a tarde toda!

- Que legal! - disse Miro - Vai dar tempo de irmos ao pesqueiro, e depois até a prainha!

- Prainha? - perguntou Gabi, interessada.

- É! Um pedaço do rio com uma margem bem grande, de areia e pedra, onde a correnteza não é forte. Dá até pra nadar onde é rasiinho!

- Eba! Que legal! - gritou Gabi, jogando para cima um monte de papel que estava em suas mãos. Os papéis caíram sobre sua cabeça, provocando risadas em Miro e Julio.

- Que bagunça é essa? - era Daniela, entrando na sala.

- Desculpa, mamãe, eu vou limpar! - respondeu Gabi.

- Deixa pra depois. Já é hora de almoçar, venham!

Julio, Gabi e Miro seguiram Daniela até a sala de jantar, que estava limpa e arrumada. Sentiram um delicioso aroma de frango assado com batatas, vindo da cozinha.

- Podem se sentar. Miro, você come com a gente, né?

- Sim, obrigado, Dona Fabiana! - disse educadamente Miro.

- Dona, não! Me chame de Fabiana, ou melhor, Fabi, ok?

- Tudo bem então, Dona Fabi - Miro respondeu, e todos riram!

Em pouco tempo a comida estava servida, e por alguns minutos não se ouvia nada além do barulho dos talheres e da comida sendo vorazmente engolida. Somente depois de estarem satisfeitos é que a conversa voltou. Foi André quem quebrou o silêncio:

- Então, crianças, obrigado pela ajuda até agora. Podem aproveitar a tarde para fazerem o que quiserem. Onde vocês vão, Miro?

- Pensei em mostrar o rio aqui perto. Tem um pesqueiro e uma prainha - respondeu Miro.

- Não é longe, né? - perguntou Fabiana, preocupada.

- Não, não, podem ficar tranquilos! - tranquilizou Miro.

- Mãe, a gente pode levar maiô pra nadar na prainha? - perguntou Gabi para Daniela.

- É, deixa, mãe, por favor! - emendou Julio, olhando para Fabiana.

Os adultos se entreolharam, e responderam que sim.

- Uhuuuuu! - gritaram as crianças. E saíram correndo para arrumar as coisas, sem nem mesmo parar para comer a sobremesa.

Domingo, 18 de outubro
13h18min

O pesqueiro não ficava muito longe. Segundo Miro, precisavam ir até sua casa e depois seguir por uma estrada lateral por alguns minutos, e logo estariam lá. No caminho, entraram na casa de Miro para que ele também pegasse seu calção de banho.

- Nossa, a chácara onde você mora é bem legal! - disse Julio, no caminho para a casa de Miro.

- É, eu gosto daqui. Mas a chácara da Dona Olívia, sua bisavó, também é legal. É que está meio abandonada, mas é bonita também. Vocês viram o pomar que tem no fundo? Tem bem mais frutas do que aqui!

- Não vimos! - respondeu Julio. - Só ficamos trabalhando o tempo inteiro!

- Ah, mas vão ter tempo!

- Que árvore enorme tem aqui na entrada! - disse Gabi.

- É uma figueira! O nome da nossa chácara é justamente esse: “Chácara Figueira”, por causa dessa árvore. É bem velha, existe desde antes de eu nascer.

- Uau! - respondeu Gabi.

Continuaram caminhando até a casa de Miro. Foram recebidos por Alberta, que lhes ofereceu biscoitos, aceitos com alegria por Julio e Gabi, já que tinham esquecido da sobremesa. Enquanto esperavam, Julio reparou que havia uma piscina nos fundos, e disse:

- Nossa, vocês tem uma piscina! Que demais!

- É, legal! - disse Miro, voltando do seu quarto com uma mochila nas costas - Mas eu prefiro nadar na prainha, é mais emocionante! Vamos?

- Vamos! - disse Julio.

Despediram-se de Alberta e começaram a caminhar até a rua. Depois seguiram na direção contrária à chácara da bisavó de Julio e Gabi por alguns minutos. Estava muito quente, por isso buscavam a sombra das árvores sempre que podiam. Logo chegaram a uma bifurcação na rua, e seguiram por um caminho mais estreito e cheio de árvores e sombras, e a caminhada ficou mais fresca e agradável. As árvores não eram muito altas, e havia muitas delas, e por isso era quase impossível enxergar muito para dentro da mata.

Mais alguns minutos se passaram sem que a paisagem mudasse. Julio e Gabi perguntaram o que havia nesse pesqueiro, e Miro explicou que tinha um pequeno parque com alguns brinquedos de madeira, mas que o bom mesmo era pescar. Gabi não se animou muito, pois não queria ficar a tarde toda parada na beira do rio segurando uma varinha. Mas Miro logo a tranquilizou, dizendo que o pesqueiro ficava quase sempre cheio nos finais de semana, por isso eles provavelmente só ficariam um pouco no parque e logo iriam para a prainha, que era bem mais interessante e não devia estar tão cheia de gente.

No lugar onde estavam agora, as árvores eram mais altas e espaçadas, e dava para ouvir um barulho de água à frente. Andaram mais um pouco e chegaram a um grande estacionamento, que estava cheio de carros. Atravessaram o estacionamento e enfim puderam ver o rio, onde havia várias plataformas, todas lotadas de gente segurando varas de pescar

e observando pequenas boias coloridas flutuando na água. Ficaram ali um pouco, observando, mas não conseguiram ver ninguém puxando um peixe para fora da água. Miro explicou que durante a semana era mais tranquilo, portanto era mais fácil de pescar alguma coisa.

Seguiram pela margem do rio até chegar ao parque, que também estava lotado. Ficaram ali alguns minutos, brincando no escorregador e trepa-trepa, mas logo saíram, pois Gabi não parava de perguntar quando iriam nadar na prainha. Miro então os levou de volta para o estacionamento, e os guiou por outro caminho, que seguia paralelo ao rio.

Andaram mais um pouco por entre as árvores, que ali eram altas e espaçadas, até chegar a um pequeno bar, onde algumas pessoas conversavam animadamente. Ao passar pela frente do bar, Miro acenou para alguém, que disse:

- Olá Miro! Não vai pescar hoje?

- Olá, senhor Macedo! Não, está muito cheio hoje! Vou levar meus amigos para conhecer a prainha! Eles são de fora!

- Olá crianças, muito prazer! Como vão?

- Bem, obrigado! - respondeu Julio, timidamente. Gabi não disse nada, pois ficou com vergonha.

- Eles são bisnetos da Dona Olívia, seu Macedo!

O homem fez uma cara de espanto, que Julio não conseguiu interpretar muito bem. Mas ele logo deu um grande sorriso, e disse:

- Oh, muito prazer! Sua bisavó era uma excelente pessoa! Uma pena que ela se foi.

- O senhor Macedo era o médico que costumava visitar sua bisavó para cuidar dela - explicou Miro para Julio e Gabi.

- Ah, tá! - disse Julio - É, a gente não conhecia ela muito bem, mas todos aqui pareciam gostar muito dela.

- Sim, ela era uma pessoa muito boa. Digam, crianças, vocês vão ficar aqui por um tempo? Seus pais estão na casa dela?

- Sim, a gente está dando uma ajeitada na casa, arrumando as coisas dela, para podermos passar o verão aqui. Mas a gente vai embora hoje à noite - respondeu Julio.

Nesse momento, Julio percebeu novamente aquele olhar estranho no rosto do homem. Mas foi muito rápido, e logo ele estava sorrindo novamente. Ele disse:

- Muito bem, crianças, sejam bem-vindas à região. Divirtam-se na prainha, só tomem cuidado para não nadar muito no fundo, pois a correnteza pode enganá-los.

- Pode deixar, seu Macedo! Até mais! - disse Miro.

- Tchau! - disseram Julio e Gabi, e seguiram com a caminhada.

- Ele parece ser legal! - disse Gabi, depois de um tempo.

- É sim! - respondeu Miro - Ficava bastante tempo fazendo companhia para a Dona Olívia.

- Ele mora aqui? - perguntou Julio.

- Sim, no vilarejo que tem ao norte. Na verdade, mudou-se para cá não faz muito tempo, cerca de uns dois anos atrás - respondeu Miro.

- Ah... - respondeu Julio.

Continuaram avançando, até que o caminho fez uma curva para a esquerda. Miro explicou que se continuassem pelo caminho, chegariam até a chácara da Dona Olívia. Para

chegar à prainha, precisariam seguir por uma trilha que tinha ali.

- Trilha? - perguntou Gabi, apreensiva - Pela floresta?

- Calma, Gabi! - tranquilizou Miro - Essa trilha é bem aberta, e é curtinha, não precisa ficar com medo!

- Eu não estou com medo! - respondeu Gabi - É que a minha tia disse que não podíamos ir na floresta hoje.

- É tranquilo, são só dez minutos, vamos!

Entraram na trilha, que era realmente bem clara e fácil de caminhar. Na verdade, parecia com o caminho onde estavam, só que um pouco mais estreito. E também viram algumas pessoas caminhando ali, a maioria crianças voltando com os cabelos molhados, o que indicava que tinham nadado na prainha também. Em determinado momento, Miro disse:

- Agora, se querem ver uma trilha de verdade, vejam isso!

Miro saiu um pouco do caminho, seguido por Julio e Gabi. A poucos metros dali, viram uma placa, onde se lia: "Trilha do Vaga-Lume". A placa também tinha uma seta que apontava diretamente para o meio da mata, por um caminho bastante estreito, coberto por mato, e que era muito escuro, mesmo com o Sol forte da tarde.

- Uuuuuu, o que tem aí? - perguntou Julio.

- Essa trilha é bem longa. Dá pra ir até o vilarejo por aqui, e mais além. Eu nunca fui até o fim, mas dizem que ela chega até a cidade vizinha, que fica a uns quinze quilômetros.

- E o que tem de legal? - perguntou Gabi.

- Dá pra gente ver a floresta, de verdade! Tem bichos, pássaros, de todo tipo. E de noite, de vez em quando, fica

cheia de vaga-lumes. Por isso o nome dela. Depois, se seus pais deixarem, a gente vem aqui durante a noite.

- Eles deixam! - respondeu Gabi.

- Como você sabe? Eu acho que não vão deixar! - disse Julio.

- Ah, a gente insiste, e o Miro ajuda a convencê-los, né, Miro? - disse Gabi.

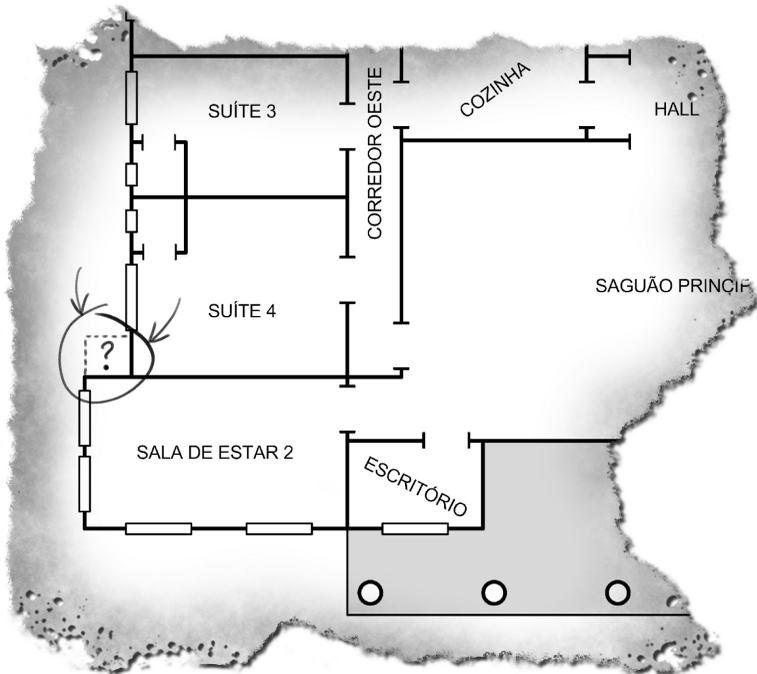
- É claro! É bem legal e não tem perigo nenhum! De vez em quando a gente encontra uma cobra, mas a maioria não é venenosa, é só usar botas e calças grossas. Mas vamos voltar, a prainha está esperando!

Retomaram o caminho e logo avistaram a prainha. Não estava lotada, mas tinha muitas crianças ali. Eles acharam um canto vazio para deixar as mochilas e suas roupas, e foram pular na água.

A prainha era realmente bonita e divertida. A margem era cheia de pedras pequenas e areia, onde dava para correr e pular bastante. A água era transparente e estava morna. No raso, quase não havia correnteza, de modo que parecia que estavam em uma piscina. Mais para o meio do rio, a água ficava mais escura e era possível ver que corria mais rápida. Miro explicou que aquele rio se chamava “Rio Escuro”, justamente por causa da cor da água em sua parte mais funda.

Ficaram nadando a tarde toda, até que o Sol começou a descer e o local foi se esvaziando. Julio, Gabi e Miro também decidiram ir embora, mas antes ficaram tomando um pouco de Sol para se secar. Aproveitaram para fazer planos sobre o que fariam no próximo final de semana, que envolviam comer muitas frutas, nadar na piscina da chácara de Miro, e talvez fazer uma visita à Trilha do Vaga-Lume.

Em seguida, já secos, foram até o local onde tinham deixado suas roupas, e começaram a se vestir. Quando Gabi foi colocar sua camiseta, Julio reparou que algo caiu no chão. Era um pedaço de papel bastante amarelado e envelhecido, que estava enroscado dentro da camiseta. Julio pegou-o na mão e o examinou por alguns segundos. Ele abriu a boca e soltou uma exclamação, sentido o cabelo de sua nuca se arrepiar. Gabi e Miro se juntaram a ele, e ficaram também assombrados pelo conteúdo daquele pedaço de papel.



- Vejam isso! - exclamou Julio - É a casa da nossa bisavó, não é?

- É sim! - respondeu Miro. - Olha aqui o saguão... e o corredor... e a cozinha... Mas como foi parar na sua roupa, Gabi?

- Eu já vi esse papel antes! Estava na minha mão, lá na sala de estudos! - respondeu Gabi - Deve ter ficado preso na minha camiseta quando eu joguei aqueles papéis na minha cabeça! E olhem o que tem aqui nesse canto da sala de estar! - continuou Gabi, agora gritando - O que é isso?

- Gabi, parece ser uma sala secreta! Pelo lado de fora da casa! - respondeu Julio. - E fica bem naquele canto perto de onde a gente estava jogando Plantas versus Alienígenas, Miro!

- O que será que tem lá dentro? Como a gente entra nela? - perguntou Gabi.

- Não sei! Aqui tem um ponto de interrogação! Acho que a pessoa que escreveu isso também não sabia - disse Miro.

- Quem será que desenhou esse mapa? Será que foi a minha bisavó? - perguntou Julio.

- Pode ser... - respondeu Miro.

- Você sabia que tem essa parte maior aqui do lado de fora da casa, Miro? - perguntou Julio, apontando para o pequeno quadrado pontilhado ao lado da sala de estar.

- Não, eu nunca tinha reparado nisso! Mas também pode ser que isso nem exista mais. O papel é bem antigo, parece que tem uns cem anos!

Olharam mais um pouco para o papel. Julio disse:

- Não sei, não... o papel é antigo, mas esse quadrado e o ponto de interrogação foram escritos a lápis. Não existiam lápis há cem anos, né?

- Vamos voltar, gente! Vamos descobrir o que tem lá dentro! - gritou Gabi, excitada.

Terminaram de se vestir e voltaram correndo até a casa, dessa vez usando o caminho mais curto, sem passar pelo pesqueiro. Ao chegar, no entanto, desanimaram, pois os adultos já estavam do lado de fora da casa, e os carros, aparentemente, estavam carregados para a viagem de volta. Daniela acabava de trancar a porta da frente e saía pela varanda.

- Que bom que chegaram, crianças! - disse Alessandro - Entrem nos carros, já vamos embora!

- Mas pai, a gente precisa ver uma coisa lá dentro! - choramingou Gabi.

- Nada disso, não quero chegar muito tarde em casa, amanhã é dia de escola e nós precisamos trabalhar.

- Aaah, pai, só um pouquinho! - disse Julio, olhando para André.

- Semana que vem a gente está de volta e vocês brincam mais! - disse Fabiana - Miro, obrigada por ficar com Julio e a Gabi. Dê lembranças à sua mãe, sim?

- Pode deixar, Dona... ops... Fabi! - respondeu Miro, com um sorriso triste. Depois olhou para Julio e Gabi e disse, baixinho:

- Eu vou tentar dar uma investigada. Podem deixar o papel comigo?

- Toma! - disse Julio, entregando-o com cuidado para Miro.

A contragosto, Julio entrou em um dos carros, junto com seus pais, ao mesmo tempo que Gabi e os pais entraram no outro.

- Até mais gente, foi um prazer conhecê-los! - disse Miro, acenando para os carros que começavam a se mover.

- Que legal, Julio! Você e a Gabi já fizeram um novo amigo! Esse verão promete ser bem bacaninha, né? O Miro parece ser um excelente garoto! - disse Fabiana.

- É, sim! - respondeu Julio, olhando para trás, para a casa que ficava cada vez menor sob o bonito Sol do fim daquela tarde de domingo, e para Miro, que segurava aquele pequeno e misterioso pedaço de papel em suas mãos.

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 2

Segunda-feira, 19 de outubro
18h32min

Julio estava irritado, pois seu dia tinha sido péssimo.

Tinham chegado tarde da noite em casa, no domingo. Julio estudava no período da tarde, mas precisou acordar logo cedo para fazer sua lição de casa, pois na sexta-feira, depois do jogo, não estava com ânimo para fazer nada. E por causa da viagem, não adiantou muita coisa durante o sábado e domingo. Por isso, passou praticamente a manhã toda da segunda-feira fazendo sua lição, e quase não teve tempo para brincar ou descansar.

Depois do almoço, Julio foi para a escola, o que foi igualmente ruim. Teve que lutar contra o sono durante a demorada aula dupla de geografia. E pra piorar, na hora do intervalo ninguém falava de outra coisa senão o jogo de sexta-feira. Julio estava no quarto ano, e estudava na turma “B”. Os colegas da turma “A”, que tinham ganhado o jogo, ficavam se gabando toda hora, dizendo como tinham conseguido uma virada espetacular no último minuto. Diziam, a todo momento, coisas como:

- O jogo? Foi muito fácil, a gente só deixou eles na frente para dar mais emoção!

- É sempre assim, eles saem na frente, mas depois não aguentam a pressão!

- Pessoal, me acordem quando a turma “B” conseguir ganhar da gente! Perderam os últimos cinco jogos!

- É que a outra turma começa com a letra “B”, de bund...

- Chega! - disse nessa hora o inspetor que passava por perto - Não vou admitir insultos aqui na escola!

Mas o pior não eram os comentários da outra turma e sim os cochichos de seus colegas de time. Vez ou outra, Julio percebeu alguém de seu próprio time sussurrando e apontando para ele depois de ouvir, calado, algum insulto. Certamente estariam culpando-o pela derrota. Entre estes, Fernando era o que parecia mais revoltado. Assim que saiu da sala para o intervalo, Julio sentiu um esbarrão nas costas, o que o fez derrubar sua lancheira. Ao olhar para trás, viu que tinha sido empurrado de propósito por Fernando, que sequer pediu desculpas. Foi Pedro, o goleiro, quem disse as únicas palavras gentis daquele dia:

- Não liga não, Julio! Logo ele esquece!

Mas Julio não quis nem saber. Tratou de ficar quieto em um canto, sozinho e emburrado, comendo seu lanche do jeito mais devagar que podia. Só se levantou quando tocou o sinal para voltar para a aula.

Depois de comer, o sono tinha passado, mas Julio estava tão entediado quanto antes. Estava tendo aula de matemática, da qual gostava muito, mas nem isso o animou. Prestou pouca atenção no professor e nos exercícios, torcendo para que aquele dia acabasse logo.

Estava agora em casa, fazendo sua tarefa, enquanto sua mãe preparava a comida na cozinha. Nesse momento, André chegou em casa. Julio tinha tido uma ideia durante a tarde. Levantou correndo e foi até o pai para saber o que achava sobre ela:

- Pai, a gente pode ir pra chácara na sexta-feira, ao invés de sábado?

- O que? Ah, sim, a chácara! Desculpa filho, mas a gente não vai poder ir neste final de semana. Eu vou ter que resolver um problema lá na empresa. Fica pro próximo!

Julio ficou arrasado. Depois de um dia horrível, a única coisa que ainda o deixava um pouco animado era a perspectiva de voltar para a chácara no final de semana. Mas agora, nem isso mais ele podia esperar. Voltou para a mesa, tratou de terminar a tarefa e se jogou no sofá. Ficou quieto o resto da noite, limitando-se a responder apenas com movimentos da cabeça às perguntas dos pais sobre como tinha sido seu dia. Não contou nada do que tinha acontecido, e eles também não perguntaram. Julio jantou, foi tomar banho, escovou os dentes e foi direto para a cama.

Quinta-feira, 22 de outubro
21h19min

Os dias foram piorando ao longo da semana. No intervalo da aula, na terça-feira, a gozação tinha diminuído um pouco, mas ainda tinham alguns que ficavam repetindo algumas jogadas, imitando o gol da virada e a comemoração da torcida. Fernando novamente provocou Julio com um empurrão, dessa vez na saída da escola. Na quarta-feira, a agressividade aumentou. Fernando chegou a discutir com Julio, novamente acusando-o de ter causado a derrota. Julio retrucou, e precisaram ser separados pelos colegas, pois estavam prestes a começar a trocar socos e chutes. Depois desse episódio, a gozação se encerrou, pois até mesmo o pessoal da turma “A” percebeu que a coisa estava ficando séria demais. Na quinta-feira, o clima estava mais cordial, mas Fernando continuava encarando Julio com o olhar bravo a todo momento.

Ainda que a lembrança do jogo tivesse diminuído, na quinta-feira o professor anunciou que teriam uma prova de História no dia seguinte, como preparação para as provas de

final de ano, que estavam se aproximando. Julio não tinha estudado muito ainda essa matéria, por isso, depois da escola, sentou-se junto à mesa da sala e enfiou a cabeça nos livros, parando apenas para jantar. Mais tarde, sua mãe o chamou:

- Julio, ainda falta muito?

- Não, mãe, já estou acabando - respondeu Julio.

- Que ótimo! Da próxima vez, vê se não deixa pra estudar na última hora!

- Mas mãe, o professor só avisou hoje que ia ter prova! Como eu ia saber?

- Ué, é só você estudar um pouquinho todo dia, assim você fica sempre preparado!

- Tá bom! Tá bom!

- Quer que eu traga um copo de leite?

- Quero!

Julio agradeceu e tomou o leite enquanto lia as últimas páginas do livro de história. Foi se deitar pouco depois das dez horas, bastante cansado e um pouco tonto depois de guardar tantas informações sobre a história do Brasil.

Sexta-feira, 23 de outubro
16h05min

A prova tinha sido fácil. Foi logo na primeira aula, então Julio conseguiu se lembrar de quase tudo. Depois tiveram outra aula, de artes, da qual Julio, e a turma toda, gostava muito. Saiu para o intervalo um pouco mais leve e menos triste do que tinha se sentido a semana toda.

Durante o intervalo, Julio continuou evitando o contato com os colegas, mas alguns vieram conversar com ele sobre a

prova. Todos estavam falando mal do professor por ter marcado uma prova surpresa, e Julio chegou até a sorrir com as brincadeiras dos colegas:

- Aposto que ele brigou com a namorada ontem, e quis descontar na gente!

- Que nada, ele está com a unha encravada de tanto usar aquele sapato velho apertado!

- Eu acho que ele tá com caspa na sobrancelha, e o médico mandou passar um xampu mais forte, e caiu no olho dele!

Julio estava gargalhando agora, mas parou imediatamente quando viu Fernando se aproximando. Só que ao invés de estar bravo, Fernando estava sorrindo, e olhava para Julio.

- Oi gente! - ele disse.

- Oi! - responderam alguns, olhando de Fernando para Julio, apreensivos, com medo de uma nova briga entre os dois.

- Querem ver o desenho que eu fiz na aula de artes? - perguntou Fernando.

- Mostra aí! - respondeu Miguel.

Fernando mostrou o desenho. Era um campo de futebol, com círculos representando os jogadores. Havia nomes, e Julio reconheceu seu próprio nome em um dos círculos.

- É um esquema tático pro nosso time! - explicou Fernando - Olhem só! Todo mundo fica no lado esquerdo da quadra. Assim, quando o Julio pegar a bola, e for driblar para a direita - e mostrou uma enorme seta para a direita

desenhada abaixo do círculo de Julio - a gente pode tentar recuperar a bola que ele vai perder do outro lado!

Miguel começou a soltar um risinho baixo, mas logo percebeu e parou. Os demais ficaram quietos imediatamente. Fernando continuava sorrindo, agora maldosamente, e olhando para Julio.

- Sim, porque o Julio só sabe driblar pra direita, né? - cutucou Fernando - Você acha que desse jeito a gente consegue ganhar algum jogo, Julio?

Julio ficou parado por um tempo, olhando para o desenho e sem saber como responder à provocação. O silêncio entre os colegas era aterrador. Parecia que a qualquer minuto uma bomba ia explodir. Pensou em responder alguma coisa, mas desistiu. Virou as costas e voltou para a sala de aula, antes mesmo do intervalo terminar.

Ficou quieto o resto da tarde e da noite. Depois de chegar em casa, não quis conversar com ninguém. Ficou no sofá, assistindo televisão. Nem sua mãe nem seu pai conseguiam tirar uma palavra de Julio. Mais tarde, já estava na cama, quando tocou a campainha. Esperou um tempo, torcendo para que a visita fosse logo embora. Mas ao invés disso, ouviu uma voz em sua porta:

- Oi!

Era Gabi, sua prima. Fabiana entrou no quarto em seguida. Abriu o armário, e começou a tirar uma série de roupas dali e colocar em uma mochila. Ela disse:

- Julio, esqueci de dizer, você vai dormir na casa da Gabi.

Normalmente Julio ficaria animado, mas a semana tinha sido tão ruim que ele respondeu emburrado:

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

- Não quero. Por que eu tenho que dormir lá?

- Ué, pra gente ir pra chácara amanhã bem cedinho! - respondeu Gabi.

- Chácara? Mas o papai disse que nós não íamos poder ir! - disse Julio.

- Eu e seu pai vamos ficar aqui, Julio. Você vai com a Gabi e os pais dela - disse Fabiana.

- Sério? - exclamou Julio - Mas mãe, por que você não disse antes que eu ia pra chácara?

- Ué, você ficou quieto a semana inteira, nem quis conversar... nós respeitamos seu silêncio.

Julio olhou para Gabi, que sorria feliz. Sua mãe lhe entregou a mochila, e ele abriu um sorriso sincero e aliviado, dizendo:

- Gabi, aposto que eu chego primeiro ao carro da sua mãe - e saiu correndo.

- Não vale, Julio, me espera! - disse Gabi, correndo atrás dele.

E pela primeira vez naquela semana, Julio finalmente se sentiu feliz.

Sábado, 24 de outubro

07h12min

- Vamos, Gabi, acorda! - reclamou Julio.

- Calma, Julio, tô indo! - respondeu Gabi, ainda se espreguiçando na cama.

- A gente tem que chegar logo na chácara pra descobrir como entrar naquela sala secreta, lembra?

- É mesmo! - Gabi deu um salto e começou a trocar de roupa.

Alessandro e Daniela já estavam acordados. Já tinham terminado de colocar malas e caixas no carro, e estavam agora tomando café da manhã. Julio e Gabriela terminaram de se arrumar, e se juntaram aos adultos à mesa. Depois de pouco tempo, já estavam na estrada.

- Será que o Miro conseguiu descobrir alguma coisa sobre o mapa? - perguntou Julio, baixinho, de modo que apenas Gabi pudesse escutar.

- Acho que sim! Ele conhece bastante aquela região né? - respondeu Gabi.

- O que será que tem lá dentro hein?

- Deve ser algum segredo bem secreto!

- Tia, a gente já tá chegando? - perguntou Julio, agora em voz alta.

- Calma Julio, acabamos de sair! Ainda vai demorar um tempinho! - respondeu Daniela.

- Ah! - resmungou Julio.

A viagem parecia demorar mais do que da primeira vez. No começo, Julio se distraiu olhando a paisagem, mas a ansiedade estava deixando-o nervoso. Gabi também não conseguia ficar tranquila. Ficava a toda hora perguntando:

- O que será que tem na sala, hein Julio? Será que é algum tesouro? Será que são vestidos? Não, já sei! São brinquedos!

- Claro que não, né Gabi! Por que a nossa bisavó iria esconder brinquedos numa sala secreta?

- O que vocês estão resmungando aí atrás, hein? - perguntou Alessandro.

- Nada, papai! - respondeu Gabi, tentando disfarçar.

- A gente está combinando do que vamos brincar com o Miro, tio! - completou Julio.

- Sei... - respondeu Daniela.

Depois disso, todos ficaram em silêncio. Após uma parada em um posto no meio da estrada para um lanche, seguiram direto até a chácara.

Sábado, 24 de outubro

11h41min

Chegaram pouco antes do meio-dia. A chácara estava fechada, como da última vez. Mas agora Daniela estava com a chave. Ela desceu e abriu os pesados portões para que o carro pudesse entrar.

Alessandro parou o carro, e todos desceram. Daniela demorou um pouco para chegar, pois teve que caminhar desde o portão. Ela abriu a porta, e todos entraram na casa.

Apesar do calor que fazia, dentro da casa estava frio. A casa ainda estava bastante limpa, mas tinha um cheiro de mofo e poeira no ar. Alessandro e as crianças foram abrir as janelas, enquanto Daniela voltava ao carro. Ela disse:

- Alê, me ajuda a pegar as coisas de cozinha no carro? Vou fazer um macarrão pra gente almoçar.

- Já vou, Dani. Crianças, terminem de abrir as janelas para entrar um pouco de ar - e foi atrás de Daniela.

Assim que ficaram sozinhos na sala, Julio e Gabi se entreolharam, e foram correndo para a sala onde supostamente ficava o tal local secreto do mapa. Abriram as quatro janelas que havia ali e começaram a olhar para os cantos, porém sem conseguir ver nada de diferente.

- Onde era mesmo, Gabi? - perguntou Julio.

- Acho que era nesse canto aqui! - apontou Gabi.

Olharam de perto todas as paredes e cantos, e bateram com as mãos e pés para tentar ouvir algum som diferente, mas não tinha nada ali que indicava a presença de um local secreto.

- Acho que não era aqui! - disse Julio - Vamos procurar em outro lugar!

E foram, de cômodo em cômodo, abrindo as janelas e apalpando as paredes. Porém, apesar do esforço, não descobriram nada. Voltaram para a primeira sala, e sentaram em um grande sofá.

- Droga! A gente vai ter que esperar o Miro chegar pra olhar o mapa! - disse Julio.

- Vamos ver se ele está na casa dele? - perguntou Gabi.

- Vamos!

Foram até a cozinha, onde Alessandro e Daniela preparavam o almoço. Julio perguntou:

- A gente pode ir até a casa do Miro?

- Não! É falta de educação bater na casa dos outros na hora do almoço! Esperem um pouco! - respondeu Daniela.

- Por que vocês não vão conhecer o quintal? Da outra vez não deu pra ver direito, não é? - sugeriu Alessandro.

- É! Vamos, Julio! - disse Gabi.

Saíram pelos fundos, e deram de cara com a estátua que ficava no meio do quintal. Já tinham visto a estátua na semana passada, mas era noite e estava escuro demais. Agora, sob a luz do Sol, podiam vê-la em detalhes.

Era uma estátua esquisita. Havia uma base em forma de pilar e uma bacia apoiada sobre o pilar. Sobre a bacia, havia uma figura de mulher segurando um vaso. A superfície toda da estátua estava bastante suja e escura, mas havia manchas ainda mais escuras, quase pretas, na bacia, o que indicava que ali já houve água escoando. No passado, devia ter sido uma fonte. A estátua parecia estranha não por causa do pilar e da mulher, mas por causa da bacia. Ela parecia malfeita, e não se encaixava bem com as outras peças, dando a impressão que, se fosse empurrada com um pouquinho de força, poderia desmoronar.

Além da estátua, no quintal havia muitas árvores frutíferas. Julio reconheceu algumas delas. Havia um limoeiro, um abacateiro, uma goiabeira, uma jabuticabeira, uma laranjeira, além de outras que ele não conhecia. Mais ao fundo havia outras árvores, mas muito mais próximas umas das outras, formando uma densa mata. Decidiram não tentar entrar ali. Fizeram a volta e começaram a contornar a casa. Próximo à cerca que delimitava o terreno, havia uma horta abandonada. A horta tinha alguns cercados no chão, que agora estavam forrados de mato, mas que antigamente deviam ter sido o lar de muitas hortaliças.

Continuaram dando a volta na casa. Olhavam para os lados, encantados com a exuberante mata e a grande quantidade de árvores e arbustos. De repente, Julio deu um grito:

- Gabi! Olha ali! - e apontou para um lado da casa.

- O que foi, Julio?

- Vem!

Julio saiu correndo, em direção a uma parede da casa.

- Olha aqui! Tá vendo? Os tijolos dessa parede são diferentes!

- É? Não tô vendo!

- É sim! Passa a mão pra ver!

- Ah... - disse Gabi - E o que tem?

- Você não entendeu? Essa parede fica do lado de fora daquela sala marcada no mapa! A sala secreta deve ficar do lado de fora da casa, atrás dessa parede!

- Por isso que a gente não viu nada pelo lado de dentro!
- disse Gabi, entusiasmada.

- É isso mesmo gente! - ouviram uma voz atrás deles.
Era Miro.

- Oi Miro! - disse Gabi, e saiu correndo para abraçá-lo.

- O-oi Gabi! Oi Julio! - e cumprimentou Julio com a mão, depois de se soltar do abraço de Gabi.

- Oi Miro! Você já tinha visto essa parede diferente aqui? - perguntou Julio.

Gabi não deixou Miro responder. Ela disse:

- Miro! Cadê o mapa?

- Calma, gente! Tá aqui, no meu bolso! Mas antes, venham ver uma coisa!

Miro saiu andando em direção à frente da casa. Julio e Gabi seguiram-no. Ele deu a volta, e foi até o lado oposto, onde parou, apontando para a parede. Ele disse:

- Estão vendo? Aqui deste lado não tem aquela parede esquisita. Eu não tinha percebido antes, só de olhar o mapa. Mas aí eu resolvi investigar e percebi que do lado de cá a parede é normal. Isso significa que a sala secreta deve ter sido construída depois.

Miro tirou o mapa do bolso e o entregou a Julio e Gabriela. Eles ficaram olhando por um tempo, mas não descobriram nada além do que já sabiam. Havia um anexo do outro lado da casa, justamente no lugar onde a parede era diferente.

- E como a gente entra lá? - perguntou Julio.

- Isso eu não descobri! - respondeu Miro.

- Vamos lá tentar! - disse Gabi, saindo correndo.

Chegando lá, Gabi e Julio repetiram as tentativas de chutar e bater, em busca de algum som diferente ou um mecanismo que abrisse alguma porta, mas não conseguiram nada. Miro desanimou-os:

- Não adianta, gente! Eu fiquei um tempão aqui tentando abrir e não consegui.

- E se a gente quebrar a parede? Com uma picareta? - perguntou Julio.

- Duvido que a mamãe e o papai vão deixar - disse Gabi.

- A gente pode perguntar, ué! - disse Julio.

- Sei não... os adultos não costumam deixar as crianças fazer bagunça. E essa seria uma bagunça e tanto! - respondeu Miro.

- Vamos lá!

Foram até a sala de jantar, onde Alessandro e Daniela terminavam de colocar os pratos sobre a mesa. Cumprimentaram Miro e o convidaram para almoçar. Sentaram-se todos à mesa e começaram a comer. Julio ficou imaginando um jeito de pedir aos tios permissão de quebrar a parede, mas não conseguiu pensar em nada. Gabi, porém, foi direta ao assunto:

- Papai, a gente achou uma sala secreta na casa!

- É? Que legal! Onde? - respondeu Alessandro.

- Fica do lado de fora, perto daquela sala de estar do outro lado da casa.

- E como vocês descobriram isso? - perguntou Daniela.

- A gente achou um mapa... bom, é um pedaço de mapa. Mas dá pra ver que tem uma sala secreta! - respondeu Gabi - Mostra pra eles, Julio!

Julio mostrou o mapa para Alessandro, que o pegou e o examinou, parecendo curioso.

- E a gente viu, pelo lado de fora da casa, que tem um lugar onde os tijolos são diferentes! Bem no lugar marcado no mapa! - emendou Julio.

Alessandro passou o mapa para Daniela, que também parecia impressionada. Julio achou que iriam conseguir. Só precisariam de um pouco de jeitinho e talvez seu tio até ajudasse a quebrar a parede. Mas Gabi então disse:

- Só que a gente não sabe como entrar lá! Podemos quebrar a parede?

Daniela levantou os olhos, que estavam fixos no mapa, deu um sorriso e disse:

- Como é que é? Vocês querem quebrar a parede? Nem pensar!

- Mas mãe, é o único jeito...

- Não, Gabriela! Vocês estão malucos? Vão estragar a casa, pode derrubar um pedaço do telhado, e aí? Como fica?

- Mããeee, por favoooooor! - choramingou Gabriela.

- Chega! - disse Alessandro - Ninguém vai quebrar parede nenhuma! Se não tem porta é porque não tem nada

que interessa dentro. Ou pior, pode ter um monte de entulho e coisas perigosas!

Daniela devolveu o mapa para Julio, que o pegou, chateado. Olhou bravo para Gabi, pensando em xingá-la por ter estragado tudo, mas ela estava também bastante emburrada. Ele decidiu ficar quieto.

Todos comeram em silêncio por um tempo, até que Miro decidiu quebrar o gelo:

- Eu posso mostrar a vila pra vocês hoje, que tal?

- Boa ideia, Miro! Vamos todos, assim a gente também pode comprar algumas coisas que esqueci de trazer de casa, né Alê? - disse Daniela, animada.

Alessandro concordou, e deu um sorriso para Miro, que retribuiu. Julio não estava muito animado para ir até a vila. Preferia ficar em casa, tentando abrir aquela sala. Talvez o mapa tivesse mais alguma pista escondida. Pensou em reclamar, mas o olhar bravo da tia o fez desistir.

Sábado, 24 de outubro
14h20min

A vila ficava próxima à chácara da Dona Olívia. Segundo Miro informou, gastariam apenas vinte minutos caminhando. Depois de almoçar, Miro foi até sua casa avisar à mãe que iria sair. Nesse tempo, Alessandro, Daniela, Julio e Gabi escovaram os dentes e foram se arrumar para sair. Gabriela ainda resmungou, reclamando que preferia ir nadar na piscina ou na prainha, mas Daniela disse que poderiam fazer isso mais tarde ou no dia seguinte.

Encontraram Miro na frente da chácara e seguiram pela estrada de terra, sob o forte calor da tarde que começava. A

estrada era estreita, dando passagem a apenas um carro em cada direção. De um lado, ficava a chácara de Dona Olívia, que foram contornando em uma suave curva. Do outro lado ficava uma mata escura e fechada. Depois que a chácara terminou, os dois lados da estrada ficaram cobertos de árvores.

Seguiram caminhando mais alguns minutos, sempre buscando o frescor e a sombra das árvores. A estrada fez mais uma curva, agora para a direita, e depois outra para a esquerda. Nesse momento, do lado esquerdo, avistaram uma cerca alta e um portão, através do qual podiam ver enormes montes de pedra e um galpão fechado.

- Aqui funcionava uma pedreira. - explicou Miro - Já faz algum tempo que foi fechada e agora ficou abandonada.

- Que tipo de pedra era extraída aqui? - perguntou Alessandro.

- Acho que mármore, ou granito, não tenho certeza. - respondeu Miro.

- E por que fechou, você sabe?

- Não, ninguém sabe. Os donos eram uma gente de outro estado, mas de repente eles pararam de vir para cá, já faz alguns anos. Segundo minha mãe, foi até bom, porque fazia uma barulheira danada.

Depois da pedreira, caminharam mais um pouco e chegaram à vila. Logo na primeira esquina avistaram um pequeno mercado.

- Olha, que beleza! - disse Daniela. - É bem pertinho, e o mercado já fica logo aqui na entrada! Vai ser fácil vir aqui se precisarmos de alguma coisa.

- Eu disse que era pertinho, não disse? - respondeu Miro, sorrindo.

- Vamos já pegar o que precisa, Alê?

- Não é melhor pegar depois, na volta? Assim a gente não fica andando por aí cheios de sacolas nas mãos. - disse Alessandro.

- Er... na verdade não tem muito o que andar, não! - disse Miro. Só tem uns cinco quarteirões.

- Mesmo assim, vamos dar uma volta, depois a gente faz as compras.

A vila era pequena, mas bastante agradável. As calçadas eram estreitas, e as casas tinham fachadas simples, porém bonitas. Atrás do mercado tinha uma igreja, com uma pequena praça na frente. Julio e Gabi saíram correndo pela praça, explorando cada banco e arbusto.

- Crianças, não vão longe! - gritou Daniela.

- Pode deixar! - tranquilizou-a Alessandro - Aqui é super tranquilo.

Mas de repente ouviram um grito:

- Aaaaaaaaah! - era Gabriela.

- O que foi, Gabi? - perguntou Julio, chegando ao seu lado.

- Um c-cemitério! - disse, apontando.

- Ah, Gabi, o que é que tem? Pra que esse escândalo? - disse Alessandro, chegando também ao seu lado.

- Mas olha, dá medo! É cheio de estátuas velhas e assustadoras! - disse Gabi.

- É um cemitério antigo, é normal que seja assim! - disse Daniela.

- E pra que esse portão com cadeado? - perguntou Julio.

- É verdade, que estranho! - disse Daniela. - Aqui é tão tranquilo, porque trancam o cemitério com cadeado?

- Infelizmente, tivemos problemas no passado... - ouviram uma voz próxima.

Todos olharam para o lado de onde vinha a voz, e viram um homem parado na porta de uma casa que ficava bem ao lado do cemitério.

- Oh, olá senhor Macedo! - disse Miro, acenando.

Julio e Gabriela reconheceram o homem, pois tinham visto-o na semana passada, no bar próximo à prainha. Ele respondeu, acenando de volta e se aproximando:

- Olá Miro, olá crianças! Olá, meu nome é Roberto Macedo. Mas todo mundo me chama só de Macedo! - disse, dirigindo-se a Alessandro a Daniela - Muito prazer! - e estendeu a mão.

- Muito prazer, eu sou Alessandro e essa é minha esposa Daniela. - respondeu Alessandro, retribuindo o cumprimento.

- Esse é o senhor Macedo! - disse Miro - Ele é o médico que eu falei para vocês!

- Ah, então é o senhor o médico que cuidava da minha avó? - disse Daniela.

- Bom, na verdade eu não sou médico. - respondeu Macedo - Sou biólogo. E eu visitava bastante a Dona Olívia, mais para fazer-lhe companhia. Só que ela adorava meus remédios caseiros, então ela dizia que eu era o médico dela.

- Que tipo de remédio o senhor dava para ela? - perguntou Daniela - Desculpe perguntar, mas é que eu nunca soube que ela tinha outro médico por aqui.

- De maneira alguma! Como eu disse, não sou médico. E não era nada demais! Apenas uns óleos, pomadas, essências, só para dar-lhe um pouco de alívio nas dores que tinha nas pernas. Ela tinha uma saúde de ferro, a Dona Olívia. Faleceu porque estava muito idosa!

- E por que o senhor ia fazer companhia para ela? - perguntou Alessandro.

Macedo deu um sorriso, não parecendo ter se incomodado com tantas perguntas. Ele disse:

- Entendo porque vocês estão desconfiados. Afinal, porque alguém iria querer passar tanto tempo com uma senhora idosa, não é mesmo?

Alessandro e Daniela ficaram sem graça, percebendo que estavam fazendo perguntas demais. Mas Macedo tranquilizou-os:

- Bom, para falar a verdade, não tem muito o que fazer por aqui, então a gente acaba sempre visitando todo mundo a todo momento. E a Dona Olívia era ótima anfitriã, muito generosa com os visitantes. A mesa dela estava sempre cheia de bolos e doces, e todo tipo de comida deliciosa!

Todos riram, e o clima ficou mais ameno. Macedo complementou:

- Ela era muito simpática. E cheia de histórias fascinantes! Toda vez que eu ia lá eu aprendia um pouco mais sobre a região, e sobre as pessoas que viviam aqui!

Julio ficou um pouco triste ao ouvir aquilo. Conhecia muito pouco sobre a bisavó. Não se lembrava de tê-la visto alguma vez. E ao ouvir aquele homem falar aquelas coisas dela, ficou com vontade de ter tido a chance de conhecê-la.

- O senhor é muito simpático. - disse Daniela - Que bom saber que a vovó tinha amigos por aqui.

Ficaram em silêncio por um tempo. Macedo quebrou-o:

- Ah, eu ia me esquecendo. Semana passada Miro me disse que vocês estavam começando a vir para cá com mais frequência. Vocês vão ficar aqui até quando?

- Vamos passar o fim de semana aqui. Amanhã no fim do dia vamos embora. - disse Alessandro.

- Certo, certo! É que eu tenho algumas coisas para vocês.

- Para nós?

- Sim, são algumas coisas da Dona Olívia. Eu sempre fui fascinado pela história local, e ela me emprestou algumas coisas antigas que estavam na casa dela. Jornais, revistas, livros e outras coisas.

- Ah, certo! Mas acho que o senhor pode ficar com tudo, não sei se... - começou a dizer Daniela, mas Macedo interrompeu-a:

- Não, de maneira alguma! Eram pertences dela, faço questão de devolver!

- Se o senhor faz questão...

- Ótimo! Eu vou juntar tudo e levo amanhã à tarde, pode ser?

- Tudo bem!

Ficaram em silêncio mais uma vez. Julio olhou para Macedo, e notou mais uma vez alguma coisa estranha em seu olhar. Mas a sensação logo passou, pois Daniela disse:

- Bom, vamos indo? Ainda temos que conhecer o restante da vila.

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

- Vamos! - disse Alessandro - Foi um prazer, senhor Macedo!

- Ora, o prazer foi meu!

- Senhor Macedo? - perguntou Gabi - O que o senhor ia dizer, quando disse que tiveram alguns problemas no cemitério?

- Ahn? Ah, sim! O cemitério! Ele vive trancado, porque há alguns anos ocorreram alguns roubos aqui dentro!

- Roubos? Mas o que poderiam ter roubado de um cemitério? - perguntou Daniela.

Macedo fez uma cara séria, e disse:

- Os túmulos! Houve uma série de roubos de cadáveres por aqui!

- Credo! - disse Daniela, encolhendo-se - Por que alguém iria querer roubar um cadáver?

- Ninguém sabe! - respondeu Macedo, sombrio - Eles nunca foram encontrados, e ninguém sabe quem era o culpado. É um mistério que permanece até hoje.

Gabi abraçou a mãe, com medo. Ficaram ali um tempo, olhando para o velho portão enferrujado, trancado com um grosso cadeado. Até que Alessandro disse:

- Bom, então vamos? Até mais, senhor Macedo!

- Até mais!

E se afastaram dali, caminhando em silêncio, continuando o passeio pela vila.

Em pouco tempo, já tinham conhecido tudo, pois a vila era realmente pequena, como tinha dito Miro. Havia mais algumas casas, uma pequena escola, um banco, que estava fechado, uma biblioteca, e era só. Voltaram até o mercado,

onde compraram alguns mantimentos, e logo estavam na estrada novamente.

Chegando à chácara, Miro os convidou para ir até sua casa e nadar um pouco na piscina, o que Julio e Gabriela aceitaram imediatamente. Pegaram suas roupas de banho e saíram correndo, deixando Alessandro e Daniela espreguiçando-se em redes que tinham estendido no hall da casa.

A casa de Miro era bastante simples. Era espaçosa, porém com poucos cômodos. Tinha uma sala grande, dois quartos, uma cozinha enorme e uma imensa varanda nos fundos da casa, onde havia churrasqueira, forno a lenha e uma grande mesa de madeira. Em frente à varanda, ficava a piscina, que tinha o formato de um grande feijão arredondado. De ambos os lados da piscina havia um pomar parecido com o da chácara da Dona Olívia. Nos fundos, a mesma mata escura fechava o terreno.

Estava muito calor, e a água da piscina era agradavelmente fresca. As crianças ficaram nadando e pulando por bastante tempo. Mais tarde, Dona Alberta, a mãe de Miro, trouxe um café generoso, com suco, pães e bolos feitos na hora, que as crianças comeram rapidamente antes de voltar a brincar. Em seguida, apareceram Daniela e Alessandro, e os adultos ficaram comendo e conversando enquanto as crianças entravam e saíam da água, fazendo muito barulho e divertindo-se bastante.

Ficaram assim até o anoitecer. Daniela e Alessandro levantaram-se para ir embora, e insistiram para que Julio e Gabi fossem também:

- Vamos já, Julio e Gabi. É hora de tomar banho e jantar! Amanhã vocês brincam mais!

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

- Ah, mãe, deixa a gente nadar mais, está calor! - reclamou Gabi.

- Não, já está escuro! Daqui a pouco vai esfriar e vocês vão ficar doentes. - respondeu Daniela.

- E está muito cedo para dormir! - choramingou Julio - A gente não pode voltar aqui pra brincar depois, Dona Alberta?

- Ora, claro que podem! - respondeu a mãe de Miro.

- Eu tive uma ideia! - disse Miro - Depois da janta vocês voltam pra cá e a gente vai conhecer a Trilha da Lua!

- Andar na floresta de noite? Aaaah, eu não sei, não! Não é perigoso? - perguntou Daniela.

- Podem ficar tranquilos! - disse Alberta. - A trilha fica aqui atrás de casa, e é bastante seguro por aqui.

Daniela olhou para Alessandro, que levantou as sobrancelhas. Ficaram em dúvida por alguns momentos, mas acabaram aceitando.

- Tudo bem, depois vocês voltam aqui! Agora vamos!

- Eeeeeeee! - disse Gabi, correndo na frente.

Sábado, 24 de outubro

20h15min

Alessandro deu duas lanternas para Julio e Gabriela. Daniela obrigou os dois a colocarem calças compridas e sapatos fechados, apesar do calor, além de colocar blusas dentro de uma mochila.

- Blusa, tia? Mas não está tão frio assim! - reclamou Julio.

- Parece que está calor, mas de noite esfria bastante, vocês vão ver!

- E por que a gente não pode ir de chinelo? - perguntou Gabi.

- No mato tem bicho, aranha, formiga, até cobra pode ter!

- Não tem, o Miro disse que elas fogem da gente! - disse Gabi.

- Mesmo assim, é melhor usar sapato fechado, e fim de papo!

A contragosto, Julio e Gabi foram aceitando os conselhos de Daniela, até que despediram-se e foram até a casa de Miro, acompanhados por Alessandro. Ao chegar lá, Miro já estava pronto, esperando-os na porta da casa.

- Estão vendo? Miro está usando botas, e não chinelos! - disse Alessandro.

- Aaaai, tá bom pai, já convenceu a gente! - disse Gabi.

- Tchau, tio! - disse Julio.

- Tchau, divirtam-se! E não voltem tarde! - disse Alessandro, voltando para a chácara.

- Tchau, seu Alessandro! - disse Miro.

- E então? Vamos? - disse Julio.

- Vamos! Vocês trouxeram lanternas? Ainda não é Lua cheia, então vai estar meio escuro lá na trilha.

- Sim! - disseram Julio e Gabi, juntos.

Mas, ao invés de sair para a estrada, Miro foi até o quintal. Julio estranhou e perguntou:

- Ué, a gente não vai sair?

- Sim! - respondeu Miro - A trilha fica aqui atrás! Venham!

- Que legal, tem uma trilha no quintal da sua casa? - disse Julio.

- Ela passa no quintal da sua bisavó também! - respondeu Miro.

- Que legal! Vamos passar lá? - disse Gabi.

- Vamos.

Passaram pela piscina e foram até o fundo do quintal, na beira da mata escura e fechada. Miro foi até um local onde havia uma pequena brecha escura entre as árvores, e entrou, dizendo:

- Venham! Apontem as lanternas para o chão, para não tropeçar!

Julio e Gabi foram atrás.

Aquilo não se parecia nada com uma trilha. Não que Julio já tivesse andado em uma trilha antes, mas parecia tudo muito apertado. Esgueiravam-se entre as árvores, que ficavam muito próximas umas das outras e era difícil passar. Miro ia na frente, seguido pelos outros dois. Julio estava com um pouco de medo, e a todo momento olhava para trás, para ver as luzes da casa de Miro entre as árvores, o que lhe dava certa tranquilidade. Mas depois de alguns minutos, não podia ver mais nada além dos facho de luz das lanternas. Havia escuridão para todos os lados.

Julio se aproximou de Gabi, que não parecia estar com medo. Ela seguia Miro atentamente, tentando não tropeçar. Os três seguiram pela mata por mais alguns minutos. Não havia som algum além dos passos abafados e o estalar de alguns galhos ao serem pisoteados. Não estava frio, como

Daniela tinha dito, e Julio começava a suar. Estava achando aquele passeio muito ruim, pois tudo o que faziam era passar com muito esforço por entre as árvores, o que era cansativo. Também começou a ficar apreensivo, pois parecia que estavam muito longe de tudo. Para aliviar um pouco a tensão, perguntou:

- Miro, por que essa trilha se chama Trilha da Lua?

- Calma, ainda não estamos na trilha, aqui é só um atalho.

- Tá, mas por que ela se chama Trilha da Lua?

- Vocês vão ver, estamos chegando... ali!

Julio viu uma abertura maior entre as árvores logo à frente, no mesmo lugar em que o chão ficava mais liso e fácil de caminhar. Primeiro Miro, depois Gabi e por fim Julio, chegaram ao que parecia uma estrada mais larga. Miro apagou sua lanterna e disse:

- Agora vamos fazer o seguinte! Vamos apagar as lanternas e ficar de olhos fechados por dois minutos! Aí nossos olhos vão se acostumar com o escuro.

- Eu não quero! - disse Gabi.

- Vai Gabi, apaga! Eu seguro sua mão! - disse Julio.

Todos apagaram as lanternas. Gabi segurou forte a mão de Julio, e eles ficaram ali por um tempo, de olhos fechados.

- Já deu o tempo? - perguntou Gabi.

- Calma! - disse Miro - Aguentem mais um pouco, vai valer a pena!

Mais alguns segundos se passaram, e Miro enfim disse:

- Pronto! Abram os olhos.

- Uau! - disse Gabi.

Julio abriu os olhos e conseguiu enxergar tudo, quase como se fosse dia. Olhou para cima e viu que entre as copas das árvores havia uma grande faixa de céu descoberta, cheia de estrelas, tantas como nunca havia visto em sua vida. Viu também a Lua, que não estava cheia, mas estava tão brilhante que parecia um enorme holofote iluminando todo o caminho.

- Viram por que se chama Trilha da Lua? - disse Miro - Em noites como essa é possível andar por aí sem tocha ou lanterna!

- Que lindo! - disse Gabi.

- Que massa! - disse Julio - E agora? Onde a gente vai?

- Bom, a gente pode ir para o sul, mas não tem muita coisa pra lá. Para o norte dá pra chegar até a chácara da sua bisavó. E mais pra frente a gente chega àquela pedreira abandonada e a vila.

- Vamos para o norte então! - disse Gabi.

- Vamos!

E começaram a caminhar. A lua estava muito brilhante e iluminava o caminho perfeitamente. Podiam ver as árvores dos dois lados, e o chão, muito claramente, de forma que não precisaram ligar as lanternas.

Depois de um tempo, Miro começou a analisar um dos lados da trilha, em busca de uma abertura. Ficou olhando por um tempo, até que disse:

- Faz tempo que não venho por esse caminho... ah! Achei! Liguem as lanternas e venham!

E entraram mais uma vez na mata, de volta a se espremer entre as árvores. Mas dessa vez, o caminho era mais curto, e logo começaram a enxergar luzes à frente. Chegaram à beira da mata e conseguiram ver, claramente, o quintal da

Dona Olívia. Viram também, sentados em um banco na frente da estátua, Alessandro e Daniela, abraçados.

- Psiu, silêncio! - disse Julio - Vamos assustá-los!

Gabi segurou uma risadinha. Começaram a se aproximar do casal lentamente, sem serem vistos. Conseguiram ouvir sua conversa:

- Aqui é tão bonito né? - disse Alessandro.

- É.... será que as crianças estão bem? - disse Daniela.

- Ah, esquece as crianças um pouco, elas estão ótimas! Me dá um beijo, vai!

- Humm, tá bom! - respondeu Daniela.

- Creeeedooooo! Que nooooojooooo! - gritou Julio.

Alessandro se levantou:

- Quem está aí? Crianças, são vocês?

Gabi começou a rir, acompanhada por Julio e Miro.

- Seus pestes! - gritou Alessandro - Estavam espiando a gente, né? A gente não pode nem namorar um pouco?

- Desculpa, pai! - gritou Gabi, ainda rindo - A gente já vai embora, tchau!

E eles voltaram para a mata. Caminharam mais um pouco, até chegar à trilha. Repetiram o processo de desligar as lanternas e fechar os olhos, e estavam novamente enxergando tudo com a luz da Lua.

- Ai, que legal! - disse Julio - E o que tem mais pra frente?

- Vamos até a pedreira!

- Dá pra entrar lá? Mas não está fechada?

- Pela frente está fechada! Mas pela mata dá pra entrar! Vamos!

A caminhada demorou um pouco mais do que esperavam Julio e Gabi. Mas não foi ruim. Podiam apreciar toda a beleza do lugar. Além dos olhos, agora seus ouvidos pareciam ter se adaptado, e podiam ouvir diversos barulhos além de seus próprios passos. Julio pode distinguir o pio de corujas, o coaxar de sapos, o uivo do vento, além do canto de grilos e outros insetos.

Enfim chegaram a um trecho da trilha onde as árvores do lado direito estavam bastante espaçadas. Miro saiu da trilha e, seguido por Gabi e Julio, chegou até a pedreira.

Havia alguns montes de pedra bem altos. Miro lhes explicou que aquele tipo de pedra não era o mármore que era extraído ali, e sim algum tipo de granito mais escuro. Subiram em um deles, que devia ter cerca de cinco metros de altura, e sentaram-se no topo, admirando a região.

Ao norte, era possível enxergar a vila, com suas luzes amareladas. Ao sul, podiam ver as luzes das duas chácaras vizinhas, da Dona Olívia e de Miro. Ao oeste, não havia nada além de floresta. E ao leste, o terreno descia bastante e era coberto de floresta até onde a vista alcançava, exceto no trecho onde ficava a estrada, e também mais longe, onde Miro dizia que ficava o rio.

A Lua parecia mais brilhante do que nunca, iluminando todo o terreno. Julio olhou para baixo, e pode ver o grande barracão da pedreira abandonada. Mas ele também viu algo muito estranho. Próximo ao monte em que estavam, em um buraco não muito fundo, Julio avistou um pequeno ponto de luz branca. Não era uma vela ou lâmpada elétrica. A luz era

fraca, quase fantasmagórica. Ele disse, apontando com o dedo:

- Gente, o que é aquilo ali?

- O que? - perguntou Gabi.

- Ali, aquela luz lá embaixo!

- Não sei! Vamos lá ver! - disse Miro, começando a descer o monte.

Com dificuldade, os três desceram o monte e foram até o buraco, guiados pela estranha luz. Ao chegar perto do ponto de luz, Julio ligou sua lanterna para enxergar melhor. Porém, ao fazê-lo, a luz desapareceu.

- Apaga a luz, Julio! - disse Miro.

Julio apagou a lanterna, e demorou até que os olhos de todos se acostumassem novamente com a escuridão. Depois de um tempo, a luz reapareceu, e eles conseguiram chegar até ela. Julio se abaixou e bateu com a mão, pegando o objeto brilhante. Era uma pedra, branca e gelada. Ele a levantou para que a luz da Lua a iluminasse um pouco mais. Acompanhado pelos olhos atentos de Miro e Gabi, Julio percebeu que a pedra não tinha luz própria, mas sim refletia de forma bastante forte a luz da Lua. Ao acender a lanterna, a pedra se revelava comum, parecida com um pedaço branco de mármore. Ela apenas brilhava no escuro, e sob o luar.

- Que pedra legal! - disse Miro - Eu nunca tinha visto nada parecido.

- É mesmo! Brilhante, parece mágica! - disse Gabi.

- Não fala besteira, Gabi! - disse Julio - Não existe magia! É uma pedra fosforescente, só isso!

- Fosfo... o que?

- Fosforescente! Ela brilha no escuro. Igual algumas tomadas de casa.

- É, mas mesmo assim, é super legal! Vamos ver se achamos outra?

Ficaram ali explorando o lugar por mais um tempo, mas não acharam nada. Depois decidiram voltar para casa. No caminho, Julio percebeu como estava exausto depois da viagem de carro e de brincar na piscina a tarde toda. Estava torcendo para chegar logo. Saíram da trilha e foram direto para a chácara da Dona Olívia. Encontraram Daniela e Alessandro na sala de estar.

Daniela ficou feliz em ver as crianças sãs e salvas, e Alessandro ficou particularmente interessado pela pedra que tinham encontrado. Ele levou-a para fora para tentar ver o brilho, mas ali havia as luzes da casa, e o brilho quase não aparecia. Concluíram que, para ver o brilho da pedra, era necessário ficar na completa escuridão, somente com a luz da Lua.

Miro despediu-se e foi embora, prometendo encontrá-los no dia seguinte. Julio e Gabi foram para a cozinha tomar um leite, depois escovaram os dentes e foram direto para a cama, onde dormiram quase instantaneamente.

Domingo, 25 de outubro
10h39min

Julio acordou com uma conversa alta vindo da sala. Ficou irritado, pois ainda estava com muito sono. Olhou para o lado e viu que a prima Gabi estava dormindo ali também. Esfregou os olhos e esticou os braços antes de se levantar. Foi cambaleando até a sala, onde viu seus tios conversando com o senhor Macedo.

- Bom dia dorminhoco! - disse sua tia, ao vê-lo.

- Olá! Seu nome é Julio, não é? - disse Macedo, acenando.

- Oi! - respondeu Julio.

- Eu vim trazer as coisas que sua bisavó tinha me emprestado! - e apontou para uma grande caixa que estava no chão da sala.

- Ah. - disse Julio, sem querer conversar muito.

- Não quer mesmo ficar para o almoço, senhor Macedo? - disse Alessandro.

- Não, não! Muito obrigado! Eu vou aproveitar que precisei pegar essas coisas e vou continuar dando uma arrumada na bagunça lá em casa!

- Que pena! Mas nós vamos voltar na semana que vem, se estiver mais tranquilo dê uma passada novamente! - disse Daniela.

- A gente vai voltar semana que vem? - disse Julio, animado.

- Sim, esqueceu, Julio? Tem feriado a semana toda lá na nossa cidade!

- É verdade! Obaaaaaa!

Macedo deu um grande sorriso, olhando mais uma vez para Julio. Ele disse:

- Bom, eu vou indo então! Muito obrigado pelo convite, vocês são muito gentis!

- Até mais, então!

- Até! - disse Macedo, acenando - Tchau Julio!

- Tchau!

Depois que Macedo saiu, Daniela disse para Julio:

- Vai acordar sua prima, já são quase onze horas!
- Nossa! A gente dormiu tudo isso?
- Pois é! O Miro já passou aqui mais cedo, mas foi embora, porque vocês estavam dormindo.
- Ah, por que você não acordou a gente?
- Ué, vocês estavam muito cansados!
- Vou lá acordar a Gabi pra gente ir na casa do Miro!
- Não, senhor! Daqui a pouco vai ser hora do almoço! Enquanto eu e seu pai preparamos a comida, você e a Gabi podem dar uma olhada naquela caixa que o senhor Macedo trouxe, e ajudar a separar o que for importante.

- Aaah, tia! Eu queria ir na piscina!
- Piscina? - disse Alessandro - Já olhou lá fora?

Julio foi até a janela e viu que estava chovendo muito.

- Aaaah, tá chovendo?
- Não tem problema! Vocês inventam alguma outra coisa pra fazer. Agora vai, acorde sua prima!

Julio obedeceu. Gabi também não queria acordar. Depois que se levantou, também queria ir na piscina, e também ficou chateada quando Julio abriu a janela e mostrou a forte chuva que caía lá fora. Por fim, ela também não ficou animada quando soube que precisavam guardar as coisas da bisavó, mas acabaram os dois sentados no sofá, desanimados, enquanto retiravam um monte de coisas velhas da caixa:

- Aqui só tem jornal velho! - disse Gabi - Olha esse aqui, é de uns mil anos atrás!

- Deixa eu ver! - Julio pegou o jornal amarelado - Ai, Gabi, claro que não, é de uns cem anos atrás. Olha só:

“Inaugurada a Pharmacia da Terra”. Que engraçado, eles escreveram “Farmácia” errado!

- Ah! Ah! Ah! E olha a cara desse sujeito aqui! Que bigode esquisitão!

Continuaram se divertindo com as fotos e notícias antigas, comentando como eles escreviam tudo diferente, e como as roupas e carros eram diferentes. Até que Julio achou uma foto interessante:

- Olha aqui, Gabi! É a casa da nossa bisavó!

- É mesmo! E quem é esse velhinho aqui?

Julio começou a ler a reportagem, e disse:

- Parece que era um cientista famoso! A reportagem no jornal é sobre quando ele se mudou para cá. O nome dele era Frederico Borba.

- Que nome estranho. E ele morou aqui? Nessa casa?

- É, Gabi, olha aqui! - e mostrou a foto para a prima.

- Julio! Olha aqui, aquela parede estranha não existia!

- O que?

- Aquela parede, da sala escondida! Aqui na foto! Nessa época ainda não tinha aquela parede!

Julio examinou a foto com cuidado. A foto mostrava o cientista ao lado da casa, próximo à horta. Ele segurava uma planta comprida e esquisita. Ao fundo, era possível ver toda a lateral da casa, inclusive a parede original.

- É mesmo, Gabi! Miro tinha razão. Deve ter sido construída depois então. Será que foi esse tal de Frederico quem construiu a sala secreta?

- Será? - disse Gabi, entusiasmada.

Ficaram olhando a foto por mais um tempo. Depois começaram a olhar com muito mais interesse tudo que havia na caixa, em busca de outra foto ou pista relacionada à casa. Acabaram descobrindo outras coisas interessantes. Descobriram que o cientista viajava muito, pelo mundo todo, e era famoso por trazer objetos estranhos e por fazer experiências inovadoras. Ele tinha descoberto uma fórmula secreta que fazia crescer cabelos, outra para deixar as pessoas mais fortes, e outra para curar insônia. Todos na cidade tinham um pouco de medo dele, mas acabavam comprando seus produtos.

- Que estranho... por que será que tem esse monte de coisas sobre o tal de Frederico Borba? - perguntou Julio.

- Ué, se ele morou aqui, é óbvio que tem um monte de coisas dele aqui.

- Eu sei, Gabi. Mas essa caixa estava com o senhor Macedo, não é? Por que ele pegou essas coisas emprestadas da bisá?

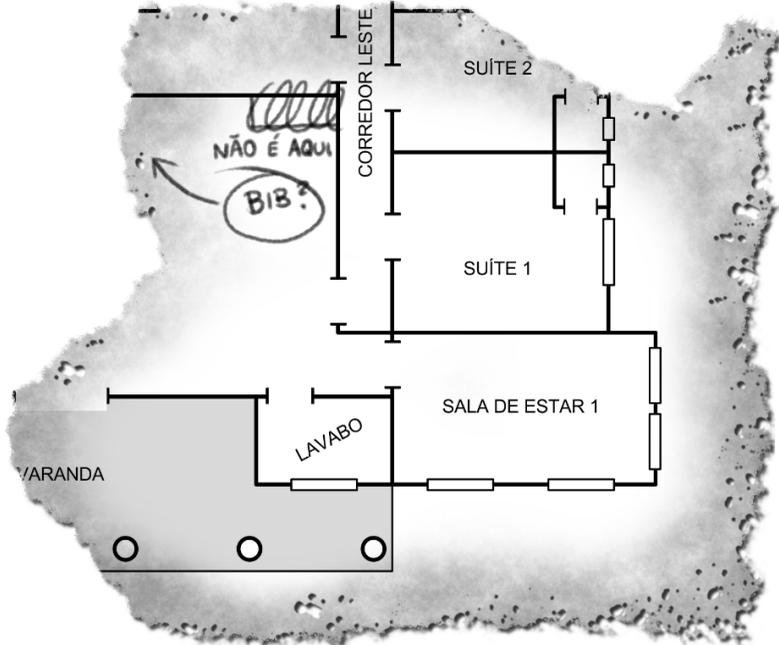
- Sei lá...

Continuaram olhando, sem encontrar nada de muito interessante. Até que Gabi pegou um papel velho na mão, e deu um grito:

- Julio! Achei! Olha, é outro pedaço de mapa da casa!

- Sério? Deixa eu ver, Gabi!

Julio pegou o pedaço de mapa nas mãos e o examinou com cuidado. Havia alguns rabiscos nele.



- Uau, Gabi, é outra pista! Olha aqui! - e Julio apontou para os rabiscos.

- Onde é isso? - perguntou Gabi?

- Acho que é ... aqui mesmo neste saguão! - e se levantou, olhando em volta.

- Ali, naquele canto! - e Gabi saiu correndo em direção ao local rabiscado no mapa.

- O mapa diz: “Não é aqui”. O que será que não é aqui? - disse Julio, juntando-se à prima.

Examinaram o chão e a parede no local. No chão não havia nada de diferente, mas a parede exibia um trecho mais limpo, como se um móvel tivesse ficado muito tempo

encostado ali. Julio e Gabi tatearam e chutaram, mas não descobriram nada.

- Bom, o que quer que seja, não parece ser aqui mesmo!
- disse Julio.

- Mas olha, o mapa diz: “bib”. O que significa?

- Tem uma seta apontando para lá, onde fica... a biblioteca! - disseram a última palavra juntos.

Julio e Gabi saíram correndo e foram para a biblioteca. Mas logo perceberam que não tinha muito o que fazer por ali. Só havia prateleiras repletas de livros, em todas as paredes. Nada parecia fora do lugar.

- Será que tem alguma coisa atrás desses livros?

- Nossa, mas tem um moooooonte de livros!

- Vamos ver se a gente acha alguma coisa!

E começaram a tirar livros das prateleiras, aos montes. Jogaram tudo no chão, fazendo uma bagunça. Não demorou para que Daniela chegasse, aos berros:

- O que é isso? Que bagunça é essa?

- Mãe, a gente tá procurando uma coisa!

- Que coisa, Gabriela?

Mas as crianças não sabiam o que dizer. Na verdade não sabiam direito o que estavam procurando. Gabi disse:

- Acho que ... é um jeito de abrir aquela sala secreta!

- De novo essa história? Chega! Arrumem tudo e venham almoçar!

- Mas tia... - tentou Julio.

- Já!

Julio e Gabi começaram a recolocar todos os livros no lugar, emburrados. Depois foram até a cozinha, onde se sentaram para almoçar.

Durante o almoço, as crianças ficaram quietas, mas Alessandro quis saber o que tinha acontecido. As crianças contaram sobre os jornais velhos, sobre Frederico Borba, e sobre o outro pedaço do mapa. Diferente de Daniela, porém, Alessandro pareceu ser mais compreensivo. Ele prometeu ajudar as crianças a tirar os livros do lugar, e aproveitaria para limpar todas as prateleiras. Daniela deu de ombros:

- Bom, se vocês querem continuar com essa besteira, fiquem à vontade! Mas primeiro vocês vão acabar de arrumar aquela caixa que o senhor Macedo trouxe.

Depois do almoço, as crianças correram para a sala, para guardar logo as coisas na caixa do senhor Macedo. Nem se preocuparam em examinar mais nada, e guardaram tudo de qualquer jeito, pois queriam ir logo à biblioteca. Depois, foram correndo chamar Alessandro, mas ele tinha se deitado para dormir um pouco. Daniela também estava deitada, e disse para não o incomodarem.

A tarde passou, e Miro chegou para chamar Julio e Gabriela para brincar. Como estava chovendo, foram até a grande varanda da casa de Miro, onde ficaram a tarde toda. Mostraram o mapa a Miro, que concordou: deveriam mesmo procurar na biblioteca. Também concluíram que haviam encontrado dois pedaços do mapa, e parecia haver quatro no total. Talvez a chave para encontrar o segredo da sala estivesse em um dos dois pedaços que faltavam. E talvez um deles estivesse na biblioteca, esperando para ser encontrado.

A chuva estava muito forte, então nem se animaram em tentar acordar Alessandro, que provavelmente estaria

dormindo, ou então com muita preguiça para começar uma limpeza agora. Distraíram-se com jogos e brincadeiras. No começo, os três estavam brincando juntos, mas Julio e Miro começaram uma disputa de cartas, o que deixou Gabi entediada. Dona Alberta veio em seu socorro, e a levou para conhecer seus brinquedos antigos. Ela tinha várias bonecas e uma casa em miniatura, que Gabi adorou.

Depois de um lanche, Daniela apareceu, toda molhada devido à chuva:

- Julio, Gabi, vamos embora! - ela disse.

- Ah, mãe, já? Ainda é cedo!

- Mas está chovendo muito, estamos com medo de pegar a estrada à noite. É melhor viajar enquanto há luz do dia.

- Aaaaah! - disseram Julio e Gabi, juntos.

- Ah, a propósito... que bela bagunça vocês fizeram na caixa do senhor Macedo, hein? Era para guardarem tudo, e não enfiar tudo lá dentro de qualquer jeito!

Julio e Gabi não disseram nada, apenas ficaram de cabeça baixa.

- Miro, - disse Daniela - você pode, por favor, trazer a caixa para cá? Acho que sua mãe pode se interessar por algum jornal ou revista antigos. Eu não trouxe agora porque ia molhar tudo.

- Claro, trago sim! - respondeu Miro.

Despediram-se de Miro e Alberta e voltaram para casa. Encontraram Alessandro terminando de arrumar tudo. Julio e Gabi ainda tentaram convencê-lo a ficar mais um pouco, para arrumar a biblioteca, mas não conseguiram. Alessandro prometeu que faria isso na semana seguinte. Sob a forte

chuva que ainda caía, seguiram de carro pela estrada de terra, de volta para casa.

O mistério da chacara - por Daniel Lucrédio

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 3

Quarta-feira, 28 de outubro
18h32min

Julio estava sentado no banco de reservas, olhando para a quadra. Acompanhava atentamente os colegas enquanto o treinador orientava cada movimento da equipe. Queria muito estar ali, treinando, mas agora era só um reserva.

Era o primeiro treino de futebol do time de Julio depois da última derrota. Normalmente, todos esperavam pelo treino com entusiasmo, mas dessa vez estavam ainda mais ansiosos para praticar novas jogadas ensaiadas, corrigir os erros e tentar melhorar o desempenho da equipe. Praticamente não se falou de outra coisa durante toda a semana, mesmo com a iminente chegada das provas de fim de ano. Julio estava com muita vontade de treinar, de mostrar para seus companheiros que ele não era ruim, e que poderia ajudar o time. E por sorte, Fernando estava viajando naquela semana, portanto não precisaria enfrentar os olhares bravos e as gozações do colega.

Mas mal chegou para o treino, Julio recebeu uma notícia ruim. O treinador decidiu que seria melhor para ele ficar um pouco na reserva, para diminuir a pressão e não ter sua confiança abalada. Aquilo pareceu uma ducha de água fria.

Ficar de fora era muito chato. O tempo demorava demais para passar. Para piorar ainda mais a situação, Julio achou que, sem ele, o time parecia jogar melhor. A cada jogada, diminuía suas esperanças de que o treinador o chamasse para se juntar aos colegas. Ele foi ficando cada vez mais emburrado, até que abaixou a cabeça e ficou olhando para o chão.

Olhar para o chão era bom, pois além de não ver o time jogando bem sem ele, não precisava ficar encarando sua prima Gabi, que estava acompanhando o treino e insistia em acenar o tempo todo. No começo, Julio ficou feliz que ela tivesse vindo, mas agora estava emburrado demais para ficar dando tchauzinho para a prima.

Já estava se aproximando o fim do treino quando o treinador se virou para o banco de reservas e falou:

- Ótimo, ótimo, agora vamos treinar um pouco com os reservas.

Julio se levantou de imediato, animado. Mas o treinador olhou para o relógio e disse:

- Ah, não, eu perdi a noção do tempo! Lamento, garotos, não vai dar tempo de treinar com vocês hoje! Vamos todos dar uma corridinha, para não passar o treino em branco? Dez voltas na quadra, vamos, todos!

Julio não podia acreditar. Quando finalmente achou que iria jogar um pouco, recebeu novamente uma notícia ruim. Não apenas iria ficar sem jogar, como teria que dar dez voltas na quadra. Lentamente, ele começou a correr. Triste e desanimado, não quis ficar ao lado de ninguém, pois não queria conversar. Tratou de correr bem devagar, atrás de todo mundo, de modo a ficar sozinho.

Mas Gabi não deixava Julio em paz. A cada volta, quando ele passava próximo do local onde ela estava, Gabi gritava alguma coisa para ele. Na primeira volta, ele nem olhou para ela. Na segunda, ela gritou tão alto que ele olhou e gritou de volta, para que ela o deixasse em paz. Logo depois Julio se arrependeu, pensando que talvez tivesse sido muito rude com a prima, mas Gabi não desistiu. A cada volta, ela insistia em chamar a atenção do primo. Ele podia vê-la

acenando, freneticamente, tão logo ele se aproximasse. E ela dizia coisas que Julio não fazia questão nenhuma de entender. Até que, em uma das últimas voltas, ele pode ouvi-la dizendo algumas palavras:

- Miro ... mandou ... mapa ... novo!

Ele parou de imediato, e viu que Gabi segurava em suas mãos o celular da mãe. Ela estava sorrindo, e mostrava a tela para Julio, dando pulinhos de alegria. Ele até parou, e pensou em se aproximar para ver o que era, mas nesse momento o treinador soprou seu apito e gritou:

- Julio, ainda não terminou! Nada de parar agora! Continue, vamos!

Então Julio acelerou. Se antes estava sem vontade alguma de terminar o exercício, agora queria ser o primeiro. Ele ultrapassou a todos, e depois de completar as dez voltas, foi correndo até a arquibancada onde estavam Gabi e sua mãe.

- Oi Julio! - disse Daniela - Não deu para jogar hoje?

- Oi tia! - respondeu Julio, ainda ofegante - Não, eu estou na reserva agora.

- Ah, que pena! Mas ficar na reserva também é importante pra ajudar os companheiros!

- É! - respondeu Julio, sem querer continuar a conversa. Então ele olhou para Gabi e disse:

- Gabi, o que você falou aquela hora?

- O Miro mandou um e-mail pra minha mãe! Olha só!

Julio pegou o celular de Daniela e o examinou. Na tela aparecia uma foto de Miro segurando um papel em sua mão. O papel se parecia com um mapa. Era diferente dos outros pedaços de mapa que tinham encontrado, pois não estava

velho e rasgado. Parecia mais novo, e desenhado com caneta. Mas a foto era muito ruim, e não dava para ver muita coisa. Pelo jeito, mostrava algumas estradas, árvores, e tinha algumas coisas escritas, mas que não dava para ler.

- É outro mapa, Gabi?

- É sim! Olha o que ele escreveu no e-mail!

Julio deslizou o dedo pela tela, revelando que, embaixo da foto, havia um texto, uma mensagem de Miro. Ele a leu imediatamente:

"Olá Dona Daniela. Minha mãe deixou eu mandar essa mensagem pelo celular dela, e eu queria que a senhora mostrasse ao Julio e à Gabi. Eu estava arrumando aquela caixa do senhor Macedo, e encontrei um mapa daqui da região. Estou mandando uma foto junto, mas não consegui tirar uma muito boa porque o celular da mamãe é meio antigo. Mas diga a eles que o mapa tem algumas coisas interessantes para a gente explorar no final de semana! Acho que eles vão gostar! Um abraço, Miro!"

- Que legal, Gabi! Outro pedaço do mapa!

- Não te disse que era legal? Mas você nem me ouviu durante o treino!

- Ah, eu tava ocupado, né, Gabi! Tia, - disse Julio, olhando para Daniela - quando a gente vai para a chácara? Podemos ir na sexta-feira?

- Na verdade... - disse Daniela - acho que vamos na sexta-feira mesmo, à noite!

- Ebaaaaa! - disseram Gabi e Julio, juntos.

- É, assim a gente aproveita melhor o feriado! - completou Daniela.

- Feriado? - perguntou Gabi.

- É, Gabi, semana que vem tem feriado aqui na cidade, esqueceu? - disse Julio.

- Isso mesmo! - disse Daniela - Nós iremos na sexta-feira, e voltamos na quarta-feira seguinte.

- Isso dá... - Julio contou com os dedos - ... seis dias!

- Na verdade, vai dar cinco dias, né? Porque a sexta-feira não conta, já que vamos somente à noite. - explicou Daniela.

- Tudo bem! Cinco dias é bastante!

- Agora vamos embora, Julio? Prometi à sua mãe que levaria você para casa. - disse Daniela.

- Tá, deixa eu pegar minhas coisas!

E Julio saiu correndo para o vestiário. Normalmente ele teria demorado mais. Teria ficado com os colegas, discutindo o treino, falando sobre o próximo jogo, combinando táticas e estratégias para jogar melhor. Mas hoje ele queria somente ir embora com Gabi e tentar olhar melhor aquela foto. Tinha a impressão de que iriam descobrir alguma coisa muito importante naquele novo mapa.

Quinta-feira, 29 de outubro
12h45min

Julio estava no carro, a caminho da escola. Estava morrendo de sono, pois não tinha conseguido dormir direito. Saber que teria pela frente uma tarde inteira de aulas só fazia aumentar o cansaço e a indisposição que sentia.

No caminho para casa, na noite anterior, ele e Gabi tentaram a todo custo dar uma olhada melhor na foto enviada por Miro, mas não conseguiram descobrir nada de mais. A foto estava realmente muito borrada. Gabi insistiu para que a mãe respondesse a mensagem de Miro e pedisse para que ele tirasse uma foto melhor, mas ela negou:

- Não, Gabriela! Não vou incomodar o menino à toa! Ele já foi super educado pegando aquela caixa para mim e arrumando a bagunça que vocês fizeram!

- Mas mãe, não custa nada, é só ele mandar outra foto!
- argumentou Gabi.

- Também não custa nada vocês esperarem até o final de semana! Chega de resmungar! - disse Daniela, em tom definitivo.

Depois disso, Julio e Gabi ainda ficaram um tempo tentando decifrar o mapa, mas desistiram. Julio foi deixado em casa e despediu-se de Gabi e Daniela. Foi tomar banho e jantar, indo para a cama logo depois. Tinha esperança de dormir cedo, para que o fim de semana chegasse mais rápido, mas a ansiedade e os acontecimentos do dia tomaram conta de seus pensamentos.

Além de ficar imaginando o que poderia ter o tal mapa, Julio ficou um tempão pensando no que tinha acontecido durante o treino de futebol. Primeiro, ficou aborrecido por ter sido rebaixado à reserva do time, depois irritado, pois achava que tinha sido uma decisão errada, que iria prejudicar o time, e tudo por culpa de Fernando. Por último, lembrou-se de que o time estava jogando bem sem ele, e decidiu tentar esquecer essa história de futebol. Enfim acabou adormecendo, mas devia ser muito tarde, pois estava com muito sono agora, depois do almoço.

Durante a aula, precisou esforçar-se mais do que de costume para prestar atenção no professor. Tinha aula dupla de língua portuguesa, depois aula dupla de ciências e por último aula de informática. Julio gostava dessas matérias, mas as aulas duplas estavam sendo muito cansativas e repetitivas. Na hora do intervalo ele decidiu comer seu lanche e ficar quieto em um canto, para descansar um pouco. Não conseguiu, pois seus colegas chamaram-no para brincar, o que ele aceitou. No fim, foi bom, pois ficou mais animado para o fim do período.

À noite, Julio decidiu deixar para fazer sua lição de casa somente depois do jantar, o que foi uma péssima ideia. De barriga cheia, o cansaço chegou com tudo, e ele mal conseguia manter os olhos abertos. André, vendo a situação do filho, disse que ele poderia terminar a lição no outro dia. Julio agradeceu e foi pra cama, dormindo imediatamente.

Sexta-feira, 30 de outubro
15h07min

- Aaaaaah, esse dia não passa nunca! - disse Pedro.

- Parece que alguém desligou a máquina do tempo, e o tempo congelou! - disse Miguel.

- Eu já vi um filme assim! - disse Julio - O sujeito acordava e todo dia era o mesmo dia!

- Creeedo! - disse Lucas - Já pensou se isso acontece justo hoje? Bem na sexta-feira antes do feriado prolongado?

Todos estavam muito ansiosos pela chegada do feriado prolongado. Fazia bastante calor, e o fim de semana prometia. Seriam cinco dias sem aulas, e a maioria tinha planos para viajar com a família. Os que não iriam viajar

estavam combinando de se encontrar para fazer alguma coisa juntos, como jogar bola, andar de bicicleta ou nadar em alguma piscina.

Julio também estava muito animado. Seus pais e os pais de Gabi estavam planejando levar um monte de coisas para a chácara. Iriam reativar uma churrasqueira que havia nos fundos da casa, portanto teriam churrasco. Também estavam levando roupa de banho para todos. Eles prometeram se juntar às crianças para um banho de rio na prainha. Mas o que deixava Julio mais animado era, é claro, o novo mapa encontrado por Miro, além da biblioteca, que pelo jeito escondia algum segredo.

Julio não tinha falado sobre nada disso com os colegas de escola. Não sabia direito porque. Talvez ainda estivesse um pouco chateado com todos ali, por causa do jogo. Além disso, no fundo, ele achava que a chácara e seus mistérios eram uma coisa só dele e de Gabi. Se compartilhasse com mais alguém, talvez acontecesse alguma coisa ruim. Ele gostava demais dos finais de semana na chácara, e não queria estragar tudo. Era uma superstição tola, e ele sabia disso, mas mesmo assim não contou para ninguém o que iria fazer no feriado, mesmo com a insistência dos amigos:

- Pow, Julião, conta aí pra gente! O que você vai fazer no feriadão? - perguntou Pedro.

- Nada, vou ficar em casa! - respondeu Julio.

- Ah, então vem andar de *bike* com a gente! No sábado nós vamos até o horto! No domingo meu pai vai levar a gente pra pedalar lá fora da cidade, onde tem uma represa. Depois...

- Não, obrigado! Eu vou ter que fazer companhia para a minha prima. - mentiu Julio - Os pais dela vão viajar e eu vou ter que ficar com ela o tempo todo.

- Ah, tá, que pena! - disse Pedro.

Julio não gostou de mentir, mas ele realmente sentia que deveria guardar aquele segredo. No futuro talvez ele contasse a todos, e talvez até convidasse seus amigos para ir com ele até a chácara, se seus pais concordassem, é claro. Mas agora não era a hora.

Depois do recreio, o tempo continuou passando muito devagar. Todos se olhavam, a todo momento, impacientes. A conversa na sala estava ficando muito alta, e o professor tinha que ficar toda hora chamando a atenção de todos. Até que, por fim, até o professor desistiu, e deixou que todos ficassem desenhando ou jogando, desde que fizessem silêncio, o que, é claro, não aconteceu. A bagunça continuou até a hora do sinal, quando todos se levantaram correndo e foram animados para a saída.

Julio despediu-se dos amigos e ficou esperando na porta da escola. Depois de algum tempo, achou que seus pais estavam demorando demais, mas foi surpreendido. Na esquina, viu não somente o carro de seus pais, lotado de malas, mas também o carro de seus tios, igualmente cheio de bagagem. Na janela traseira, a sorridente Gabi acenava, feliz.

- A gente já tá indo para a chácara? Agora? - perguntou Julio, assim que o pai desceu do carro para lhe abrir a porta.

- Sim! - respondeu o pai - Vamos direto, assim a gente chega a tempo de fazer um churrasco!

Julio entrou animado no carro. Mal podia acreditar que a semana havia acabado, e que estavam a caminho da chácara. Foi feliz acompanhando o caminho pela janela, admirando o adorável fim de tarde ensolarado, imaginando que aventuras iriam viver nos próximos dias.

Sexta-feira, 30 de outubro
21h47min

Tinham chegado um pouco tarde à chácara, mas não estavam cansados. Todos estavam muito animados, inclusive os adultos. Alessandro e André foram direto preparar a churrasqueira, enquanto Daniela e Fabiana cuidaram de descarregar os carros, com a ajuda das crianças. Em pouco tempo já se sentia o cheiro do carvão queimando, seguido pelo de carne assada. Estavam todos famintos, o que deixava o cheiro ainda mais delicioso.

Logo depois de chegarem, Julio e Gabi foram correndo chamar Miro e Alberta para participar do churrasco. Eles disseram que já tinham jantado, mas aceitaram o convite para a visita. A conversa seguia animada enquanto a comida e bebida era servida à vontade. Os adultos estavam bastante felizes, mas não mais do que Julio, Gabi e Miro. Tão logo tiveram a oportunidade, sentaram-se juntos em um canto. Gabi foi logo dizendo:

- Anda Miro, mostra logo o mapa!

- Calma! - respondeu Miro, olhando para os adultos, que não estavam prestando atenção neles.

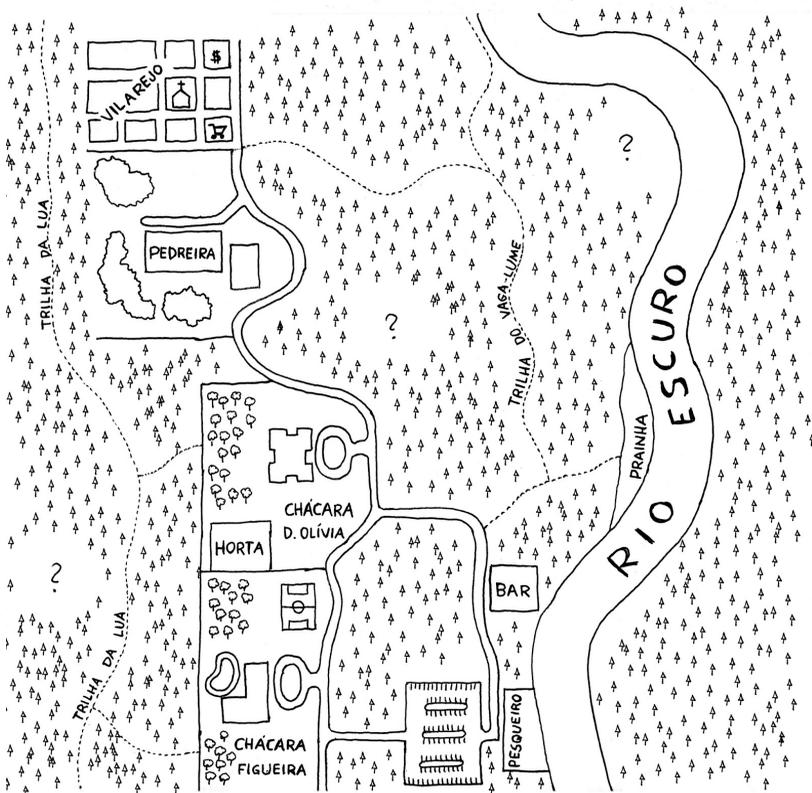
- Calma porque? - perguntou Julio - Tem alguma coisa que não podemos mostrar pra ninguém?

- Talvez... - respondeu Miro, parecendo preocupado. Depois de verificar que ninguém mais estava olhando, ele disse:

- É que eu não sei se seus pais vão deixar a gente ir sozinhos... Mas tudo bem, depois a gente vê isso! Olhem!

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Miro tirou do bolso o pedaço de papel que tinha mencionado no e-mail, e os três se debruçaram sobre ele para examiná-lo.



- Uau! - disse Gabi, ao ver do que se tratava - Chácara D. Olívia... é aqui? A casa da nossa bisavó?

- Sim! - respondeu Miro - E a Chácara Figueira é a da minha mãe!

- Olha! - disse Julio, apontando para o mapa - Tem o pesqueiro que a gente foi... e a prainha onde a gente nadou!

- E a vila! - emendou Gabi - Com a pedreira por onde a gente passou! E também tem as trilhas, tudo!

- Sim, sim! - disse Miro - E tem mais! Vocês viram tudo o que tem nesse mapa?

Julio e Gabi olharam com mais atenção. Além das marcações dos principais pontos de interesse, havia três locais marcados com pontos de interrogação. Um perto do rio, outro na floresta, ao lado da Trilha do Vaga-Lume, e outro bem perto dali, próximo à Trilha da Lua.

- O que são esses pontos de interrogação? - perguntou Julio.

- Não sei! - respondeu Miro - Eu acho que nunca entrei na floresta nesses lugares!

- Mas deve ter alguma coisa importante! - disse Gabi - Por que será que alguém marcou eles nesse mapa?

- Aliás, de quem será esse mapa? - perguntou Julio.

- Não sei! - respondeu Miro - Estava na caixa do seu Macedo, será que é dele?

- Mas na caixa só tinha coisas da nossa bisavó! - respondeu Julio - Acho que era dela!

- Podemos perguntar para ele - sugeriu Miro.

- Não sei... - disse Julio - É que... - e ficou quieto.

- O que foi? - perguntou Miro.

- Sei lá, será que ele sabe mesmo do que se trata? - mentiu Julio. Na verdade, ele não confiava nesse tal de Macedo. Mas não quis dizer nada pois Miro parecia gostar bastante dele.

- Não sei... pode ser, né? - respondeu Miro.

- Hum... é, pode! - disse Julio, sem querer continuar o assunto.

- Esse mapa é bem mais novo que os outros, da casa! - disse Gabi.

- É, eu reparei! - disse Miro - Deve ser de outra época!

Ficaram olhando o mapa mais um pouco, em silêncio. Os adultos ainda conversavam, animados, e a churrasqueira continuava ardendo e assando a carne.

- É, a gente vai ter que explorar esses lugares! - disse Julio - Será que é muito longe?

- Bom... - disse Miro - Esse aqui perto da Trilha da Lua não é longe. Na verdade, acho que passamos perto dele na semana passada. Acho que não vamos ter problemas em encontrar. Já os outros... sei não! Nem sei se minha mãe vai deixar!

- Por que? - perguntou Gabi - Ela não deixa você andar à vontade por aí?

- Deixa, mas só aqui por perto. Talvez dê para chegar a esse ponto aqui - e apontou o ponto de interrogação que ficava mais perto - Mas esse outro, perto da curva do rio - e apontou para o ponto mais distante - tenho certeza que vai ser muito difícil chegar! Eu nunca fui tão longe!

- Ah, mas a gente vai tentar, né? - perguntou Gabi - Deve ter alguma coisa importante nesses lugares!

- E tem outra coisa também. - disse Miro - A Trilha do Vaga-Lume não é tão fácil como a Trilha da Lua. É bem mais antiga, e fechada. Em alguns lugares a mata já cobriu quase toda a passagem.

- Ah, mas temos que tentar! Vamos perguntar para eles? - disse Gabi.

- Agora? - perguntou Miro.

- É! Não custa tentar!

Miro ficou pensativo por alguns momentos. Depois se decidiu. Pegou o mapa, levantou-se e foi até a mesa onde estavam os adultos. Julio e Gabi o acompanharam.

A conversa foi tensa. No começo, a mãe de Miro não estava muito propensa a deixar o filho se aventurar tão longe. Isso deixou André, Alessandro, Daniela e Fabiana apreensivos, pois se nem Alberta, que conhecia a região, queria deixar as crianças irem sozinhas, eles também não iriam deixar. A discussão foi se alongando, até que enfim os adultos se deixaram convencer. Mas exigiram que fossem durante o dia, e tomassem muito cuidado pelo caminho.

Julio, Gabi e Miro voltaram animados para sua mesa, para fazerem o planejamento. Decidiram ir no dia seguinte. Sairiam cedo, umas oito horas no máximo, e começariam pelo ponto mais próximo. Miro calculou que o ponto deveria estar a uns vinte minutos de caminhada a partir da Trilha da Lua. Depois fariam a volta e iriam até a Trilha do Vaga-Lume, em direção ao segundo ponto. Segundo Miro, demorariam cerca de uma hora e meia para chegar até lá.

- Nossa, mas pelo mapa parece bem mais perto! - disse Julio.

- É, mas esse mapa não está com a escala correta! - respondeu Miro - Essa curva do rio está a umas duas horas e meia da prainha, então o segundo ponto deve estar a mais ou menos uma hora daqui. Como vamos estar na Trilha da Lua, deve demorar uma hora e meia para chegar lá.

- Tá, então se a gente não demorar no primeiro ponto, chegamos lá umas dez e meia da manhã. - disse Julio.

- Isso! Aí a gente almoça e vai em busca do terceiro ponto. Mais uma hora de caminhada, acho! - disse Miro.

- Nossa, vai ser cansativo! - disse Gabi.

- Bom, a gente pode simplesmente perguntar para o senhor Macedo! - sugeriu Miro - O mapa estava com ele, então ele deve saber o que tem aqui!

- Não! - disse Julio, mais uma vez não querendo se envolver com Macedo - Vamos descobrir nós mesmos! Assim é mais legal e a gente pode ver com nossos próprios olhos o que está escondido aqui!

- É verdade! Tá bom, então, a gente se esforça! - concordou Gabi.

Miro também concordou, e eles passaram a planejar o que iriam levar. Depois foram até a casa preparar suas mochilas, colocando roupas e chapéus. Depois foram até a casa de Miro, onde pegaram uma corda e um grande facão que Miro usava quando ia caminhar pelo mato, para cortar galhos que ficavam pelo caminho. Decidiram não levar lanternas, pois estariam indo durante o dia.

Ao ver o conteúdo das mochilas, principalmente o facão, Daniela ficou nervosa. Mas Alberta logo a tranquilizou, dizendo que o filho estava acostumado a usar a ferramenta. Ela então ajudou-os a preparar um lanche para levarem no dia seguinte. Alguns pães, bolachas doces e salgadas, e três garrafas grandes de água foram colocados nas mochilas, que enfim estavam prontas para o dia seguinte.

Depois disso, todos continuaram conversando mais um pouco. O churrasco já tinha acabado, e estavam todos

satisfeitos. Logo o sono e o cansaço foram tomando conta. Os adultos deram uma limpada na churrasqueira, guardaram o resto da carne, e foram para dentro da casa para se preparar para dormir. Miro e Alberta se despediram e foram para sua casa. Miro prometeu encontrá-los no dia seguinte, logo cedo.

Em pouco tempo todos estavam em suas camas, dormindo um sono pesado, reforçado pela comilança e embalado pelo silêncio daquela agradável noite de verão.

Sábado, 31 de outubro
07h52min

Julio e Gabi estavam acordados, prontos e esperando pela chegada de Miro. A animação da noite anterior tinha diminuído um pouco devido ao cansaço e ao sono. Foram acordados pelo despertador que Julio tinha ajustado antes de dormir. Sem acordar os adultos, tomaram um café rápido, trocaram de roupa e ficaram sentados no sofá da sala. Antes de Miro chegar, André acordou e ficou fazendo companhia aos dois. Perguntou alguns detalhes sobre onde iriam, e deu conselhos simples, como evitar sair da trilha, e fazer bastante barulho ao caminhar, para espantar as cobras.

- Cobras? - perguntou Gabi, nervosa.

- Acho que não tem nenhuma espécie muito perigosa por aqui. Mas não custa tomar cuidado! - respondeu André.

Depois de algum tempo, Miro chegou. Estava bem mais animado do que Julio e Gabi. Trazia sua mochila às costas e o facão amarrado na cintura. Em sua mão, carregava o mapa. Parecia um verdadeiro aventureiro.

Despediram-se de André, e saíram caminhando em direção ao quintal. Miro mais uma vez achou a entrada para a

Trilha da Lua e foi na frente, guiando Julio e Gabi por entre as árvores. Estava ainda um pouco escuro dentro da floresta, pois apesar de já ser dia, havia muitas nuvens no céu. Caminharam em silêncio por um tempo, até chegarem à Trilha da Lua. Nesse momento ficou bem mais claro, e as crianças ficaram mais animadas. Julio perguntou:

- E agora, Miro? Pra que lado vamos?

- Para a esquerda! - respondeu Miro - E prestem atenção no lado direito da trilha. Deve ter alguma entrada que leva até o lugar marcado no mapa.

Caminharam pela ampla trilha, sempre de olho nas árvores que a margeavam, em busca de uma abertura ou trecho mais iluminado. Andavam devagar, para não correr o risco de passarem do ponto. De vez em quando, Miro entrava na floresta em busca de uma pista, mas logo voltava atrás. Demoraram um tempão assim, até que avistaram uma entrada, mas do lado errado da trilha. Miro olhou o mapa e disse:

- Droga! Passamos! Esse já é o caminho que vai até a minha casa! Segundo o mapa, o ponto de interrogação ficou para trás.

- E agora? - perguntou Gabi.

- Vamos voltar! - respondeu Miro.

Começaram a fazer o caminho de volta. Em um determinado momento, Miro calculou que deveriam estar na metade do caminho, e disse:

- Não deve ter nenhuma entrada visível. Vamos tentar andar um pouco mais pra dentro da floresta?

- Vamos! - disse Julio.

Miro escolheu um lugar com uma abertura maior e entrou na floresta, seguido por Gabi e Julio. O espaço era apertado, e em alguns lugares havia galhos bloqueando o caminho. Miro pediu que Gabi e Julio ficassem um pouco afastados, enquanto ele abria caminho com golpes do facão. Tentaram sempre caminhar em linha reta, o que era muito difícil, pois as árvores eram todas parecidas. Além disso, dentro desse lado da floresta era bastante escuro.

Caminharam assim por cerca de meia hora, e Miro achou melhor desistir e voltar para a trilha. Julio protestou:

- Ah, mas a gente já vai desistir?

- Não tem jeito, Julio! - respondeu Miro - Não estamos conseguindo achar o lugar. E a gente vai acabar se perdendo!

- Ei, espera! - disse Gabi. Ela abriu a mochila e pegou o telefone celular que a tia tinha obrigado-a a carregar.

- Não adianta, Gabi! - disse Miro - Aqui não pega sinal de celular!

- Mas podemos usar o GPS! - respondeu Julio - Boa, Gabi! Vamos tentar.

Reuniram-se em torno do aparelho. Gabi abriu o aplicativo de mapas, e puderam ver um desenho borrado da região. Logo o aplicativo exibiu uma mensagem de que não era possível mostrar o mapa pois não havia sinal.

- Eu avisei! - disse Miro - Aqui não tem sinal, então não dá para baixar os mapas! Tem que ter um aplicativo para caminhadas, tem aí?

- Não... que droga! - disse Gabi, guardando o aparelho na mochila.

- Vamos voltar! - disse Miro.

Começaram a refazer o caminho de volta. Demoraram mais uns vinte minutos até chegar novamente à trilha. Julio, desanimado, perguntou:

- E agora? O que a gente faz?

- Já são quase dez horas! - disse Gabi, olhando para o celular.

- Acho melhor desistir desse ponto aqui e tentar o próximo - disse Miro.

- Ah, que chato! - disse Julio, olhando em volta, tentando achar mais alguma pista - Mas você disse que esse aqui era o mais fácil!

- Pois é! - respondeu Miro - Eu me enganei. Mas se quisermos tentar achar os outros, precisamos ir logo, senão não vai dar tempo!

- Tá bom, vamos! - disse Julio.

- É mais perto se sairmos da trilha pela minha casa. Vamos para aquele lado! - disse Miro, apontando para o lugar de onde tinham vindo.

Começaram a caminhada de volta. Demorou mais um pouco até chegarem ao ponto onde havia o caminho até a casa de Miro. Porém, antes de entrarem, Gabi saiu correndo para longe. Ela foi até o lado da trilha e entrou alguns passos dentro da floresta.

- Gabi! Onde você vai? - perguntou Julio.

- É que... Isso! Achei! Venham ver! Venham ver! - gritou Gabi.

Miro e Julio se juntaram a ela. Ela estava parada perto de uma árvore um pouco diferente. Ao pé da árvore, eles viram uma pequena placa, quase da mesma cor que a casca

da árvore. Na placa havia uma seta que apontava para dentro da floresta e o desenho de uma cruz embaixo.

- O que é isso? - perguntou Julio.

- Deve ter alguma coisa nessa direção, esperem um pouco! - respondeu Miro, pegando o mapa mais uma vez. Depois de examiná-lo por um tempo, disse:

- É isso mesmo, eu me enganei! Esse caminho pra minha casa, que a gente ia pegar agora - e apontou na direção do caminho - é mais novo. O caminho que aparece no mapa é outro, mais longe! Por isso eu achei que a gente já tinha passado do ponto!

- Então é aqui? - perguntou Gabi, feliz.

- Acho que sim! Vamos! - disse Miro.

E os três entraram novamente na floresta.

Sábado, 31 de outubro

10h49min

Caminharam por cerca de vinte minutos. Dessa vez, apesar de estarem entrando cada vez mais fundo na floresta, Miro quase não precisou usar o facão pois o caminho estava mais fácil. Deviam estar andando por um pedaço mais antigo, mas ainda conservado, da Trilha da Lua.

Estavam andando rápido, animados com a expectativa do que iriam encontrar. A escuridão foi diminuindo e as árvores foram se espaçando, até que finalmente chegaram a uma clareira. Tinham encontrado o primeiro ponto indicado pelo mapa.

Não havia árvores na clareira, que formava um círculo quase perfeito de grama alta. No centro do círculo, havia um terreno quadrado cercado por grades altas e grossas. Dentro

do terreno havia um túmulo cinza feito de pedra, que ostentava uma grande cruz branca, também feita de pedra, demarcando o local. Ao lado do túmulo havia uma pequena capela, feita de tijolos laranjas aparentes, e que tinha uma única porta de madeira. A porta estava entreaberta. Era possível ver a escuridão dentro da capela, mas nada além disso. Nas grades que cercavam o túmulo e a capela havia um pesado portão de ferro. As crianças se aproximaram lentamente do local.

- Uau! - Gabi foi a primeira a dizer algo.

- É um túmulo! Quem será que está enterrado aí? - perguntou Miro.

- Não tem nenhum nome escrito? - perguntou Julio.

Eles tentaram olhar pelas grades, deram a volta no terreno, mas não era possível ver placa alguma, nem no túmulo e nem na capela. Tentaram abrir o portão, mas estava trancado.

- Que fechadura esquisita tem esse portão! Tem um formato triangular! A chave que abre ele deve ser bem diferente! - disse Julio.

- Olha, tem alguma coisa escrita ali no chão... embaixo da cruz! - disse Miro.

- Não estou conseguindo ler... - disse Julio - Gabi, você consegue ver o que está escrito?

- Não dá, está muito sujo! E está meio longe! - respondeu Gabi, com o rosto encostado na grade.

- E o que será que tem dentro da capela? - perguntou Julio.

- Provavelmente nada, ou velas, flores velhas, essas coisas de cemitério! - respondeu Miro.

- Não dá pra pular a grade? - sugeriu Gabi.

- Acho que não! - disse Miro - É bem alta, a gente vai se machucar!

- Gente... tem umas pegadas ali! - disse Julio, apontando para a entrada da capela, para o chão de terra. Próximo à porta entreaberta, era possível ver claramente algumas pegadas, provavelmente produzidas em um dia de chuva, pois estavam bem fundas.

- Quem será que veio aqui? - perguntou Miro - Não deve fazer muito tempo, pois as pegadas ainda estão bastante visíveis na terra!

- Sei lá... gente! Vamos embora? - disse Gabi - Não tem nada de interessante aqui!

- Tá com medo, Gabi? - disse Julio, sorrindo.

- Não! É que não tem nada aqui, só um túmulo! - respondeu Gabi, brava.

- Espera só um pouquinho! Gabi, empresta o celular da minha mãe! - disse Julio.

Ela pegou o aparelho na mochila e o entregou a Julio. Ele apontou a câmera do celular e tirou várias fotos do lugar. Depois de conferir o resultado, devolveu-o para Gabi, que o guardou novamente na mochila.

- Pronto, depois se a gente quiser lembrar o que tinha aqui é só olhar as fotos!

- Tá, então vamos embora, gente? Não tem mais nada que possamos fazer! - disse Miro.

- Vamos! - disseram Julio e Gabi.

Deram uma última olhada para o lugar e começaram a caminhada de volta.

Sábado, 31 de outubro
16h38min

- Ai, vamos desistir? - perguntou Gabi.

Julio e Miro se entreolharam. Não responderam, mas ambos estavam querendo voltar para casa e desistir de tudo. Estavam na Trilha do Vaga-Lume, tentando encontrar alguma abertura ou caminho que levasse até o segundo ponto do mapa. Tinham caminhado por quase duas horas, indo para a frente e para trás na trilha, sem conseguir encontrar nada.

A Trilha do Vaga-Lume não era tão fácil quanto a Trilha da Lua. O lugar era muito interessante, pelo menos para Julio e Gabi. Havia árvores diferentes, e puderam ver um monte de insetos e flores que não conheciam. Mas era uma mata fechada e abafada, difícil de caminhar. Miro tinha que usar o facão a todo momento para tirar galhos e folhas do caminho, e ele já estava ficando cansado. Também estava escuro, pois a tarde estava adiantada, e as nuvens estavam mais pesadas e cobrindo quase todo o céu. Além disso, havia mosquitos! Muitos mosquitos!

Os mosquitos incomodavam bastante. Julio, Gabi e Miro tinham que ficar toda hora abanando o rosto e a cabeça para espantar os mosquitos que teimavam em pousar na testa deles e voar perto dos ouvidos, produzindo um zumbido irritante. Além disso, estavam todos picados, com os braços e pernas coçando muito. Gabi estava quase chorando:

- Tem muito mosquito, vamos embora, não estou mais aguentando!

- Estranho, - disse Miro - antes não tinha tanto mosquito por aqui!

- Deve ser época deles se reproduzirem. Ai! - disse Julio, matando uns dois mosquitos com um tapa na própria perna.

Miro olhou em volta, depois olhou mais uma vez o mapa. Deu um tapa no pescoço para matar um mosquito que tinha acabado de picar ali. Então ele disse:

- Mas a gente deve estar muito perto! Não querem pelo menos tentar chegar a esse ponto aqui?

- Eu não quero! - disse Gabi, emburrada.

- E está ficando tarde, daqui a pouco vai começar a anoitecer! - lembrou Julio.

- Vamos fazer o seguinte, vamos começar a voltar, devagar. Vocês vão pela trilha e eu vou pela mata, aqui desse lado direito, pra ver se acho a entrada!

- Mas e se a gente se perder? - disse Gabi.

- Vamos ficar nos falando o tempo todo, ok? - disse Miro.

Julio e Gabi concordaram, meio a contragosto, e começaram a voltar.

Já tinham passado por aquele trecho algumas vezes antes, mas agora Miro estava bem longe da trilha. Ele gritava a todo momento, para que os outros pudessem saber onde ele estava:

- Estou aqui! E vocês?

- Aqui! - respondiam Julio e Gabi.

Continuaram assim por um tempo, até que Miro parou de gritar. Eles ficaram apreensivos, sem saber o que fazer. Mas logo Miro apareceu ao lado deles, dizendo:

- Acho que vocês tem razão. É melhor desistir!

- Ufa! Ainda bem! - disse Gabi.

- Mas e agora? A gente tenta ir até o outro ponto ou voltamos? - perguntou Miro.

- Que horas são? - perguntou Julio.

- Umas cinco e meia! - respondeu Miro.

- Vamos embora, já está tarde e precisamos voltar enquanto é dia! - disse Gabi.

- Mas... - Miro começou a dizer algo, mas nesse momento começou a choviscar. Ele mesmo completou:

- Nada! Está chovendo, vamos embora!

- Ai, só faltava essa! - reclamou Julio.

- Pelo menos agora não tem mais mosquitos! - lembrou Miro.

- É verdade! - sorriu Gabi - E está muito calor, essa chuva até que está caindo bem!

Mas a chuva apertou. O que antes era um leve chuvisco se tornou uma forte chuarada. Eles correram para procurar abrigo, e conseguiram encontrar um arbusto cheio de samambaias com folhas largas, que oferecia uma proteção razoável contra a chuva. Ficaram ali esperando a chuva diminuir um pouco, mas o tempo passava e a chuva continuava. Estava escurecendo rápido, e eles ainda estavam bastante avançados na Trilha da Lua. Iriam demorar pelo menos uma hora para sair dela.

- Ai, nossos pais vão ficar uma fera conosco! - disse Gabi - Eles disseram pra gente voltar durante o dia! Será que não dá pra gente tentar ir embora? O que acha, Miro?

Miro saiu e olhou para cima, e viu que as nuvens estavam ficando um pouco mais claras. A chuva também parecia estar diminuindo um pouco. Ele disse:

- Tá bom, vamos!

Mas antes que pudessem se mexer, a floresta se iluminou com um brilho branco intenso. Poucos instantes depois, ouviram um enorme estrondo. Um relâmpago havia caído ali perto.

- Aaaaaaaaaa! Que sustoooooooo! - disse Gabi.

- Gente, fiquem abaixados! - disse Miro - Acho que é mais seguro esperar aqui mais um pouco.

Depois do relâmpago, a chuva começou a diminuir pra valer. Ouviram mais alguns relâmpagos, mas que iam ficando mais longe a cada estrondo. Até que vários minutos se passaram sem que se ouvisse nada. Eles decidiram retomar o caminho.

Depois de caminharem por um tempo, a chuva parou de vez. No começo foi bom, mas logo voltaram os mosquitos e o calor. Já era noite agora, e sem luz a caminhada era muito difícil. Eles estavam sofrendo com os tropeços e com as picadas de mosquito. Julio já tinha desistido de espantar os mosquitos, e Gabi choramingava o tempo todo, reclamando e desejando estar em casa.

Estavam seguindo na ordem de costume, com Miro na frente, seguido por Gabi e Julio. Miro olhava o caminho, e Gabi e Julio estavam mais preocupados em olhar para o chão, tentando não tropeçar. Em certo momento, Julio disse:

- Gente, sabe o que eu lembrei?

- O que, Julio? - perguntou Gabi.

- Hoje é a noite das bruxas! - respondeu Julio.

- É mesmo! - respondeu Gabi - Isso explica o nosso azar, as bruxas estão solt... Ai!

Miro tinha parado de repente. Gabi não percebeu e esbarrou em suas costas, quase derrubando-o. Mas logo em seguida veio Julio, que também não percebeu e esbarrou em Gabi e Miro, e todos caíram no chão.

- O que foi Miro? - perguntou Gabi, levantando-se - Por que parou?

- Olhem! - disse Miro.

Gabi e Julio levantaram os olhos e ficaram maravilhados. Estavam em um trecho mais aberto da trilha, onde as árvores não estavam tão próximas umas das outras. No meio das árvores, flutuando como centelhas brilhantes, centenas de vaga-lumes brilhavam com suas luzes fracas, mas muito visíveis na escuridão em que estavam. Julio nunca tinha visto algo tão bonito em sua vida. Gabi disse, emocionada:

- Que lindo!

- Nossa, é lindo mesmo, Gabi! - disse Julio.

- Bem-vindos à Trilha do Vaga-Lume! - disse Miro - Estamos com sorte, eu nunca tinha visto tantos assim! Deve ser por causa da chuva!

Ficaram ali por um tempo, admirando aquela estranha dança de luzes flutuantes. Algumas passavam muito perto deles, outras longe. Todas tinham o mesmo tom esverdeado. Um piscavam, acendendo e apagando rapidamente. Outras ficavam acesas por um tempo, depois sumiam, e voltavam a acender de novo. Era tão bonito que todos se esqueceram do calor, do cansaço e da coceira.

- Eu poderia ficar aqui a noite inteira! - disse Gabi.

- Eu também! - disse Miro.

- Gente, ali tem um super brilhante! - disse Julio, apontando.

- Eu tô vendo! E a luz dele é branca! - disse Gabi.

Miro olhou para a direção apontada por Julio e disse, desconfiado:

- Hum, aquilo ali não é vaga-lume!

- Não? Então é o que? - perguntou Julio.

- É uma lanterna! Vem vindo alguém! - disse Miro.

Os três ficaram quietos, enquanto a luz ficava cada vez mais brilhante. Depois começaram a ouvir passos se aproximando junto com a luz. Eles decidiram esperar, pois não podiam voltar, e também não iriam se arriscar a entrar na mata e se perder no escuro. Então ouviram uma voz, que perguntou:

- Quem está aí?

Não disseram nada. Ouviram novamente a voz, agora mais alta e ríspida:

- Eu ouvi conversas! Quem está aí, no escuro?

Miro decidiu responder:

- Somos crianças! Nós estamos aqui, na trilha!

Os passos ficaram cada vez mais perto, até que o forte brilho da lanterna ofuscou todas as luzes dos vaga-lumes, e eles não conseguiam ver mais nada. Colocaram as mãos nos olhos para se proteger da luz, mas não conseguiam ver quem era. Até que a lanterna foi apontada para o céu, e a voz disse:

- Oh, me desculpem por colocar a luz na cara de vocês! Vocês estão bem? Estão perdidos?

- Estamos bem! - disse Miro - Não estamos perdidos, só esquecemos de trazer lanterna! Não era pra ficarmos aqui até essa hora!

- Minha nossa! Tomem, eu empresto uma para vocês!

Ouviu-se um barulho de zíper sendo aberto, e uma nova luz se acendeu. Julio estendeu a mão e pegou a lanterna, apontando-a em seguida para o dono da voz misteriosa. Puderam então reconhecer quem era. Miro disse:

- Senhor Macedo! Que bom que é o senhor! Sou eu, o Miro!

- Miro? Crianças? Ah, são vocês! O que estão fazendo aqui?

- Nós viemos conhecer a Trilha do Vaga-Lume! - respondeu Julio, sem querer contar sobre o mapa.

- Ah, certo... - disse Macedo, parecendo desconfiado.

- E o senhor? O que faz aqui a essa hora? - perguntou Miro.

- É que caiu um raio aqui por perto! - respondeu Macedo - Eu vim dar uma olhada para ver se não pegou fogo em algum pedaço da mata! Pode ser perigoso, causar um incêndio!

- Mas estava chovendo! Não poderia pegar fogo durante a chuva, poderia? - perguntou Julio.

Macedo olhou para Julio e deu um sorriso, antes de responder:

- Garoto, o calor de um raio é tão grande que pode acender um fogo mesmo com a chuva, não sabia?

Julio não falou nada. Gabi, que tinha ficado quieta o tempo todo, tinha voltado a se coçar. Macedo apontou a lanterna para ela e disse:

- Vocês levaram muitas picadas de mosquito?

- Um monte! - respondeu Gabi.

- É, está cheio de mosquitos por aqui ultimamente! Vou lhes dar algo!

Ele abriu novamente o zíper da mochila e tirou um punhado de saquinhos plásticos, cada um com uma pulseira colorida.

- Tomem! São pulseiras repelentes! Usem no pulso ou tornozelo e os mosquitos não irão se aproximar!

- E funciona? - perguntou Miro.

Macedo levantou o pulso, sacudindo-o, e mostrou que ele próprio estava usando uma pulseira. Ele disse, sorrindo:

- Não levei uma picada desde que comecei a usar!

Os três abriram um saquinho cada um e colocaram as pulseiras. Imediatamente sentiram os mosquitos se afastarem e o zumbido nos ouvidos diminuir.

- Bom, a gente precisa ir! Obrigado, senhor Macedo, pela lanterna e pelas pulseiras!

- De nada Miro! Querem que eu acompanhe vocês até em casa?

- Não, obrigado! - respondeu Miro.

Despediram-se e recomeçaram a caminhar. Macedo acompanhou-os com os olhos por um tempo, e depois também retomou seu caminho floresta adentro.

Logo chegaram ao começo da Trilha do Vaga-Lume, no caminho que levava da estrada até a prainha. Caminharam mais alguns minutos e chegaram à estrada. Ela tinha postes de iluminação, mas estavam apagados, o que significava que a região estava sem energia elétrica. Seguiram pela estrada,

passando pelo bar, pelo pesqueiro, e logo estavam no portão da casa de Miro. Julio e Gabi despediram-se dele e foram até sua casa, que estava toda apagada. Uma luz tênue indicava que seus pais estavam na sala iluminada por velas. Entraram pela porta e foram recebidos com alívio:

- Até que enfim! Por que demoraram tanto? - perguntou Fabiana.

- A gente ficou preso num lugar por causa da chuva - respondeu Julio.

- É, e caiu um raio! E a gente estava com medo de voltar e cair outros raios na nossa cabeça! - disse Gabi, com olhar pedindo desculpas.

Os adultos foram então cuidar dos dois. Daniela preparou-lhes um banho quente na banheira, com água aquecida no fogão, enquanto André colocava a mesa para jantarem. Naquele momento, a chuva voltou a cair forte. Depois do banho, Fabiana passou um creme para aliviar as picadas de mosquitos, e a coceira diminuiu um pouco.

Era um jantar simples, macarrão com almôndegas, mas Julio e Gabi acharam que era a comida mais deliciosa do mundo, pois estavam com muita fome. Comeram todo o prato e repetiram duas vezes, antes de irem para a sala para descansar um pouco.

Alessandro perguntou-lhes sobre o que tinham feito e até onde tinham ido. Julio e Gabi contaram que seguiram as trilhas, falaram sobre o túmulo, e ficaram muito empolgados ao contar sobre os vaga-lumes. André ficou muito interessado pelas pulseiras repelentes, pois ele também vivia sendo incomodado pelos mosquitos. Abriu um saquinho e começou a usar uma imediatamente. Os outros não quiseram usar.

Mas as explicações das crianças ficaram cada vez mais curtas, à medida que elas começaram a abrir a boca para bocejar frequentemente. A chuva lá fora e a luz das velas deixava o ambiente muito aconchegante. Tão aconchegante que os dois adormeceram ali mesmo, no sofá da sala. Foram levados, cada um por seu pai, até as suas camas, onde depois daquele dia cansativo dormiram um sono merecido e restaurador.

Domingo, 1 de novembro
09h18min

A energia elétrica ainda não tinha voltado, e a chuva ainda não tinha parado. Julio e Gabi já estavam acordados e tomando café da manhã. Os adultos discutiam a falta de energia. Decidiram que depois do café, André e Fabiana iriam até a vila para saber se havia alguma previsão para a energia voltar. Alessandro e Daniela ficariam na casa tomando conta das crianças. Gabi protestou:

- Não precisa mãe, a gente fica com o Miro!

- Ué, mesmo assim! Precisa ficar alguém aqui em casa, né? - disse Daniela.

- Além disso, - continuou Alessandro - a gente não ia dar uma arrumada na biblioteca?

- É mesmo! - disse Julio - A gente tem que descobrir como abrir a sala secreta!

- Bom, isso já é com vocês! - respondeu Alessandro - Eu queria dar uma olhada nos livros para ver se não tem nada interessante. Aposto que tem algumas preciosidades aí!

Depois de terminarem o café, os adultos foram arrumar a mesa, enquanto Julio e Gabi foram correndo até a

biblioteca. Eles abriram as janelas, e mesmo o dia estando mais escuro por causa da forte chuva, o local ficou bastante iluminado. Começaram a tirar os livros das prateleiras e colocá-los no chão, em pilhas, mas sem muita organização. Depois de um tempo, ouviram André e Fabiana saindo da casa, e Alessandro veio se juntar a eles. Ele disse:

- Gente, vamos tentar não fazer bagunça, né?

- Tá bom, tio! - disse Julio.

- Nossa, quanta coisa legal tem aqui! - disse Alessandro, pegando os livros e olhando com calma um a um.

- Pai, ajuda a gente a pegar aqueles mais altos? - pediu Gabi - A gente não alcança!

Alessandro parecia não ouvir. Ele começou a folhear um livro sobre geografia. Ele disse, distraído:

- Ahã! Isso mesmo, boa ideia, Gabi! Nossa, vejam isso! Nesse livro ainda nem existia o estado do Tocantins! Que legal!

Julio e Gabi olharam um para o outro, deram de ombros e continuaram a tirar os livros do lugar. Já tinham esvaziado todas as prateleiras de uma das paredes, mas não encontraram nada especial. Fizeram o mesmo em outra parede, que tinha menos prateleiras pois era onde ficavam as janelas. Também não encontraram nada. A essa altura, Alessandro foi ajudá-los, retirando os livros que eles não alcançavam. Mas ele demorava muito, e ficava olhando demoradamente cada livro, examinando a capa, e às vezes várias folhas, antes de partir para o próximo. Julio e Gabi acabaram desistindo de sua ajuda e foram buscar uma pequena escada na despensa, que era o suficiente para que Julio, que era mais alto, conseguisse alcançar os livros mais altos. A ideia se mostrou boa, pois

Alessandro já tinha separado uma pilha de livros e levado para a sala, para ler.

Depois de mais algum tempo, todos os livros estavam no chão, e as prateleiras estavam todas vazias. Não havia nada de muito especial, exceto uma das prateleiras, que ficava na parede que separava a biblioteca do atelier. Nessa prateleira, havia separações individuais para os livros. Havia exatamente vinte e seis separações, uma para cada letra do alfabeto. Em cada separação, entalhada na própria madeira da prateleira, era possível ver a letra correspondente, começando pelo "A" e indo até o "Z".

- O que será isso, Julio? - perguntou Gabi.

- Eu acho que eu sei! Acho que essa prateleira era pra guardar uma enciclopédia! - respondeu Julio.

- Enciclo... que? - perguntou Gabi.

- Enciclopédia! - respondeu Julio - A minha professora falou que antes da Internet, as pessoas podiam aprender sobre as coisas em livros grandes. Cada livro tinha explicações sobre um monte de coisas diferentes, todas elas com a mesma letra.

- Ah é? Que legal! E a gente tirou esses livros da prateleira?

- Acho que sim! Vamos procurar!

Começaram a procurar pelo chão, e não demorou para encontrarem vários. Os livros da enciclopédia tinham uma capa dura na cor vermelho-escura, e cada um tinha uma letra dourada gravada em relevo na sua lombada. Gabi começou a folhear o livro que tinha a letra "F", enquanto Julio abriu o livro que tinha a letra "H".

- Nossa, tem tudo aqui! - disse Gabi - Sabe o que significa "fasmídeo"?

- O que? - perguntou Julio.

- É o bicho-pau! - respondeu Gabi, sorrindo.

- Ah! E você sabe o que significa "homin" ... "hominiano"? - perguntou Julio.

- O que?

- Que tem a forma de um ser humano!

- Legal!

Continuaram olhando os livros por um tempo, mas logo ficaram entediados. Julio subiu na escada e começou a olhar mais de perto a prateleira da enciclopédia. Notou que os livros pareciam se encaixar perfeitamente nas separações. Ele pegou um dos livros e colocou no lugar, e ouviu um pequeno "clique". Tentou pegar o mesmo livro e encaixar em um lugar diferente, e dessa vez não ouviu nada. Cada livro parecia se encaixar somente em sua própria separação e com a lombada para a frente. Ele disse:

- Olha, Gabi! Vem ver uma coisa!

Ela se aproximou e prestou atenção enquanto Julio encaixava o livro no seu lugar e produzia o "clique".

- Ouviu? - ele perguntou.

- Ouvi! - ela respondeu, animada - Vamos tentar colocar os outros!

Eles começaram a encaixar cada livro em seu lugar. Notaram que a capa dura dos livros tinha, no lado que ficava para baixo, um pequeno relevo. Cada livro tinha um desenho diferente nesse relevo, e que correspondia exatamente a um desenho na prateleira. Era isso que fazia cada livro se encaixar somente em seu próprio lugar. Também notaram

que, depois de encaixados, bastava apertar a lombada com o dedo para que o "clique" pudesse ser escutado.

- Parece que tem uns botões aqui atrás! - disse Julio.

- É, e com essas letras, fica parecendo um teclado! - disse Gabi.

- Gabi, é isso!

- O que?

- A gente tem que apertar as letras certas para abrir a sala! Esse é o segredo da biblioteca!

- Uia, deve ser isso mesmo!

- Anda, vamos colocar todos os livros nos lugares certos!

Começaram a revirar os livros no chão, em busca de todos os vinte e seis livros da enciclopédia. Encontraram quase todos, mas ficaram faltando as letras "A", "B" e "S". Continuaram procurando, mas depois de um tempo a bagunça estava tão grande que não conseguiam encontrar mais nada. Resolveram então colocar todos os outros livros de volta nas prateleiras, para ter certeza de que encontrariam aqueles que estavam procurando. Enquanto faziam isso, Miro chegou e começou a ajudá-los. Em pouco tempo todos os livros tinham sido guardados, mas aqueles que faltavam não tinham aparecido.

- Mas será que precisa de todas as letras? - perguntou Miro.

- Sei lá! - respondeu Julio - Está faltando a letra "A", que tem em quase todas as palavras, né?

- Vamos tentar! - disse Gabi.

Eles começaram a apertar os livros, produzindo "cliques" à medida que várias palavras eram tentadas. Mas

eles não sabiam se tinham que apertar todas as letras ao mesmo tempo, ou se tinham que apertar na ordem certa, um livro depois do outro. Também não sabiam qual era a palavra certa, então acabaram desistindo. Ficaram muito desanimados, pois tinham certeza de que o segredo para abrir a sala secreta estava ali, naquela prateleira.

Foram depois até a sala, onde Alessandro continuava lendo livros e Daniela folheava uma revista. Começaram a jogar cartas, até que chegou a hora do almoço. Fabiana e André chegaram a tempo de comer, trazendo notícias de que a energia seria restaurada em poucas horas, pois estavam consertando um equipamento que tinha sido queimado pelo raio.

Depois do almoço, a chuva diminuiu um pouco, mas ainda não parou de vez. Julio e Gabi foram até a casa de Miro, onde brincaram a tarde toda. No final da tarde, a energia voltou e a chuva parou. Alberta convidou a todos para jantarem ali. A janta foi bastante animada, e a comida estava muito gostosa. Quando todos foram se despedir, viram que o céu estava limpo e estrelado, e a lua cheia brilhava. Miro, Julio e Gabi então combinaram de acordar bem cedo no dia seguinte para tentar encontrar o terceiro ponto do mapa. Dessa vez, levariam lanternas, capas de chuva e, é claro, as pulseiras repelentes.

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 4

Segunda-feira, 2 de novembro
07h02min

Dessa vez saíram bem mais cedo, mas o dia já estava ensolarado e quente. Começaram a caminhada andando rápido, pois queriam chegar logo ao local, já prevendo que teriam dificuldades para achar a entrada. Foram pela estrada, até o pesqueiro. Depois passaram pelo bar e pegaram o caminho até a prainha. Antes de chegar à prainha, entraram na Trilha do Vaga-Lume, que estava bem mais agradável sem o incômodo zumbido nos ouvidos e as picadas causadas pelos mosquitos. As pulseiras repelentes estavam funcionando muito bem.

Tinham decidido ir primeiro até o terceiro ponto do mapa, que ficava mais longe, perto da curva do rio, e depois, na volta, tentar encontrar novamente a entrada para o segundo ponto. Depois de cerca de duas horas de caminhada, a trilha voltou a ficar fechada e difícil. Miro tinha que usar o facão a todo momento, e todos ficavam tropeçando constantemente. Quando a trilha começou a fazer uma curva para a esquerda, Miro achou que estavam chegando perto. Decidiram entrar na mata e tentar chegar até o rio.

A caminhada pela mata não era muito mais difícil do que a trilha fechada, mas avançavam muito devagar. Depois de algum tempo, o terreno começou a ficar íngreme. Estavam em um terreno mais alto, e podiam ouvir o barulho do rio. Miro calculou que deveriam estar a uns dez ou quinze metros acima do nível da água. Em determinado momento, chegaram a um barranco alto, quase impossível de descer a pé. Decidiram contornar o barranco, indo para a esquerda, em busca de uma descida menos íngreme.

Andaram por alguns minutos, até que encontraram um outro caminho, vindo da esquerda, provavelmente da Trilha do Vaga-Lume. Esse caminho continuava pela direita, barranco abaixo. Ali o barranco era menos íngreme, mas ainda assim parecia alto e perigoso.

Julio olhou e viu que mais à frente havia um local mais alto. Foi até lá e percebeu que daquele ponto ele conseguia ver bastante coisa. Estava realmente a uns dez metros de altura, como Miro tinha previsto. Conseguiu ver o rio lá embaixo, e uma grande área plana que ia do barranco até a margem do rio. No meio da área, viu uma escultura estranha saindo da terra. Espalhadas pelo terreno, viu também muitas pedras quadradas no chão. Mas como estava longe não conseguia ver muitos detalhes. Depois de algum tempo, Miro disse:

- Acho que dá pra descer a pé, mas é mais seguro usar a corda! Me ajudem aqui.

Pegaram a corda que tinham trazido e a amarraram em uma árvore grossa que havia ali perto. Jogaram a outra ponta para baixo e a acompanharam com os olhos enquanto ela se desenrolava pelo barranco. Quando a corda finalmente tocou o chão lá embaixo, Miro deu alguns puxões, certificando-se de que estava bem amarrada na árvore. Satisfeito, ele concluiu que era seguro descer.

Julio foi primeiro. Agarrando-se à corda, ele foi deslizando devagar, até sentir seus pés se apoiarem no chão. Gabi foi em seguida, e também não teve muita dificuldade. Miro foi por último.

Eles se espalharam e começaram a explorar o lugar. Foram primeiro examinar aquelas pedras quadradas no chão. Eram pequenas, com cerca de cinquenta centímetros de

largura, e cada uma tinha um número entalhado. A princípio, não parecia haver muita lógica nos números: "trinta e dois", "vinte e cinco", "doze", "nove", e outros. Mas eles então perceberam que os números ficavam menores à medida que se aproximavam da estranha escultura.

A escultura não se parecia com nada que já tinham visto. Havia três pontas compridas, lisas e curvas saindo da terra, parecendo chifres. Um dos chifres era maior, com cerca de um metro de altura, e apontava na direção do rio. Os outros chifres eram menores e apontavam na direção contrária. O chifre do meio tinha a metade do tamanho do maior, e o outro era bem pequeno, com cerca de vinte centímetros de altura. Depois de chegarem bem perto, viram um quarto chifre, muito pequeno, e que estava quase que totalmente enterrado no chão.

Os chifres pareciam ser feitos de uma pedra esquisita. Era uma pedra dura e preta, porém bastante leve. Um dos chifres - o de tamanho médio - estava com a ponta quebrada. Julio viu que o pedaço que faltava estava no chão, perto dali. Ele o pegou e guardou na mochila.

Continuaram explorando o lugar. Viram que do outro lado da escultura havia mais pedras quadradas no chão, todas elas marcadas com números que aumentavam à medida que se afastavam da escultura. O cenário se repetia até a margem do rio.

Eles ficaram parados, observando a correnteza. O rio ali era muito parecido com o rio da prainha, mas havia mais correnteza. Era igualmente largo, e as águas eram bastante escuras, mas parecia ser mais fundo. Conforme já tinham visto no mapa, o rio fazia uma grande curva para a esquerda, desaparecendo de vista a poucos metros de ambos os lados.

Decidiram comer um lanche ali mesmo, antes de ir embora. Sentaram-se na margem do rio e começaram a comer bolachas e tomar água das garrafas. Gabi disse:

- Bom, então é isso?

- Pois é, não tem nada de mais né? - disse Julio.

- Eu achei interessante! - disse Gabi - O que serão essas pedras esquisitas?

- Sei lá! Eu nunca tinha ouvido falar de nada parecido por aqui! - disse Miro.

- Credo, quase tudo aqui é misterioso! Vocês não se cansam de tanto mistério, Miro? - disse Gabi, rindo.

Eles terminaram de comer e começaram o caminho de volta. Julio se lembrou de tirar fotos do lugar com o celular, antes de ir embora. A subida pelo barranco foi meio demorada. Tinham que apoiar bem os pés e segurar a corda com força, mas eles conseguiram subir. Estando em cima, puxaram a corda de volta e a guardaram em uma das mochilas.

O caminho de volta foi mais fácil, pois a maioria dos galhos já tinha sido removida durante a ida. Em pouco tempo chegaram até o ponto onde Miro achava que ficaria a entrada para o segundo ponto do mapa. Ficaram mais uma vez dando voltas, entrando e saindo da mata, mas sem conseguir encontrar nada. Depois de algum tempo, todos concordaram em desistir de vez de encontrar o segundo ponto de interrogação. Em pouco menos de duas horas estavam novamente em casa.

Segunda-feira, 2 de novembro
20h29min

Todos estavam se arrumando para uma festa que haveria na vila, em homenagem ao dia dos mortos.

- Quem faz festa para gente morta? - perguntou Gabi, enquanto a mãe penteava seus cabelos.

- Não é uma festa para gente morta! - explicou Daniela - É uma festa para celebrar a memória daqueles que já se foram! É um jeito das pessoas matarem um pouco a saudade e homenagear seus entes queridos.

Miro e Alberta estavam prontos e esperavam na sala. Em pouco tempo estavam todos na estrada. A noite estava fresca, e o céu estava iluminado pela lua cheia, que brilhava intensamente, tornando a caminhada bastante agradável.

As crianças iam na frente, discutindo animadamente o que os esperava na festa. Miro explicou que haveria dança, comida e muitas brincadeiras, pois quase todas as crianças da região estariam ali. Julio e Gabi estavam animados por conhecer os amigos de Miro. Os adultos iam atrás, e também estavam animados e ansiosos pelos doces e salgados caseiros que, segundo Alberta, seriam servidos na festa.

Chegaram à vila e foram saudados por uma música animada e muitos enfeites pelas ruas. A festa estava acontecendo na praça que ficava em frente à igreja. Ali havia um palco, onde um conjunto tocava música sertaneja. Em frente ao palco, muitos casais e pessoas de todas as idades dançavam ao som do ritmo contagiante. Havia mesas por toda a praça, e barracas com comidas em toda a volta.

A festa estava deliciosa. No começo, acomodaram-se em duas mesas que estavam vazias, mas ninguém ficou

sentado por muito tempo. Os adultos logo foram se servir da deliciosa comida e bebida, enquanto as crianças saíram para brincar. Miro apresentou Julio e Gabi a alguns amigos seus, que se mostraram muito simpáticos. Em pouco tempo todos brincavam como se sempre tivessem sido melhores amigos. De vez em quando, Miro, Julio e Gabi voltavam às mesas para pegar algum doce ou salgado, mas logo retornavam à correria e às brincadeiras. Depois de algum tempo, não aguentavam mais comer, e ninguém mais permanecia sentado. Estavam todos dançando animadamente ao som da música alta que ressoava por toda a vila.

A festa durou bastante, cerca de quatro horas. A animação só foi diminuindo depois que o conjunto acabou sua apresentação. Aos poucos, as pessoas começavam a abandonar o lugar e voltar para suas casas. Quando o lugar já estava mais vazio, Julio reconheceu Macedo, sentado em uma mesa próxima junto com outras pessoas. Seus olhares se cruzaram, e Macedo acenou, sorridente. Depois ele retomou à sua conversa.

Mais tarde, quando os pais de Julio e Gabi começavam a querer ir embora da festa, Macedo se aproximou. Ele saudou a todos com um cumprimento animado, e disse:

- Olá pessoal! Estão se divertindo?

- Sim, senhor Macedo! Está tudo muito gostoso! - respondeu Fabiana - O povo desta região é muito hospitaleiro!

- É sim! Esta foi uma das razões que me fizeram ficar aqui, quando cheguei de outra cidade!

- Ah, muito obrigado pelas pulseiras! - disse André, sacudindo o braço e mostrando que ele estava usando uma

pulseira repelente - As crianças disseram que você deu algumas a elas.

- Sim, sim! Está tendo muito mosquito por aqui! Eu não consigo ficar sem!

- Pois é, só eu estou usando aqui em casa! Eu e as crianças, é claro! - respondeu André.

- Ué, nós não temos culpa se os mosquitos preferem você, André! Ah! Ah! Ah! - caçoou Fabiana.

- E obrigado também pela caixa com as coisas da Dona Olívia! - disse Daniela.

- Ah, bem lembrado! Eu achei mais um livro lá em casa que era dela! Vocês não querem esperar um pouco enquanto eu vou buscar? - disse Macedo.

Julio, Gabi e Miro se entreolharam. Ele tinha dito livro? Poderia ser um dos livros da enciclopédia que estavam faltando?

- Não, não precisa se incomodar! - disse Alessandro - Outro dia a gente pega!

Julio deu uma cotovelada em Miro, que rapidamente disse:

- Eu posso passar amanhã e pegar depois da escola, senhor Macedo!

- Ah, ótimo Miro! Pode passar, estarei esperando! - disse Macedo - Bom, eu vou indo então, até mais!

Despediram-se de Macedo, e eles também começaram a caminhada de volta para casa. Na estrada, os adultos ainda estavam animados. Cantarolavam trechos das músicas que haviam sido tocadas durante a festa, e de vez em quando repetiam um ou dois passos de dança. As crianças estavam cansadas, e desta vez ficaram para trás, conversando.

- Miro, você tem aula amanhã? - perguntou Gabi.

- Ué, tenho, por que?

- Só é feriado na nossa cidade, Gabi! - explicou Julio.

- Ah, é! Que chato, você vai ficar o dia inteiro na escola?

- Não, é só de manhã!

- Que bom! Não esquece de pegar o livro, hein?

- Pode deixar! E eu vou dar uma passada na biblioteca pra tentar encontrar alguma coisa sobre aquela estranha escultura que a gente achou. Deve ser algo indígena, vou procurar livros sobre índios da região.

- Ótima ideia, Miro! - disse Julio.

- Ai, será que vai ser um dos livros que estão faltando? - perguntou Gabi.

- Tomara que seja! - disse Julio - Mas e os outros, hein? Onde será que estão?

- Podem ter se perdido! - disse Miro.

Chegaram em poucos minutos. Miro e Alberta seguiram em frente até a sua casa, enquanto os demais entravam na chácara da Dona Olívia. A Lua cheia estava muito brilhante ainda, de modo que não precisavam fazer muito esforço para enxergar o caminho até a porta. Mas ao entrar em casa, todos levaram um susto. Em uma mesinha ao lado do sofá da sala, perto da janela, havia uma luz muito forte, brilhante. Gabi deu um grito e agarrou a perna da sua mãe:

- Mãããããããã, o que é aquilo?

- Não sei! Que luz é essa, gente?

André disse:

- Peraí, acho que ...

Ele se aproximou do brilho, e o pegou nas mãos. Ao ser afastado da janela, o brilho imediatamente se apagou.

- Ah, é a pedra fosforescente que o Julio trouxe outro dia! - ele disse, tranquilizando a todos.

- Ufa! - disseram todos, relaxando.

- Mas não era tão brilhante antes! - disse Julio, também se aproximando.

- Deve ser por causa da Lua cheia! Ela brilha com a luz da Lua, não é? - perguntou Alessandro.

- Deixa eu ver, pai! - e Julio pegou a pedra.

Imediatamente sentiu algo diferente. A pedra estava molhada.

- Pai, suas mãos estão molhadas?

- Não, é a pedra que está molhada, eu também reparei.

Eles olharam para a mesa e viram um círculo de água onde a pedra estava colocada.

- Nossa, que esquisito! Foi a pedra que soltou essa água toda?

- Deixa eu ver! - disse Daniela, pegando a pedra nas mãos. Depois de examiná-la por um tempo, ela disse:

- O material é bastante poroso, deve absorver a umidade do ar! Mas tem muita água aqui, que estranho!

- Será que quando ela brilha junta mais água? - perguntou Gabi.

- Acho que não, filha! Eu pelo menos nunca ouvi falar de um material assim! - respondeu Daniela.

- Então a pedra é mágica! Eu não falei, Julio? - disse Gabi, triunfante.

- Deixe de bobagens, Gabriela! - disse Alessandro - Não existe magia!

Daniela devolveu a pedra para Julio e Gabi, que ficaram brincando de colocar a pedra sob o luar para ver seu brilho aumentando e diminuindo. Até que seus pais os mandaram ir deitar. Julio ia obedecer, e recolocou a pedra na mesa. Mas ao fazê-lo, derrubou outra coisa que estava ali. Era a outra pedra, o pedaço de chifre que ele tinha trazido naquela manhã. O pedaço caiu no chão e lascou. Imediatamente um brilho intenso apareceu no lugar quebrado.

- Olha só! É feita do mesmo material, Gabi! - disse Julio - Também brilha com a luz da Lua! Mas está coberta de sujeira, então quase não dá pra ver!

- É aquele pedaço da escultura dos chifres que você achou no terceiro ponto do mapa? - perguntou Gabi.

- Sim! - respondeu Julio.

- Que legal! Então quer dizer que aquela escultura também é brilhante?

- Acho que sim!

- Então ela está brilhando desse jeito agora mesmo?

- Não, né? Os chifres estavam todos pretos, cobertos de sujeira!

- Mas se a gente for lá limpar, vão brilhar, não vão?

- Ai, Gabi, que ideia! Por que a gente iria perder tempo limpando aquilo?

- Ué, pra ver a magia acontecer!

- Que magia?

- A magia da pedra que brilha! - respondeu Gabi, sorrindo - Se uma pedrinha desse tamanho aqui brilha e produz água, imagina aquela escultura toda brilhando! A água iria jorrar aos montes!

Julio ficou imaginando aquela estranha escultura, com os chifres saindo da terra, brilhando intensamente à luz do luar, em um lugar afastado e no meio da floresta. Imaginou eles molhados, pingando água que escorria até o chão, molhando tudo ao redor. A imagem lhe pareceu muito estranha e um pouco assustadora. Mas Julio não pode evitar imaginar qual o propósito daquela escultura, e dos estranhos quadrados numerados ao seu redor. Talvez, no dia seguinte, quando Miro voltasse da biblioteca, descobrissem alguma coisa.

Foram se deitar, novamente cansados depois de um dia intenso de explorações e brincadeiras. Aqueles fins de semana na chácara estavam sendo, no final das contas, muito interessantes, divertidos, mas principalmente cansativos.

Terça-feira, 3 de novembro
13h17min

Julio e Gabi acordaram cedo, e logo começaram a se perguntar a todo momento se o livro que Miro traria da casa de Macedo seria um dos livros que faltavam na prateleira. Mas o tempo estava demorando muito para passar, então resolveram ir nadar na prainha, já que estava muito quente. Conseguiram convencer André, Alessandro e Fabiana a irem juntos. Apenas Daniela ficou, pois estava muito cansada depois de dançar a noite passada. Todos se divertiram bastante, e voltaram pouco antes do almoço.

Enquanto esperavam pela comida, Julio e Gabi resolveram tentar limpar aquele pedaço de chifre, mas estava muito difícil de remover a sujeira. Tentaram raspar com uma lixa que encontraram nos fundos da casa, mas a sujeira estava muito grudada. Tentaram também com uma faca e com uma chave de fenda, mas só conseguiam fazer riscos na sua superfície. Foi Alessandro quem deu a melhor ideia. Ele foi até a área de serviço e trouxe um resto de líquido limpapedras que havia em uma garrafa. Com muito cuidado, pois era um ácido muito forte, mergulharam a pedra em um pote com o líquido e em poucos minutos a sujeira toda saiu, deixando a pedra tão limpa e brilhante quanto a outra. Gabi pediu para que o pai lhe desse outra garrafa cheia, pensando em limpar aquela escultura, mas o líquido tinha acabado. Além disso, ele não queria que as crianças brincassem sozinhas com um produto tão perigoso.

Depois do almoço, Miro finalmente chegou. Ele trouxe uma mochila cheia de livros nas costas, mas foi logo avisando que o livro entregue por Macedo não era parte da enciclopédia. Era um livro comum, de história. Ele o entregou nas mãos de Julio, que o jogou no sofá, desanimado. Mas Miro os animou um pouco:

- Mas eu trouxe um monte de coisas pra gente investigar, olha só! - e esvaziou o conteúdo da mochila na mesinha que ficava em frente ao sofá da sala.

Havia livros, revistas e jornais, todos eles relacionados àquela região.

- Vamos ver se algum desses fala de índios ou de esculturas estranhas por aqui! - disse Miro, animado!

- Não é uma escultura indígena! - disse Julio - Esqueceu que tem um monte de números naquelas pedras quadradas? Os índios não sabiam escrever números, sabiam?

- Mas as pedras podem ter sido colocadas depois, não é? - respondeu Miro.

Julio não soube responder. Do pouco tempo que conhecia Miro, achava que ele era, às vezes, um pouco chato e relutante em admitir que estava errado. Mas ele quase sempre tinha razão em seus comentários, então Julio se convenceu a ajudar nas leituras.

As crianças ficaram bastante tempo lendo o material trazido por Miro, mas não conseguiram encontrar nada. Não havia registros de índios morando na região, e muito menos de esculturas parecidas com a que tinham visto. Apenas encontraram um artigo de jornal que falava de Frederico Borba, o cientista famoso que tinha morado naquela casa há muito tempo. O artigo mostrava uma coleção de estátuas trazidas por Frederico em sua última viagem à África. Mas nenhuma estátua se parecia com aquela escultura.

No fim da tarde, resolveram ir nadar um pouco na piscina da casa de Miro. Divertiram-se bastante e conseguiram, por um momento, esquecer aquele mistério todo. Mais uma vez, foram dormir cansados e tiveram uma noite tranquila.

Quarta-feira, 4 de novembro
15h21min

As crianças estavam andando pela estrada em direção à vila. Iriam com Miro à biblioteca devolver o material que ele tinha emprestado. Julio e Gabi estavam tristes, pois o feriado estava acabando. Em algumas horas, estariam nos seus

carros, indo de volta para sua casa. E no dia seguinte, teriam aula.

- Você é sortudo, Miro! Já voltou a sua aula ontem, então você já está acostumado! - disse Julio.

- Ah! Ah! Ah! - sorriu Miro - Engraçadinho! Vocês ficaram ontem e hoje descansando, só se divertindo, e eu é que sou sortudo?

- Mas pelo menos amanhã vai ser menos pior pra você do que pra gente! - disse Gabi.

- Isso não faz sentido! Além do mais, são só dois dias de aula, e depois já é fim de semana de novo! Aliás, vocês vão voltar para cá no próximo fim de semana? - perguntou Miro.

- Não sei! - disse Julio - A gente queria, mas acho que nossos pais vão querer ficar em casa pra descansar.

- Sei lá, hein? - disse Miro - Eles parecem estar adorando este lugar!

- Isso é verdade! - disse Gabi - Eu nunca tinha visto eles dançando igual eles dançaram na festa outro dia!

- Não vai ter outra festa não? - perguntou Julio.

- Não!

- Ah, que pena!

Chegaram à biblioteca, e Miro foi devolver o material emprestado. Ele se aproximou do balcão e colocou tudo ali para que a bibliotecária conferisse. Ela era uma senhora de meia-idade, com os cabelos grisalhos presos em um coque no alto da cabeça. Depois de guardar tudo, ela perguntou:

- Encontrou o que estava procurando, Miro? Queria achar uma escultura indígena, não é?

- É, mas não encontramos nada!

- Ah, que pena!

- Senhora? - disse Julio.

- Sim, querido? - ela respondeu, lançando para Julio um olhar amistoso sobre os óculos de meia-lua que usava.

- A gente achou um artigo sobre um cientista chamado Frederico Borba! A senhora conhece ele?

- Sim, é claro! Quase todos aqui o conhecem! Foi um cientista famoso, que morava aqui na região.

- É, ele morava na casa que era da nossa bisavó! - disse Gabi.

- Ah, então vocês são bisnetos da Dona Olívia? - ela perguntou, levantando as sobrancelhas.

- Sim! - respondeu Julio.

- Pois saibam que Frederico Borba fez coisas muito importantes. Temos muitos tratados escritos por ele aqui! Venham ver!

Ela os levou até uma sala mais afastada da biblioteca, onde havia muitos livros e objetos estranhos. Julio reconheceu uma das estátuas que apareciam no artigo de jornal.

- Ele trouxe essa estátua da África, não é? - perguntou Julio, apontando.

- Sim, você é muito observador! - respondeu a bibliotecária - Aqui temos vários objetos que representam a vida dele. Muitos deles fui eu mesma quem encontrou, sabem? - e ela deu uma piscadela, demonstrando um certo orgulho.

Ela os deixou sozinhos, explorando. A maioria das coisas que havia ali eram livros e coisas velhas sem nenhum destaque aparente. Eles logo ficaram entediados e foram olhar coisas mais interessantes. Julio foi até a seção de literatura infanto-juvenil, que ficava na sala ao lado, e se interessou por um livro que se chamava "O mistério do cinco estrelas". Era um livro de suspense policial, que Miro já tinha lido e dito que era muito legal. Julio até pensou em pegar emprestado com o cartão de Miro, mas desistiu, pois se eles não voltassem no fim de semana iria atrasar a devolução.

Continuaram ali por algum tempo, até que Julio viu algo que lhe chamou a atenção. Em uma prateleira muito alta, havia um livro de capa vermelho-escura com uma inscrição dourada na lombada. Ele chegou mais perto, mas não conseguiu enxergar direito. Então ele chamou a bibliotecária para que pegasse o livro para ele. Ela foi buscar uma escada, e trouxe o livro para baixo, entregando-o nas mãos de Julio. Ao tocar no livro, ele imediatamente deu um suspiro alto, chamando a atenção de Miro e Gabi, que estavam ali perto. Reconheceu um dos livros que faltavam na enciclopédia da biblioteca da sua bisavó.

Miro pegou o livro das mãos de Julio e perguntou:

- Mas será que é da mesma coleção? Não pode ser de outra?

Julio pegou o livro de volta e disse:

- É ele sim! Olha a letra "A" aqui. E olha a parte de baixo da capa!

Eles olharam e viram que o livro tinha o mesmo relevo que os outros, que provavelmente se encaixaria em seu lugar na prateleira, e faria o mesmo "clique" quando pressionado.

- Achamos! Achamos! - disse Gabi, dando gritinhos.

- Vamos levar ele emprestado! - disse Julio.

- Vamos! - disse Miro.

Mas ao pedirem à bibliotecária pelo empréstimo, ela disse:

- Sinto muito garotos, mas esse livro é somente para consulta. Ele não pode ser levado para casa!

- Ah, quebra esse galho pra gente! - disse Miro.

- Não posso, são as regras! - e ela pegou o livro de volta das mãos de Miro e o guardou atrás do balcão.

Saíram dali cabisbaixos. Tinham estado com o livro nas mãos, mas não podiam levá-lo. No caminho de volta para casa, ficaram imaginando formas para conseguir pegar o livro, mas não conseguiram pensar em nada que não fosse ilegal.

Já em casa, tentaram convencer os adultos a comprar o livro, mas nenhuma das inúmeras explicações conseguiu convencê-los. Apenas Alessandro se animou, não com a expectativa de abrir a sala secreta, mas sim com a ideia de possuir um exemplar tão antigo da enciclopédia. Contrariando a esposa Daniela, ele pegou o carro e foi até a vila para tentar comprar o livro, mas voltou desanimado, pois não tinha conseguido comprá-lo. Ele explicou:

- Acho que foi culpa minha. Eu deixei escapar que o livro fazia parte da coleção daqui da casa, e ao saber disso aquela bibliotecária maluca não quis mais saber de vender. Ela disse que, se o livro pertenceu a um tal de Frederico Borba, que morava aqui, é precioso demais para ser vendido. Vai passar a fazer parte da coleção dela.

- Ah, que droga! - disse Julio.

- Mas o livro era da bisa! - disse Gabi.

- Mas não é mais! Ela pode ter doado à biblioteca, não sabemos! Bom, eu tentei! Me desculpem, crianças!

- Tudo bem, pai! - disse Gabi.

Depois disso, o ânimo despencou ainda mais. A visão das malas sendo arrumadas deixou as crianças mais tristes do que nunca. Eles tentaram convencer os adultos a voltar no fim de semana dali a dois dias, mas eles não estavam muito dispostos. Depois de pouca conversa e muita briga, eles mandaram as crianças sentarem no sofá e ficarem quietas, como castigo. Miro ficou sem graça com o clima pesado e despediu-se de todos, indo embora logo em seguida.

Julio se sentou em uma ponta do sofá e Gabi na outra. Estavam emburrados e não queriam conversar. Gabi ficou incomodada com o sofá, e viu que tinha sentado sobre algo duro. Tateou com a mão e viu que era o livro que Miro tinha trazido da casa do senhor Macedo. Ela o pegou, brava, e o jogou sobre a mesa, cruzando os braços logo em seguida. O livro caiu aberto, fazendo um grande barulho na mesa. Ela disse:

- Não entendo! Por que a gente não pode voltar?

- Gabi? - chamou Julio.

- Aqui é tão legal! Lá em casa a gente só fica indo no shopping, ou no clube...

- Gabi? - repetiu Julio.

- E eles gostam de ficar aqui, por que a gente...

- Gabi! - repetiu Julio, desta vez quase gritando.

- O que, Julio?

- Olha! - e ele apontou para a mesa.

Ao lado do livro aberto, jazia um velho pedaço de papel todo rasgado. Havia um mapa desenhado, e algumas coisas rabiscadas. Julio e Gabi se aproximaram para ver.

- É... é o que estou pensando? - perguntou Gabi.

- Depende, se você está pensando que esse é o terceiro pedaço do mapa da casa da nossa bisavó, e que ele tem mais uma pista pra gente abrir a sala secreta, é sim! - respondeu Julio, feliz.

- Iupiiii! - ela deu um gritinho.

Eles começaram a investigar o mapa, mas nesse momento, Daniela chamou os dois:

- Julio, Gabriela, vamos? Estamos fechando a casa!

- Aaaaah, mãe, agora? - disse Gabi.

- Sim, agora! - ela respondeu, brava.

- Depois a gente olha com calma, Gabi! Vamos embora!

Julio e Gabi foram para fora da casa e entraram nos carros. Os adultos terminaram de colocar as bagagens e logo estavam levantando poeira da pequena estrada de terra, rumo de volta para casa.

Quinta-feira, 5 de novembro

13h02min

Julio despediu-se do pai e entrou na escola. Estava muito desanimado e sem vontade alguma de assistir às aulas. Mas não era o único. Todos estavam ainda tristes pelo fim do feriado. As aulas daquele dia foram muito chatas. Ninguém queria prestar atenção, e todos ficavam conversando e interrompendo a aula constantemente. Queriam conversar

sobre o que tinham feito. Uns foram viajar, outros ficaram na cidade, mas foram ao cinema, ao clube, andar de bicicleta ou jogar bola. Julio ficou quieto, pois ainda não queria contar para ninguém sobre a chácara.

Ele ficou o tempo todo pensando sobre o mistério da chácara. Havia muitas coisas para pensar - as pedras que brilham, a escultura misteriosa, além, é claro, da sala secreta. O pedaço de mapa que eles tinham encontrado por último não tinha nenhuma dica sobre como abrir a sala, mas tinha algo. Algo que ele queria discutir com Gabi. Mas só encontraria a prima na noite seguinte.

O intervalo foi igualmente chato. Todos tinham muitas coisas para contar e Julio estava começando a se interessar. Mas de repente começaram a falar de futebol. Aparentemente, o time tinha se reunido todos os dias do feriado para treinar e estavam ficando cada vez mais entrosados sem a presença de Julio. Fernando, que não estava na cidade na semana passada, tinha também voltado ao time e estava animadamente discutindo as táticas para o próximo jogo.

Julio decidiu comer seu lanche na sala de aula. Terminou-o rapidamente e esperou pelo reinício das aulas. O período depois do intervalo também demorou a passar. Nem o professor parecia estar com muita vontade naquele dia, pois passou várias tarefas de leitura e exercícios para os alunos e ficou sentado na mesa.

Por fim, tocou o sinal e Julio pode ir para casa. Fez sua lição e jantou, e aproveitou para tentar convencer os pais a ir para a chácara no dia seguinte, mas eles não se deixaram convencer. Enfim ele tomou banho e foi dormir.

Sexta-feira, 6 de novembro
15h35min

Era hora do intervalo, e todos estavam animados, pois mal tinha começado e a semana já estava acabando. A maioria estava combinando de fazer alguma coisa no fim de semana, mas Julio não estava com vontade de fazer nada:

- Não, gente, eu vou ficar em casa!

- Mas Julio, - disse Pedro - você não quer ir andar de bicicleta com a gente? No feriado nós...

- Não, valeu! - interrompeu Julio.

- Por que, cara? - perguntou Pedro.

- É, você está bravo com a gente? É por causa do Fernando? Ele não vai! - disse Miguel, olhando para os lados para se certificar de que Fernando não estava por perto.

- Não, gente, não tô bravo não! - respondeu Julio - É que...

Todos prestavam atenção, quietos. Julio não queria mentir, mas também não queria contar a verdade. Só que acima de tudo, ele não queria perder os amigos. Enfim disse:

- Tá bom, eu vou!

- É isso aí! - comemorou Pedro - No sábado nós vamos no parque, e no domingo acho que vamos no horto!

- No sábado não dá, minha prima vai lá em casa! - disse Julio.

- E daí? Deixa ela lá, ué? - disse Miguel, rindo.

- Claro que não, pô! Ela é minha prima! - disse Julio.

- Tá bom, tá bom, desculpa!

- Então tá! - disse Pedro - No domingo a gente se encontra na minha casa, valendo?

- Valendo! - disseram todos.

O intervalo terminou e o restante das aulas passou voando. Julio ficou feliz quando viu o carro de sua tia, com Gabi no banco traseiro, parado na frente da escola.

- Oi tia!

- Oi querido! Eu vim buscar você hoje, a Gabi vai dormir na sua casa.

- Tá! Oi Gabi!

- Oi! - ela respondeu, brava. Mas Julio não percebeu. Ele entrou no carro e, soltando um suspiro, disse à prima:

- Ufa! Esses dois dias demoraram um bocado pra passar né Gabi?

- Hunf! - ela disse, cruzando os braços.

- O que foi, por que você está brava?

- Se demoraram um bocado pra você, imagine pra mim! Você nem me deixou ver aquele mapa direito! Estou morrendo de curiosidade, desde quarta-feira!

- Ah, desculpa, mas não deu né?

Ela virou o rosto. Julio disse:

- Está lá em casa! Já já eu te mostro, tem uma pista nova lá!

Gabi continuou sem olhar para Julio. Mas ele percebeu sua curiosidade aumentando. Ele provocou ainda mais:

- Tem uma coisa no quintal da casa da bisá!

Gabi não aguentou. Ela se virou e disse, sorrindo:

- O que? O que?

- Calma! - disse Julio, sorrindo - Você já vai ver quando chegarmos em casa!

Ela deu uma risada e bateu palmas, ansiosa. Nesse momento, Daniela acelerou o carro e entrou em uma avenida movimentada. O trânsito estava relativamente fraco, o que significava que em poucos minutos estariam em casa.

Sexta-feira, 6 de novembro

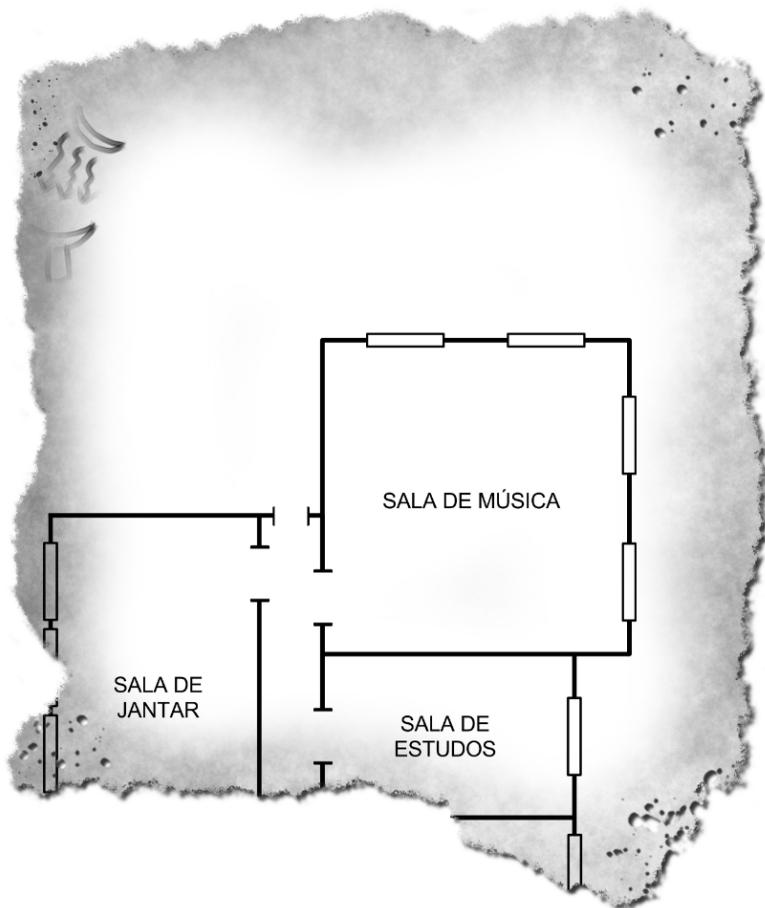
20h12min

- Uau! Uau! Que legal! - disse Gabi.

- Ah, não é tão legal assim! - disse Julio - Nem descobrimos como abrir a sala secreta!

- Como não é legal? Isso aqui estava no quintal da casa, na nossa frente, e a gente nem desconfiou!

Estavam olhando o terceiro pedaço do mapa da casa, que tinham encontrado no livro devolvido por Macedo. Assim como os outros, o mapa estava num papel bastante envelhecido, e tinha alguns rabiscos feitos a lápis, no canto. Os rabiscos estavam quase desaparecendo, mas ainda era bastante visível do que se tratava.



- Bem que eu achei que aquela estátua no quintal era meio estranha! - disse Gabi, apontando para o rabisco no mapa, que ficava exatamente no lugar onde havia uma escultura de uma mulher sobre uma bacia. Só que, desenhado no mapa, não havia mulher alguma, somente a bacia.

- É, aquela bacia não combina com o resto da escultura, né? A mulher deve ter sido colocada depois, para disfarçar! - disse Julio.

- E você acha mesmo que ela brilha com a luz da Lua? - perguntou Gabi.

- É o que tá parecendo, pelo desenho! Olha, tem um desenho da Lua, e uns raios de luz aqui! - respondeu Julio.

- Que legal! Quando a gente voltar lá eu quero ver a estátua brilhando! - disse Gabi.

- Mas ela não vai brilhar! Está suja, provavelmente vamos ter que limpar!

- Então a gente limpa, ué?

- Com o que? Seu pai não vai deixar a gente usar aquele limpa-pedras!

- É mesmo! - disse Gabi, mais desanimada - Ah, mas a gente dá um jeito!

Continuaram olhando o mapa, mas não havia muito mais o que discutir. Como Julio já tinha percebido, aquela dica não servia para muita coisa.

Julio e Gabi já tinham tomado banho e jantado. A convite de Fabiana, foram assistir a um filme antes de se deitar. O filme era de terror, sobre zumbis, mas nem Gabi nem Julio ficaram com medo. Foram se deitar rindo dos efeitos especiais toscos do filme, que deixavam os zumbis parecendo bonecos feitos de borracha.

Sábado-feira, 7 de novembro
09h48min

Julio e Gabi estavam em frente ao computador, esperando por uma ligação. Um pouco mais cedo, Miro havia mandado uma mensagem de texto para o celular de Fabiana, dizendo que queria conversar com Julio pela Internet. Tão logo receberam o recado, Julio e Gabi foram correndo para o computador. Em pouco tempo ouviram o toque que indicava que Miro estava fazendo uma chamada de vídeo. Julio clicou sobre o botão verde que piscava na tela e o rosto de Miro apareceu no monitor.

- Oi Julio! - ele disse - Oh, oi Gabi, você também está aí? Que bom!

- Oi Miro! - disseram Julio e Gabi, juntos.

- O que é que manda? - disse Julio.

- Eu queria contar uma coisa pra vocês, que eu descobri ontem!

- A gente também queria contar uma coisa pra você! - disse Gabi, antecipando-se - Olha só!

Ela colocou o pedaço de mapa na frente da câmera. Demorou um pouco até que a imagem entrasse em foco. Ao perceber do que se tratava, Miro exclamou:

- Nossa! É mais um pedaço do mapa da casa da Dona Olívia? Onde encontraram?

- No livro que o senhor Macedo lhe deu! E que você trouxe para a gente na quinta-feira! - disse Julio.

- Que mancada! Eu nem pensei em abrir o livro! Mas e aí? O que tem de interessante nesse pedaço? Ele diz como abrir a sala secreta?

- Não! - disse Gabi - Mas tem um desenho daquela estátua da mulher na bacia, no quintal.

- É! - acrescentou Julio - E pelo jeito, a bacia também é feita de pedra que brilha com a luz da Lua!

- Hum! - disse Miro, pensativo - Muito interessante! Muito interessante mesmo! Essas pedras que brilham tem que ter algum significado! Esperem aí um pouco que vou escrever isso!

- Mas fala aí o que você ia contar pra gente! - disse Julio.

Miro demorou pra responder. Ainda estava de cabeça baixa anotando algo em um caderno. Ele enfim olhou novamente para a câmera e disse:

- Ah, sim! É o seguinte: ontem eu estava conversando com a minha professora, durante a aula, e perguntei sobre o tal de Frederico Borba, o cientista. Bom, aí ela começou a dar uma aula sobre o cara! Pelo jeito todo mundo na cidade adorava ele!

- E aí? - perguntou Gabi, ansiosa.

- E aí que ele fez várias contribuições para a ciência, com estudos sobre sociologia, principalmente estudos sobre índios brasileiros e tribos africanas. Ele era especialista em Vodou.

- Vodou? O que é isso? - perguntou Julio.

- É uma religião, muito antiga, praticada na África. Mas a professora não falou muitos detalhes sobre isso.

- E o que mais ela falou? - perguntou Gabi.

- Que o Frederico Borba, além de genial, era também meio maluco, principalmente quando ele foi ficando mais velho. Parece que ele começou a fazer uns experimentos

meio sem sentido, começou a tentar produzir poções mágicas, para crescer cabelo, para ficar forte, esse tipo de coisa, e aí ninguém mais parecia acreditar muito nele. Ele virou motivo de piada para o povo da cidade.

- Nossa! - disseram Gabi e Julio.

- E também ele se meteu em uma confusão. Lembram que vocês viram aquele cadeado no cemitério da vila? E que o senhor Macedo explicou que era porque alguém andava roubando os túmulos?

- Sim! - disse Julio.

- Então! Parece que em uma certa noite ele foi visto roubando um cadáver do cemitério! Ele foi até preso por causa disso!

- Credo! - disse Gabi.

- Pois é, eu não sabia disso! - disse Miro - E tem mais!

- O que? - perguntaram os dois.

- Há um mistério envolvendo ele! Ou melhor, havia um mistério, pois pelo menos para nós, não é mais mistério, acho!

- O que é, Miro? - perguntou Julio, ansioso - Fala logo, desembucha!

- Calma, vou falar! Depois que ele morreu, ninguém sabe onde ele foi enterrado! Ele não está em nenhum túmulo do cemitério da vila. Existem rumores de que ele foi enterrado na floresta, perto da casa onde morava!

Miro ficou quieto, esperando enquanto Julio e Gabi chegavam à mesma conclusão que ele. Julio então disse:

- Então aquele túmulo... que nós achamos... é onde está enterrado o Frederico Borba?

- Eu acho que sim! - disse Miro - Faz sentido, não faz?

- E por que ele não foi enterrado no cemitério, como todo mundo? - perguntou Gabi.

- A professora não disse! Mas se ele era meio maluco, e no final da vida ninguém mais queria acreditar nele, ele bem que pode ter deixado instruções para que fosse enterrado em segredo! - disse Miro.

- Uia! Que legal! Nós fomos os primeiros a resolver esse mistério? - perguntou Gabi.

- Na verdade não! - disse Miro - Esqueceram que nós só achamos aquele túmulo por causa do mapa da região? Quem quer que desenhou aquele mapa sabia que ali tinha um túmulo, e provavelmente deduziu que era o túmulo de Frederico Borba, já que esse mistério era conhecido por muita gente da cidade!

- Mas e se o mapa fosse do próprio Borba? - perguntou Julio.

- Não pode ser, o papel do mapa é muito mais novo, e está desenhado com caneta esferográfica, que nem existia naquela época! - disse Miro.

- Então alguém além da gente sabe que o túmulo é dele! - concluiu Julio.

- Sim, o mistério fica cada vez mais complicado, não acham? - perguntou Miro.

- Nossa, se fica! - disse Gabi, desabafando - Eu já nem lembro mais tudo que a gente descobriu por aí! Parece que em todo canto a gente acha alguma coisa!

- Pois é, Gabi! E é por isso que eu resolvi fazer isto aqui! - Miro mostrou um caderno cheio de anotações - Eu fiz

uma lista com todas as nossas descobertas! Que acham da gente revisar juntos pra ver se eu não esqueci de nada?

- Vamos! - disseram Julio e Gabi - Começa aí!

- Tá, começando pelo começo, então! Tem os mapas da casa da Dona Olívia. São bastante velhos, provavelmente da época do Borba. Mas tem uns rabiscos nele que parecem ser mais novos! E eles devem ter alguma relação com a sala secreta!

- E a gente não sabe o que tem na sala secreta, e nem como faz pra abri-la! - disse Julio.

- Mas tem um pedaço do mapa faltando! - disse Gabi - Nós encontramos três, ainda falta o pedaço que mostra a biblioteca e o atelier!

- Certo! - disse Miro - E aí a gente chega à minha segunda anotação aqui, - e mostrou novamente o caderno - que é sobre a biblioteca, onde fica a prateleira da enciclopédia. Aparentemente, o segredo para se abrir a sala secreta está naquela prateleira.

- Mas a gente não sabe qual é a palavra certa! - disse Gabi.

- E também tem três livros faltando! - disse Julio - As letras "A", "B" e "S".

- Confere! - disse Miro - E um desses livros está na biblioteca!

- Só que aquela bibliotecária chata não deixa a gente pegar! - disse Julio.

- É, a gente precisa pensar nisso! - disse Miro - Hum, agora minha terceira anotação é... o que significam as pedras que brilham? Encontramos a primeira na pedreira, o que faz sentido, pois lá é cheio de ... pedras!

- E a segunda é um pedaço daquela escultura com os chifres! - disse Julio - Ela também deve ser feita do mesmo material.

- E tem a bacia, é claro! - lembrou Gabi.

- Sim! Acabei de anotar aqui! - disse Miro.

- Isso eu posso perguntar pro meu professor! - disse Julio - Ele é geólogo! Ele pode saber alguma coisa sobre pedras que brilham com a luz da Lua.

- Gelógico? O que é isso? - perguntou Gabi.

- Geólogo, Gabi! É quem estuda a terra, o solo, as pedras, rochas, esse tipo de coisa que tem no chão! - respondeu Julio.

- Ah, tá! - ela disse, dando um sorriso.

Miro continuou:

- Agora minha quarta anotação é... o que tem no túmulo de Borba?

- Ué, é fácil! O corpo dele! - disse Gabi.

- Mas pode ter alguma coisa a mais! - disse Julio - Está cercado por grades e trancado por um portão e ... Ei! Esperem aí!

- O que foi, Julio? - perguntou Miro.

Julio se levantou correndo e foi até a mesa da cozinha. Abriu a bolsa da mãe e pegou o celular dela. Voltou correndo para o computador e começou a procurar pelas fotos que havia tirado. Encontrou as fotos do túmulo. Examinou-as até encontrar a foto que procurava. Ele enfim exclamou:

- Ahá!

- O que foi Julio, deixa eu ver? - perguntou Gabi.

- Aqui, Gabi, lembra que nós vimos umas pegadas dentro do túmulo? - perguntou Julio, mostrando o celular à prima.

- Hum, é mesmo! - disse Gabi.

- Bem lembrado, Julio! - disse Miro, fazendo mais uma anotação em seu caderno - Isso que dizer que alguém andou visitando o túmulo de Borba recentemente. Muito estranho, considerando que quase ninguém sabe que ele está enterrado lá!

- Será que é a mesma pessoa que desenhou o mapa? - perguntou Gabi.

- Não sei, mas isso nos traz à quinta anotação aqui! - disse Miro - O segundo ponto do mapa, que não conseguimos achar! O que será que tem lá?

- Bom, eu... - Julio estava com receio de dizer o que queria, mas tomou coragem e falou:

- É que você falou do mapa, e tem outra coisa...

- O que é? - perguntou Miro.

- É o tal de Macedo! - disse Julio - Eu não sei, aquele cara é esquisito!

- Que bobagem, Julio, é porque você não o conhece! - disse Miro.

- Pode ser, mas por que ele estava na trilha, na noite em que caiu o raio? Será que não foi ele quem desenhou aquele mapa com os pontos de interrogação? Será que ele não estava indo a um desses pontos?

Miro pensou um pouco, e então respondeu:

- Ele mesmo disse que estava procurando focos de incêndio! E por que você acha que foi ele quem desenhou o mapa?

- Ué, você achou o mapa na caixa que ele trouxe, não foi? - perguntou Julio.

- Sim, mas eram coisas da sua bisavó, que ele estava devolvendo! Por que ele devolveria o mapa junto, se era dele? - respondeu Miro.

- Hum... não sei! - disse Julio, pensativo.

- Gente, o senhor Macedo é gente boa! Ele mora faz tempo na vila, e gostava muito da sua bisavó! E ela gostava muito dele! Eu sei, porque eu vi os dois conversando várias vezes!

- Mas ele sabe alguma coisa! O mapa da região estava com ele! E também um dos pedaços do mapa da casa! - disse Julio.

- Com isso eu concordo! Na verdade, eu até pensei em mostrar minhas anotações para ele! - disse Miro.

- Não, Miro, não faz isso! - suplicou Julio.

- Por que? - perguntou Miro, agora um pouco zangado.

- Não sei! Pode ser bobagem minha, mas eu não vou com a cara dele! Por favor, Miro, vamos guardar isso tudo em segredo, só entre a gente!

Miro não gostou muito. Ele parecia confiar em Macedo. Mas Julio tinha a forte impressão de que ele não era confiável. Por sorte, Miro acabou concordando:

- Tá bom, eu não falo com ele. Mas é só porque você está me pedindo, hein? Aposto que se a gente não conseguir descobrir mais nada você vai querer um pouco de ajuda!

- Pode ser! - disse Julio - Mas até lá, boca fechada, certo?

- Certo! - disse Miro - Bom, vamos continuar que ainda tenho umas anotações aqui. A sexta anotação é: o que é a

escultura com os chifres? Quem a esculpiu? E o que são aquelas pedras quadradas com números?

- E o que será que acontece na noite de Lua cheia, naquele lugar? - perguntou Gabi.

- Como assim? - perguntou Julio.

- A escultura também é feita de pedra que brilha. - disse Gabi - Se a gente desse um jeito de limpá-la e deixar branca, pode acontecer alguma coisa...

- Mágica? - adivinhou Julio - Deixa de besteira, Gabi, não existe magia!

- Mesmo assim! Eu queria estar lá pra ver!

- Bom, gente! - disse Miro - Pra finalizar, tenho uma última anotação: quem foi Frederico Borba? O que ele fazia exatamente? Por que foi enterrado longe do cemitério, escondido?

Todos ficaram em silêncio por um tempo.

- É! Tem muitas perguntas sem resposta! - disse Julio.

Depois de conversar mais um pouco, eles se despediram. Gabi ficou mais um tempo na casa de Julio, mas depois foi embora.

No dia seguinte, Julio cumpriu o prometido e foi andar de bicicleta com os amigos. O passeio foi muito bom, pois fazia tempo que ele não se encontrava com os colegas fora da escola. Serviu para, pelo menos, afastar sua cabeça de tantas perguntas e mistérios que estavam lhe atormentando nos últimos dias. Chegou em casa quando já começava a anoitecer. Depois de um banho e uma janta saborosa, foi dormir e se preparar para a nova semana que iria começar.

O mistério da chacara - por Daniel Lucrédio

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 5

Quarta-feira, 11 de novembro
15h02min

- Julio, pode ficar um pouco aqui antes de sair para o intervalo, por favor? - era o professor, logo que tocou o sinal para o intervalo.

- Sim, professor! - ele respondeu.

Depois que todos saíram da sala, Julio se aproximou da mesa do professor. O professor abriu sua bolsa e tirou a pedra branca que Julio tinha lhe pedido para examinar, na segunda-feira.

- Onde você conseguiu essa pedra, Julio? - ele perguntou.

O professor tinha cabelos enrolados e era bastante alto. Usava um bigodinho curto e tinha o olhar perspicaz. Julio gostava muito dele, apesar de ele ser bastante bravo com a turma às vezes.

- Eu achei perto da chácara da minha bisavó, em uma pedreira. Fica a uma hora daqui mais ou menos.

- Hum, estranho!

- Estranho por que, professor?

- Eu acho que consegui descobrir que tipo de pedra é essa. Ela tem um tipo de luminescência peculiar, que só ocorre em algumas condições noturnas de iluminação - ele explicou.

- É, ela brilha quando a gente a coloca sob a luz da Lua!

- Exato, foi o que eu disse! E também é muito porosa. Consegue capturar a umidade do ar com muita facilidade!

Mas o mais estranho é que esse tipo de pedra é muito rara, não existe no Brasil!

- Como não? Então de onde veio essa aqui?

- Bom, você me diz que achou numa pedreira, mas eu duvido que ela tenha sido escavada. Tenho quase certeza de que foi trazida da África!

- Da África? - perguntou Julio, intrigado.

- Sim! É uma pedra muito rara. Na verdade, existem pouquíssimas minas onde foi encontrada, todas na África!

- Bom, lá perto da casa da minha bisavó morou um cientista que tinha trazido algumas estátuas da África - explicou Julio - Ele era especialista em tribos africanas e estudava uma religião... Vobu.

- Vodou? Você quis dizer Vodou? - perguntou o professor, com os olhos arregalados.

- Isso mesmo! Vodou! - confirmou Julio.

- Então está explicado! - disse o professor.

- O que?

- Eu li que essa pedra é normalmente usada em alguns rituais antigos do Vodou. Acreditava-se que ela tinha poderes mágicos.

- Mágicos? - perguntou Julio, pensando em Gabi.

- Bom, isso é o que eles acreditavam! Não existe magia, Julio! Essa é uma pedra comum, só que ela brilha no escuro e absorve água do ambiente! Mas para aquele povo simplório devia parecer mágica mesmo!

- Ah, tá!

- E se esse cientista estudava a magia Vodou, ou melhor, os rituais do Vodou, faz todo o sentido ele ter conseguido algumas dessas pedras! Mistério resolvido!

O professor devolveu a pedra para Julio, que continuava com algumas dúvidas. Perguntou:

- E o que eles faziam com essas pedras nesses rituais Vodou?

- Bom, aí eu já não sei dizer. O Vodou é bastante antigo, e tem vários aspectos culturais interessantes. Mas eu não entendo nada sobre isso! Sugiro que você guarde essa pedra, pois é muito rara, e se quiser saber mais, tente conversar com um antropólogo!

- Antro... que?

- Um cientista que estuda as pessoas, as culturas, suas religiões...

- Ah, tá! Vou fazer isso!

Julio até pensou em perguntar se o professor conhecia algum antropólogo, mas desistiu, pois ele provavelmente não ajudaria em nada, e iria querer ficar dando explicações chatas sobre um assunto que só os adultos acham interessante. Nesse momento, o professor se levantou para sair da sala. Julio ficou segurando a pedra por mais alguns segundos, antes de guardá-la em sua mochila. Ele achou que a explicação era simples, mas ainda assim não estava satisfeito. Imaginou mais uma vez a escultura de chifres que brilhavam no escuro e pensou qual seria a sua utilidade.

Sexta-feira, 13 de novembro
17h48min

Julio estava esperando os pais na porta da escola. Como em toda sexta-feira, a animação era contagiante. Havia correria e barulho por toda parte.

A semana tinha sido tranquila, mas puxada. Julio estava tendo uma grande quantidade de lição de casa, pois o ano estava chegando ao fim. E junto com o fim do ano, chegavam as provas. Nessa semana Julio teve uma prova bastante difícil de matemática, mas ele achou que tinha se saído bem. Nas semanas seguintes ainda teriam mais provas. Todo mundo estava com frio na barriga, com medo de reprovar em alguma matéria. Mas Julio estava tranquilo. Ele não tinha nenhuma nota baixa, então bastava continuar estudando do mesmo jeito e ele passaria de ano sem problemas.

À medida que passavam por ele, seus amigos se despediam, um a um, enquanto iam embora. Uns entravam no carro com os pais, outros iam de ônibus, e outros iam a pé. Até que Fernando passou por ele, sem dizer nada. Julio estava cansado da briga, então disse, às suas costas:

- Tchau, Fernando!

Fernando já estava indo embora, mas ao ouvir isso parou. Virou de frente para Julio, parecendo pensar um pouco. Então ele se aproximou e disse:

- Olha, Julio...

Julio ficou esperando o que ele ia dizer, imaginando se ia fazer algum insulto ou pedir desculpas pelo comportamento das últimas semanas. Mas se surpreendeu quando ele disse:

- Se você pedir desculpas, a gente pode ser amigo de novo!

- Eu? Pedir desculpas? - disse Julio, indignado - Você é quem tem que pedir desculpas!

- Tá, eu confesso que estou sendo chato com você. Mas foi você quem estragou aquele jogo! Você deve desculpas ao time, não acha?

Julio ficou quieto, sem saber o que responder. Fernando tinha um pouco de razão, mas Julio não se achava culpado. O que ele queria mesmo era que Fernando reconhecesse que ele não tinha errado de propósito, e portanto não merecia ser tão criticado pelo colega. Mas Fernando era teimoso e orgulhoso e nunca faria isso, portanto Julio decidiu desistir de brigar. Além disso, Fernando tinha admitido que estava sendo chato, portanto era a vez dele. A contragosto, Julio abaixou o rosto e disse:

- Tá, desculpa! Eu estraguei tudo mesmo!

Fernando deu um sorriso e estendeu a mão, que Julio apertou. Fernando disse:

- Tá vendo? Era só você admitir! Agora a gente é amigo de novo!

Julio sorriu, mas não tinha ficado muito feliz com a postura de Fernando. Parecia que ele só queria ver Julio triste e culpado pela derrota do time. Em nenhum momento Fernando foi bacana e compreensivo como os seus outros amigos.

- Até mais, Julião! Bom fim de semana, cara! - disse Fernando, indo embora.

Julio ficou satisfeito. Apesar de não concordar muito com o que tinha feito, pelo menos agora não teria que ficar brigando e discutindo o tempo todo com Fernando.

Nesse momento, seu pai chegou e Julio foi embora para casa. Por um momento ficou animado, achando que iriam para a chácara ainda naquela noite, mas tinha um jogo importante de futebol que o pai de Gabi queria assistir, portanto só iriam no dia seguinte.

Sábado, 14 de novembro
9h22min

A primeira coisa que fizeram ao chegar à chácara foi correr até o quintal para olhar a estátua. Ela estava do mesmo jeito que tinham encontrado no primeiro dia. Havia um pedestal e uma bacia, sobre a qual ficava uma figura de mulher segurando um vaso. Pelas manchas escuras causadas pela umidade, devia funcionar como uma fonte antigamente. Mas agora estava seca.

Olhando com mais calma e depois de saber que a estátua original não tinha a mulher em cima, as diferenças ficavam ainda mais evidentes. Julio disse:

- Olha, Gabi! O material da bacia é bem diferente do material da mulher. Parece mesmo que ela foi colocada depois!

- Será que foi a bisá quem colocou ela aqui? Pra ficar mais bonita? - perguntou Gabi.

- Pode ser! - respondeu Julio.

A primeira coisa que fizeram foi tentar raspar a bacia com uma pedra. Depois de muito esforço, Julio conseguiu tirar uma camada de sujeira em um minúsculo risco,

revelando a mesma substância branca das outras pedras que eles já conheciam. Gabi ainda tentou limpar outras partes da bacia, mas era muito difícil. Julio disse:

- Não adianta, Gabi! Não dá pra limpar desse jeito!

- Vamos ter que usar aquele líquido limpa-pedras! - disse Gabi.

- Mas como? Acabou o que tinha, e os nossos pais não vão deixar a gente pegar mais! - disse Julio.

- Podemos tentar! Vamos lá!

Foram conversar com os pais. Gabi tentou argumentar dizendo que eles tinham descoberto que a bacia era feita do mesmo material que a pedra de Julio, e que seria muito legal limpá-la para vê-la brilhando ao luar. Os adultos, em especial André, até que ficaram um pouco interessados, mas não muito a ponto de deixá-los sair para comprar o limpa-pedras. Depois de muita conversa, André conseguiu convencer Julio e Gabi a deixar para depois.

- Bom, pelo menos eles não proibiram de vez! - disse Gabi.

- É, ainda temos esperança! - respondeu Julio - Vamos na casa do Miro?

- Vamos!

Eles foram caminhando até a chácara vizinha. Encontraram Miro e sua mãe limpando a piscina, e foram logo ajudar, pois queriam nadar o mais rápido possível. Mas Alberta os desanimou:

- Oh, me desculpem queridos, mas durante a semana choveu aqui, e a água ficou um pouco verde. Eu vou ter que fazer um tratamento e ninguém vai poder nadar por alguns dias! Sinto muito!

- Tudo bem, mãe! - disse Miro - A gente arruma outra coisa pra fazer!

- É, Dona Alberta! - disse Julio - Nós podemos ir nadar na prainha!

- Isso! - concordou Gabi.

Terminaram de ajudar Alberta a limpar a piscina e jogar o produto para o tal tratamento, e foram preparar um lanche e as mochilas para ir até a prainha, onde ficaram nadando e brincando a manhã toda.

Sábado, 14 de novembro

13h15min

Depois de nadar, voltaram para casa para almoçar, mas também não ficaram muito tempo. Mal terminaram de comer a sobremesa e já saíram novamente. Tinham combinado de ir até o pesqueiro para brincar no parquinho e quem sabe pescar um pouco. Gabi não gostou muito da ideia:

- Ah, eu não quero pescar! É muito chato!

- É nada, Gabi! - disse Miro - Espera só você pegar o primeiro peixe! Você não vai querer mais parar!

- Duvido!

Chegaram ao parquinho, que estava cheio de crianças. Brincaram um pouco ali, mas Miro os convenceu a tentar a pescaria. Eles foram até a cabana do pesqueiro, pegaram três varinhas de bambu emprestadas, algumas iscas, e foram até a beira do rio. Sentaram-se em um banco de madeira, colocaram as iscas nos anzóis, sempre com a ajuda de Miro, e começaram a pescar.

Gabi, que não queria ficar ali, foi a primeira a pegar um peixe. Primeiro ela viu a pequena boia branca e vermelha que

estava amarrada na linha sacudir levemente. Antes que pudesse perguntar o que tinha acontecido, sentiu a ponta da varinha tremer, e um forte puxão. Ela deu um grito e segurou a varinha com as duas mãos para que ela não escorregasse.

- Ai, acho que peguei um! Peguei um! - ela gritou, excitada.

- Isso, Gabi, segura! - disse Julio.

- Tenta puxar ele pra cá! - disse Miro, levantando-se e indo até perto da água.

Gabi puxou a varinha para trás, trazendo a linha para bem perto de onde Miro estava. Ele pegou a linha com as mãos e puxou para fora um pequeno peixe prateado. Com as mãos hábeis, ele pegou o peixe, retirou o anzol e jogou o peixe de volta para o rio.

- Ei, porque você jogou ele de volta? - perguntou Gabi, irritada.

- Ele era muito pequeno, Gabi! Não se pode tirar peixes tão jovens do rio, senão daqui a pouco não sobra mais nenhum por aqui! - respondeu Miro.

- Ah, tá! Mas você devia ter deixado eu tirar uma foto, pelo menos, né?

- Ih, é verdade! Foi mal, Gabi! A gente tira uma com o próximo!

Eles continuaram pescando por um tempo. Gabi pegou outros dois peixes, sendo que um deles também era muito pequeno e precisou ser devolvido. Julio pegou dois peixes também e Miro pegou quatro. Tiraram várias fotos dessa vez. Depois de um tempo, decidiram ir embora. Iriam levar os peixes para casa, para comê-los na janta. Foram até a cabana devolver as varinhas e pagar pelos peixes. O homem que

tomava conta da cabana, e que segundo Miro era o dono do pesqueiro, pesou os peixes, e anotou o valor, que Julio e Gabi fizeram questão de pagar com o dinheiro que tinham trazido. Eles pagaram inclusive pelos peixes de Miro, que agradeceu a gentileza.

O homem também perguntou se eles queriam que ele limpasse os peixes, e Miro disse que sim. Desse jeito, ele explicou, não daria tanto trabalho para cozinhar.

- Ah, não! - disse Gabi - Nada de cozinhar, eu quero comer peixe cru!

- Tudo bem, mas mesmo assim vai ter que limpar, não é? - perguntou Miro, e Gabi concordou.

Enquanto esperavam, chegou outro homem trazendo mais peixes para serem pagos e limpos. Ele começou a conversar com o dono do pesqueiro. Julio, Gabi e Miro estavam por perto, então puderam escutar a conversa:

- E aí, seu João? Tudo em paz? - o dono do pesqueiro perguntou para o outro homem.

- Tudo, Sebastião! Pesa pra mim esses peixes, fazendo favor? - respondeu João.

- Claro, espera só um pouquinho enquanto eu termino aqui! - disse Sebastião.

- Espero sim! E o resto, tudo bem?

- Tudo bem, graças a Deus!

- E essa chuva hein? Rapaz, nessa semana apareceu uma goteira em casa, que mais parecia uma cachoeira!

- Nem me fale, seu João, nem me fale! Em casa não aconteceu nada, mas na minha cabana tá tudo cheio de umidade nas paredes. Deu algum problema no telhado,

parece que entupiram as calhas, e na última chuva transbordou tudo pra dentro da casa!

- Ah é? Você tem uma cabana? Eu não sabia! - perguntou João.

- Tenho, ela fica meio escondida no meio da floresta, lá pelos lados da Trilha do Vaga-Lume! - respondeu Sebastião.

Ao ouvir isso, Julio, Miro e Gabi se entreolharam. Continuaram a prestar bastante atenção. Sebastião continuou a falar:

- Mas faz tempo que eu não vou lá, sabe? Eu cheguei a morar lá por um tempo, quando trabalhava na mata, mas depois que montei este pesqueiro me mudei pra cá. E agora eu deixo ela pra alugar!

- E tem quem queira alugar uma cabana no meio da floresta?

- Ô se tem! O pessoal gosta de vir passar o fim de semana, descansar, fazer trilha, esse tipo de coisa!

- Ah! Ah! Ah! Tem gosto pra tudo, não é Sebastião?

- Mas é agradável ficar por lá! Rapaz, quando é noite quente de verão, aquilo enche de vaga-lume que é uma beleza!

- É verdade!

- Mas agora, - continuou Sebastião - faz tempo que eu só alugo pra uma pessoa. Foi ele que me falou que estava tudo alagado, e que iria passar aqui hoje mais tarde pra pegar umas ferramentas pra tentar desentupir as calhas.

- Boa sorte! Desentupir calha não é fácil, não! Eh! Eh! Eh! - riu João.

- Pois é. Mas ele está preocupado. Disse que o alagamento pode estragar os negócios dele lá!

- É? Que negócios? - perguntou João.

- Bom, eu vi um monte de aquário lá, acho que ele cria peixes! Ele disse que é biólogo!

- Biólogo, é? Ah sei, não é o... o... como é o nome dele? Eu sei quem é, ele mora lá perto do cemitério, na vila!

- Macedo! - disse Sebastião.

- Isso mesmo, Macedo! - concordou João.

Julio deu um olhar assustado para Miro. Gabi cobriu as mãos com a boca mas não conseguiu evitar um gritinho. Julio deu uma cotovelada para ela ficar quieta, e ela resmungou de dor. Sebastião não pode deixar de notar que eles estavam prestando atenção. Depois disso, ele ficou quieto. Terminou de limpar os peixes e os entregou em uma sacola:

- Tomem, crianças! O peixe de vocês está pronto!

- Obrigado! - disse Miro.

- E parem de ficar ouvindo conversa dos outros, que é feio!

- A gente não queria ouvir, só estávamos aqui do lado! - disse Julio.

- Mas não deveríamos ficar ouvindo, o senhor tem razão, desculpe-nos! - completou Miro, educadamente.

Eles saíram dali e foram correndo para casa. No caminho, começaram a discutir o que tinham ouvido:

- Eu não disse? - disse Julio - Eu não disse que esse Macedo está envolvido?

- É! - concordou Miro - Ele deve mesmo saber de alguma coisa a respeito disso tudo!

- Eu sabia que ele era esquisito!

- Mas calma! - disse Miro - Ele não fez nada de errado, fez? Não é como se ele tivesse roubado alguma coisa!

- É, mas ... - Julio começou a dizer algo, mas depois pensou bem e concordou com Miro. Macedo realmente não tinha feito nada de errado. Julio completou:

- Sei lá, só acho ele esquisito!

- Tudo bem, Julio! - disse Miro - E essa cabana, hein? Será que é isso que tem no segundo ponto de interrogação do mapa? A localização coincide perfeitamente com o que o senhor Sebastião disse!

- Parece que sim! - disse Julio - E se for verdade, o Macedo deve conhecer sobre os mapas, sobre aquela escultura, sobre o túmulo de Borba, tudo!

- Tem certeza que não podemos conversar com ele, Julio? - perguntou Miro - Quem sabe ele não nos ajuda a descobrir como abrir a sala secreta? Talvez ele até já saiba como abrir! Ele vivia na casa da Dona Olív...

- Eu sei que ele vivia na casa da minha bisavó! - disse Julio, impaciente - Mas eu não confio nele! Além do mais, ele não pode ter aberto a sala, pois tem livros faltando na prateleira!

- Tá certo, mas ainda acho que você vai mudar de ideia! - disse Miro.

- Gente, vamos parar de discutir! - disse Gabi - Vamos pensar em um jeito de seguir ele até a cabana!

- Hein? - perguntaram Julio e Miro.

- Vocês não querem saber o que tem no segundo ponto do mapa? Nós já ficamos um tempão procurando e não achamos. O único jeito vai ser seguir ele!

- Eu topo! - disse Julio.

- Vocês são malucos? Não podemos ficar por aí seguindo os outros! - protestou Miro - E nem sabemos quando ele vai pra lá!

- Você não estava escutando, Miro? - disse Gabi - O dono do pesqueiro disse que ele ia passar lá ainda hoje pra tentar consertar a calha!

- Sei não... - disse Miro - É muito arriscado!

- Ah, Miro, vamos lá! A gente toma cuidado! - disse Julio.

Depois de pensar um pouco, ele concordou:

- Tá bom! Mas se ele vir a gente nós desistimos imediatamente, certo?

- Certo! - disseram Julio e Gabi.

- E como a gente faz? - perguntou Julio - Onde a gente pode se esconder?

- Eu acho que sei onde! - disse Miro - Escutem só...

Sábado, 14 de novembro
17h17min

Ficaram esperando por quase uma hora atrás de um arbusto escuro, perto da entrada da Trilha do Vaga-Lume. Até pensaram em desistir, mas enfim Macedo apareceu, andando a passos largos para dentro da trilha. Esperaram até que ele se afastasse um pouco e foram atrás dele, tentando fazer o máximo de silêncio.

Macedo andava rápido. Ele parecia conhecer muito bem a trilha, tamanha a agilidade com que se movimentava. As crianças precisavam tomar cuidado para não perdê-lo de

vista, ao mesmo tempo que precisavam evitar de fazer qualquer barulho para não chamar a atenção.

Depois de algum tempo, chegaram a um local que Miro, Julio e Gabi já conheciam muito bem, pois tinham ficado quase uma hora ali da outra vez que estiveram na trilha. Macedo diminuiu um pouco o passo e entrou na floresta em um ponto adiante. Como ele estava um pouco longe, as crianças não conseguiram perceber exatamente onde ele tinha entrado, e acabaram perdendo o caminho. Depois de algumas tentativas sem sucesso, Julio exclamou:

- Droga! Perdemos ele de vista! Nunca vamos encontrar o caminho!

- Calma! - disse Miro - Deve ter um caminho por aqui, vamos procurar!

Ficaram vários minutos examinando o local, até que Gabi achou um galho quebrado no chão. Ela avisou os outros:

- Olha! Acho que encontrei alguma coisa! Venham aqui!

Miro e Julio se aproximaram e também viram o galho quebrado. Decidiram tentar entrar na floresta ali. Poucos metros para dentro da mata, finalmente encontraram algo. Havia uma cerca velha de madeira, muito desgastada com o tempo e toda coberta de musgo. Havia também um arco de metal enferrujado indicando onde antigamente deveria haver um portão. Além do arco, era possível ver claramente uma trilha estreita que seguia mata adentro.

- Ufa, achamos! - disse Miro.

- Vamos, em silêncio gente! - disse Julio.

Seguiram pelo caminho vagarosamente, tentando não fazer barulho. O caminho era reto e fácil de ser seguido. À medida que avançavam, as árvores iam ficando mais espaçadas, até que chegaram a um grande círculo formado por árvores altas e com grossas folhagens que cobriam o céu. Parecia que haviam entrado em uma grande catedral com teto esverdeado. No centro daquela área havia uma cabana antiga, feita de madeira. Ao lado da cabana havia uma garagem que parecia estar vazia.

Procuraram por Macedo, mas não o viram ali. Devia estar dentro da cabana. Decidiram esperar ali mesmo, longe da vista para não serem descobertos.

Depois de alguns momentos, ouviram um barulho e a porta da cabana se abriu. Macedo saiu e foi até a garagem. Em seguida, voltou com uma escada grande, que colocou em uma das paredes da cabana. Ele subiu na escada carregando o que parecia ser uma mochila cheia de ferramentas, e chegou ao telhado. Abaixou-se em um dos cantos do telhado e começou a mexer em alguma coisa ali.

- E agora, gente? - perguntou Gabi, baixinho.

- Não sei! - disse Julio - A gente tenta chegar perto pra bisbilhotar?

- Não! É melhor a gente esperar ele ir embora! - disse Miro.

- Mas ele pode demorar um tempão! - disse Gabi - E se anoitecer?

- É, e ele está lá em cima, não vai conseguir ver a gente se formos por este lado aqui! - disse Julio.

- Tá, então vamos! - disse Miro.

Foram abaixados, em silêncio, até o lado contrário de onde Macedo estava. Daquele lado, havia uma janela que estava entreaberta. Os três se esticaram nas pontas dos pés para olhar através da janela e tentar ver o que tinha lá dentro. Estava muito escuro, por isso Julio acendeu uma lanterna. Ele apontou o fecho de luz para o interior da cabana e todos puderam ver mais claramente.

A janela dava para um tipo de cozinha simples. Havia uma mesa e um fogão antigos e uma pia, mas não havia geladeira. Apesar de um pouco empoeirado, o local todo estava relativamente limpo e arrumado. Não havia coisas esparramadas ou jogadas, exceto sobre a mesa, onde puderam ver algumas pedras muito brancas, que pareciam reluzir com a luz da lanterna. Havia também alguns vidros e copos vazios caídos ao lado.

Julio continuou movendo a lanterna pelo cômodo, sem no entanto encontrar nada de muito interessante. Até que o fecho de luz pairou sobre um ponto na parede onde havia um molho de chaves pendurado. Uma das chaves chamou a atenção de Julio. Era grande e diferente, com um segredo em forma triangular. Ele teve a nítida impressão de que já tinha visto aquele formato antes, mas não conseguia se lembrar exatamente onde.

Nesse momento, ouviram um barulho no telhado. Ficaram quietos imediatamente, torcendo para que Macedo não os visse. Depois ouviram outro barulho, que parecia o de pássaros voando, e logo em seguida a voz de Macedo:

- Pronto! Desculpem por isso passarinhos, mas aqui não é lugar de fazer ninho!

Depois disso, Macedo desceu as escadas fazendo muito barulho. Ele entrou na cabana. As crianças decidiram voltar

abaixadas até a mata para não correrem mais riscos. Mais um tempo se passou, e Macedo saiu novamente da cabana. Ele guardou a escada na garagem, trancou a porta da cabana e foi embora pela trilha. Ao passar perto deles, puderam ouvi-lo falando sozinho:

- Muito bem, agora vamos ver se essa umidade diminui! Essa chuva maldita quase põe tudo a perder... - depois disso não puderam ouvir mais nada. Quando Macedo já estava longe, Julio disse:

- Nossa, gente! Essa foi por pouco!

- Ufa! - disse Gabi - Quase ele vê a gente!

- É! - respondeu Miro - Vamos lá olhar a cabana?

Eles se aproximaram novamente da cabana, mas dessa vez deram a volta até a garagem. Por causa do horário, estava bem escuro agora. Dentro da garagem, quase não conseguiam enxergar nada. Gabi notou que havia um interruptor perto da porta. Ela apertou o botão com o dedo e todos se assustaram quando uma forte luz iluminou o local.

A garagem estava um pouco bagunçada, mas havia certa ordem no local. Todas as paredes estavam repletas de prateleiras. Havia muitas ferramentas penduradas nas paredes e apoiadas sobre as prateleiras. Havia vidros e caixas nas prateleiras, e algumas latas e galões vazios no chão. No fundo da garagem, porém, viram uma coisa estranha: cerca de dez caixas de vidro que pareciam aquários vazios.

- O que será que é isso? - perguntou Gabi, apontando para os aquários.

- Deve ser a criação de peixes dele, que o dono do pesqueiro falou! - disse Julio.

Aproximaram-se da mesa. Os aquários não tinham água, mas estavam muito sujos e embolorados, como se tivessem ficado molhados por algum tempo. Notaram que alguns deles tinham telas que os cobriam.

- Não são para peixes! São caixas de insetos! - disse Miro.

- Como você sabe? - perguntou Julio.

- Olhem esse aqui, ainda tem uns bichos dentro! - respondeu Miro, apontando para um dos aquários, dentro do qual havia alguns mosquitos voando.

- Que estranho! - respondeu Julio.

Continuaram explorando o local, mas não viram nada de interessante. Algumas caixas e vidros que estavam nas prateleiras pareciam ser um tipo de alimento para os insetos. Havia também material de limpeza, e nada mais.

- Bom, com isso pode riscar um dos mistérios do seu caderno, Miro! - disse Gabi - Não tem nada de mais aqui!

- Como não, Gabi? - disse Julio - Se o Macedo está envolvido, tem que ter alguma coisa!

- Mas o que? - perguntou Miro.

Julio pensou um pouco e disse:

- Bom, sabemos que ele conhece o mapa com os três pontos de interrogação, certo? Estava na caixa que ele deixou com a gente, não é?

- Certo! - disse Miro.

- Então ele sabe desse lugar aqui, obviamente! E também deve saber sobre aquela escultura com os chifres, além do túmulo de Borba! - disse Julio.

- Julio! - disse Gabi - E se aquelas pegadas que vimos no túmulo forem dele?

- É pode ser, e... Ei! Lembrei! Venham comigo!

Julio saiu correndo até a janela da cabana, que Macedo havia esquecido aberta. Ligou novamente a lanterna e apontou para o molho de chaves que tinha visto antes. Ele disse:

- É isso! Eu sabia que tinha visto o formato daquela chave em algum lugar! Valeu Gabi!

- Valeu? Por que? - perguntou Gabi.

- Você falou das pegadas do túmulo de Borba, mas o túmulo estava trancado, lembram? Então o Macedo só poderia ter entrado lá se tivesse a chave! Só pode ser aquela ali! Tem o mesmo formato que a fechadura! Vejam!

Julio pegou o celular de sua mãe, que Gabi tinha colocado na mochila, e mostrou as fotos do túmulo para Miro e Gabi. Miro disse:

- Realmente, os formatos são muito parecidos!

- E tudo se encaixa! Macedo tem a chave, e andou bisbilhotando o túmulo! Vamos, me dêem uma mão aqui! - disse Julio, se aproximando da parede.

- O que você vai fazer, Julio? - perguntou Gabi.

- Ué, vou entrar lá e pegar a chave! - ele respondeu - Vocês não querem ver o que tem no túmulo?

- Eu quero! - disse Gabi.

Miro pareceu um pouco relutante, mas acabou concordando, pois uma de suas anotações sobre o mistério era justamente a respeito do túmulo. Ele fez um apoio com as mãos, que Julio usou para escalar a parede e entrar pela janela da cabana.

Ao entrar, Julio tomou cuidado para não encostar em nada. Ele foi cuidadosamente até a parede e pegou o molho de chaves pendurado. Soltou a chave diferente e a guardou no bolso, recolocando o molho de chaves na parede.

Antes de sair, deu uma olhada em volta. O lugar realmente parecia abandonado. Macedo não devia dormir por ali. Devia apenas visitar durante o dia e ir embora antes do anoitecer, como tinha feito há pouco. Julio olhou mais uma vez a mesa, e viu que as pedras que estavam ali se pareciam muito com aquelas que brilhavam. Também havia um daqueles aquários cheios de mosquitos. Ele decidiu não mexer em nada. Pulou a janela novamente para sair da cabana.

Sábado, 14 de novembro
20h32min

Decidiram tentar abrir o túmulo de Borba naquela noite mesmo. Voltaram pela Trilha do Vaga-Lume e chegaram em casa pouco depois das sete e meia da noite. Jantaram juntos e saíram novamente, dizendo aos adultos que iriam visitar mais uma vez a Trilha da Lua. Alessandro brincou, antes que eles saíssem de casa:

- Nossa, mas vocês estão muito aventureiros, não?

- É muito legal aqui, pai! - disse Gabi - Tem muita coisa pra fazer!

- É, a gente fica vivendo na cidade e acaba preso em casa quase o tempo todo! - disse Fabiana.

- Pois é, aproveitem e divirtam-se, crianças! - disse André, despedindo-se deles.

Tomaram o já conhecido percurso pelos fundos da chácara, até a Trilha da Lua. Em poucos minutos, chegaram ao caminho que levava até o túmulo. A noite estava nublada, e bastante escura. Caminharam pela mata com a ajuda de lanternas, até avistarem a clareira onde ficava o túmulo de Borba.

Se durante o dia o lugar já não era agradável, durante a noite parecia assustador. O túmulo e sua cruz pareciam se destacar da vegetação escura ao seu redor como um desenho fantasmagórico. A capela, com sua porta entreaberta, revelava um interior de escuridão intensa, impenetrável.

Eles se aproximaram cautelosamente do portão. Gabi estava grudada em Julio, e segurava fortemente sua mão, mas ela não queria admitir que estava com medo. Miro, que normalmente parecia tranquilo, também estava quieto, apreensivo.

Julio chegou perto do portão e apontou a lanterna para a fechadura. Ele pegou a chave que estava em seu bolso, e a enfiou no buraco. O encaixe foi perfeito. Ele girou a chave, e o portão se destrancou com um forte barulho.

Julio, Gabi e Miro se entreolharam. Julio empurrou o portão vagorosamente, o que produziu um rangido muito forte:

- Nhéééééc!

Ele parou um pouco, assustado, mas depois continuou, abrindo o portão completamente.

Eles entraram juntos, os três apontando suas lanternas para todos os lados, em busca de alguma coisa. Chegaram perto do túmulo, onde havia o nome escrito. Miro se abaixou e limpou o local com as mãos, e todos puderam ler claramente o nome "Frederico Borba" gravado na pedra.

Depois eles voltaram suas lanternas para a capela. A porta estava apenas um pouco aberta, de forma que os fachos de luz não conseguiam iluminar quase nada. Precisariam abri-la e entrar, se quisessem descobrir o que havia lá dentro.

- Vamos entrar, gente? - perguntou Julio.

- Ai! - disse Gabi - Eu acho que estou com medo!

- Medo do que, Gabi? - disse Miro - É só uma capela, uma igrejinha!

- Vamos juntos! - disse Julio.

Eles se aproximaram. Julio colocou a mão para a frente e empurrou a porta devagarzinho. Os três apontaram suas lanternas para dentro. Ao fazê-lo, ouviram um enorme barulho de asas e sentiram vento em seus rostos. Vários morcegos, assustados pela luz, saíram voando por sobre suas cabeças.

- Aaaaaaa! - gritaram todos.

- Ah! Ah! Ah! - riu Julio - Morcegos!

- Não tem graça, Julio! - disse Gabi - Eu assustei!

- Mas já foram embora! - disse Julio - Vamos entrar!

E eles entraram na capela. Era uma construção pequena, de tijolos aparentes, onde mal cabiam os três juntos. No fundo, havia um altar de pedra, com uma cruz de madeira envelhecida. Aos lados, havia pequenos degraus cobertos por cera derretida, provavelmente das velas que em alguma época eram colocadas ali. E na entrada, aos lados da porta, havia dois castiçais que saíam das paredes, também sujos de cera derretida.

- Nada aqui também! - disse Gabi.

- É, um mistério a menos no meu caderno! - disse Miro.

- Pelo menos a gente conseguiu entrar! - disse Julio.

- Vamos embora! - sugeriu Miro.

Miro saiu primeiro. Mas ao tentar sair, Gabi, que estava no meio, bateu com a cabeça em um dos castiçais. Ela choramingou:

- Aaaaaii, minha cabeçaaaa! Que doooooor!

Mas nesse momento, ouviram um estalo. O castiçal pareceu ter se desprendido da parede e se movido um pouco para o lado. Julio percebeu, e o empurrou completamente com a mão, produzindo um clique. Ouviram outro estalo, agora vindo de baixo do altar. Eles apontaram as lanternas e viram que um pequeno compartimento secreto se abriu ali.

- Uau! Gabi, você achou alguma coisa! - disse Julio.

- Foi a minha cabeça que achou, né? - brincou Gabi - O que tem ali?

- Vamos ver! - disse Miro.

Eles se aproximaram e viram que dentro do compartimento havia uma pequena escultura. Julio a pegou nas mãos, segurando-a para que os outros pudessem vê-la melhor.

A escultura se parecia com aquela dos chifres, mas era diferente, pois além dos chifres, havia um pequeno copo no centro. Era leve, e seu material se parecia com a pedra que brilha, mas tinha um tom vermelho-escuro. Eles a levaram para fora da capela, mas não havia Lua no céu por causa das nuvens, portanto não puderam descobrir se ela também brilhava.

Julio guardou a escultura com cuidado em sua mochila. Eles voltaram para a capela. Miro reparou que, dentro do compartimento, ainda havia algo mais. Era um papel velho

rasgado. Ele se abaixou para pegar. Mas no momento em que segurou uma das pontas com a mão, levou um susto. Uma ratazana saiu correndo, levando consigo um pedaço do papel na boca. Por alguns segundos, a ratazana correu por baixo das pernas dos três, causando alvoroço e gritaria. Depois ela saiu da capela e desapareceu na escuridão da noite.

- O que foi aquilo? - perguntou Gabi.

- Um rato enorme! Credo! - disse Julio.

- É, mas olha o que eu encontrei!

Eles se aproximaram para olhar. Miro segurou o papel embaixo da lanterna, e eles puderam ver do que se tratava. Era um pedaço do mapa da casa da Dona Olívia, mostrando a biblioteca e o atelier.

- É o último pedaço do mapa que estava faltando, Miro!
- disse Gabi.

- Isso mesmo! - respondeu Miro - Mas aquela ratazana comeu um pedaço!

- Tomara que não seja nada importante! - disse Julio Julio.

- Vamos voltar para casa, para examiná-lo com calma?
- sugeriu Gabi.

Todos concordaram. Antes de sair, tentaram achar outro compartimento secreto, mexendo no altar e no outro castiçal, mas não encontraram nada. Fecharam a capela, tomando o cuidado de deixar a porta no mesmo estado em que tinham encontrado. Julio trancou novamente o portão de ferro com a chave triangular e eles tomaram o caminho de volta para casa.

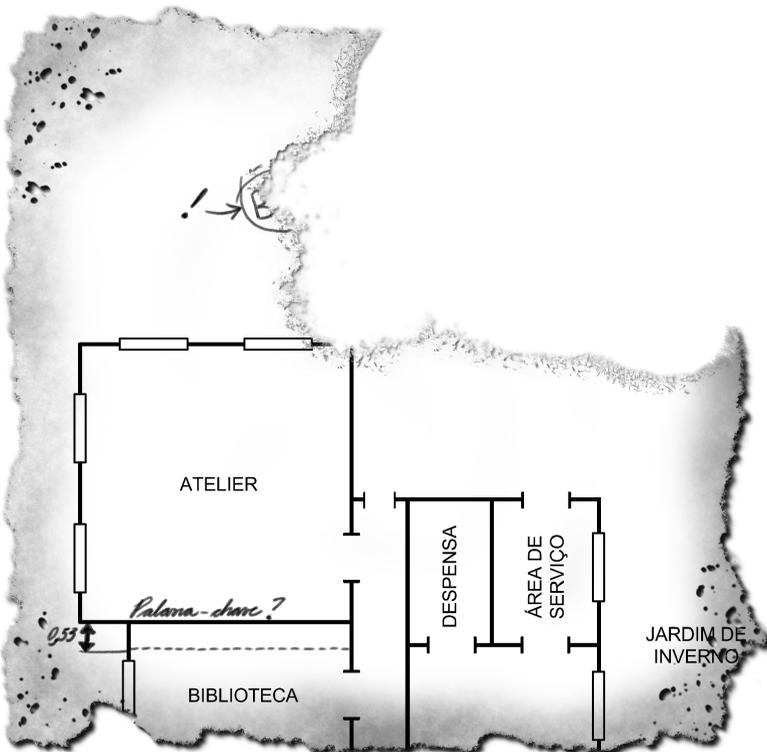
Domingo, 15 de novembro
10h05min

- Droga! Droga! Droga! - reclamou Gabi.

- Calma, Gabi! - disse Miro.

- Como calma? Aquele rato comeu justamente a parte mais importante do mapa! - reclamou Gabi.

Estavam sentados na sala, ao redor da mesinha, observando o papel que tinham encontrado no túmulo, na noite anterior.



O pedaço de mapa que tinham achado mostrava a parte que faltava da casa, inclusive a biblioteca e o atelier. Rabiscos feitos no mapa sugeriam algo na prateleira da enciclopédia, na biblioteca. Havia também uma palavra-chave, ou melhor, parte de uma palavra, pois a ratazana tinha levado embora um pedaço do papel onde a palavra devia estar escrita.

- Mas será que é mesmo a palavra que abre a sala? - perguntou Julio.

- Claro que é! - respondeu Gabi - Olha aqui, tá escrito "palavra-chave" bem perto da biblioteca.

- E o que será que significa esse número? Zero vírgula cinquenta e três? - perguntou Miro.

- Deve ser o tamanho da prateleira! - respondeu Julio - Mas o segredo mesmo está ali em cima! Ou melhor, estava!

- É, era uma palavra que começa com a letra "B"! - disse Gabi, examinando com cuidado o papel no local mordido pela ratazana.

- E se a gente tentar todas as palavras que começam com "B"? - sugeriu Julio - Uma delas tem que funcionar!

- Esqueceu que o livro da letra "B" está faltando? - disse Miro - Junto com os livros "A" e o "S"?

- Ah, é! - disse Julio - Que pena!

- E essa escultura hein? - disse Miro, olhando para o outro objeto que estava sobre a mesinha. Era a pequena escultura vermelha que tinham encontrado no túmulo, junto com o papel.

- Muito estranha! - disse Gabi.

- Ela se parece com aquela dos chifres! Mas é vermelha, né? - disse Julio - Será que também brilha com a luz da Lua?

- Precisamos testar! Será que o Borba também trouxe da África? - perguntou Gabi.

- Provavelmente sim! Mas por que ela foi escondida perto do túmulo dele? - perguntou Miro.

- Devia ser algo muito importante para ele! - disse Gabi. Ela estava agora segurando o pedaço de papel, examinando a mordida. Ela disse:

- Caramba, aquela ratazana abocanhou um pedaço de papel!

Algum tempo se passou, e Julio teve uma ideia. Ele disse:

- Gabi, repete o que você falou!

- O que? Que a ratazana comeu um pedaço de papel?

- Não, antes!

- Que a estátua devia ser muito importante para o Borba?

- Isso! - disse Julio - Eu tive uma ideia! Miro, você sabe se a biblioteca está aberta hoje?

- Não, é domingo, por que? - Miro respondeu.

- Ah! É que se aquela bibliotecária é maluca pelas coisas do Borba, podia se interessar por essa escultura!

- E daí? - perguntou Gabi.

- E daí que a gente pode tentar trocar ela pelo livro! - disse Julio.

Eles se entreolharam por alguns instantes. Miro disse:

- É... pode funcionar!

- Mas peraí, gente! Vamos trocar essa estátua pelo livro? E se a estátua for importante? - indagou Gabi.

- Pra que vai servir uma estátua? Já o livro, a gente sabe que ele deve abrir a sala secreta! - disse Julio.

- Vocês é quem sabem! - disse Miro - Eu sei onde a Dona Armênia mora... A bibliotecária, o nome dela é Armênia - ele explicou, ao ver os olhares de dúvida de Julio e Gabi.

- Oba, então vamos? - disse Julio, levantando-se.

- Mas Julio, na biblioteca só tem um livro! Vamos precisar de mais dois pra abrir a sala secreta! - disse Gabi.

- Ué, é melhor do que nada! Gabi, por que você não quer se desfazer dessa estátua inútil? - perguntou Julio.

- É que eu queria ver ela brilhando de noite! - disse Gabi, um pouco envergonhada.

- Ah, só por isso? - perguntou Julio.

- Tá bom! Vamos trocá-la pelo livro! - concordou Gabi, ainda um pouco contrariada, mas levantando-se para acompanhar Miro e Julio.

Domingo, 15 de novembro
11h57min

A troca tinha sido fácil. Ao saber que a estatueta tinha sido parte da coleção de Frederico Borba, Dona Armênia ficou extasiada. Ela quis saber onde eles a tinham encontrado. Julio, Gabi e Miro não quiseram contar sobre o túmulo, pois teriam que admitir que tinham roubado a chave da cabana de Macedo. Disseram que encontraram a estatueta na casa da Dona Olívia, em um armário antigo e empoeirado. Ela ficou satisfeita com a explicação e os levou até a

biblioteca, onde fez a troca. Eles saíram felizes, deixando Dona Armênia com a tarefa de escolher um local para exibir sua mais nova aquisição.

Chegaram em casa e foram direto até a biblioteca. Como esperado, o livro se encaixou perfeitamente em seu local da prateleira, fazendo um "clique". Eles ficaram um tempo admirando a coleção quase completa, mas logo a animação passou, pois ainda faltavam dois livros: a letra "B", que era essencial pois tinham descoberto que a palavra-chave começava com "B", e a letra "S".

Nesse momento, Alessandro veio chamá-los para o almoço:

- Crianças, venham, o almoço está pronto!

- Tá, pai, nós já vamos! - respondeu Gabi.

- O que estão fazendo aqui? O que estão olhando? - perguntou Alessandro.

- Nós conseguimos aquele livro, tio! - disse Julio - A letra "A" da enciclopédia.

- Que bacana! Muito legal mesmo! A coleção está completa então?

- Não! - respondeu Miro - Ainda estão faltando o "B" e o "S"!

- Hum... - Alessandro ficou um pouco pensativo - Esperem aí um pouco!

Ele saiu da biblioteca, deixando as crianças sozinhas. Depois de um tempo, ele voltou com uma pilha de livros, dizendo:

- Será que eu não peguei sem querer aquele dia? Vejam se não está aqui!

Miro, Julio e Gabi foram correndo até Alessandro, com tanta vontade que derrubaram todos os livros no chão.

- Ei! Calmaí! - disse Alessandro, afastando-se.

Reviraram o monte de livros desesperadamente, procurando. Até que Gabi e Julio gritaram ao mesmo tempo:

- Achei!

Julio, Miro e Gabi ficaram se entreolhando, paralisados. Gabi segurava em sua mão erguida o livro vermelho-escuro com a letra "B" dourada gravada na capa, e Julio segurava o livro com a letra "S". Tinham encontrado os livros que faltavam!

- Uuuuuuuuuuuuulll! - os três gritaram, enquanto pulavam e se abraçavam.

- De nada, viu? - disse Alessandro, abaixando-se para arrumar a bagunça que tinham feito.

- Obrigada, pai! - disse Gabi, dando-lhe um beijo na bochecha.

Eles foram correndo encaixar os livros na prateleira. Depois de dois novos "cliques", finalmente a coleção estava completa. Afastaram-se para admirar. Miro disse:

- Ufa! Mas que trabalhão que deu para a gente conseguir, hein?

- Calma! - disse Julio - Ainda não conseguimos nada! Precisamos tentar achar a palavra-chave!

- Vamos logo tentar todas que começam com "B"! - disse Gabi.

- Agora, não! - disse Alessandro - Hora do almoço, vamos! Miro, você também, é claro!

- Aaaaaah! - reclamaram os três.

- Nem "A" e nem "B"! - disse Alessandro - Vamos, agora!

Enquanto caminhavam até a sala de jantar, Julio disse, dando um sorriso:

- Com "A" e com "B", isso sim! Achamos o livro "A" e o livro "B"!

Todos riram da piada e foram almoçar.

Domingo, 15 de novembro
17h11min

Depois do almoço, foram correndo tentar achar a palavra certa. Pegaram um dicionário e tentaram todas as palavras que começavam com "B", mas nenhuma produziu resultado algum. Também tentaram com as palavras que estavam na própria enciclopédia, no livro "B", o que dava ainda mais trabalho, pois precisavam ficar toda hora desencaixando e encaixando o livro no lugar. Mas também não conseguiram nada.

Ficaram um tempão ali, experimentando com jeitos diferentes de apertar as letras. Uma hora tentaram apertar todas as letras de uma palavra ao mesmo tempo, depois uma de cada vez, na sequência. Tentaram também dar socos e chutes leves na prateleira, para talvez destravar o mecanismo, mas nada aconteceu.

Depois, começaram a tentar outras palavras, mas não tinham ideia alguma de qual seria. Iria demorar muito experimentar todas as palavras do dicionário. O tempo passou e acabaram desistindo, desanimados. Foram até a casa de Miro para brincar um pouco e tentar esquecer o mistério.

A tarde foi embora e chegou a hora de irem embora. Os adultos arrumaram as malas e foram chamar Julio e Gabi na casa de Miro. Aproveitaram para tomar um café, a convite de Alberta. A tarde estava ensolarada e muito agradável. Despediram-se e foram até os carros, para ir embora.

Mais um fim de semana tinha chegado ao fim. Normalmente, Julio e Gabi ficavam um pouco tristes nessa hora, mas dessa vez estavam arrasados. Tinham criado muitas esperanças de que conseguiriam finalmente abrir a sala secreta, mas todas elas tinham desaparecido na boca daquela ratazana. Se ao menos existisse alguma forma de descobrir qual era a palavra-chave...

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 6

Segunda-feira, 16 de novembro
07h47min

- Bom dia, Julio, hora de acordar! - disse Fabiana, carinhosamente.

Julio nunca tinha sentido tanto sono na vida. A cama estava muito aconchegante, e ele não queria acordar de jeito nenhum. Virou-se de lado, resmungou alguma coisa e continuou dormindo.

- Anda, acorda! - ela insistiu - Você tem lição pra fazer, e precisa estudar para a prova de hoje, esqueceu?

Ela abriu a janela, fazendo que o quarto ficasse insuportavelmente iluminado. Julio apertou os olhos e choramingou:

- Ah, mãe, só mais um pouquinho!

- Nada disso!

Ela começou a puxar o lençol e o travesseiro debaixo dele, e depois começou a falar alto, lembrando de suas responsabilidades, de que aquela semana ele teria três provas diferentes, que se quisesse passar de ano não poderia deixar de estudar, entre outras cobranças. Por fim, ficou impossível continuar dormindo, então Julio decidiu se levantar.

Foi até o banheiro escovar os dentes e trocar de roupa. Depois foi até a cozinha para tomar café. Ainda sonolento, voltou para o banheiro para lavar o rosto e tentar ficar mais animado. Sentindo-se melhor, sentou-se na mesa da sala para estudar.

Ficou a manhã toda enfiado nos livros. A prova daquele dia seria de ciências, que ele gostava bastante. Quando chegou a hora do almoço, ele já estava se lembrando de quase toda a matéria que tinha visto no último mês.

Foi para a escola confiante. A prova seria no final do período, então ele passou as outras aulas, inclusive a hora do recreio, tentando não se esquecer do que tinha estudado. A maioria dos colegas de Julio não parecia tão preocupada com a prova, mas Julio gostava de ficar assim, concentrado, pois achava que esse era o segredo para tirar notas boas. Além disso, pensar na prova o ajudava a não pensar no mistério da chácara, e na palavra-chave que eles não tinham conseguido descobrir durante o final de semana.

Quando chegou a hora da prova, Julio sentiu aquela ansiedade que sempre tinha ao pegar o papel da prova nas mãos. Passou rapidamente os olhos pelas questões e ficou aliviado, pois se lembrava de quase tudo que estava ali. Ele rapidamente preencheu a folha com respostas que tinha muita certeza de estarem corretas. Depois conferiu tudo com calma, e entregou a folha para o professor. Foi um dos primeiros. Então ele saiu da sala e ficou no pátio da escola, esperando pelos colegas.

À medida que mais alunos saíam da prova, o barulho ia aumentando no pátio. Todos ficavam comparando as respostas que tinham dado e imaginando se tinham ido bem ou mal. Em pouco tempo estava tão barulhento quanto a hora do recreio, e o diretor precisou aparecer para mandar todo mundo ficar quieto. Chegou a hora da saída, e o pai de Julio chegou de carro para buscá-lo.

Chegando em casa, Julio foi assistir um pouco de televisão. Depois foi tomar banho, jantar e estudar mais um pouco, pois teria outra prova na quarta-feira. Mas não exagerou. Foi dormir antes das dez horas, para descansar bem e poder encarar o resto da semana com mais disposição.

Terça-feira, 17 de novembro
16h32min

Era quase hora da saída da escola, e Julio já não estava mais aguentando o cansaço. A tentativa de ficar bem descansado não foi bem sucedida, porque teve um pesadelo naquela noite, e não conseguiu dormir direito.

Tinha sonhado que estava sozinho em uma floresta, procurando alguma coisa. Era noite e a lanterna de Julio estava falhando. De vez em quando ela apagava, deixando tudo na mais completa escuridão, até que ela quebrou de vez. E então começou a trovoar. A cada relâmpago, Julio conseguia ver alguma coisa, mas era muito rápido. Ele ficou andando na escuridão, tateando as árvores com as mãos e tropeçando em suas raízes, aproveitando os breves momentos de luz que tinha para tentar encontrar seu caminho.

De repente, estava diante do túmulo de Borba, mas era diferente. Ao invés de cinza, o túmulo era vermelho. E ao invés da cruz que ficava sobre ele, havia alguns chifres, também vermelhos, parecidos com os daquela escultura misteriosa. O túmulo também não ficava no lugar certo. No sonho, ele ficava perto do rio. Julio olhou para a água, e depois de um brilho intenso causado por um raio, viu ondas enormes e espumantes, como se estivesse olhando para o mar agitado, ao invés de um rio calmo.

Julio olhou para o túmulo, e viu que havia algo escrito nele. Era uma palavra que começava com a letra "B". Ele foi se aproximando, mas não conseguia ler o que estava escrito, pois estava muito sujo, coberto de terra escura. Ele se abaixou e começou a limpar o túmulo com as mãos, mas a sujeira não saía. Ele também reparou que suas mãos ficaram

cada vez mais sujas, mas não de terra. Estavam molhadas, e ele ficou horrorizado ao notar que era sangue.

Julio não sabia se aquele sangue era seu, mas não importava. Ele precisava limpar aquele túmulo. Precisava descobrir o que estava escrito, pois sabia que era a palavra-chave que abriria a sala secreta. Ele continuou tentando mas o túmulo ficava cada vez mais sujo de terra e sangue. Ele não podia desistir. Com toda a força e velocidade que tinha, passava as mãos de um lado para o outro sobre a pedra vermelha. A palavra começou a aparecer, faltava só mais um pouco, precisava continuar limpando, limpando...

... mas Julio finalmente acordou. Levantou-se da cama em um pulo, assustado. Estava suando. E estava sentindo seus músculos cansados. Devia estar fazendo força durante o pesadelo. Olhou para as mãos e sentiu um alívio ao ver que estavam limpas e sem nenhum sangue. Respirou profundamente e foi até o banheiro fazer xixi. Depois foi até a cozinha, tomou um copo de água, e voltou para a cama. Mas demorou para dormir de novo. A imagem do pesadelo ainda estava muito vívida, e ele não conseguia deixar de sentir um pouco de raiva e angústia por quase ter conseguido descobrir a palavra-chave durante o sonho. Enfim conseguiu adormecer, mas não o suficiente. Como resultado, passou praticamente o dia todo exausto e desanimado.

O sinal enfim tocou e Julio foi para casa. Ele teria prova no dia seguinte, então tentou estudar um pouco depois do jantar, mas não conseguiu. Foi para a cama logo, para tentar dormir melhor e acordar bem cedo para estudar.

Quarta-feira, 18 de novembro
03h41min

Tinha sonhado de novo. Foi o mesmo pesadelo, e de novo ele acordou antes que pudesse limpar o túmulo completamente. Dessa vez não acordou tão assustado, mas ele percebeu que não iria conseguir dormir facilmente. Além do pesadelo, ele se lembrou da prova de português, que seria à tarde. Precisava estudar, portanto precisava dormir logo. Mas a obrigação de ter que dormir só fazia o sono ficar cada vez mais distante. Então Julio teve uma ideia.

Ele acendeu a luz e foi até a sua mochila pegar os livros de português. Sentou-se na cama e começou a estudar. Depois de algum tempo, André apareceu no quarto, preocupado. Ele disse:

- Julio! O que está fazendo acordado?

- É que eu tive um pesadelo e não conseguia dormir. Então pensei, já que eu não consigo dormir, vou aproveitar e estudar para a prova.

- É... a ideia não é má! Mas você precisa descansar, filho!

- Tá, só vou ficar mais um pouquinho, pai!

- Quer me contar do pesadelo? - André perguntou.

- Não, é só besteira da minha cabeça!

- Tudo bem! E você quer que eu ajude você a estudar? Eu vou perguntando e você vai respondendo, que tal?

Julio aceitou. André sugeriu que Julio se deitasse e ficasse respondendo de olhos fechados, quem sabe aí o sono voltasse. E deu certo. Depois de poucas perguntas, Julio não

conseguia mais entender direito o que o pai estava falando e acabou adormecendo.

Quarta-feira, 18 de novembro
09h12min

Fabiana deixou Julio dormir até um pouco mais tarde, então ele acordou muito bem disposto. Depois do café, foi estudar e descobriu que se lembrava de muita coisa da matéria. Algumas coisas ele se lembrava de ter estudado durante a madrugada e outras ele se lembrava da própria aula. Decidiu que já estava pronto por volta das dez e meia, então havia tempo para jogar um pouco de videogame. Julio convenceu a mãe de que já tinha estudado tudo, e ela deixou que ele jogasse um pouco até a hora do almoço.

Naquele dia, a prova aconteceria logo na primeira aula, portanto Julio estava com tudo ainda fresco na memória. Ele resolveu a prova sem problemas e foi o primeiro a entregar. Tinha certeza de ter tirado uma nota muito boa.

O restante do dia tinha sido bem proveitoso. Depois da prova, todos estavam mais leves e aliviados. Durante o recreio, Julio brincou bastante com seus amigos, inclusive Fernando, o que era bastante legal. As aulas depois do recreio passaram rapidamente, e Julio chegou em casa mais animado do que nunca. No dia seguinte não teria prova, portanto ele teria bastante tempo para descansar e brincar durante a noite.

Pouco antes do jantar, o telefone tocou. Era Miro, querendo falar com Julio, que atendeu o telefone na sala:

- Oi Miro, tudo bem?
- Tudo, e você?
- Tudo ótimo! O que manda, Miro?

- Eu estava querendo falar com você sobre aquele mistério todo. Sabe, acho que não tem mais nada que a gente possa fazer, a não ser falar com o senhor Macedo.

- Não! Isso não! - disse Julio, irritado.

- Mas Julio, eu estava revendo minhas anotações, e não tem outra alternativa ...

- Não interessa! Eu não confio nele! - disse Julio - Além do mais, ele não vai poder ajudar! Ele nem sabia que tinha aquele compartimento secreto no túmulo, não é? Foi a gente que descobriu!

Miro ficou quieto por algum tempo, depois disse:

- Tá bom, se é assim que você quer, então acho que acabou! Eu não consigo pensar em mais nada!

- Não acabou nada, a gente vai conseguir descobrir a palavra, você vai ver! - disse Julio.

- Hunf... - resmungou Miro, visivelmente aborrecido - Tá bom, então! Bom, preciso desligar! Tchau!

- Tchau!

Julio desligou o telefone e foi jantar, irritado. Foi dormir e acordou mais uma vez durante a madrugada por causa do pesadelo. E mais uma vez demorou para conseguir dormir de novo. No outro dia de manhã, pediu para que sua mãe o deixasse dormir mais um pouco. Como não tinha lição e nem prova, ela deixou, e Julio pode descansar.

Quinta-feira, 19 de novembro
13h12min

Mal chegou à escola e Julio já ficou desanimado. Ele se lembrou, ou melhor, seus colegas o lembraram, de que teria

treino de futebol naquele dia. Da última vez, ele tinha ficado bastante chateado por ficar o tempo todo na reserva, e se acontecesse novamente seria mais uma vez uma chatice. Para piorar, todos estavam muito empolgados com o treino, pois na semana seguinte haveria um jogo de campeonato contra a turma do quinto ano.

O dia demorou bastante para passar. Como já estavam no final do ano e perto de algumas provas, na maior parte do tempo o professor ficava revisando alguma matéria já dada, o que Julio achava muito cansativo. À medida que o fim do dia se aproximava, a excitação de todos aumentava, até que finalmente o sinal tocou e todos saíram correndo para a quadra.

Como era esperado, Julio ficou na reserva e precisou ficar assistindo o tempo todo. O treinador estava praticando jogadas de ataque, e o time estava atuando muito bem, até que Fernando se machucou. Em uma jogada ensaiada, ele torceu o pé e caiu no chão, chorando. Todos ficaram muito nervosos enquanto ele era levado para a enfermaria. Julio estava olhando também, quando o treinador o chamou:

- Julio! Venha, você vai treinar no lugar do Fernando!

Julio se levantou e foi correndo até o seu lugar na quadra. No começo ele ficou feliz, mas logo as coisas começaram a dar errado. Fazia tempo que Julio não jogava, então ele estava meio enferrujado. Errou muitas jogadas fáceis, que ele não costumava errar. Para piorar, enquanto ele estava no banco de reservas, não fez questão alguma de acompanhar as instruções e ensinamentos do treinador. Por isso, ele não estava conseguindo fazer as jogadas ensaiadas, o que provocou um desapontamento muito grande em todo o time.

Em um determinado momento, Fernando voltou à quadra. Todos ficaram felizes quando ele disse que não havia sido nada de grave. Ele estava com o pé enfaixado e não poderia mais treinar naquele dia, mas estaria recuperado a tempo para o jogo do campeonato.

O treino continuou e Julio acabou melhorando um pouco, mas não o suficiente. Ele ouviu os colegas comentando, depois que Julio deixou a bola escapar pela lateral:

- Ainda bem que o Fernando volta pro jogo, né?

- Psiu! - o outro respondeu, ao perceber que Julio tinha ouvido.

Julio ficou bastante chateado com seu desempenho. Depois que o treino terminou foi para o vestiário e ficou quieto o tempo todo. Despediu-se de todos e foi embora triste, pensando que o melhor a fazer era chegar em casa e enfiar a cabeça nos livros a noite toda para se dar bem na prova do dia seguinte.

Sexta-feira, 20 de novembro
7h45min

Julio teve mais uma vez aquele pesadelo. Mas dessa vez, ele não deu muita bola e voltou a dormir sem muita demora. De manhã, sua mãe foi logo lhe dizendo que, depois da escola, eles iriam se encontrar com Gabi e os pais dela, e iriam direto para a chácara. A ideia lhe animou bastante, mas ele buscou se concentrar nos estudos, pois a prova daquele dia seria de matemática. Ele gostava bastante dessa matéria, mas nas últimas aulas o professor tinha passado umas lições bem difíceis, então ele estava estudando mais do que de costume.

Ele ficou estudando até a hora do almoço, mas não ficou satisfeito. Comeu rápido e depois voltou para os livros, para dar mais uma lida na matéria e fazer alguns exercícios. No caminho para a escola, e durante todas as aulas antes do recreio, ele ficou inseguro, pois tinha alguns exercícios que não tinha conseguido fazer direito. Quando tocou o sinal do recreio, ao invés de sair para comer, ele abriu o caderno e tentou tirar suas últimas dúvidas. A prova seria logo depois do recreio, portanto não havia tempo a perder. Ele finalmente resolveu suas últimas dúvidas e, quando o professor entregou a prova, ele viu que se sairia bem.

Mas a prova deu trabalho. Apesar de saber resolver todas as questões, ele não estava conseguindo ser muito rápido. Olhava para os lados e via todos escrevendo alucinadamente, com medo de não dar tempo de resolver tudo. Ainda faltavam duas questões quando o professor anunciou:

- Faltam quinze minutos, pessoal!

Ele sentiu um frio na barriga e acelerou. Escreveu a última linha da última questão poucos segundos antes que o professor passasse recolhendo as folhas. Apenas dois colegas já tinham entregado a prova. A maioria ficou escrevendo até que o professor arrancasse a folha de suas mãos.

Julio não achou que iria tirar dez, mas estava confiante de que a nota seria boa. Satisfeito, finalmente conseguiu relaxar. O professor, vendo o esforço da turma, resolveu dispensar todos da última aula. Todos ficaram conversando e bagunçando até que chegou a hora de ir embora. Julio foi correndo até a saída, para encontrar seus pais no carro já carregado de malas.

Ele entrou no carro e eles foram até a casa de Gabi. Ela ainda não tinha chegado da escola, mas Alessandro já estava com quase tudo pronto. Assim que Daniela chegou com Gabi, todos entraram nos carros e começaram a viagem até a chácara.

O caminho até a chácara foi bastante agradável. O fim de tarde estava magnífico, com um pôr-do-sol que os acompanhou durante boa parte do tempo. A noite também estava bonita, com a Lua crescente despontando no céu em meio a muitas estrelas.

Chegaram com muita fome, e como já estava se tornando costume, foram preparar um churrasco. Julio e Gabi foram correndo chamar Miro e Alberta, mas eles não estavam em casa. Julio ficou um pouco desapontado, pois queria pedir desculpas a Miro pelo jeito como ele o tratou pelo telefone.

Todos se divertiram bastante. A noite estava quente e estrelada, e foram dormir com esperança de curtir bastante o verão no dia seguinte.

Sábado, 21 de novembro
8h19min

Tinham acordado cedo, e foram correndo até a casa de Miro para chamá-lo. Ele estava acordado e, junto com sua mãe, terminando de limpar a piscina, que estava com a água cristalina. Eles pularam na água assim que puderam, e ficaram se divertindo a manhã toda. Em certo momento, Julio disse para Miro:

- Miro, me desculpe, eu não quis ficar bravo com você pelo telefone!

- Tudo bem, esquece! - respondeu Miro, com um sorriso - Eu já estou desencanando de toda essa história mesmo!

Depois disso, Julio contou para Gabi e Miro sobre seus pesadelos, mas eles não pareceram se importar muito. Gabi deu risada, e Miro disse que eram apenas sonhos. Eles também não estavam querendo falar sobre o assunto da sala secreta, quando Julio disse:

- E aí gente? Depois do almoço vamos lá tentar achar a palavra-chave?

- Ah, não! Eu quero ficar na piscina! - disse Gabi.

- Mas... - começou Julio.

- Ah, Julio! - interrompeu Gabi - A gente já ficou um tempão semana passada tentando. Eu não quero ficar de novo a tarde inteira presa naquela biblioteca enquanto faz o maior calor e tem uma piscina geladinha aqui pra gente!

- É, Julio, de noite a gente tenta alguma coisa! - disse Miro.

Julio não ficou muito satisfeito, mas continuou pensando naquilo. Foram almoçar e depois de um tempo voltaram para a piscina. Dessa vez, até os adultos estavam com eles, e todos se divertiam bastante. Mas isso não impediu que Julio tentasse mais uma vez puxar o assunto:

- E qual vocês acham que é a palavra-chave? Sabemos que começa com "B"!

- Ah, Julio, deixa isso pra lá! - respondeu Gabi, que nesse momento estava fazendo uma guerra de água com Miro.

- Não, gente, vamos pelo menos tentar pensar! E se for uma palavra em inglês? Ou alemão?

- Mas Julio! - disse Miro, defendendo-se de um ataque de água de Gabi - É impossível a gente adivinhar! Não podemos tentar todas as palavras do mundo! São muitas!

- Cuidado, Gabi! - disse Alessandro, enquanto jogava um punhado de água nas costas da filha com um balde.

- Aaaí, pai! - ela gritou, feliz.

Todos pareciam se divertir muito, e não queriam mais tocar no assunto do mistério da chácara. Julio também estava se divertindo, mas não conseguia esquecer aquilo. Além da curiosidade, havia os pesadelos. Ele sentia que, enquanto não abrisse a sala secreta, nunca mais conseguiria dormir direito. Ele nem mesmo se importava com o que tinha lá dentro, apenas queria colocar um ponto final naquela história.

Quando a noite chegou, Alessandro e André foram até a vila comprar ingredientes para fazer pizzas, enquanto os demais iam até a casa da Dona Olívia para fazer outros preparativos para a janta. Alberta ficou em casa para preparar um bolo de brigadeiro, enquanto Daniela e Fabiana foram colher amoras no pomar para fazer um suco. E depois de muita insistência de Julio, as crianças foram enfim para a biblioteca.

Julio ficava a todo momento tentando animar Miro e Gabi, mas eles não estavam muito empolgados. Ele ficava sugerindo palavras e correndo de um lado para outro apertando os livros. Depois de algum tempo, Gabi desistiu. Ela pegou um livro cheio de figuras de animais e começou a folhear. Miro continuou tentando, mas Julio teve a impressão de que estava apenas tentando agradá-lo. Nessa hora, ele pensou que Miro era uma pessoa muito bacana, e que talvez devesse parar de incomodá-lo. Mas Julio não queria desistir. Não ainda.

Quando a janta ficou pronta, Miro e Gabi foram correndo sentar-se à mesa, e Julio ficou ainda um pouco parado ali, olhando para as letras da prateleira. Foi preciso que sua mãe viesse chamá-lo para que finalmente fosse se juntar aos demais.

Depois da janta, Gabi teve uma ideia de fazer uma festa do pijama, e ela convenceu os adultos a deixarem Miro dormir ali com eles. Depois, Miro foi até sua casa buscar roupas e escova de dentes, e eles logo começaram a inventar brincadeiras e jogos. A bagunça foi até de madrugada, e eles só aceitaram dormir depois de muita insistência dos adultos.

Domingo, 22 de novembro
3h33min

Julio acordou gritando:

- Aaaaah! Quaseeeee!

De novo teve o pesadelo, e de novo tinha acordado na hora exata em que iria conseguir ver a palavra escrita no túmulo. Estava escuro, e Miro e Gabi, que estavam dormindo ao seu lado, sequer se mexeram em suas camas.

Julio já tinha se acostumado com o ritual noturno. Foi até o banheiro, depois foi tomar água. Mas ao invés de voltar para a cama, foi até a biblioteca. Ficou ali, olhando para os livros, imaginando combinações de letras e palavras que ainda não haviam tentado. Depois resolveu retirar o livro com a letra “B” e, sentando-se em uma poltrona, começou a folheá-lo. Viu fotos de borboletas, do mapa do Brasil, de um escritor chamado Bilac. Nem estava mais prestando atenção. Acabou ficando com muito sono. Fechou o livro, e com ele ainda em seu colo, adormeceu profundamente.

Domingo, 22 de novembro
6h31min

Um forte brilho incomodava os olhos de Julio. Ele não queria acordar, mas algo estava brilhando bem próximo a ele. Abriu os olhos e viu que ainda estava na biblioteca, sentado na poltrona e com um pesado livro no colo. Por uma fresta aberta na janela, a luz do Sol entrava e batia forte na capa do livro, produzindo um clarão intenso perto do seu rosto.

Ele se espreguiçou, esticando os braços para os lados e o corpo para trás. Procurou escutar algum barulho, mas pelo jeito todos ainda estavam dormindo em suas camas. Ele decidiu que também iria para a cama, mas antes que se levantasse, seus olhos pousaram sobre a capa do livro iluminada pelo Sol. E foi aí que ele viu algo que resolveria todo o mistério.

Julio estava segurando o livro "B" da enciclopédia. Sua capa era dura, feita de um material que ele não tinha certeza, mas que se parecia com couro. O que ele viu foram marcas afundadas no couro. As marcas tinham sido feitas por alguém que usou o livro como apoio para escrever algo em um pedaço de papel. Era possível ver, claramente, algumas coisas escritas na capa do livro. E a primeira coisa que Julio viu foi um número: zero vírgula cinquenta e três. No começo ele não se lembrou. Mas depois ele viu uma seta dupla e uma linha pontilhada ao lado do número. E pouco acima da linha pontilhada, estava escrito, em letra cursiva inclinada: "Palavra-chave?". E então ele se lembrou de onde tinha visto aquilo, e foi correndo acordar Miro e Gabi.

- O que foi, Julio! Que horas são? - perguntou Gabi, reclamando ainda com os olhos quase fechados.

- Eu descobri! Descobri algo! - disse Julio - Acordem, vamos!

- O que? - perguntou Miro - O que você descobriu?

- Vejam isso!

Miro e Gabi se aproximaram e não viram nada. Mas Julio lhes mostrou as marcas afundadas na capa, dizendo:

- É o mapa! O último pedaço do mapa, que nós achamos no túmulo! Quem rabiscou aquelas coisas no mapa usou esse livro aqui como apoio, e ficou marcado na capa!

Miro e Gabi ficaram boquiabertos. Eles não estavam acreditando no que estavam vendo. Miro disse:

- Ficou marcado? Inclusive a ... palavra que estava no pedaço que o rato comeu?

- Sim, olhem! - disse Julio, com um sorriso triunfante, apontando para uma palavra escrita um pouco mais acima!

- "Birra" - leu Gabi. Depois ela repetiu - Birra? O que significa birra?

- É quando a gente se comporta mal só pra conseguir algo que queremos muito! - disse Miro - Mas espera aí! A gente já deve ter tentado essa palavra, nós tentamos todas do dicionário!

- Talvez tenhamos pulado essa, ou apertamos os botões rápido demais! - disse Julio - Vamos tentar lá, gente? Eu não quis tentar sem vocês!

- Vamos! - disse Gabi, levantando-se.

Eles foram até a biblioteca. Julio recolocou o livro na prateleira e imediatamente apertou a letra "B". Depois foi até o "I". Em seguida apertou o "R" duas vezes, e terminou com o "A". Todos ficaram em silêncio, esperando escutar alguma

coisa, mas nada aconteceu. Julio sentiu como se um balde de água gelada fosse derramado em sua cabeça. Ele disse:

- Ué?

- Será que o mecanismo está quebrado? - disse Miro.

- Não pode ser! - disse Julio - Depois de tudo isso, não vai funcionar?

- Será que a gente não leu errado? - disse Gabi.

- Hum, duvido, mas não custa verificar! - disse Miro - Julio, pega o livro, vou tentar uma coisa!

Enquanto Julio removia o livro da prateleira, Miro foi até uma mesa pegar papel e lápis. Ele colocou o papel sobre a capa do livro e passou o lápis sobre o papel, pintando-o quase que completamente. Isso fez que as marcas fossem transferidas para o papel, como um decalque, e ficassem mais fáceis de serem lidas. Ele disse:

- É, está certo! É birra mesmo que está escrito!

- Que droga! - disse Julio - E agora?

Miro olhou mais um pouco para o papel, e notou algo. Ele disse:

- Esperem aí!

Ele pegou o livro, e olhou cuidadosamente a capa. Depois de se certificar de que tinha certeza do que estava vendo, explicou:

- Olhem aqui, em volta da palavra "Birra". O que parece um círculo em volta da palavra na verdade é uma seta, olhem!

- Uma seta? - perguntou Julio - Dando a volta na palavra? E o que significa isso?

- Eu sei! Eu sei! - disse Gabi - A gente tem que trocar as letras!

- Hein? - perguntaram Miro e Julio.

- A palavra que estamos procurando não é "birra", e sim outra palavra formada com as mesmas letras!

- Hum, pode ser! E que palavra será? - perguntou Miro.

- Fácil! - disse Gabi - A palavra é "abrir"!

Julio deu um tapa na testa, dizendo:

- É mesmo! Que óbvio, como a gente não tentou antes?

- Genial, Gabi! Genial mesmo! - disse Miro.

- Obrigada! É que meu vô adora jogar um jogo no computador que é sobre isso, e eu fico ajudando ele jogar!

Julio pegou o livro das mãos de Miro e o recolocou na prateleira. Em seguida, apertou os livros na ordem certa: "A", "B", "R", "I" e "R" novamente. Depois que ele apertou o livro com a última letra, ouviram um estalo forte, e um barulho que se parecia com um sofá bem pesado sendo arrastado. O barulho veio da sala de estar onde ficava a sala secreta.

- Abriu! - gritaram os três, e saíram correndo imediatamente.

Domingo, 22 de novembro

7h15min

Ao passarem correndo pelo corredor, deram de cara com André, que tinha acordado com o barulho. Ele disse:

- Ei! Por que acordaram tão cedo?

- A gente conseguiu abrir a sala, pai! - disse Julio, deixando André para trás.

- Sala? Que sala? - ele perguntou, ainda sonolento.

- A sala secreta, tio! - disse Gabi, também desaparecendo lá na frente.

- Sala secreta? - ele perguntou, coçando a cabeça, mais uma vez sem entender nada.

- É, seu André! Vem ver! - disse Miro, correndo atrás dos outros dois.

Chegaram à sala de estar e imediatamente viram a cena que estavam desejando ver há muito tempo. Em um dos cantos, uma grande abertura na parede revelava um pequeno cômodo escuro.

- Uau! - disse Gabi - A gente conseguiu mesmo!

Eles se aproximaram devagar, no momento em que André chegava à sala.

- Do que vocês estão falando, crian... Ah! O que é aquilo? - ele disse, apontando para a abertura na parede.

- É a sala secreta! Que nós descobrimos logo na primeira semana que viemos para cá! - disse Julio.

- Ah, sim, seu tio me falou alguma coisa sobre isso!

- Nós finalmente descobrimos como faz pra abrir. Vem, tio, vamos ver o que tem dentro! - disse Gabi.

Eles foram. Estava escuro lá dentro, então André foi abrir todas as janelas da sala. O Sol iluminou tudo com intensidade, então puderam ver o que tinha lá dentro.

Havia muitas prateleiras, com várias caixas. Nas caixas havia todo tipo de coisa. Havia coisas comuns, como papéis, livros e vidros vazios. Havia também coisas estranhas. Viram umas estátuas esquisitas, algumas pedras e muitos instrumentos. Alguns pareciam ser de médico, outros pareciam ser de dentista, e havia também ferramentas muito

pequenas, incluindo um serrote e martelo minúsculos, do tamanho de uma caneta.

- Eu vou acordar os outros! - disse André - Não mexam em nada, crianças!

Ele saiu dali e foi até os quartos acordar os demais. Enquanto isso, Julio, Gabi e Miro olhavam tudo o que podiam. Gabi achou uma foto antiga. Ela a mostrou aos demais:

- Olhem! É o Frederico Borba!

- Tudo isso aqui... são as coisas dele? - perguntou Julio.

- Deve ser! - respondeu Miro - Olhem, tem mais fotos aqui!

Ele pegou um bloco com várias fotos, muito antigas e desbotadas, e eles começaram a folheá-las. Uma delas chamou a atenção de Julio:

- Vejam essa foto! Tem uma escultura com chifres parecida com aquela que nós vimos!

- É, mas é diferente. Essa aqui tem um tipo de tigela em cima! - observou Gabi.

A foto mostrava Borba com roupas de quem estava fazendo um safári, com bermuda e chapéu. Ao seu lado, algumas pessoas negras, com o rosto e o corpo pintado com listras brancas, olhavam sérias para a câmera. Ao fundo via-se a escultura que Julio tinha notado. Miro virou a foto, e viu que no verso estava escrito: "Nigéria, 1879". Miro disse:

- Nossa, tem quase cento e cinquenta anos!

- A Nigéria fica na África, né? - perguntou Gabi.

Os demais concordaram, mas sem muita convicção. Gabi viu outra foto interessante. Na foto, Borba aparecia trabalhando em uma bancada, e ao seu lado era possível ver

aquela pequena estátua vermelha que tinham encontrado em seu túmulo, e que tinham trocado com a bibliotecária pelo livro com a letra "A". Além disso, em sua mão havia outra coisa estranha. Um pequeno bastão de pedra branca, com uma cabeça de cobra entalhada, que parecia brilhar um pouco na foto. A cabeça da cobra fazia uma leve curva para trás e depois se voltava para frente, deixando o bastão com um formato parecido com o de um ponto de interrogação.

Nesse momento, Alessandro chegou com André para ver a sala. Ele exclamou:

- Uau! Quanta coisa interessante tem aqui!

- De quem era tudo isso? - perguntou André.

- E como vocês conseguiram abrir a sala? - perguntou Alessandro.

As crianças então contaram tudo o que sabiam, sobre Frederico Borba, sobre os livros, e sobre como tinham descoberto a palavra-chave. Só não contaram que tinham roubado a chave e invadido o túmulo de Borba, pois acharam que os adultos ficariam bravos com eles. Nesse momento, Fabiana e Daniela também chegaram, e eles precisaram repetir tudo.

Depois de discutir um pouco, os adultos decidiram que era melhor não mexer em nada. Seria melhor deixar tudo como estava, e pedir para alguém vir catalogar aquele material, pois certamente deveria estar em algum museu. Alessandro sugeriu a bibliotecária e todos, com exceção das crianças, concordaram. As crianças queriam ficar ali, explorando, mas foram proibidos, pois poderiam estragar alguma coisa. Depois de muitos protestos, Daniela mandou que fossem para a cozinha.

- Droga, aquela bibliotecária vai roubar tudo pra ela! - disse Julio, sentando-se à mesa.

- Nem tudo! - disse Gabi com um sorriso.

- O que foi, Gabi? - perguntou Miro.

- Psst! Olhem aqui! - ela disse, tirando do bolso um pedaço de papel rasgado que tinha pegado escondido dos adultos.

- Uia, Gabi! O que você pegou? - perguntou Miro.

- Depois a gente olha com calma! - disse Julio - Vem vindo alguém!

Nesse momento, Alessandro entrou na sala e disse:

- Crianças, venham ver. Descobrimos como fechar a sala. É só tirar um dos livros da prateleira!

Os adultos estavam todos na biblioteca. André segurava em sua mão o livro com a letra "A". Ele o recolocou na prateleira, depois apertou as letras certas, e eles ouviram mais uma vez o barulho que indicava que a sala tinha sido aberta. Eles começaram a discutir sobre o mecanismo, mas Daniela, ao ver que as crianças estavam ali, pegou o livro com a letra "R", fazendo a sala se fechar novamente. Ela disse:

- Só que a partir de agora esse livro fica comigo! - e apontando o dedo para as crianças, disse - Desculpem, crianças, mas pode ter alguma coisa valiosa lá dentro e não quero que vocês estraguem tudo. A sala vai ficar trancada. Depois que a tal da Dona Armênia catalogar tudo aí vocês podem brincar!

Houve muito choro e protestos das crianças, mas Daniela saiu dali carregando o livro debaixo do braço. Os outros adultos a acompanharam, deixando as crianças

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

sozinhas na biblioteca, olhando para a prateleira que depois de tanto esforço ficou mais uma vez incompleta.

Domingo, 22 de novembro

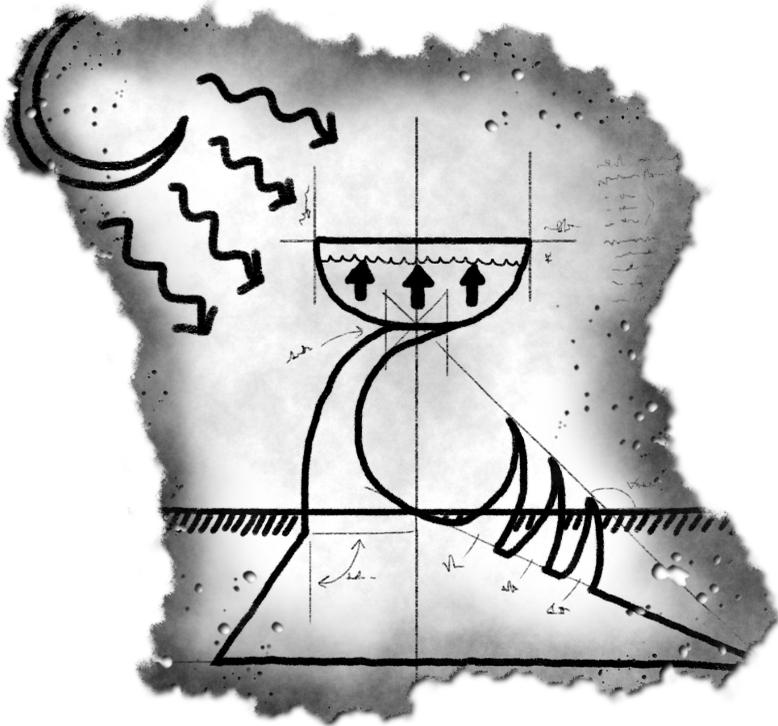
11h52min

- Nossa, que coisa mais estranha! - disse Julio.

- Não é? - disse Gabi.

- Vocês sabem o que é isso, não é? - perguntou Miro.

Eles estavam na sala, olhando o pedaço de papel que Gabi tinha pegado da sala secreta. O papel era muito antigo, e estava todo rasgado nas pontas. Havia um desenho da Lua e uma escultura formada por quatro chifres.



- Sim, Miro! - disse Julio - É aquela escultura dos chifres que nós encontramos perto da Trilha do Vaga-Lume.

- Mas está diferente! Tem uma bacia em cima do chifre maior! - disse Gabi - Igual aquela foto que vimos na sala secreta.

- A bacia! A bacia que tem no quintal da Dona Olívia! Deve ser essa bacia aqui! Acho que ela fazia parte da escultura, e foi tirada por algum motivo - disse Miro.

- E aqui no desenho, a bacia está se enchendo de água, vejam! - observou Gabi.

- Sim, por causa da luz da Lua! - disse Julio.

- É, a pedra que brilha! A escultura é feita daquela pedra, não é? - disse Gabi.

- E a pedra fica molhada quando brilha. Meu professor disse que ela absorve a umidade do ambiente! - disse Julio.

Eles estavam agitados. Aquele desenho parecia explicar muita coisa, mas havia tantas descobertas que eles começaram a ficar confusos. Miro então disse:

- Gente, calma! Eu tive uma ideia! Vou pegar meu caderno e a gente escreve tudo o que descobrimos hoje, que tal?

- Isso, Miro! - disseram Julio e Gabi.

Miro foi até sua casa. Depois de algum tempo ele voltou com seu caderno de anotações. Colocou-o sobre a mesa. Miro então começou a fazer anotações:

- Bom, primeira coisa, então. Esse desenho nos mostra que aquela escultura de chifres está incompleta. Falta uma bacia, que deve ser essa que está no quintal da Dona Olívia.

- Certo! - concordaram Julio e Gabi.

- E quando estiver completa, a escultura toda deve brilhar com a luz da Lua! - disse Miro.

- E alguma coisa mágica vai acontecer! - disse Gabi, animada.

- Não, Gabi, isso a gente não sabe! Vamos anotar só os fatos! - disse Julio.

- Também sabemos que essa escultura veio da África, pois vimos uma foto lá na sala secreta que mostra o Borba ao lado dela. Ele deve ter trazido de lá de alguma forma! - continuou Miro.

- Outra coisa Miro, anota aí! - disse Julio - Sabemos que a pedra absorve umidade. Então, quando a escultura estiver completa, deve juntar bastante água, né?

- Isso mesmo! - disse Miro - Deve ser por isso que no desenho a bacia está cheia de água!

- E deve ser por isso que a bacia da bisa está toda preta, como se parecesse uma fonte! Não era fonte, era umidade que a bacia juntava! - disse Gabi.

- Mas porque não funciona mais? - perguntou Julio.

- Deve ser porque ela está coberta de sujeira! - disse Miro, estalando os dedos.

- Então... - disse Gabi, levantando-se e começando a andar de um lado para o outro - Precisamos levar a bacia até aquele lugar, dar um jeito de colocá-la em cima do chifre, limpar tudo e... e...

- Esperar pela Lua cheia! - disse Julio - E aí a escultura vai ficar brilhando, vai se encher de água e... sei lá! O que mais tem aí no papel?

- Mais nada! - disse Miro, olhando o papel de perto - Tem algumas coisas escritas, mas não dá pra ler.

Eles ficaram quietos por um tempo, pensando. Miro estava com o lápis na boca. Gabi ainda estava andando de um lado para outro. Julio estava sentado no sofá, olhando para o teto. Ele perguntou:

- Quando é a próxima Lua cheia?

Miro fez alguns cálculos de cabeça, e disse:

- Nós estamos na Lua crescente, então... no próximo sábado ou domingo a Lua vai estar cheia!

- Então na semana que vem a gente coloca o plano em prática! - disse Gabi.

- Certo! - disseram Julio e Miro.

Depois disso chegou a hora do almoço. Os adultos ainda estavam conversando sobre a sala secreta. Alessandro disse que depois do almoço iria até a vila para conversar com a bibliotecária. Daniela o acompanharia. Miro disse que a biblioteca estaria fechada, mas que ele ou sua mãe poderiam fazer isso durante a semana. Eles concordaram, mas iriam tentar assim mesmo.

Depois do almoço, começou a chover. Julio, Gabi e Miro ficaram brincando o tempo todo dentro da casa, primeiro jogando cartas, depois na cozinha, onde conseguiram fazer, com a ajuda de Fabiana, um brigadeirão que ficou delicioso. Depois inventaram outros jogos e brincadeiras, e foram se divertindo até que a tarde se transformasse em noite. Daniela e Alessandro voltaram da vila sem ter conseguido conversar com a bibliotecária, como Miro já havia alertado. Já estava escuro quando os carros foram carregados e eles mais uma vez foram embora para casa, com a promessa de voltar novamente no próximo fim de semana.

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 7

Quarta-feira, 25 de novembro
09h14min

- Bom, então tchau galera! - despediu-se Miro, pelo computador, após longa conversa com Julio e Gabi pela Internet.

- Tchau! - disse Gabi.

- Tchau! - disse Julio.

Julio desligou o computador e começou a relembrar o que tinham conversado.

Ele, Miro e Gabi estavam combinando como iriam executar o plano no final de semana. Eles precisariam, primeiro, de alguma forma para carregar a pesada bacia de pedra até o local da escultura de chifres. Miro sugeriu que usassem um carrinho de mão que havia em sua casa.

Precisariam também de cimento ou algum tipo de massa para colar a bacia na escultura, e Miro mais uma vez fez a sugestão: no fundo da casa de Dona Olívia havia um saco de cimento em pó. Estava meio velho, mas devia funcionar. E poderiam usar o carrinho de mão para preparar a massa.

Também precisariam de bastante líquido limpa-pedras, que era a única forma que eles conheciam de deixar a escultura e a bacia brancas novamente. Mas dessa vez não conseguiram pensar em nada. Já tinham pedido aos adultos ajuda para isso, mas eles tinham negado. Teriam que pensar em algo depois. Também precisariam de luvas para manusear o líquido, mas isso seria fácil. Bastaria comprar um par no mercado da vila, pois era barato.

Por último, tinham combinado de não contar nada aos adultos. Eles já tinham proibido as crianças de entrar na sala

secreta, e provavelmente não gostariam nada de saber o que eles estavam prestes a fazer. Portanto, dariam um jeito de, na sexta-feira à noite ou no sábado durante o dia, levá-los para fora da casa, enquanto eles fizessem os preparativos, o que incluía tirar a bacia da estátua e colocá-la no carrinho de mão junto com as outras coisas que iriam precisar.

Julio achou que o plano era simples, e daria certo. A única coisa que faltava era o líquido limpa-pedras. Precisariam dar um jeito de consegui-lo, mas como?

Quinta-feira, 26 de novembro
19h03min

O juiz deu o apito final, e o time de Julio comemorou. Haviam vencido o jogo do campeonato, e foi contra uma equipe de alunos mais velhos. Tinha sido um ótimo resultado, pois agora faltava apenas um jogo, e eles ainda tinham chance de ser campeões. Julio ficou feliz, mas ao mesmo tempo triste, pois ele não teve oportunidade de jogar. Ficou observando enquanto seus colegas comemoravam e relembavam as jogadas que tinham feito. Fernando tinha feito três gols, e tinha sido um dos grandes responsáveis pela vitória.

Chegando em casa, Julio foi tomar banho, jantar e assistir um pouco de televisão antes de dormir. Estava passando um filme de terror, onde uma casa mal assombrada era infestada de monstros que ficavam assustando os moradores. Mas Julio não viu o final, pois sua mãe o mandou para cama antes que o filme terminasse.

Julio teve uma noite tranquila. Como esperava, ele não teve mais aquele pesadelo. Mas antes de dormir ele ficou pensando o que iria acontecer quando eles conseguissem

concluir seu plano. Será que aconteceria alguma coisa mágica, como Gabi insistia em dizer?

Sexta-feira, 27 de novembro
22h03min

Chegaram à chácara mais tarde do que de costume, pois tiveram alguns atrasos antes de sair de casa. Acabou não dando tempo de jantar, então precisaram parar em um posto na estrada para comer alguma coisa. Julio e Gabi adoraram, pois o posto tinha muitas coisas gostosas para comer, além de muitas bugigangas para vender. Não compraram nada, mas eles gostaram de ficar olhando tantas coisas diferentes.

A ideia deles era procurar Miro assim que chegassem, mas estava tarde. Portanto, o plano deles teria que começar no outro dia de manhã. Julio e Gabi apenas deram uma escapadinha para ir até o quintal. A Lua cheia estava brilhando no céu. Eles foram até a estátua e viram que, na bacia, exatamente no lugar onde eles tinham tentado limpar, havia um risco brilhante, fosforescente. Imaginaram que se a bacia estivesse completamente limpa seu brilho seria muito forte.

Não ficaram muito tempo, pois suas mães os chamaram para ir dormir. Eles entraram e foram para a cama.

Sábado, 28 de novembro
08h45min

- Está quase tudo pronto! - disse Miro - Eu já deixei separado lá em casa o carrinho de mão, o cimento, uma pazinha de pedreiro, e as luvas de borracha, que eu peguei na vila.

- A gente também já separou as mochilas para hoje à noite. - disse Julio - Colocamos lanternas, corda, um pouco de comida, o mapa e o desenho da estátua!

- E as pulseiras repelentes? - perguntou Miro.

- A gente está usando o tempo todo agora! - respondeu Gabi, mostrando o pulso - Lá na nossa cidade também está tendo uma infestação de mosquitos!

- Ótimo! - disse Miro - Então só falta o limpa-pedras!

- Onde vamos conseguir? - perguntou Julio.

- Eu acho que vamos ter que comprar nós mesmos! - disse Gabi.

- Mas é muito caro! - disse Miro - Eu perguntei lá no mercado e não dá pra comprar!

Ficaram conversando, tentando imaginar uma forma de convencer os adultos a comprar para eles, mas não tiveram nenhuma ideia.

Para o almoço, foram convidados por Alberta para ir até sua casa, o que foi ótimo pois assim as crianças puderam fazer como tinham planejado. Enquanto os adultos conversavam depois do almoço, as crianças foram até os fundos da casa, pegaram o carrinho de mão, e foram até o quintal da casa da Dona Olívia. Com muito esforço, conseguiram tirar a figura de mulher de cima da bacia e colocá-la no chão. Com ainda mais esforço, os três juntos levantaram a bacia, que estava um pouco grudada na coluna, e a colocaram no carrinho de mão. Depois, colocaram novamente a estátua sobre o pilar, e esconderam o carrinho na mata que havia nos fundos do quintal. Voltaram para a casa de Miro, onde todo mundo se preparava para nadar na piscina.

O tempo foi passando e eles ainda não tinham conseguido pensar em uma forma de conseguir limpa-pedras. A noite chegou e eles já estavam ficando meio desesperados. Estavam agora na casa da Dona Olívia, sentados no banco do quintal, conversando. Julio brincava com sua pedra, que brilhava intensamente sob a Lua cheia, jogando-a para cima e para baixo com as mãos.

- Que droga! - disse Gabi - Só falta uma coisa, UMA coisinha só!

- É! - disse Miro - É frustrante!

- Hunf! - disse Julio - Queria nunca ter achado essa pedra, assim a gente não estaria passando raiva!

- O que disse, Julio? - perguntou Miro, levantando-se.

- Que eu queria não ter achado essa pedra!

- Hum, eu tive uma ideia! - disse Miro - Onde foi que você achou essa pedra, mesmo?

- Na pedreira, lembra? - disse Julio - Você estava junto!

- Sim, eu sei! - respondeu Miro - Eu tô pensando que lá na pedreira pode ter o que precisamos! Eles trabalhavam com pedras, não é? Será que lá não tem alguma coisa para limpar pedras?

- Pode ser! - disse Julio - Vamos lá ver!

- Vamos! - disse Gabi.

Eles então pediram permissão aos adultos para andar na trilha durante a noite, pois a Lua estava cheia e a floresta estaria muito bonita de se ver. Mais uma vez, Daniela e Fabiana não gostaram muito, mas acabaram deixando.

Julio, Gabi e Miro pegaram suas mochilas e foram até o quintal. Entraram na mata, pegaram o carrinho de mão que tinham escondido mais cedo e começaram a caminhada até a

Trilha da Lua. Segundo Miro, poderiam seguir por essa trilha até a pedreira, como tinham feito semanas atrás. Depois, com um pouco de sorte, encontrariam o que precisavam, e aí atravessariam a pedreira até a estrada, de onde poderiam seguir até a entrada da vila. Segundo o mapa, havia um caminho que ia da entrada da vila até a Trilha do Vaga-Lume. Se não se atrasassem, chegariam ao local da escultura por volta das dez da noite. Seria tarde e talvez os adultos não gostassem muito, mas decidiram ir assim mesmo.

Sábado, 28 de novembro
20h38min

Miro empurrou a porta do galpão, mas ela não abriu. Ele disse:

- Ajudem aqui!

Julio e Gabi se juntaram a ele e os três empurraram com força. A porta enfim cedeu e se abriu. Estavam dentro do galpão da pedreira abandonada.

Ligaram as lanternas e começaram a procurar. O lugar era enorme, e havia muitas coisas jogadas por todo lado. Havia ferramentas, muitas prateleiras caídas, máquinas quebradas e muitas pedras, o que tornava difícil caminhar por ali sem tropeçar.

- Vamos nos separar! - disse Julio.

Cada um começou a procurar em um canto diferente. Julio foi procurar em um escritório, mas só achou escrivatinhas, caixas de papelão e papéis. Miro foi procurar perto de um balcão de ferramentas, mas não achou nada. Foi Gabi, que estava procurando em uma espécie de despensa muito grande, quem gritou primeiro:

- Acho que encontrei! Venham aqui!

Eles se aproximaram. Gabi apontava o facho da lanterna para um monte de garrafões de plástico jogados no chão. Alguns estavam abertos e vazios, mas também havia alguns fechados. Todos eram iguais e estavam empoeirados. Gabi se aproximou e limpou um deles com a mão e leu: "ácido muriático - use luvas ao manusear".

- Ué, mas como você sabe que isso aqui é pra limpar pedras, Gabi?

- Porque é a mesma coisa que estava escrita na garrafa que o meu pai usou no outro dia, eu lembro de ter lido isso! - ela respondeu.

- Então achamos, gente! Vamos levar quantos? - disse Julio.

- Ah, acho que uns quatro garrafões, vamos tentar levar o máximo que der! - disse Miro - Com cuidado hein?

Eles encheram o carrinho com os garrafões e saíram dali. Seguiram pela pedreira até chegarem à estrada. Havia uma cerca alta que circundava o terreno, mas eles encontraram uma brecha. Com dificuldade, eles conseguiram passar, mas o carrinho não passaria. Assim, eles tiraram tudo o que tinha no carrinho, inclusive a pesada bacia de pedra, e foram passando pela brecha. Com o carrinho vazio, conseguiram passá-lo de lado, e puderam seguir viagem pela estrada.

Em poucos minutos chegaram à vila, mas não foram adiante. Em um ponto da mata ali perto, avistaram uma placa que dizia: "Trilha do Vaga-Lume". Ligaram as lanternas e entraram na escura mata.

Sábado, 28 de novembro
22h12min

- É aqui! Chegamos! - disse Miro.

Estavam no alto do barranco. A Lua cheia brilhava intensamente, de forma que podiam ver claramente, lá embaixo, o terreno, com as pedras quadradas espalhadas, e a escultura com chifres. Ao fundo podiam também ver as águas escuras do rio. Nesse momento, Julio se lembrou do seu pesadelo, onde o rio estava agitado e cheio de ondas, e sentiu um arrepio. Mas a sensação logo passou, e ele perguntou:

- Como vamos fazer para descer com tudo isso?

- Vamos fazer assim: - disse Miro - Eu desço primeiro, e aí vocês vão me passando as coisas amarradas na corda, uma de cada vez, pode ser?

- Tá bom! - disse Gabi.

Miro pegou a corda na mochila e amarrou uma de suas pontas na mesma árvore que tinham usado da outra vez. Em seguida, ele desceu cuidadosamente pelo barranco, com a ajuda da corda. Uma vez seguro lá embaixo, ele gritou:

- Tudo bem! Podem puxar a corda!

Julio e Gabi puxaram a corda para cima, e começaram a descer as coisas. Primeiro amarraram um garrafão de limpa-pedras, que era mais fácil pois tinha uma alça. Não foi difícil descê-lo, mas tomaram bastante cuidado, pois se o líquido caísse sobre Miro ele iria se queimar gravemente. Repetiram o processo para os outros garrafões, sem que tivessem problemas.

Depois eles decidiram tentar descer a bacia. Com muito cuidado, Julio e Gabi amarraram a corda ao seu redor, de forma que ela ficou bastante presa. Eles se sentaram e, juntos,

foram segurando a corda a quatro mãos enquanto a bacia escorregava vagorosamente pelo barranco. Miro a segurou lá embaixo e a empurrou para o lado, desamarrando a corda.

O próximo item foi o carrinho de mão, o que também não foi difícil pois era razoavelmente leve, e tinha bastante lugar para amarrar. O saco de cimento foi em seguida, e foi o item mais difícil, pois ele estava aberto, e o cimento ficava saindo toda hora. Precisaram amarrar bem até fechar o saco, e só então conseguiram descê-lo até Miro sem perder todo o material. Por último, restaram as luvas e a pazinha de pedreiro, que eles colocaram dentro das mochilas. Com tudo lá embaixo, Julio e Gabi fizeram a descida e se juntaram a Miro.

- Pronto! - disse Julio.

- Ufa! - disse Gabi - Que canseira!

- O que fazemos primeiro? - perguntou Miro.

- Vamos limpar a bacia e a escultura! - sugeriu Julio.

Os demais concordaram. Pegaram a bacia e a colocaram dentro do carrinho de mão. Com dificuldade, pois o terreno era bastante acidentado, levaram a bacia até o lado da escultura com os chifres. Depois tiraram a bacia do carrinho e a colocaram no chão.

- Bom, agora vamos tentar limpar! Posso começar? - perguntou Miro.

- Vai em frente, Miro! Toma aqui as luvas! - disse Gabi.

Miro calçou as luvas e voltou até o barranco para pegar um dos garraões de limpa-pedras. Com muito cuidado ele o abriu, e todos sentiram o forte cheiro do ácido irritando-lhes os olhos e as narinas.

- Cuidado, gente! Fiquem longe porque arde bastante o olho! - disse Miro.

Julio e Gabi se afastaram, e sempre com muito cuidado, Miro começou a derramar o ácido sobre a bacia.

No início, não aconteceu nada. Mas depois Miro esfregou com as luvas, e a sujeira começou a se soltar. À medida que a bacia ia sendo limpa, seu brilho aumentava bastante. Depois de alguns minutos, todo o local estava tão iluminado pela luz da bacia que eles decidiram que podiam desligar as lanternas.

Antes de terminar de limpar a bacia, Miro se afastou para respirar um pouco de ar puro. Ele disse:

- Ufa! Nossa, meu olho e nariz estão ardendo muito! Esse ácido é muito forte!

- Nossa, eu esqueci! - disse Gabi, abrindo a mochila - Toma, usa isso aqui! Eu esqueci de tirar da mochila no outro dia que nós fomos na prainha.

Ela entregou a Miro seus óculos de natação.

- Boa ideia, Gabi! - ele respondeu, colocando os óculos - Tive outra ideia, tem uma toalha aí?

- Tem! - disse Gabi, entregando-lhe sua toalha de banho, que também tinha ficado ali.

Miro a pegou e enrolou em seu rosto, cobrindo-lhe a boca e o nariz. Satisfeito com a proteção, ele voltou ao trabalho e terminou de limpar a bacia.

Em seguida, ele começou a limpar a escultura. Sempre tomando muito cuidado, ele derramava pequenas quantidades de ácido na pedra e esfregava com as luvas. A sujeira foi saindo e revelando um brilho cada vez mais forte. Quando Miro terminou o primeiro chifre, o brilho já estava

iluminando todo o terreno, dali até o barranco. Mas quando toda a escultura ficou limpa, o brilho estava tão forte que até o outro lado do rio estava recebendo sua luz.

- Nossa, que bonito! - disse Gabi.

- Meio estranho, né? - disse Julio - Essas pontas brancas saindo da terra, parecem dentes, sei lá...

- Olhem! - disse Miro, tirando os óculos e apontando para o rio.

Nesse momento, um enxame de vaga-lumes se aproximou do local, vindo do rio. Havia milhares de vaga-lumes, que brilhavam por todo lado.

- Ah! Ah! Ah! Que coisa linda! - disse Gabi, rindo alto e girando com os braços abertos.

- Eles devem ter sido atraídos pela luz da escultura! - disse Miro, intrigado.

- Que legal! - disse Julio - Parece que a gente está voando no meio de um monte de estrelas!

Eles ficaram ali por um tempo, encantados com a visão maravilhosa. Julio tentava seguir uma luz com os olhos, mas logo a perdia de vista, e aí tentava outra, e mais outra. Ele nunca tinha visto algo tão bonito em toda a sua vida. Não queria que aquele momento terminasse nunca. Aliás, todos estavam curtindo muito, até mesmo Miro, que estava acostumado com a beleza natural da região.

Mas depois de um tempo a ansiedade voltou, e eles decidiram continuar o que estavam fazendo:

- Bom, gente... vamos colocar a bacia? - disse Julio.

- Vamos! - disse Miro - Vão pegar um pouco de areia do rio pra gente fazer a massa do cimento. Eu vou dar uma

última limpada nos pedaços que faltaram. Tragam também água. Podem usar um desses garrafões vazios.

Julio e Gabi obedeceram. Eles voltaram com um pouco de areia que tinham pegado na margem do rio e colocado no carrinho de mão. Também tinham lavado bem o garrafão e enchido com água.

Miro pegou o garrafão e jogou um pouco de água na escultura e na bacia, para remover qualquer resto de ácido que tinha sobrado. Depois ele separou um punhado de areia, colocou um pouco de cimento e misturou tudo com água, com a ajuda da pазinha de pedreiro. Julio perguntou:

- Nossa, não é pouco?

- É, mas não precisa de muito! - respondeu Miro - É só para segurar a bacia no lugar. Pronto, terminei de fazer a massa! E agora? Qual será o lugar certo?

- Vamos olhar o desenho! - disse Gabi, tirando o papel da mochila.

- Hum, a bacia fica mais ou menos na ponta do chifre maior! - disse Julio.

- Certo, então vamos! Me ajudem aqui! - disse Miro.

Os três pegaram a bacia juntos e a levaram até a ponta do chifre. Vagarosamente, eles foram descendo a bacia até que ela encostasse na escultura. Nesse momento, Julio pensou ter sentido alguma coisa tremendo no chão, mas não falou nada, pois achou que era resultado de terem apoiado a bacia.

- Pronto, segurem aqui no lugar, enquanto eu coloco a massa embaixo pra fixar! - disse Miro.

Julio e Gabi ficaram, um de cada lado, segurando a bacia. Julio novamente sentiu alguma coisa estranha no chão, mas não sabia dizer o que era.

Enquanto Miro colocava a massa embaixo da bacia, Gabi disse, baixinho:

- Gente!

- O que é, Gabi? - perguntou Julio.

- Olha! Os vaga-lumes sumiram! - ela respondeu.

Julio olhou ao redor e viu que ela tinha razão. Apenas segundos atrás o lugar estava cheio de luzes esvoaçantes, e agora estava tudo vazio novamente. O próprio ar parecia mais abafado. E mais uma vez Julio sentiu uma coisa estranha nos pés.

- Pronto, podem soltar! - Miro disse, afastando-se.

Julio e Gabi soltaram a bacia, que não cedeu nem um pouco. Na verdade, ela parecia se encaixar muito bem no lugar, e a massa parecia apenas um apoio extra.

Eles se afastaram um pouco mais para admirar a escultura completa. Seu brilho estava mais intenso do que nunca. De repente, Miro disse:

- Vocês estão ouvindo isso?

- O que, Miro? - perguntou Gabi, nervosa.

- Esse barulho de água! - respondeu Miro.

- Ué, não é o barulho do rio? - perguntou Julio.

- Não! Parece... parece que está vindo da terra!

Eles se abaixaram para escutar. Julio então percebeu que aquela sensação estranha era água correndo por baixo da terra. Parecia que estavam em pé sobre uma fina camada de

terra, sendo que embaixo havia uma correnteza forte de água que escoava.

- É mesmo! - disse Gabi.

- E está indo pra lá! - disse Miro, apontando para a escultura.

Eles se aproximaram, e viram que a superfície da pedra estava toda molhada. Olharam dentro da bacia, e viram que havia água se formando em seu interior.

- Olha, está juntando água aqui dentro! - disse Gabi.

- Igual no desenho! Lembram que tinha umas setas mostrando a bacia se enchendo de água? - disse Julio.

- Então está funcionando! - disse Miro - O que quer que seja, está dando certo!

Eles se afastaram mais uma vez e continuaram observando enquanto a bacia se enchia de água. O processo era lento, mas não demorou para que a água começasse a transbordar. Em pouco tempo a escultura tinha se transformado em uma fonte, derramando água no chão, enchendo o terreno sob seus pés.

- Nossa, de onde está vindo toda essa água? - perguntou Julio.

- Sei lá, eu não sabia que tinha tanta umidade assim no chão! - respondeu Miro.

De repente, ouviram um som assustador. Parecia com um estalo de um galho se quebrando, mas mais abafado. E pareceu ter vindo do chão. Eles olharam em volta, procurando a origem do barulho, mas não viram nada. Então ouviram novamente, e Julio achou ter visto uma das pedras quadradas se deslocar um pouco para o lado. Gabi choramingou, agarrando o braço de Julio:

- Julioooo! O que foi isso?

- Não sei, Gabi!

- Vamos embora, gente? Eu tô com medo! - ela disse.

Mas não deu tempo de ninguém responder, pois nessa hora uma das pedras quadradas deu um salto para o lado, ao mesmo tempo que um pequeno buraco se abriu poucos centímetros dali. O buraco era pequeno, mas parecia ser fundo, pois engoliu um punhado de terra. Em seguida, o mesmo aconteceu com outra pedra.

- Aaaai! - os três gritaram juntos.

Os barulhos aumentavam. Parecia que havia muitos galhos sendo pisados, vindo de todos os lados, debaixo da terra. E foi aí que Julio viu uma coisa terrível. Uma forma esbranquiçada saltou para fora de um buraco, levantando um pouco de terra. A forma se parecia com uma mão humana, feita somente de ossos.

- Olha ali! Olha ali! Um esqueleto! - Julio gritou, apontando.

A mão tateou em volta e agarrou um punhado de terra. Em seguida fez força para baixo, e com isso surgiu outra mão ao seu lado. Depois uma cabeça, e o tronco. Eram feitos de ossos, mas havia pedaços de carne velha e acinzentada grudados em alguns lugares.

Julio, Miro e Gabi estavam tão aterrorizados que nem perceberam que a mesma coisa estava acontecendo em todo o seu redor. As pedras quadradas iam, uma a uma, dando lugar a esqueletos que saíam vagarosamente da terra, produzindo estalos quando os ossos se movimentavam.

Eles estavam se afastando do primeiro esqueleto, indo cada vez mais para trás. Até que Gabi sentiu algo encostando

em seus cabelos. Ela passou a mão e sentiu algo duro. Virou-se para olhar, e deu de cara com uma caveira a poucos centímetros de seu rosto, e que estava colocando a mão nela. A caveira não tinha olhos, era apenas um crânio branco cheio de dentes escuros e apodrecidos.

- Aaaai! Saaaaiiii! - ela gritou, dando um tapa na mão do esqueleto, que não reagiu, ficando parado no lugar.

Eles começaram então a se afastar desse segundo esqueleto, mas estavam cercados. Julio disse:

- Gente, o que vamos fazer? Eles estão por todo lado.

- Julioooooo! Eu quero ir embora daqui! - chorou Gabi.

- Calma, Gabi! Calma Julio! Vejam! - disse Miro.

Eles ficaram juntinhos, olhando por um tempo. Os esqueletos se moviam bem devagar, e estavam indo todos na mesma direção.

- Eles estão indo até a escultura! - observou Julio.

- Vamos sair do caminho deles! - disse Miro.

Eles começaram a se afastar da escultura, em direção ao rio, pois era o único caminho que não estava infestado de esqueletos. Havia muitos ali, cerca de vinte ou trinta. Aqueles que estavam mais próximos da escultura já estavam totalmente fora da terra, enquanto os mais longe ainda tentavam soltar os braços e as pernas da terra. Bem perto da margem do rio viram uma cabeça branca que não conseguia sair.

- Será que a gente consegue sair daqui pelo rio, nadando? - perguntou Gabi.

- Pode ser. Eles não devem conseguir nadar! - disse Miro.

- Calma, vamos ver o que eles vão fazer! - disse Julio.

- Você tá maluco, Julio? - disse Gabi.

- Eles são tão lerdos! A gente fica de olho, qualquer coisa a gente pula no rio! - disse Julio.

Eles ficaram ali olhando, prontos para, a qualquer momento, pular na água e sair nadando desesperadamente para a outra margem. Os primeiros esqueletos então chegaram à escultura. Um deles colocou a mão na água, e aconteceu algo espantoso. A mão, que era feita somente de ossos, começou a se encher de carne cinza-escura. O esqueleto a levantou, olhou-a por um tempo, depois a mergulhou de novo na água. Dessa vez, ela se cobriu quase completamente de carne. O esqueleto então começou a abaixar a cabeça em direção à água.

- O que ele está fazendo? Será que ele vai... - começou a perguntar Julio, mas parou porque a resposta veio logo em seguida.

O esqueleto começou a beber a água. O efeito disso foi muito esquisito. À medida que a água descia pelo seu pescoço até a sua barriga, ela ia criando carne por onde passava. O esqueleto continuou bebendo muito, e assim foi se enchendo de órgãos, músculos, e por fim uma pele verde-esverdeada de aspecto gosmento. Não era mais um esqueleto, e sim um cadáver vivo. Ele parou de beber a água e se afastou para dar lugar a outros esqueletos que também começaram a beber a água da bacia brilhante.

- Credo! Eles estão virando... zumbis! - disse Julio.

O zumbi, agora com o corpo completo, inclusive as orelhas, ouviu o que Julio disse, e virou sua cabeça na direção das crianças, que soltaram um grito ao ver seus olhos. Eram amarelados e brilhantes, mas sem pálpebras e nem íris. Eram completamente lisos.

O zumbi, ao ouvir o novo grito, ergueu uma mão em direção das crianças e soltou um gemido assustador:

- OoooOOooOooorrgh!

Em seguida, ele começou a andar vagorosamente na direção em que estavam. Gabi disse:

- E agora? Ele está vindo pra cá!

- Vamos pular no rio! - disse Julio.

- Não! - disse Miro - A gente não pode fazer isso!

- Por que não? - perguntou Gabi, desesperada.

- Por que a gente deixou a corda no barranco! Essas coisas podem usar para subir e sair daqui! - explicou Miro.

- Ai, mas e daí, Miro? - perguntou Julio.

- E daí que a culpa é nossa! - disse Miro - Não podemos deixar eles escaparem daqui! Se tirarmos a corda eles ficam presos aqui embaixo!

- Mas o que vamos fazer? - perguntou Gabi - Aquele zumbi é devagar, mas está chegando cada vez mais perto!

- Vamos por aqui, só tem esqueletos desse lado! - disse Miro, apontando para um caminho.

Eles saíram correndo, desesperados. Havia muitos esqueletos, e agora já havia cinco zumbis transformados, todos eles gemendo e andando vagorosamente na direção das crianças. Mas eles eram muito lentos, e as crianças conseguiram dar toda a volta e chegar ao barranco bem antes que fossem alcançados.

- Gabi, você primeiro, vai! - disse Miro.

Ela subiu o mais rápido que conseguiu. Em seguida, veio Julio, e por último Miro. Eles puxaram a corda no exato

momento em que o primeiro zumbi tinha chegado ao pé do barranco.

- Ufa! - exclamou Julio - Essa foi por pouco!

- Será que eles não conseguem subir mesmo? - perguntou Gabi.

- Vamos ver! - disse Miro.

Eles ficaram olhando enquanto mais zumbis se aglomeravam ao pé do barranco. Eles pareciam não saber o que fazer. Alguns olhavam para cima e apontavam para as crianças, soltando um gemido. Outros olhavam para os lados. Um deles começou a tentar subir o barranco, mas era muito íngreme. Ele escorregou e caiu de volta, demorando um tempão para se levantar de novo. Depois de mais algumas tentativas de alguns zumbis, eles desistiram e começaram a andar de um lado para outro no terreno embaixo.

De repente, ouviram um estrondo. Um outro zumbi, que aparentemente não tinha tomado água o suficiente, pois estava com as costas e um pedaço da cabeça ainda com os ossos aparecendo, tinha derrubado uma árvore com um soco.

- Caramba! Eles são superfortes! - disse Gabi.

- É, mas acho que eles não vão sair daqui! - disse Julio.

- Ainda bem! - disse Miro.

- E será que eles não sabem nadar mesmo? - perguntou Gabi.

- Não! Olhem! - disse Julio, apontando para o rio.

Eles olharam para o rio e viram um zumbi chegando perto da margem. Ele colocou o pé na água, e imediatamente o tirou, soltando um choro apavorante. Ele recuou, mancando um pouco, e depois voltou para a terra seca, caminhando de um lado para outro junto com os outros zumbis.

- Acho que a água do rio faz mal para eles! - disse Julio.

- Bom, então o que a gente faz? - perguntou Miro.

- Vamos embora! - disse Gabi.

- Mas e esses zumbis? - perguntou Julio - Não podemos deixá-los aqui!

- E o que você sugere? - perguntou Gabi, brava - Ir lá embaixo de novo e pedir: "Por favor, senhores zumbis! Voltem para a caminha de vocês debaixo da terra, porque a gente tem que ir embora"?

- Claro que não! - disse Julio.

- Acho que a Gabi tem razão! - disse Miro - A gente não pode fazer nada agora! Só podemos torcer para que quando a Lua sumir e o Sol raiar os zumbis voltem a ser esqueletos e fiquem mortos de novo.

- Isso! - disse Gabi - Aposto que amanhã de manhã eles vão estar mortinhos da silva!

Julio pensou um pouco, e concordou:

- Tá, então vamos embora! Mas amanhã a gente volta pra destruir aquela escultura, né?

- Sim! - disse Miro.

Eles deram mais uma olhada para os zumbis lá embaixo, que ainda caminhavam de um lado para o outro. Alguns estavam em volta da árvore derrubada. Outros começaram a se sentar nela. Gabi disse:

- Até que eles são calminhos! Dão medo, aqueles olhos lisos, credo! Mas parecem calminhos!

- Então vai lá, Gabi! Dá um beijo em um deles, bem na bochecha verde! - disse Julio, rindo.

Depois dos sustos, a piada de Julio foi um grande alívio, e eles riram bastante. Começaram a caminhada de volta. Tinham deixado as lanternas para trás, mas depois de tudo o que passaram, uns tropeções eram o de menos. Além disso, a Lua cheia estava muito brilhante, e a trilha não estava tão escura naquela noite.

Chegaram em casa tarde, mas os adultos não ficaram muito bravos. Estavam entretidos em um jogo de cartas, e tinham perdido a noção do tempo. Já passava da meia-noite, então eles foram direto tomar banho e depois para a cama. Apesar dos apuros que passaram, estavam tão cansados que adormeceram quase que imediatamente.

Domingo, 29 de novembro
9h29min

Julio, Gabi e Miro estavam mais uma vez na Trilha do Vaga-Lume. Tinham acordado cedo, tomado café às pressas, e saído o mais rápido que conseguiram. Estavam exaustos, com as pernas doendo e com muito sono, mas foram assim mesmo. Estavam quase chegando mais uma vez ao fatídico local da escultura dos chifres, e discutiam o que tinha acontecido:

- Eu não falei? - dizia Gabi - Que a escultura era mágica?

- É, mas você estava achando que era uma mágica toda bonitinha, do bem! - disse Julio.

- Se é mágica eu não sei! - disse Miro - Mas agora eu sei porque a cidade achava que o tal do Frederico Borba era maluco!

- Nossa, é verdade! - disse Julio - Ficar revivendo os mortos, que coisa de doido!

- E perigoso, também! - disse Gabi - Vocês viram a força daquele zumbi?

- Pois é! - disse Miro - Só não entendi as pedras quadradas no chão. Tinha uma pedra para cada corpo, né? E o que significavam os números?

- Não sei, mas agora que você falou de corpos, Miro... - disse Julio - Lembra que você descobriu que ele foi preso porque estava roubando corpos no cemitério?

- Sim, é claro! - disse Miro - Então era pra isso que ele queria! Ele trouxe pra cá para fazer suas experiências!

- Credo, que cara maluco! - disse Gabi - Deviam ter deixado ele preso bastante tempo!

- Mas ele deve ter se arrependido, Gabi! - disse Miro - Afinal, ele desmontou a escultura e meio que escondeu a bacia lá no quintal da casa dele, né?

- Nem tanto, Miro! - disse Julio - Se ele estivesse mesmo arrependido, teria destruído tudo, não é?

- É, verdade! - Miro concordou.

- E será que ele aprendeu a fazer isso lá na África? - perguntou Gabi.

- Deve ser! - disse Miro - Ele trouxe a escultura de lá, a gente viu na foto!

- E isso deve ter a ver com o tal do Vodou! - disse Julio - Meu professor disse que esse tipo de pedra era usada no Vodou!

- É! - disse Miro.

- Mas também não interessa! - disse Gabi - Eu aprendi minha lição: nunca brincar com coisas que a gente não conhece direito!

- Sem esquecer que agora precisamos consertar tudo! Ou melhor, quebrar tudo! - disse Julio.

- E torcer para que os zumbis já estejam mortos de novo! - disse Miro.

- Mas os zumbis já estão mortos, mesmo quando estão andando por aí, não é? - perguntou Gabi.

- Sei lá! - disse Miro - Mas o que eu quis dizer foi: torcer para que os zumbis estejam parados, imóveis, sem se mexer, entendeu?

- Entendi! - disse Gabi - Eu estava só zoando um pouco!

Eles chegaram ao lugar mais uma vez. Aproximaram-se devagar, com medo de algum zumbi ter conseguido escalar o barranco e estar à espreita. Mas logo os medos desapareceram. Eles olharam para baixo e viram que o lugar estava cheio de montes de poeira branca no chão. Havia mais ou menos a mesma quantidade desses montes do que de zumbis na noite anterior, então eles concluíram que os zumbis haviam voltado a virar ossos, e depois pó mais uma vez.

Eles desceram o barranco, usando a corda. Aproximaram-se da escultura, tentando não pisar em nenhum dos montes de pó, e viram que a bacia ainda tinha um pouco de água dentro.

- E agora? O que a gente faz? - perguntou Julio.

- Acho melhor começar destruindo essa bacia! - disse Miro.

Eles tentaram empurrar a bacia, mas ela não saía do lugar. No início, acharam que Miro tinha colocado muito cimento embaixo, mas eles olharam com cuidado e viram que o cimento havia caído. Aparentemente, a bacia havia se fundido à escultura de tal forma que era impossível removê-la.

- Nossa, como será que o Borba conseguiu separar a bacia daqui? - perguntou Miro.

- Será que ele usou um martelo ou outra ferramenta? - completou Julio.

- Não parece! - disse Miro - A bacia não tem nenhuma marca de que foi batida ou quebrada!

- Só se durante a Lua cheia a mágica faz a pedra ficar mais dura! - disse Gabi.

- Sabe que você pode ter razão, Gabi? - disse Miro - A gente pode tentar de novo quando estivermos na Lua nova.

- Eu que não volto pra cá, nunca mais! - disse Gabi.

- Mas Miro, não podemos deixar tudo como está! - disse Julio - De noite a escultura vai brilhar e os zumbis vão voltar à vida de novo!

- A gente pode tirar esses montes de pó de osso daqui! - disse Miro.

- Eca! - disse Gabi - A gente vai ter que por a mão naquilo?

- É o único jeito! - disse Miro.

- E pra onde a gente leva? - perguntou Julio.

- Pensei em jogar no rio! - disse Miro.

- Ai, não! Tadinhos! - disse Gabi.

- Tadinhos, Gabi? - riu Julio - São monstros gosmentos, superfortes e com olhos assustadores!

- É, mas eles se queimam quando encostam na água! - disse Gabi - Eles não tem culpa de serem revividos!

- Bom, e o que a gente faz, então? - perguntou Miro.

- Vamos deixar eles aqui mesmo! - disse Gabi - Já vimos que não podem subir pelo barranco, e nem sair pelo rio. Aí, na semana que vem, já não vai ser Lua cheia e a gente tenta separar a bacia. Aí enterramos eles de novo e eles podem descansar!

- Ai, Gabi, só você mesmo pra ficar com pena de zumbis! - disse Miro, rindo.

- Ué, zumbi também é gente! - ela respondeu - Ou melhor, já foi gente, no passado!

Eles riram. Depois disso, decidiram ir embora. Pegaram as coisas que eles tinham deixado ali na noite passada, incluindo as mochilas e o carrinho de mão, e voltaram para casa.

Ao subir o barranco, porém, Julio achou ter visto alguma coisa estranha. Havia algumas marcas escavadas que iam do chão até o topo. Ele não conseguia se lembrar se eram as marcas que eles mesmos tinham feito na noite anterior, ao descer. Olhou mais uma vez para baixo, e viu que todos os montes de pó branco estavam longe do barranco, o que significava que provavelmente os zumbis tinham desistido de subir por ali. Decidindo ignorar, Julio continuou a subir e foi embora sem falar nada para Miro ou Gabi.

Domingo, 29 de novembro
18h16min

Julio e Gabi despediram-se de Alberta, agradecendo pela janta e pelas brincadeiras daquela tarde. Então foram se despedir de Miro:

- Até, Miro! - disse Gabi - Até a próxima! E fica de olho nos zumb... vaga-lumes hein?

- Ah! Ah! Ah! Pode deixar Gabi! Tchau!

- Tchau Miro! - disse Julio - Acho que na semana que vem a gente volta pra terminar aquilo.

Nesse momento, Alessandro, que estava perto e tinha ouvido aquilo, disse:

- Desculpem, crianças, mas na semana que vem não poderemos vir. Nós temos um compromisso. Vai ficar para outra oportunidade!

Julio e Gabi olharam assustados para Miro, que os tranquilizou e disse:

- Tudo bem, galera! Deixa que eu vou lá!

- Sozinho? - disse Gabi, impressionada.

- Ué, qualquer coisa eu digo que sou amigo da Gabi, a protetora dos z...

- Psiu! - disse Julio.

- Vaga-lumes! - completou Miro, com um sorriso.

Julio e Gabi também sorriram, e Alessandro ficou sem entender nada. Eles se despediram e foram embora para casa, deixando para trás um fim de semana inesquecível.

O mistério da chacara - por Daniel Lucrédio

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 8

Segunda-feira, 30 de novembro
22h14min

O dia tinha sido normal. Julio teve as mesmas aulas de sempre, viu os mesmos amigos e colegas, conversando sobre os mesmos assuntos de sempre. Julio chegou em casa, fez a lição, tomou banho, jantou e foi para a cama. Nada tinha mudado, exceto que, no final de semana, ele, sua prima e Miro tinham revivido os mortos usando uma estranha magia Vodou antiga e desconhecida.

Tentando dormir, Julio ficou relembando os estranhos acontecimentos que tinha vivido. Lembrou-se de como eles tiveram que decifrar enigmas e resolver problemas. Por várias semanas eles ficaram imaginando qual seria o mistério da chácara, e no final descobriram que era melhor não terem feito nada. A lembrança daqueles zumbis, com seus olhos lisos e brilhantes, era assustadora demais. Era uma prova de que há algumas coisas com as quais é melhor não mexer, principalmente aquelas que não entendemos direito.

Julio teve pesadelos aquela noite, envolvendo esqueletos, zumbis e um rio com as águas turbulentas, pelas quais era impossível passar.

Quinta-feira, 3 de dezembro
07h45min

O despertador tocou, e Julio se levantou. Foi para o banheiro, depois tomar café, e trocar de roupa. Estava ainda com sono, pois mais uma vez teve pesadelos durante a noite e acordou várias vezes. Também estava ansioso, pois não tinha notícias de Miro desde o fim de semana. Julio queria saber se ele tinha conseguido resolver o problema com os zumbis.

Sua ansiedade chegou ao fim por volta das onze horas da manhã, quando Miro o chamou para conversar pelo computador. Assim que viu o rosto de Miro na tela, Julio foi logo perguntando o que queria saber:

- E aí, Miro? Conseguiu destruir a bacia?

- Oi Julio! - Miro respondeu - Cara, não consegui! Aquela pedra parece que ficou mais dura! Tentei com um martelo, mas a estátua nem trincou!

- Ih! E agora? - Julio perguntou.

- Bom, eu tirei todos os montes de pó do lugar, então acho que os zumbis não estão mais aparecendo!

- É? Tem certeza?

- Eu fui lá de novo, durante a noite, e fiquei olhando enquanto a bacia se enchia. Fiquei lá um tempão e nenhum esqueleto apareceu para tomar a água!

- Ufa! E o que você fez com os montes de pó?

Miro deu um sorriso, e disse:

- Não conta pra Gabi, mas eu joguei no rio!

- Boa, Miro! - disse Julio - Assim eles podem descansar pra sempre!

- É, espero que sim!

Mais aliviado, Julio continuou conversando com Miro sobre outros assuntos mais leves. Eles conversaram sobre a escola, onde ambos estavam chegando perto do fim do ano. Tanto Miro quanto Julio estavam indo muito bem, mas Miro estava um pouco preocupado com Matemática. Já Julio precisava se concentrar mais em História. Depois Julio contou que provavelmente eles iriam ficar umas duas semanas sem ir para a chácara, justamente por causa das provas. Miro ficou um pouco chateado, mas depois passaram

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

a fazer planos para as férias de verão, quando ficariam várias semanas juntos. Mais animados, despediram-se, e Julio prometeu contar tudo para Gabi, para que ela também ficasse mais tranquila.

Sexta-feira, 4 de dezembro
o8hoomin

Julio acordou na sexta-feira bastante descansado. Tinha dormido a noite inteira. Não teve nenhum pesadelo naquela noite.

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 9

Sexta-feira, 11 de dezembro
17h03min

Julio entregou a última prova do ano para o professor, com a certeza de que tinha sido aprovado. Pegou suas coisas e saiu para o pátio da escola leve e feliz, com a alegria só proporcionada pela sensação de dever cumprido e pelo início das longas e merecidas férias de verão.

Despediu-se dos amigos com promessas de muitas atividades nos meses a seguir. Iria para a chácara somente na semana seguinte, portanto já tinha combinado de se encontrar com os amigos todos os dias da semana seguinte. Uma dessas atividades seria um treino extraoficial para jogo final do campeonato, que aconteceria dali a duas semanas.

Mas o melhor ainda estava por vir. Julio avistou o carro dos seus tios chegando à escola. Gabi tinha vindo buscá-lo para passar o fim de semana com ela e os pais em um hotel-fazenda para comemorar o fim do ano. Eles se aproximaram, já com o carro cheio de malas, inclusive uma para Julio, enviada por sua mãe. E eles foram direto para o hotel.

Sábado, 12 de dezembro
21h14min

O fim de semana estava sendo incrível. Julio e Gabi se divertiam muito, pois no hotel tinha piscina, cachoeira e muitas crianças para brincar. Os pais de Gabi também curtiam bastante, aproveitando a folga para descansar o tempo todo. Estavam agora no restaurante, terminando de comer a sobremesa. Julio e Gabi conversavam sobre como seria lá na chácara, agora que o mistério tinha terminado:

- Ué, vai ser divertido! - disse Gabi.

- Não sei... - disse Julio - Parte da graça em ir pra lá estava naqueles mapas e segredos todos! Agora não vai ter mais isso.

- Ah! Deixa disso Julio! Vai dizer que você não vai mais querer ir na prainha? Ou pescar? Ou brincar com o Miro?

- É claro que vou, mas...

- Psst! - disse Alessandro - Façam silêncio, crianças! Queremos ouvir as notícias! Estão falando sobre a vila lá perto da chácara da bisa!

Julio e Gabi pararam de conversar e começaram a prestar atenção também. Na televisão que ficava no restaurante, um homem de terno apresentava o jornal:

- E agora vamos ouvir mais detalhes diretamente do local, com a repórter Cláudia Nascimento!

A imagem mudou para a de uma moça segurando um microfone. Ao fundo, Julio reconheceu a praça da vila, bem perto de onde eles tinham ficado na festa do dia dos mortos. Ela começou a dizer:

- Boa noite! Aqui o clima é de mistério! Alguma coisa vem causando uma estranha condição nos moradores da região. Sem nenhuma razão aparente, muitas pessoas estão sofrendo um tipo de sonolência forte. Elas dormem cerca de dezoito horas por dia, e enquanto estão acordadas ficam mais paradas do que o normal, sem vontade de trabalhar ou fazer qualquer coisa. Estamos aqui com o doutor Paiva, médico do hospital local, para conversar sobre essa estranha doença.

- Não se trata de doença, Cláudia! - o médico disse - Fizemos todo tipo de exame, e não conseguimos detectar nenhuma doença conhecida. Parece ser algum mal estar,

provavelmente causado pela ingestão de comida ou água contaminada.

- E as pessoas, doutor? Elas vão ficar bem?

- Sim, o efeito deve passar logo, assim que o organismo liberar a toxina. De qualquer forma, estamos recomendando repouso absoluto e bastante líquido!

Julio olhou para Gabi, que devolveu um olhar assustado. Mas eles não falaram nada. Daniela disse:

- Que coisa, não?

- É, estranho! Melhor esperar um pouco antes de irmos para a chácara outra vez, só por precaução! - disse Alessandro.

Depois, quando Julio e Gabi ficaram sozinhos, Julio perguntou:

- Gabi, será que essa doença estranha tem algo a ver com o que fizemos?

- Sei lá! - respondeu Gabi - Mas não é doença, você não ouviu o médico falando?

- Ouvi, mas agora fiquei preocupado. A primeira coisa que vou fazer quando chegar em casa é tentar falar com o Miro pra saber se está tudo bem!

- Boa ideia! - disse Gabi - Você me avisa, tá?

- Tá, pode deixar!

Depois disso, o fim de semana foi tranquilo e divertido. No domingo à noite, Julio se despediu da prima e dos tios, agradecendo pelo passeio, e foi dormir.

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 10

Quarta-feira, 16 de dezembro

10h14min

- Oi Miro! - disse Julio.

- Oi Julio! Oi Gabi! - respondeu Miro, pela tela do computador.

- Como estão as coisas por aí? - perguntou Gabi.

- Tá tudo bem! Acho que a tal doença não era nada de mais! Parece que as pessoas estão voltando ao normal. Só ficam um pouco mais sonolentas, mas os médicos dizem que vai passar!

- Ufa! - respondeu Julio.

- Será que foi a gente que causou isso? - disse Miro - Quero dizer, estão falando que é por causa da água, e eu bem... eu joguei os ossos no rio!

- Miro! - protestou Gabi - Você disse que não ia jogar!

- Tá, desculpa Gabi, mas era isso ou arriscar termos zumbis perambulando por aí toda noite de Lua cheia! - Miro respondeu.

- Mas as pessoas bebem água do rio? - perguntou Julio.

- Não diretamente! - respondeu Miro - Mas ela acaba indo parar nas margens, e depois entra na terra. E as pessoas comem verduras e frutas, que vem da terra, não é?

- Bem que a professora falou que não se deve sujar os rios! - disse Gabi.

- É isso aí, Gabi!

- Bom, então está tudo bem com você, Miro? - perguntou Julio.

- Sim, eu estou bem, só que... - Miro hesitou um pouco.

- O que?

- É a minha mãe! - Miro disse, preocupado - Ela está dormindo o tempo todo. E quando está acordada fica esquisita, quase não conversa, não faz nada!

- Sério? - perguntou Gabi - E o que o médico disse?

- Disse que está tudo bem, que vai passar! - respondeu Miro - Mas enquanto isso eu estou tendo que fazer tudo aqui em casa!

- Cuidado, Miro! Se cuida hein? - Julio disse.

- É claro, pode deixar! - Miro respondeu com um sorriso.

- Bom, precisamos desligar agora! - disse Julio - Depois a gente liga de novo pra saber como está sua mãe.

- Tá bom, obrigado! Tchau!

- Tchau!

Assim que Miro desligou, Julio olhou para Gabi e disse:

- Sei não, Gabi! Acho que essa história de doença está muito esquisita!

- Calma, Julio, vai dar tudo certo! Não é nada grave! - disse Gabi, tentando confortá-lo.

- Tomara, Gabi! Tomara!

O mistério da chacara - por Daniel Lucrédio

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 11

Sexta-feira, 25 de dezembro
19h46min

Era Natal. O ano estava chegando ao fim. Durante a semana, Julio aproveitou para brincar bastante com seus colegas, pois a maioria ia viajar para as festas de fim de ano. Julio também acompanhou, do banco de reservas, o último jogo do campeonato, que terminou em vitória do time de Julio. Mas a vitória tinha acontecido com diferença de poucos gols, então o campeonato terminou empatado. Para o desempate, haveria um jogo final entre as duas equipes melhores colocadas no início do ano seguinte, em janeiro.

Julio e seus pais estavam reunidos com Gabi e os pais dela para o almoço do dia de Natal. Houve muita comida e presentes, que as crianças adoraram. O almoço se transformou em janta, e a conversa e a diversão se estenderam até de noite. Exceto Fabiana, que estava muito sonolenta, todos estavam animados. Estava tudo em paz.

Sábado, 26 de dezembro
17h33min

Julio estava em seu quarto lendo um livro, quando ouviu um grito vindo da sala:

- Não, Fabiana! Onde você vai? Pára, Fabiana! Páaaaa!
Ai!

Era seu pai, gritando com sua mãe. O último grito tinha sido um gemido de dor, como se ele tivesse sido atingido por um soco.

Julio saiu correndo e foi até a sala ver o que estava acontecendo. A cena o deixou muito assustado. A televisão estava caída no chão da sala. Seu pai estava deitado no chão,

com a mão no rosto machucado. A porta da sala estava quebrada ao meio, e ele pode ver sua mãe andando calmamente pela rua, indo embora.

- Pai! Pai, o que aconteceu? - Julio perguntou, aproximando-se de André.

- Ai! - ele respondeu, ainda esfregando o rosto - É a sua mãe, ela... está estranha!

- Estranha como?

- Eu não quis te contar, mas ela está com a tal doença do sono! Eu estava cuidando dela, mas hoje, estávamos assistindo televisão e eu fui até a cozinha pegar um suco. Quando voltei, ela estava querendo sair de casa. Eu tentei segurá-la mas... ela me deu um soco!

- Te deu um soco? - perguntou Julio, assustado.

- É, e depois eu tranquei a porta com a chave! Mas ela deu outro soco na porta e a quebrou como se fosse feita de isopor!

- Foi a mamãe quem fez isso? - perguntou Julio, apontando para a porta quebrada.

- Foi! Eu também não entendo... ela está muito... forte!

Julio se lembrou imediatamente da noite em que os zumbis tinham revivido pela primeira vez. Lembrou-se da facilidade com que um deles derrubou uma árvore. Foi aí que ele teve certeza que a tal doença tinha alguma coisa a ver com os zumbis. Além de sonolentas, as pessoas afetadas ficavam muito fortes.

- Essa não! - disse Julio, colocando a mão na testa.

- O que foi, Julio? - perguntou André - Você sabe de alguma coisa?

- Bom, é uma longa história! Eu... ei, espera aí!

Julio parou de falar, pois nesse momento olhou para a televisão caída no chão da sala. A imagem estava embaralhada, pois a queda devia ter quebrado alguma coisa dentro dela. Mas mesmo assim, era possível ver a imagem de uma pessoa, segurando um objeto brilhante na mão. Julio reconheceu imediatamente a pessoa. Era Macedo! Ele segurava em sua mão um bastão curvo, em forma de ponto de interrogação. E ficava movendo o bastão de um lado para outro enquanto dizia alguma coisa que ele não podia ouvir.

Julio foi até o aparelho e o levantou, colocando-o na posição normal. A imagem se estabilizou um pouco. Ele pegou o controle remoto e aumentou o som, de modo que agora era possível escutar o que Macedo estava falando:

... venha até a praça central imediatamente! Você está em meu poder! Você deve me obedecer! Venha até a praça central imediatamente! Você está em meu poder... - a mensagem se repetia infinitamente.

- Ei, não é aquele homem que costumava visitar a sua bisavó? - perguntou André.

- É ele mesmo, pai! - disse Julio.

- O que ele está dizendo? Com quem está falando?

Julio ainda estava tentando entender o que estava acontecendo. Ele tinha certeza de que já tinha visto aquele bastão curvo em algum lugar antes, mas não conseguia se lembrar onde. Ele disse:

- Não sei, pai! Mas a mamãe deve ter ido para a praça central!

- Você tem razão, filho! Vamos lá!

Julio e seu pai saíram de casa e foram até o carro. Julio afivelou o cinto de segurança enquanto o pai acelerava o

veículo. Mas depois de andar alguns quarteirões, descobriram que não iriam longe.

As ruas da cidade estavam um caos. Havia carros parados no meio da rua em todo lugar, até nas calçadas. Quase todos os carros estavam quebrados e amassados, como se tivessem sido conduzidos por alguém com muita pressa e sem nenhuma noção de direção. As portas estavam abertas, outras estavam amassadas, e a maioria dos vidros estava quebrada. Alguns pneus estavam estourados. Mas não havia ninguém por ali.

- Nossa, que acidente enorme aconteceu aqui! - disse Julio.

- Acho que vamos ter que ir a pé! - disse André.

Eles desceram do carro e começaram a caminhar em direção à praça. Descobriram que não tinha sido um acidente, pois todas as ruas estavam do mesmo jeito. Além dos carros espalhados, havia muito lixo pelas ruas, como se as pessoas tivessem derrubado tudo que viam pela frente. Havia postes caídos, paredes e vidros quebrados, bancos revirados, e todo tipo de bagunça. Mas o mais estranho era o silêncio. Não se ouvia nenhum tipo de barulho por ali.

- Onde está todo mundo? - perguntou Julio.

- Eu tenho a impressão de estão todos indo para a praça também! - respondeu André.

- Será que todo mundo ficou igual à mamãe? Superforte? - disse Julio, olhando para um poste quebrado ao seu lado.

- Não sei, filho! Não sei! Vamos lá!

Com dificuldade, eles foram se aproximando da praça. O céu estava nublado, com algumas nuvens bastante escuras,

indicando que iria chover. A cidade parecia deserta. Ao passar pelas lojas e casas, Julio pode ver que algumas luzes tinham ficado acesas. Em outros lugares, dava para ouvir o som da televisão ligada. Em todas elas, Julio podia ouvir a voz de Macedo, entoando o mantra que pedia para que todos fossem à praça.

À medida que se aproximavam do local, começaram a ver algumas pessoas. Todas elas estavam andando devagar, com o olhar fixo, parecendo não enxergar nada à sua frente. Nessa hora, encontraram Fabiana. Ela também caminhava devagar. Julio tentou puxar sua mão, mas ela sequer se mexeu. Parecia completamente disposta a obedecer à ordem de Macedo, e nada a desviava do seu caminho. Decidiram acompanhá-la, caminhando devagar ao seu lado.

Em sua marcha cadenciada, as pessoas destruíam tudo o que viam pela frente. Julio viu uma menininha de uns cinco anos levantando sozinha um carro com as duas mãos, e o jogando para o lado para poder passar. Um senhor mais velho bateu em uma parede e, ao invés de dar a volta, voltou para trás e a empurrou com o ombro novamente, abrindo um buraco entre os tijolos para que pudesse passar. Nada deteria aquela onda de pessoas fortes caminhando vagorosamente.

Eles enfim chegaram à praça, que estava lotada. Havia uma multidão de pessoas, todas paradas, olhando para o mesmo lugar, no centro da praça. Fabiana se aproximou e também parou em um determinado ponto. Julio e André pararam ao seu lado.

- Nossa, a cidade inteira deve estar aqui! - disse André.

Julio olhou em volta e viu muitos rostos conhecidos. Viu alguns colegas da escola, inclusive Pedro e Fernando, também parados e com o olhar distante. Viu seu professor do

outro lado da rua. Todos estavam parados, exceto uma menina, que se mexia bastante, com seus cabelos esvoaçantes chegando cada vez mais perto de Julio.

- Julio! Tio! Julio! - Era Gabi, que vinha correndo na direção deles.

Assim que chegou, ela abraçou Julio com força, e ele viu que ela estava chorando.

- O que foi, Gabi? - ele perguntou.

- Meus pais! Eles ficaram estranhos! Pararam de falar comigo! Aí de repente eles saíram de casa e me deixaram sozinha! E aí eu fui atrás deles, mas me perdi, e... que bom que encontrei vocês!

- É, a minha mãe também tá assim! - disse Julio, apontando para Fabiana.

- Ai, a culpa é nossa, Julio! - disse Gabi - Foi a água dos zumbis, não foi? Contaminou todo mundo!

- Do que estão falando? - perguntou André, sem saber de nada - Julio! Me conta essa história direito!

- Tá, pai, eu vou contar, é que...

Mas justamente nesse momento, Julio olhou para o centro da praça e viu para onde todos estavam olhando. Era Macedo, segurando aquele objeto brilhante acima de sua cabeça.

- Ali, olha ali, Gabi! É o Macedo! - disse Julio, apontando.

- Macedo? - perguntou Gabi - Onde?

- Ali, no centro da praça! Foi ele quem mandou todo mundo vir pra cá, pela televisão!

- Hum, meus pais estavam vendo a televisão antes de ficarem esquisitos!

Nesse momento, ouviram a voz de Macedo soando alta, enquanto ele balançava o bastão de um lado para outro:

- Bem-vindos, meus servos! Vocês estão sob meu poder, e farão tudo o que eu mandar! Olhem para o Cetro da Lua, e obedeçam à minha vontade! Vocês farão tudo o que eu mandar! Levantem os braços, agora!

De repente, toda a multidão obedeceu. Em um só movimento, as milhares de pessoas que estavam ali levantaram seus braços para cima. A visão era até bonita, tamanho o sincronismo com que tinham obedecido à ordem. E o silêncio deixava tudo ainda mais assustador. Um raio caiu perto dali, causando um barulho enorme, que ninguém, à exceção de Julio, Gabi e André, parece ter percebido. Nesse momento, Macedo riu:

- Ah! Ah! Ah! Deu certo! Funciona! Em breve estarei comandando todo o mundo! Todos me obedecerão! Ah! Ah! Ah!

- Eu sabia! - disse Julio - Eu sabia que esse Macedo não era boa gente! De alguma forma, ele está controlando todo mundo com aquele bastão esquisito em forma de ponto de interrogação!

- Cetro da Lua? - perguntou Gabi - O que é isso?

- Não sei! - disse Julio - Mas eu acho que já vi aquilo em algum lugar, só não lembro onde!

- Julio, eu sei! Eu lembro! - disse Gabi.

- Lembra do que, Gabi? - perguntou Julio.

- A gente viu esse bastão em uma foto, lá na sala secreta! - ela explicou - Lembra? Era uma foto com o Frederico Borba!

- É verdade, Gabi! - disse Julio.

- Algum de vocês quer me contar o que está acontecendo? - perguntou André, impaciente.

- Tá bom, pai, a gente conta no caminho!

- No caminho? Que caminho? - André perguntou.

- A gente precisa ir até a chácara! - disse Julio - Precisamos descobrir um jeito de impedir os planos de Macedo! Ainda falta uma parte do mistério para resolver!

- Mas Julio! - disse Gabi - Não vai adiantar, a gente já descobriu tudo o que tinha pra descobrir lá! E o Macedo deve estar sabendo de tudo também, você mesmo disse!

- Não, Gabi, ainda falta uma coisa! - disse Julio - Alguma coisa que nem a gente e nem o Macedo descobriu.

- O que? - ela perguntou.

- A sala secreta! Não deu tempo de explorar lá dentro, lembra?

- É mesmo! Os adultos não deixaram! - disse Gabi, olhando brava para André.

- Ei, não olhem para mim! - disse André - Foram vocês que começaram toda essa confusão!

- E vamos terminar com ela! - disse Julio, decidido - Vamos!

- E a sua mãe? - perguntou André.

- A gente não vai conseguir tirar ela daqui mesmo! Nossa única chance é derrotar Macedo!

- Não sei, Julio! Eu não queria deixar sua mãe sozinha!
- disse André.

- Pai, confia em mim! - disse Julio.

Relutante, André concordou, e eles começaram a abrir caminho na multidão para sair da praça. Mas eles não viram que, naquele momento, Macedo achou estranho que algumas pessoas estavam saindo dali, desobedecendo suas ordens. Ele olhou com mais cuidado e reconheceu Julio e Gabi. Com raiva, murmurou:

- Não pode ser! São aquelas crianças malditas! Mas por que elas não estão me obedecendo? Será que... ah! É mesmo, como fui burro! Fui eu mesmo quem as protegeu! Mas tudo bem, eu tenho um exército de super-humanos para me ajudar!

Ele se virou para um homem que estava ali perto e disse, agitando o cetro para reforçar sua ordem:

- Você aí! Reúna cerca de quinze homens! Quero que você vá a um lugar! É uma chácara, não muito longe daqui...

Sábado, 26 de dezembro

22h12min

Assim que saíram da cidade, acharam que não iriam conseguir. Uma multidão de pessoas chegava caminhando pelas estradas, vagorosamente, e uma fila de carros vazios bloqueava todos os caminhos. Pelo jeito, a transmissão de Macedo tinha alcançado algumas cidades vizinhas, e todos estavam tentando obedecer e chegar à praça. Por sorte, André conhecia um caminho diferente, que passava dentro de uma fazenda, e puderam chegar à estrada.

A chuva caía forte, tornando a tarefa de dirigir muito mais difícil do que o normal. André conduzia o carro em

baixa velocidade, tentando não derrapar e se manter na estrada. Além disso, ele tinha que desviar constantemente dos carros parados. Mesmo longe da cidade, havia muitos deles. E de vez em quando, viam uma pessoa caminhando em sentido contrário, embaixo da chuva, com o mesmo olhar parado dos demais.

Em determinado momento, André exclamou:

- Ah, não! Só faltava essa!

- O que foi, pai? - perguntou Julio.

- Um bando de vacas no meio da estrada!

- Não dá pra desviar, tio? - perguntou Gabi.

- Vou tentar! Segurem aí! - ele disse às crianças.

André conduziu o carro para o acostamento e saiu da estrada. Conseguiram andar por alguns metros, passando várias vacas para trás. Mas o carro deu uma derrapada e ficou parado. André acelerou, tentou ir para a frente, depois para trás. Tentou ir rápido, tentou ir devagar, mas não conseguiu. O carro tinha atolado na lama.

- Não adianta! Atolamos! - disse André.

- Que droga! E agora? - perguntou Julio.

- Estamos mais ou menos perto, acho que dá pra ir andando!

- Andando? - perguntou Gabi.

- É o único jeito! - respondeu André - Duvido que a gente consiga algum serviço de guincho pra nos tirar daqui!

- Ai, então vamos logo! - disse Julio.

Eles desceram do carro e ficaram imediatamente ensopados. A chuva estava muito forte e gelada. Foi difícil

andar pela lama, mas eles enfim chegaram à estrada e retomaram o difícil caminho até a chácara.

Sábado, 26 de dezembro

23h15min

A chuva tinha passado, mas nem por isso o tempo tinha melhorado. Agora uma neblina muito forte tinha subido, e o frio congelava os ossos. Julio, Gabi e André caminhavam abraçados, tentando se esquentar. Já estava escuro antes, por causa da chuva. E agora, com a neblina, era impossível enxergar um palmo à frente. Não tinham lanterna, então André usava a luz do celular para iluminar o caminho.

- Ai, falta muito? - perguntou Julio.

- Não faço ideia! - respondeu André - A última placa dizia que faltavam dez quilômetros, mas já faz tempo.

- Esse caminho até a chácara sempre foi tão legal! - choramingou Gabi - E agora está igual um pesadelo!

- É verdade, Gabi! - concordou Julio - Eu adorava esse caminho! Toda vez que a gente ia pra chácara eu ficava imaginando as brincadeiras e os mistérios que iríamos descobrir.

- E nem faziam ideia da confusão que iriam causar, né? - perguntou André. Julio e Gabi tinham contado toda a história no carro, e agora André estava sabendo de tudo o que eles tinham feito.

- E se a gente fizer de conta que é uma daquelas vezes? - sugeriu Gabi.

- Como assim? - perguntou Julio.

- Vamos imaginar que estamos indo pra chácara fazer um churrasco!

- Hummmm! - disse André - Na churrasqueira quentinha!

- É! E comer uma carne deliciosa, com arroz que a mamãe faz! - disse Julio.

- E depois tomar um banho e deitar na cama com um cobertor fofo! - disse Gabi.

- Boa, Gabi! - disse André - E também... Opa! Tem alguma coisa ali na frente!

Pararam de repente. Não conseguiam ver nada, mas ouviam passos se aproximando. Eram passos cadenciados, e pareciam muitos. André levantou a luz do celular, e então eles viram vários rostos aparecendo entre a neblina. Devia haver cerca de cem pessoas caminhando lado a lado pela estrada. Todas elas tinham o olhar parado e caminhavam devagar no sentido contrário ao que Julio, Gabi e André estavam indo.

- Vamos sair da frente deles! - disse André.

Eles saíram da estrada e ficaram observando enquanto a multidão passava por eles. Ninguém falava nada. O silêncio era quebrado apenas pelo barulho dos passos se arrastando pelo chão. Entre as pessoas, Julio reconheceu alguém.

- Olha! É o Sebastião, dono do pesqueiro, Gabi! - ele disse.

- E eu vi aquela moça ali na festa do dia dos mortos! - disse André, apontando para outra pessoa.

- São as pessoas que moram na vila! Então estamos perto! - disse Gabi.

- Todos estão contaminados! Vocês estão conseguindo ver o Miro? - perguntou Julio.

- Não sei! - disse André - Vamos procurar!

Eles ficaram ali tentando encontrar Miro, mas não conseguiram. Também não encontraram a mãe dele. Por fim, todo mundo passou, e eles ficaram novamente sozinhos na estrada.

- Bom, menos mal! Pelo menos o Miro está bem! - disse Julio.

- Mas tinha muita gente, e podemos ter passado por ele sem ver! - disse Gabi.

- É! Vamos torcer para que Miro e a mãe não tenham contraído a tal doença! Vamos continuar andando! - disse André.

E continuaram caminhando pela escuridão.

Domingo, 27 de dezembro
0h03min

Já passava da meia-noite quando eles finalmente avistaram a estrada de terra que levava à chácara. Agora estavam a poucos minutos do portão velho e enferrujado da chácara de Dona Olívia. Decidiram que iriam primeiro até a casa de Miro, para ver se estava tudo bem e para talvez comer alguma coisa, pois além de molhados e com frio, estavam famintos.

A neblina tinha desaparecido, e o céu começava a clarear, revelando uma brilhante lua cheia no céu. Eles agora conseguiam ver o caminho com mais clareza, mas havia algo estranho. As luzes da estrada estavam todas apagadas.

- Deve ter tido algum problema por causa da chuva! - explicou André - E não tem ninguém trabalhando pra poder arrumar, né?

- Que droga! Então não tem luz? - perguntou Gabi - Adeus banho quente!

Continuaram andando, e avistaram a entrada para a casa de Miro. A casa também estava toda apagada. Eles foram se aproximando em silêncio, tentando ouvir alguma coisa, mas não ouviram nada. Bateram à porta, mas ninguém apareceu.

- Não tem ninguém aqui! - disse André.

- Miroooo! - gritou Gabi.

- Não, Gabi! Psst! Faz silêncio! - disse Julio.

- Por que? Não tem ninguém por perto! - ela respondeu.

- É mesmo! Miroooooo! - gritaram todos.

De repente, ouviram um barulho vindo de trás, como se algo ou alguém estivesse se mexendo dentro da mata.

- O que foi isso? - perguntou Gabi, assustada.

- Não sei! - disse André - É melhor ficarmos quietos.

Ficaram parados por um tempo, sem ouvir nada.

- Vamos dar a volta na casa? - sugeriu Julio.

- Vamos! - os outros concordaram.

Eles caminharam em direção ao fundo da casa. Estava tudo fechado. Avistaram a piscina, que refletia a luz da Lua, e também o pomar ao fundo. De repente, uma mão apertou o ombro de Julio.

- Psst! Não façam barulho! - disse uma voz, próxima ao seu ouvido.

Ele se assustou, mas não gritou, pois reconheceu Miro imediatamente. Ele o abraçou, aliviado por saber que o amigo estava bem.

- Venham! Entrem aqui, em silêncio! - disse Miro.

Eles entraram na cozinha escura, e Miro fechou a porta com cuidado, certificando-se de que não havia nada lá fora.

- Ufa! Pronto, ele não vai entrar aqui! Só consegue enxergar coisas em movimento! - disse Miro, acendendo uma vela e sentando-se em uma cadeira.

- Ele quem, Miro? - perguntou Julio.

- O zumbi!

- Zumbi? - perguntou Gabi - Mas você não tinha jogado todos os ossos no rio?

- É, mas um deve ter escapado! - ele respondeu.

Julio se lembrou das marcas que tinha visto ao subir no barranco e se arrependeu de não ter contado nada para Gabi e Miro.

- Mas Miro, como você sabe que ele só enxerga coisas em movimento? - perguntou Julio.

- E onde está sua mãe? - perguntou Gabi.

- É, ela não estava doente? - completou André.

- E por que está sem energia? - perguntou Julio.

Miro olhou para eles e disse:

- É, a gente tem muito o que conversar! Mas antes, vamos ver se o zumbi foi embora!

Ele foi até o banheiro, que tinha uma janela bem alta. Os outros o seguiram. Eles colocaram a cabeça por cima do parapeito e ficaram olhando. De repente, viram algo aparecendo dentro da varanda. Era o zumbi.

Seus olhos lisos brilhavam como da outra vez. Mas ele não andava devagar. Era rápido, bem rápido. Andava curvado, com as mãos quase tocando o chão, e quase não fazia barulho. Parecia um lobo muito grande. Ele virava a

cabeça de um lado para o outro, procurando alguma coisa, mas sem encontrar. Ele passou bem na frente da porta por onde Julio, Gabi e André tinham entrado instantes atrás. Mas seguiu em frente. Deu a volta na piscina e desapareceu na mata.

- Pronto, ele foi embora! - disse Miro - O que era mesmo que vocês queriam saber?

- Tem alguma coisa pra comer? - perguntou Gabi.

Miro sorriu. Ele abriu a porta do armário e mostrou uma enorme quantidade de comida. Todos foram correndo pegar algo para comer.

Domingo, 27 de dezembro
0h35min

Todos estavam satisfeitos. Depois de comer, foram tomar banho. Como não havia eletricidade, Miro esquentou água no fogão a lenha, e todos puderam tomar um banho quente. Miro empresou algumas roupas suas para Julio. Para André e Gabi, Miro achou algumas roupas que sua mãe tinha guardado, que serviram relativamente bem. Estavam agora sentados na sala, à luz de um lampião, conversando. Julio, Gabi e André tinham contado tudo o que sabiam, desde a doença até a descoberta dos planos de Macedo e o caminho até a chácara. Miro disse:

- Puxa vida! Então o senhor Macedo estava nos enganando o tempo todo?

- Pois é! - disse Julio - Eu não disse que não era pra confiar nele?

- Disse mesmo, Julio! - concordou Miro - Você tinha razão! Mas é que ele sempre foi tão gentil, visitava sempre a Dona Olívia, ajudava a cuidar dela...

- Aposto que ele vinha aqui só pra investigar a casa, e descobrir mais coisas sobre Frederico Borba! - disse Julio.

- É bem provável! - disse André - Mas e então, Miro, onde está sua mãe?

- Ela ficou doente, seu André! - Miro respondeu - Estava no hospital, para se cuidar. Agora, pelo que vocês me contaram, ela deve estar indo para a cidade de vocês, junto com os outros moradores daqui!

- Nossa, e faz quanto tempo que você está aqui sozinho?

- Já faz uma semana! - ele respondeu - Mas tudo bem, eu sei me virar! Assim que eu percebi que estava todo mundo doente, fui pegar mantimentos na vila. Tenho coisas aqui para passar um mês!

- Isso a gente está vendo! - disse Gabi, gesticulando para mostrar que a casa estava em ordem.

- Mas o que aconteceu por aqui? - perguntou Julio - E esse zumbi? Como ele apareceu?

- Bom, eu não sei muita coisa, mas vou contar o que sei - disse Miro - Depois que vocês foram embora, eu fui de novo lá no lugar da escultura com os chifres, pra tentar destruí-la, mas não consegui. Como eu tinha dito antes, parece que a pedra ficou mais resistente. Não consegui quebrar nada!

- Que estranho! - disse Gabi.

- Calma, que fica ainda pior. Deixa eu fazer uma pergunta: vocês se lembram de quantos chifres tinha a escultura? - ele perguntou.

Julio olhou para Gabi, que estava com os olhos concentrados, tentando se lembrar. Julio disse:

- Três! Um maior e dois menores!

- Não, tinha quatro! - disse Gabi - Tinha um que estava enterrado e não dava pra ver direito!

- Pois é! Três ou quatro, não é? Mas essa semana eu fui lá de novo, e tinha doze chifres!

- Doze? - perguntaram Julio e Gabi, arrepiados de medo.

- Sim! A escultura mudou! Agora, além de mais resistente, ela tem mais chifres e ficou mais alta, quase da minha altura. Acho que ela tem algum tipo de magia que vai deixando ela maior e mais forte à medida que vai recebendo luz da Lua cheia!

- Que medo! - disse Gabi.

- E não é só isso! Como vocês viram, sobrou um zumbi! E ele é diferente daqueles que nós vimos. Não é mais um morto-vivo que anda devagar, quase parando. Ele é rápido, e inteligente também! Acho que a água da escultura nova revive os mortos e deixa eles mais poderosos!

- E quando você viu esse zumbi? - perguntou André.

- Foi no mesmo dia que eu descobri que a escultura tinha mudado. Eu fui lá de novo, antes do anoitecer, só para ter certeza mesmo de que não tinha sobrado nenhum zumbi. E aí, depois de um tempo, apareceu um esqueleto, como da outra vez. Ele subiu na escultura e começou a tomar a água

da bacia. Só que ao invés de sair devagar, deu um salto para o chão e começou a correr para os lados.

- Nossa! E aí? - perguntou Gabi.

- Eu fiquei paralisado de medo! Achava que ia sair um zumbi parado e aparece um super-rápido! Mas foi bom, pois aí eu descobri que ele só enxerga coisas em movimento. Como eu estava parado, ele passou do meu lado, olhou bem pra mim mas não me viu, e seguiu adiante. Aí eu me levantei e, sem que ele me visse, joguei uma pedra para dentro do rio. Ele viu a pedra no ar, e começou a correr em direção a ela. Mas quando percebeu que ia entrar na água, parou. Aí ele pegou uma árvore enorme que tinha ali perto, arrancou com as mãos e a jogou na água, formando uma ponte. Ele cruzou o rio pela ponte e foi até o outro lado. Nessa hora eu saí correndo e consegui escapar.

- Então quer dizer que tem um super-zumbi solto por aí? - perguntou Julio - Forte, rápido e inteligente?

- Sim! - respondeu Miro - Mas ele só deve ficar vivo durante a noite, porque eu vi ele em forma de esqueleto, antes de se transformar!

- Ainda bem! - disse André - Então vamos ficar bem protegidos aqui dentro a noite toda!

- E o que faremos de manhã? - perguntou Miro.

- Vamos explorar a sala secreta! - disse Julio - Precisamos descobrir mais sobre essa magia Vodú, para encontrar um jeito de derrotar Macedo e salvar nossos pais!

- Ahá! - disse Gabi, triunfante - Então agora estamos concordando que existe Magia?

- Sim, Gabi! - disseram todos - Você tinha razão! Está feliz?

- Claro que não! - ela disse - Mas eu ainda não entendi uma coisa!

- O que? - perguntou Julio.

- Se foi a água que contaminou todo mundo, por que nós quatro não ficamos doentes também? - ela perguntou.

- Boa pergunta, Gabi! - disse Miro - Eu não sei! O que é que apenas nós quatro temos de especial, que nos torna imunes à doença do zumbi?

- Nós cinco, né? - disse Julio.

- Cinco? - perguntou Miro.

- Sim! - Julio respondeu - Nós e Macedo! Ele também não ficou doente!

- É mesmo! - disse André, bocejando - Precisamos descobrir! Mas eu sugiro que tentemos dormir um pouco, pois amanhã será um longo dia!

Todos concordaram, e foram para o quarto de Miro, onde ele preparou camas e colchões para todos para que pudessem dormir confortavelmente.

Domingo, 27 de dezembro
6h51min

Todos se levantaram sem demora, tão logo o galo começou a cantar. Ninguém queria ficar dormindo mais tempo. Depois de tomarem um café rápido, saíram pela porta dos fundos e foram até a chácara da Dona Olívia. Miro destrancou a porta da frente com a chave que eles tinham de reserva, e eles foram até a sala de estar, mas a sala secreta estava fechada.

- Vamos para a biblioteca! - disse Julio.

Chegaram lá para ativar o mecanismo que abria a sala secreta, mas havia algo errado. Um dos livros da enciclopédia, que tinha a letra “R”, estava faltando.

- Ué? Cadê o “R”? - perguntou Miro.

- Aaaahh! - disse Gabi, lamentando-se - Lembrei! Minha mãe tirou, lembram? Ela disse que ia deixar escondido para que a gente não pudesse entrar lá antes que a bibliotecária viesse aqui!

- É mesmo! E ela não veio, Miro? - perguntou André.

- Não! - disse Miro - Ela estava doente antes, e deve ter pego a doença dos zumbis depois, pois eu não me lembro de tê-la visto na vila.

- Que droga! Pai, onde a tia escondeu o livro, você sabe? - perguntou Julio.

- Eu não sei!

- E se ela levou pra nossa casa? - perguntou Gabi.

- Acho que ela não faria isso! - disse André - Deve ter escondido por aqui em algum lugar! Vamos procurar! Revirem tudo, crianças! Podem fazer a bagunça que quiserem!

- Nossa, um adulto mandando a gente fazer bagunça? - perguntou Gabi - Se fosse em um dia normal eu ia comemorar!

Domingo, 27 de dezembro
15h59min

Ficaram o dia todo procurando, mas o livro não apareceu. Tinham revirado toda a casa, colocaram os móveis de pernas para o ar, e nada. Procuraram também no lado de

fora, no quintal, na horta, mas não havia nenhum tipo de esconderijo onde Daniela poderia ter escondido o livro. Estavam agora descansando um pouco e tomando um café. André disse:

- Mas eu não entendo! Onde será que a Daniela enfiou esse livro?

- Gabi! - disse Julio - Ela é sua mãe! Pense! Onde ela esconde as coisas de você?

- Não sei, né Julio! - ela respondeu - Se ela esconde é justamente para eu não saber!

- A gente já procurou em todo lugar! - disse Miro - Não tem mais onde procurar, tem?

- Bom, nós olhamos na sala, nos quartos, nos banheiros, no atelier, na cozinha, na despensa... - disse André.

- Também olhamos na sala de música, nos corredores, no quintal... - disse Julio.

- Só não olhamos na biblioteca! - completou Gabi.

- É isso! - disse Miro.

- O que? - perguntaram os demais.

- A biblioteca! Ela deve ter escondido lá na biblioteca! - ele disse.

- Não faz sentido! - disse Julio - Ela queria esconder o livro. Não é meio óbvio deixar um livro em uma biblioteca?

- A gente nem pensou em procurar lá antes, não é? - perguntou Miro.

- Bom, o Miro pode ter razão! Vamos tentar!

Eles foram até a biblioteca e começaram a procurar. Havia muitos livros, mas à primeira vista, o livro com a letra "R" não estava ali.

- Deve estar atrás de algum outro! Vamos tirar tudo! - disse André.

Começaram a remover os livros das prateleiras, com cuidado, para não deixar de examinar nenhum. Demoraram cerca de quinze minutos, até que Julio gritou:

- Achei!

Ele pegou um livro que estava encostado no fundo de uma prateleira, coberto por outros, e o levantou para que os demais pudessem ver. Todos comemoraram. Julio correu até o local e encaixou o livro. Em seguida, apertou as letras certas e a sala secreta se abriu mais uma vez.

Domingo, 27 de dezembro
16h19min

Entraram na sala secreta e começaram a investigar. Eles não sabiam direito o que procurar, então André disse:

- Olhem tudo, crianças, não deixem escapar nada. Se for um papel, leiam com cuidado. Se for uma foto, olhem todos os detalhes. Trabalho de detetive!

Cada um foi para um canto. Julio pegou o pacote de fotos que eles tinham visto da outra vez e começou a folheá-lo. Achou a foto onde aparecia o bastão curvado que Macedo tinha chamado de Cetro da Lua, mas não havia mais informações ali. Gabi começou a procurar dentro de caixas, e achou várias estátuas diferentes, mas também não conseguiu descobrir nada de mais. André olhava nas prateleiras mais altas. Encontrou algumas pedras e papéis antigos. A maioria estava escrita em uma língua estrangeira que ele não conhecia. Havia alguns papéis escritos em português, mas não havia nada de interessante.

Foi Miro quem fez a descoberta mais importante. Ele estava olhando alguns livros antigos. Alguns falavam sobre a África, outros eram sobre a religião Vodou. Mas o mais importante era um caderno velho, com uma capa de couro marrom. Ele o abriu e leu, em letra de mão, na primeira folha: "Diário de pesquisa de Frederico Borba - Estudos sobre o uso da magia Vodou na reanimação de corpos".

- Gente! - ele disse - Venham ver isso aqui!

Todos se aproximaram, e ele começou a ler alguns trechos:

"Em minhas viagens à África, descobri que muitas tribos eram adeptas do Vodou, principalmente aquelas que viviam na costa oeste. A religião acabou migrando para o Brasil junto com os escravos, e se transformou no que hoje é conhecido como Candomblé. Mas alguns rituais mais restritos não se espalharam, ficando confinados a pequenos círculos de anciões e alguns estudiosos.

Um desses rituais me chamou a atenção. Eu estava passando alguns meses com uma tribo na Nigéria, e testemunhei algo que poucas pessoas tiveram o privilégio de ver. Um feiticeiro Vodou reviveu um velho que tinha morrido há duas semanas. Ele utilizou uma magia antiga, contida em um tipo de pedra especial, que só ocorre naquela região. A pedra é utilizada para captar líquido do ar e da terra. Esse líquido, que só pode ser obtido em noites de Lua cheia, tem o poder de reviver os mortos.

Assombrado, eu perguntei ao feiticeiro porque eles não utilizavam esse poder para reviver seus entes queridos que haviam falecido. E ele me respondeu que a magia só revive a

carne. O espírito, ou a alma, que é a pessoa de verdade, não pode ser trazido de volta.

Eu perguntei então para que servia o ritual, e ele me disse que o sangue dos corpos revividos tinha poderes especiais. Ao colocar o sangue revivido em contato com o sangue de uma pessoa viva, essa pessoa ganhava força descomunal. Mas também se tornava escrava do feiticeiro. Ele me explicou que eles costumavam usar essa magia para vencer seus inimigos durante as guerras entre as tribos. Mas acabaram desistindo, pois a magia era perigosa. Se usada por muito tempo, o feiticeiro podia perder o controle sobre os mortos. A pedra que produzia o líquido não podia ficar sob a luz da lua por mais do que duas horas, caso contrário ela iria criar raízes na própria terra e se tornaria indestrutível.

As anotações a seguir mostram um esboço de como o ritual pode ser reproduzido".

Miro parou de ler e olhou para os outros, assustado. Julio entendeu sua preocupação, e disse:

- Ai! Duas horas?

- Então é por isso que você não conseguiu quebrar a bacia, Miro! - disse André - A pedra criou raízes e ficou muito forte!

- E o feiticeiro também diz que a magia pode sair do controle! - disse Julio - Ele não fala mais nada sobre isso?

- Não! - respondeu Miro - Daqui pra frente tem vários desenhos, e instruções sobre como montar uma escultura de pedra. Tem um pedaço de papel faltando, deve ser aquele que você pegou, Gabi!

- Calma aí! Ele também fala outra coisa interessante! - disse André - Que o sangue revivido, ao entrar em contato com o sangue de uma pessoa viva, torna essa pessoa forte, e escrava do feiticeiro!

- E o que tem isso, tio? - perguntou Gabi.

- Não percebem? Ele está falando da doença do zumbi! Que contaminou as pessoas! Que contaminou a Fabiana, e seus pais, Gabi. E sua mãe, Miro, e todo mundo! Não foi a água, e sim o sangue dos zumbis - disse André.

- Mas como o sangue dos zumbis foi entrar em contato com todo mundo? - perguntou Miro.

- Eu sei! - disse Julio - Eu sei! E também já sei porque nós somos os únicos que não fomos contaminados! Nós e o Macedo!

- E o que é, Julio? - perguntou Gabi.

- Isso aqui! - e ele estendeu o braço para cima, mostrando a pulseira colorida em seu pulso.

- As pulseiras repelentes? - perguntou Miro, olhando também para a sua.

- Sim! - disse André, concordando - Faz sentido! Só nós estivemos usando essas pulseiras o tempo todo, então não fomos picados por...

- Mosquitos! - completou Gabi - Então a doença foi transmitida pelos mosquitos! Eles picaram os zumbis, depois saíram picando todo mundo!

- Hummm! - disse Miro - E agora eu entendi outra coisa!

- O que, Miro? - perguntaram os outros.

- Lembra, lá na cabana no meio da floresta? Que nós vimos um monte de aquários criadouros de mosquitos? - perguntou Miro.

- Sim! - disse Julio.

- Então! Era isso que o Macedo estava fazendo lá! - disse Miro - Ele estava criando mosquitos para que eles pudessem espalhar o sangue dos zumbis! Bem que eu achei que tinha mais mosquitos do que o normal!

- Eu sabia! - disse Julio - Não queria repetir de novo, mas eu sabia que esse Macedo estava tramando algo! Ele planejou tudo desde o começo!

- Mas foi a gente quem reviveu os zumbis! - disse Gabi - Por que o Macedo não fez tudo sozinho?

Eles ficaram em silêncio por um tempo. Julio sabia a resposta, e começou a explicar:

- Por que a bisa morreu!

- Hein? - perguntaram os outros.

- Sim, escutem só! - continuou Julio - Ele deve ter descoberto sobre a pedra que brilha e sobre o seu poder. Ele estava com vários livros e revistas do Borba, que ele tinha emprestado da bisa, então ele com certeza sabia de algo. Talvez esse diário aqui não seja a única coisa que Borba deixou escrita. Ou talvez ele tenha ido à África e descoberto tudo por lá. E aí ele descobriu que Borba trouxe a pedra para cá e veio atrás, seguindo seus passos.

- Bem observado! Continue, filho! - disse André, interessado no raciocínio.

- Bom, daí ele começou a investigar e deve ter descoberto o local da escultura, lá perto do rio. Mas ele percebeu que faltava alguma coisa. A bacia, que é a parte

mais importante! Mas não deu tempo de descobrir como a bacia e a escultura se juntavam, porque a bisa morreu e ele não tinha mais desculpa para frequentar a casa dela! Então ele precisava de ajuda! E foi aí que nós aparecemos!

- Nós? - perguntou Gabi.

- Sim! Nós! - disse Julio - Ele percebeu que nós começamos a investigar todo esse mistério e começou a nos deixar pistas! Nos deixou o mapa da região, com os pontos de interrogação. E também os pedaços do mapa da casa, com as pistas de como abrir a sala secreta! Ele não conseguiu achá-la, mas confiou que a gente ia conseguir e completar o ritual! E então os zumbis seriam revividos, e os seus mosquitos espalhariam o sangue mágico por toda a região!

- Nossa! - disse Miro - Faz sentido! Mas ... e o Cetro da Lua? Como ele conseguiu encontrá-lo?

- Eu sei! - disse Gabi - Estava no túmulo de Borba! Lembram que nós vimos algumas pegadas ali?

- É claro! - concordou Julio - Deve ter sido lá mesmo! E ele tinha a chave que abria o túmulo, não podemos nos esquecer!

- Só que ele deixou passar a pista mais importante, que estava lá o tempo todo! - disse Gabi.

- É, foi a sua cabeçada que abriu aquele compartimento secreto, Gabi! - disse Miro.

- Antes eu não tivesse achado nada! - disse Gabi, passando a mão na cabeça e se lembrando da dor.

- Bom! - disse André - Então sabemos que Macedo é o grande vilão. Ele usou vocês e um monte de mosquitos para espalhar sangue mágico por aí, e criar um exército de super-humanos sob seu comando!

- É, basicamente é isso! - disse Julio.

- Então estamos fritos! - disse André.

- Tem que ter alguma coisa a mais nesse diário! - disse Miro - Espera aí que vou continuar olhando!

Miro continuou folheando, até que encontrou outro trecho interessante, que ficava depois das anotações sobre o ritual. Ele continuou a ler em voz alta:

"... o corpo do velho estava vivo novamente. O feiticeiro o enterrou no chão, perto da escultura, e uma espécie de energia fluiu por baixo da terra. Preciso testar isso! Qual será a distância mínima para reviver um corpo? Será que dá para reviver um cemitério inteiro?"

- Ah, então é pra isso que servem as pedras quadradas, com números! - disse Miro - Borba queria calcular as distâncias entre os corpos e a escultura!

- Sim, muito interessante! - disse Julio - Mas não interessa mais! Anda, continua lendo!

- Tá bom, tá bom! - disse Miro, continuando a leitura.

"Ele andava devagar, mas tinha uma força descomunal. O velho parecia não sentir nada. Estava bastante dócil, e o feiticeiro me disse que os corpos revividos não tem vontade própria, a não ser que eles fiquem assim por muito tempo, por isso era importante parar o ritual depois das duas horas. Como ele já tinha desmontado a pedra, me explicou que o corpo morreria novamente quando a Lua sumisse.

Ele também me mostrou o que acontecia quando o sangue revivido entrava em contato com o de uma pessoa viva. Ele fez um corte no dedo do velho, de onde saiu um sangue preto, imundo. Depois ele chamou um jovem ajudante, fez um pequeno corte em seu dedo, e o colocou em contato com o dedo do velho.

O jovem ajudante imediatamente mudou sua postura. Passou a ficar tranquilo e sereno. O feiticeiro então agitou um bastão curvo, e deu uma ordem para que o jovem levantasse uma pedra enorme que havia ali perto. A pedra devia pesar uns trezentos quilos, mas o jovem a levantou como se fosse um pedregulho.

Assombrado, eu perguntei se o jovem ficaria assim para sempre, e ele me disse que não. Havia um jeito de reverter o feitiço. Ele então pegou uma pequena estátua vermelha e a levantou à luz da Lua. A estátua brilhou um pouco e se encheu de água também. Ele recolocou a grande bacia branca em sua posição, esperou que se enchesse novamente, e derramou o líquido da estátua vermelha sobre ela. Os dois líquidos se misturaram, e se transformaram em um líquido vermelho muito brilhante. Ele pegou o líquido vermelho e o deu para que o jovem bebesse. Depois de beber um gole, o jovem voltou ao normal em poucos minutos."

- A estátua vermelha!- disseram Miro, Julio e Gabi, ao mesmo tempo.

- Que estátua? - perguntou André.

- Nós achamos uma estátua vermelha, igual a essa que o diário menciona, no túmulo de Borba! - explicou Miro.

- Aposto que o Macedo não sabe disso! - disse Julio - Ahá! Então tem um jeito de derrotá-lo!

- E onde está essa estátua agora? - perguntou André.

- Ficou lá com a bibliotecária, né? - disse Gabi - Nós trocamos por um dos livros da enciclopédia.

- É, vamos ter que ir buscá-la! - disse Miro.

- E depois vamos ter que ir até a escultura com os chifres? - perguntou Gabi.

- Sim! E misturar os líquidos e produzir a cura para a doença do zumbi! - disse Julio.

- E como vamos fazer todo mundo beber o líquido? - perguntou André.

- Isso eu não sei! - respondeu Julio - Vamos ter que pensar em algo!

- Bom, de qualquer forma, já sabemos o que fazer agora! - disse Miro.

- Agora? - perguntou Gabi - Já está anoitecendo! Eu não quero me arriscar a encontrar aquele zumbi por aí!

- A Gabi tem razão! - disse André - Melhor irmos para a sua casa, Miro! E amanhã de manhã vamos até a vila!

- Está certo, então vamos! - disse Miro.

Eles saíram da sala secreta e foram até a porta da frente. Gabi abriu a porta, e por um instante, ficou maravilhada com o magnífico pôr-do-sol. Ela disse, olhando para os demais:

- Nossa, que lindo está o Sol se pondo! Venham ver!

Mas ao olhar novamente para o lado de fora da casa, Gabi viu algo se mexendo próximo à entrada da chácara, junto ao portão. Era uma figura humana, com pele esverdeada e olhos brilhantes. Era o zumbi. Ao ouvir o barulho da porta se abrindo e a voz de Gabi, ele

imediatamente virou a cabeça na direção da casa. Ao perceber que tinha sido vista, Gabi deu um grito e fechou a porta:

- Aaaaaa! O zumbi! Ele está lá fora!

- O que? - perguntou Miro - Mas é impossível! Ainda está dia! Tem certeza, Gabi?

- Tenho, ele me viu! - ela respondeu.

- Ele te viu? - perguntou Miro - Corram! Para os fundos da casa! Rápido!

Todos saíram correndo da sala e foram até o atelier. Ficaram ali quietos e logo ouviram um estrondo enorme vindo da sala. O zumbi tinha arrebentado a porta da frente.

- Ai, ele entrou na casa! - disse Julio.

- E agora? E agora? - choramingou Gabi.

- Fiquem quietos! - disse Miro - Aconteça o que acontecer, não se mexam!

E assim eles fizeram. Julio, Gabi, Miro e André tentaram não mexer nenhum músculo enquanto ouviam os passos do zumbi andando pela casa. Puderam ouvir enquanto ele perambulava pela sala. Depois ouviram-no entrando no corredor próximo à biblioteca. Os passos foram ficando mais próximos, até que eles viram a sua sombra aparecendo próxima à porta do atelier. Então o zumbi colocou a cabeça para dentro, olhou para um lado, depois para o outro, e decidiu entrar.

Julio estava suando. Gabi tremia, mas fazia força para não mexer um músculo. André fitava o zumbi com os olhos arregalados, e Miro parecia uma estátua, concentrado.

Por algum motivo, o zumbi decidiu explorar o cômodo. Ele não parecia estar enxergando ninguém, mas agia como se

sentisse que tinha algo diferente ali. Ele olhava atentamente para os lados, e curvava a cabeça, tentando escutar algo. Ninguém se mexia.

O zumbi se aproximou do canto onde os quatro estavam parados. Ele foi chegando perto, mas como ninguém se mexia, ele não podia vê-los. O zumbi esticou as mãos, e tateou uma poltrona que estava próxima ao lugar onde Julio estava. Nessa hora, ele deu um grito assustador, com um som saindo direto da garganta, e arremessou a pesada poltrona para trás como se fosse de brinquedo.

Nessa hora, Gabi tremeu um pouco mais forte. O zumbi percebeu a movimentação no ar. Ele começou a se aproximar. Ainda não enxergava, mas pressentia algo ali. Estendeu a mão para a frente. Estava a poucos centímetros do rosto de Gabi, que continuava tremendo, mas sem se mexer.

Quando o zumbi ia tocar em Gabi, ele ouviu um barulho vindo de fora da casa. Ele recuou e virou a cabeça para trás. Julio ouviu também um barulho. Era uma voz conhecida. Era a voz de Macedo.

O zumbi saiu correndo do atelier e foi para o lado de fora da casa. Nesse momento, Julio, Gabi, Miro e André respiraram aliviados, e foram para perto da janela para tentar ouvir o que estava acontecendo. Puderam ouvir Macedo gritando:

- Vamos, procurem em todo lugar... ei! O que é isso? Um zumbi? Ataquem! Matem esse monstro, vamos! Não, saia de perto de mim! Não!

Em seguida, ouviram barulhos indistintos, que indicavam que algum tipo de luta estava acontecendo lá fora. André disse:

- Vamos dar uma espiada! Por aqui!

Ele abriu a janela e pulou para fora. Depois ajudou os outros a sair também. Foram devagar até a frente da casa e viram a cena. Macedo estava segurando o Cetro da Lua na mão. Havia cerca de quinze homens ao seu redor. Eles estavam defendendo Macedo contra o ataque do zumbi, que corria de um lado para o outro tentando atacar. O zumbi era forte, mas os homens também eram. Eles seguravam o zumbi, que não conseguia transpor a barreira. A luta continuou por alguns minutos, até que o zumbi levou um soco e fugiu para a floresta que havia do outro lado da rua.

- Vamos fugir daqui! - sussurrou André.

- Sim, vamos para o quintal! - disse Miro.

Eles foram, e entraram na floresta. Miro os guiou pelo caminho que Julio e Gabi já conheciam, até a Trilha da Lua. Ali eles pararam um pouco para descansar e conversar. O Sol já tinha sumido e a noite já começava a cair.

- Vocês viram o zumbi? - disse Julio - Ele quase pegou a gente! Miro, a sua dica salvou a nossa pele, ele realmente não consegue enxergar coisas que não estão em movimento!

- É, mas... como é possível? - perguntou Miro - Ainda não é de noite!

- Vocês não repararam o que ele tinha na cintura? - perguntou André.

- Não! - responderam os outros.

- Era uma garrafa, amarrada em um cinto! - disse André
- Ele deve ter guardado um pouco do líquido da tal bacia, para beber durante o dia e permanecer vivo por mais tempo! Ele é mesmo inteligente!

- E perigoso! - disse Gabi - Sorte nossa que o Macedo apareceu!

- Mais ou menos, né? - disse Julio - Ele deve ter vindo para cá para nos impedir de estragar os planos dele. De alguma forma ele descobriu que a gente não ficou doente!

- Mas como ele descobriu? - disse Miro.

- Talvez ele tenha dado pela nossa falta na praça, lá na nossa cidade. - disse André.

- E será que ele nos viu agora há pouco? - perguntou Gabi.

- Acho que não! - disse Miro - Mas ele vai entrar na casa e vai saber que estivemos aqui! Ele vai ver a sala secreta e... essa não!

- O que foi? - perguntou Julio.

- Eu deixei o diário do Borba lá dentro! - disse Miro - Me desculpem, eu me assustei com o zumbi e deixei cair no chão!

- Então o Macedo vai descobrir sobre a cura! - disse André.

Eles ficaram em silêncio um pouco. Então Julio falou:

- É, então isso muda tudo! - disse Julio - Não podemos mais esperar! Vamos tentar produzir a cura agora mesmo!

- Agora? - perguntou Gabi.

- É! - disse Julio - Nossa única chance é pegar a estátua na vila e chegar à escultura dos chifres antes do Macedo.

- Mas está ficando de noite! - disse Miro - E o zumbi? Ele vai acabar indo até a escultura também. Nós não temos chance contra ele! Vocês viram como ele é forte!

Mais uma vez, ficaram em silêncio. Até que André falou:

- Tem um jeito!

- Qual, pai? - perguntou Julio.

Ele não respondeu. Apenas esticou o braço e retirou a pulseira repelente que usava, jogando-a longe.

- Pai, não! - gritou Julio, indo atrás da pulseira - O que está fazendo? Coloque-a de volta!

- Não, filho, é o único jeito!

- Não, tio, não! - chorou Gabi - Você não pode abandonar a gente!

- Escutem! - disse André - Eu vou ser picado por um mosquito e aí ficarei forte e poderei defender vocês do zumbi. Vocês só precisam me manter acordado e longe de Macedo, pois com o cetro ele poderá me controlar!

Julio, Gabi e Miro ficaram ainda assustados, mas entenderam o plano e concordaram. André disse:

- Vocês conseguiram fazer bastante coisa sozinhos! Eu confio em vocês! Agora vamos para a vila pegar essa estátua!

Eles se levantaram e começaram a caminhar. A noite estava caindo, e logo a Lua estaria brilhando forte no céu.

Domingo, 27 de dezembro
20h53min

A vila estava deserta. Não era um cenário de destruição como na cidade, mas havia várias coisas fora do lugar. Os bancos da praça estavam revirados, algumas portas e janelas estavam quebradas, postes estavam caídos, e não havia energia. Apenas a luz da Lua iluminava tudo.

Eles foram até a biblioteca, que estava fechada. Precisaram arrombar a porta para entrar, o que fizeram com um pouco de esforço e a ajuda de um pedaço de poste que

André, que já estava ficando mais forte, bateu contra a madeira.

Ao contrário do resto da cidade, o interior da biblioteca estava impecável. Tudo estava no lugar, arrumado e limpo. Estava difícil enxergar sem luz, e o telefone de André estava sem bateria, portanto tinham que encontrar o caminho em meio à escuridão. Julio perguntou:

- Vocês lembram onde era a sala que a maluca guardava as coisas do Borba?

Nesse momento, ouviram uma voz:

- Quem você está chamando de maluca, garoto?

Uma forte luz iluminou seus olhos, e ninguém conseguia enxergar nada. Miro arriscou uma pergunta:

- Dona Armênia? É a senhora?

- Sim! - a voz respondeu - Quem são vocês? O que querem aqui?

- Sou eu, o Miro! E esses são aqueles meus amigos, netos da Dona Olívia, a senhora se lembra?

A luz se desviou para o teto, e puderam ver a bibliotecária. Ela estava segurando uma lanterna, agora apontada para o alto, e também empunhava uma espingarda. Ela disse:

- Ah, sim. Como vai, Miro?

- O que a senhora está fazendo aqui? - perguntou Julio.

- Como assim? Eu trabalho aqui!

- O que ele quis perguntar, Dona Armênia - disse André - é se a senhora não ficou doente. Todos da vila ficaram doentes e saíram da vila ontem, a senhora não viu?

- Eu estava doente, com gripe, mas depois melhorei!

- Sim, mas a senhora não pegou a “outra” doença? Que deixa todo mundo com sono? - perguntou Gabi.

- Não, essa eu não peguei! - ela respondeu.

- Que sorte! A gente acha que ela é transmitida pelos mosquitos! - disse Julio.

- Ah, então está explicado! - disse Dona Armênia - Os mosquitos ficam longe de mim, porque eu uso um repelente natural todos os dias!

Julio, Gabi, Miro e André trocaram um sorriso. Dona Armênia então perguntou:

- Eu ouvi vocês falando de Frederico Borba. O que estão procurando?

- Lembra daquela estátua vermelha que nós trouxemos?

- disse Miro - E trocamos pelo livro?

- Claro que lembro! - ela respondeu.

- Então, a gente precisa... pegar emprestada um pouco!

- disse Julio.

- E para que vocês precisam dela?

- Nós descobrimos um jeito de curar as pessoas! - disse Gabi - Mas pra isso precisamos usar a estátua!

Ela olhou para eles desconfiada. Pensou um pouco e respondeu:

- Nada disso! Que bobagem! Como pode uma estátua antiga curar uma doença? Vocês estão é querendo roubar ela de mim!

- Não, Dona Armênia, é verdade, eu... - André começou a dizer. Mas nesse momento, ouviram um barulho vindo de fora. Eram vozes, que diziam:

- Você procura daquele lado, e eu procuro desse lado. O mestre mandou vasculhar toda a vila. Vamos!

- São os homens de Macedo! - disse Julio - Eles vão entrar aqui!

- O que? - perguntou Dona Armênia.

Julio teve uma ideia. Ele disse:

- Eles tem ordens de destruir toda a vila, Dona Armênia! Não podemos fazer nada!

- Ora, mas eles vão ver só!

Ela foi em direção a uma janela, e a abriu. Ela apontou a espingarda para o alto e deu um tiro, assustando os dois homens que estavam próximos dali. Ela gritou:

- Aqui vocês não entram, seus arruaceiros! Sumam daqui!

Ela deu mais dois tiros, mas os homens não recuaram. Pelo contrário, foram em direção à biblioteca. Nesse momento, Julio disse:

- Venham! Vamos procurar a estátua enquanto ela está distraída!

Eles saíram correndo pela biblioteca, mas não conseguiam encontrar a sala com as coisas de Borba. Havia muitas prateleiras e corredores, e a cada curva se deparavam com livros e mais livros.

Em determinado momento, ouviram um barulho vindo de trás. Os homens tinham acabado de quebrar a porta da frente. Ouviram Dona Armênia gritando:

- Essa porta era de madeira de lei, seus bandidos! Tomem isso!

Ouviram mais dois tiros, e mais barulho de coisas se quebrando. Julio, Gabi, Miro e André se apressaram. Continuaram a entrar cada vez mais fundo na biblioteca, até que Julio viu algo familiar, em uma prateleira bem à sua frente. Um livro, intitulado "O mistério do cinco estrelas". Ele se lembrou de ter visto esse livro bem perto da sala onde ficavam as coisas de Borba.

- Ei, é por aqui! - ele disse aos demais.

Todos chegaram perto de Julio e começaram a procurar por ali. Depois de algum tempo, enfim encontraram a sala de Borba. Ficava depois de uma porta pequena, uma sala cheia de objetos estranhos.

- Encontrem a estátua, vamos! - disse Julio.

Começaram a vasculhar os armários, gavetas e prateleiras em busca da estátua. Mas havia muitas coisas. Nesse momento, o barulho na frente ficava cada vez mais perto. Os homens estavam quase chegando ao lugar onde eles estavam.

- Não dá pra achar! - disse Gabi - Tem muita tranqueira aqui!

- Temos que encontrar! - disse Julio.

- Eles estão chegando! - disse André.

Nesse momento, ouviram a voz de Dona Armênia:

- Saiam daí! É a sala mais importante da biblioteca! Ah, não querem sair? Então tomem chumbo!

- Abaixem-se! - gritou André.

Julio, Gabi, Miro e André se jogaram no chão, no mesmo momento em que vários tiros entraram pela sala e atingiram as paredes e janelas, abrindo grandes buracos por onde a intensa luz da Lua cheia podia agora entrar. Os

homens, que estavam quase entrando na sala, decidiram parar para se esconder dos tiros. Quando as balas acabaram, eles começaram a atirar coisas com violência para trás, tentando atingir Dona Armênia. Ela se escondeu atrás de uma parede, protegendo-se dos objetos arremessados.

Nesse momento, Gabi viu algo. Iluminada por um facho de luz da Lua, reluzia uma brilhante estátua vermelha, formada por alguns chifres e um pequeno copo no centro. Estava caída no chão, em meio a muitas outras coisas. Ela só conseguiu enxergar por causa de seu material especial.

- Eu achei! - ela gritou - Achei a estátua!

Ela se levantou correndo e pegou a estátua nas mãos. Julio, Miro e André foram atrás dela. Nesse momento, os homens de Macedo viram o movimento e decidiram entrar na sala. Mas Dona Armênia tinha aproveitado a pausa para recarregar a espingarda, e voltou a atirar contra eles, que tiveram que se abaixar mais uma vez. Julio, Gabi, Miro e André conseguiram fugir por uma janela quebrada pelos disparos. Correram desenfreados pela vila, sempre olhando para trás para se certificar de que não estavam sendo seguidos. Depois de alguns minutos, chegaram à estrada que levava de volta à chácara. Próximo ao local, avistaram a placa que indicava: "Trilha do Vaga-Lume". Eles respiraram fundo e entraram na densa floresta.

Domingo, 27 de dezembro
22h40min

Estavam demorando mais do que o normal, porque o caminho estava escuro e difícil. Apesar da Lua cheia, a trilha era bem fechada e escura. Além disso, os efeitos da doença do zumbi estavam bastante fortes, e André estava com muito

sono, andando muito devagar. Miro e Julio tinham que ajudá-lo, um de cada lado, para que ele não caísse no chão.

Depois de muito esforço, não aguentaram mais. Estavam bem próximos do barranco, mas estavam exaustos. André desabou no chão, e dormiu imediatamente. Miro, Julio e Gabi se sentaram para descansar.

- Vamos descansar um pouco, depois continuamos! - disse Miro.

- Nossa, essa foi por pouco, hein? - perguntou Gabi - Que confusão lá na vila!

- É, eu já tinha achado a bibliotecária meio maluca - disse Julio - mas agora eu tenho certeza.

- E ela tinha uma espingarda em casa! - disse Miro - Pra que? Quem iria querer roubar uma biblioteca?

- Mas ainda bem que ela abriu aqueles buracos na parede! - disse Gabi - Caso contrário nunca iríamos encontrar essa estátua! E agora? O que temos que fazer mesmo? - ela perguntou.

- Bom, se o diário de Borba estiver certo, - disse Miro - quando colocada sob a luz da Lua, essa estátua deve encher de água, como a outra. Testa aí, Gabi!

Ela se levantou e foi até um local onde o luar conseguia penetrar na floresta. Levantou a pequena estátua, que começou a emitir um brilho vermelho imediatamente. Depois de alguns minutos, a estátua estava cheia de um líquido transparente.

- Deu certo! - ela disse - Nossa, ela enche rápido!

- Então, agora a gente precisa misturar esse líquido com o daquela estátua lá embaixo do barranco!

- Então vamos, gente? - disse Julio.

- E o seu pai? - perguntou Miro - Como a gente faz?

- Vamos ter que carregá-lo! - respondeu Julio.

- Nossa, mas será que a gente consegue? - perguntou Miro.

Julio olhou em volta. Ele viu uma pedra grande, perto de onde André estava. Ele disse:

- Vamos tentar apoiar ele nessa pedra aqui, meio de pé! Quem sabe ele acorda?

Eles se aproximaram da pedra, mas Julio achou que ela estava meio estranha. Ele chegou mais perto e colocou a mão na pedra, e sentiu que estava meio mole. De repente, a pedra se mexeu. Gabi gritou:

- Gente! Isso não é pedra! É o ...

- Zumbi! - todos gritaram e saíram correndo.

O zumbi se levantou, e dessa vez conseguiu vê-los perfeitamente, pois estavam correndo. Em dois saltos ágeis, ele alcançou Julio e o derrubou no chão. Julio ficou deitado, com a barriga para cima, e o zumbi se debruçou sobre ele, segurando fortemente seus braços no chão. Seus olhos brilhantes e lisos o fitavam. Sua boca se abriu num sorriso medonho. Ele a abriu ainda mais, e foi chegando perto da cabeça de Julio, como se quisesse comê-la. Gabi e Miro estavam paralisados. Julio fechou os olhos, esperando o pior.

- Largue o meu filho!

Era André. Ele pegou o zumbi por trás com as duas mãos, o levantou e o jogou para longe.

- Vão! - ele gritou - Eu seguro o zumbi aqui!

- Não, pai! - disse Julio.

- É a única chance! Vão, agora! - ele insistiu.

Mas nessa hora, o zumbi voltou e atacou André, derrubando-o no chão. André estava forte, mas o zumbi era mais forte. Ele conseguiu apertar o pescoço de André com as mãos, que não conseguia respirar. Ficaram lutando por alguns segundos, enquanto Julio, Gabi e Miro olhavam aterrorizados.

De repente, Gabi viu algo no chão. Era a garrafa que o zumbi carregava na cintura. Ela pegou a garrafa, e gritou:

- Ei! Seu zumbi! Olha o que eu peguei!

O zumbi se virou para olhá-la. Ela chacoalhou a garrafa, para que o zumbi pudesse vê-la, e em seguida derramou todo o líquido no chão. O zumbi abriu a boca, com um espanto, e nesse momento ela jogou a garrafa longe, para dentro da floresta. O zumbi largou André para ir atrás da garrafa, mas André segurou sua perna, prendendo-o ali.

- Agora! Vão! - gritou André - Estou conseguindo segurá-lo! Depressa, consigam a cura!

Dessa vez, Julio, Miro e Gabi não ficaram parados. Foram correndo em direção ao barranco. Depois de alguns minutos, ouviram André gritar:

- O zumbi escapou! Sejam rápidos! Estou indo logo atrás de vocês, mas não esperem por mim!

Eles continuaram correndo e tropeçando pela floresta. De repente, viram um brilho adiante. Era muito forte, e iluminava as árvores até uma centena de metros dali. Avançaram mais um pouco, e chegaram até o barranco. Ao olhar para baixo, ficaram assombrados com o que viram.

Domingo, 27 de dezembro
23h12min

A estátua com os chifres estava mais brilhante do que nunca. Era tão brilhante que era difícil olhar para ela diretamente. E agora era enorme, com cerca de três metros de altura. Não tinha três, nem quatro, nem doze, mas cerca de trinta chifres espalhados em todas as direções. A bacia ficava no chifre mais alto. Dela escorria água em grande quantidade, muito mais do que da primeira vez que tinham visto. Formava praticamente uma cachoeira, que produzia um borbulhar constante à medida que a água caía até o chão.

- Uau! - disseram Julio, Gabi e Miro - Ela ficou enorme!

- Como vamos destruir essa coisa? - perguntou Miro.

- Primeiro precisamos da cura! - disse Julio - Depois a gente pensa nisso! Vamos descer!

Eles não tinham corda, então decidiram arriscar a descida escorregando de costas. Miro foi primeiro, e apesar da dificuldade, conseguiu chegar até o chão sem se machucar. Gabi veio depois, e ela também desceu rapidamente. Julio repetiu os passos dos outros dois, e também chegou ileso ao pé do barranco.

Uma vez seguros, foram caminhando lentamente em direção da base da estátua, maravilhados com a bela e assustadora imagem.

- A bacia está lá em cima! Vamos ter que escalar! - disse Miro.

- Eu vou! - disse Julio - Me dá a estátua vermelha, Gabi!

Ela lhe entregou a pequena estátua e ele começou a escalada. Havia muitos chifres, portanto vários locais para apoiar os pés e as mãos. Mas a subida era perigosa. Os chifres eram pontudos. Se ele caísse iria se machucar gravemente. Com muito cuidado, foi subindo devagar, até que ele chegou a um chifre que ficava perto da bacia. Mas ele ainda não conseguia alcançá-la. Para isso, precisaria chegar ao chifre principal, que ficava a cerca de um metro de distância de onde estava. Ficou parado um tempo, pensando no que fazer.

- Anda, Julio! - ele ouviu Gabi gritando lá embaixo.

Ele calculou bem a distância e ensaiou o movimento algumas vezes. Segurou a pequena estátua vermelha com os dentes, estendeu as mãos para a frente e saltou em direção ao chifre. Ele voou no ar por meio segundo, e conseguiu agarrar outro chifre com força.

- Boa, Julio! - disse Miro - Você está quase lá!

Ele foi subindo pelo chifre, ainda segurando a estátua vermelha com os dentes. Ele sentia a água da estátua sendo formada, escorrendo pelo seu pescoço e peito. Com muito esforço, continuou subindo, até que sua cabeça passou pela bacia grande e ele pode ver a água transbordando.

Ele se apoiou bem, pegou a estátua vermelha com a mão e a segurou bem alto, para que recebesse bastante luz da Lua. Em poucos segundos, ela se encheu de água. Ele olhou para baixo e viu Miro e Gabi. Ele devia estar muito alto, pois os dois pareciam muito pequenos. Gabi estava com as mãos apertadas uma contra a outra, como se estivesse rezando, e Miro olhava com os olhos apertados, protegendo-se da forte claridade.

Ele então abaixou a estátua devagar, para que não derrubasse nada. Gritou:

- É agora, gente! Vou misturar os líquidos!

Julio inclinou a estátua de forma que o líquido caísse sobre a bacia branca. Imediatamente, a água parou de jorrar. O conteúdo da bacia ficou praticamente parado, enquanto os líquidos se misturavam. Em poucos segundos o líquido transparente se tornou vermelho-claro, e começou a brilhar, emitindo uma luz fraca. Ele deu um sorriso. Estava funcionando.

Mas de repente, ouviu vozes vindo do barranco:

- Andem! Rápido! Eles estão lá embaixo! Vão pegá-los!

Era Macedo, que vinha com seus capangas superfortes. Julio olhou para baixo e ouviu Miro gritando:

- Desce daí, Julio! Macedo está chegando!

- Mas eu preciso pegar a cura! O que eu faço? - perguntou Julio.

- Nós esquecemos de trazer alguma coisa para levar o líquido! - disse Gabi.

- Não dá tempo, desce Julio! - gritou Miro - Agora!

Julio ouviu um barulho que indicava que os homens estavam escorregando pelo barranco. Ele olhou uma última vez para o precioso líquido vermelho, que reluzia calmo e sereno na bacia, e se arrependeu por não ter pensado em trazer um balde ou uma garrafa. Começou a descer rapidamente. Ele escorregou por alguns chifres e machucou um joelho ao saltar até o chão, mas estava bem.

Eles começaram a fugir, correndo para a floresta, na direção paralela ao barranco. Mas logo tiveram que voltar

atrás. Do meio das árvores viram surgir dois pontos brilhantes. Era o zumbi, carregando em sua mão a sua garrafa, que havia encontrado. Ele deu um grito ameaçador e abriu os braços para assustar as crianças.

- Por aqui não dá! Para o rio! - disse Miro - Vamos!

Sem pensar, eles correram rapidamente em direção ao rio. Atrás deles, de um lado, o zumbi se aproximava. Do outro, os homens de Macedo. A única opção era entrar na água. Ao chegar à margem, porém, levaram outro susto.

As águas do rio estavam agitadas, com ondas altas e espumantes. A correnteza estava fortíssima, muito mais forte do que o normal. Julio se lembrou imediatamente do seu pesadelo, onde viu o rio cheio de ondas.

- Nossa! Olha como está o rio! - disse Julio.

- Deve ser a escultura! - disse Miro - Ela está afetando a natureza aqui no local!

- Não vamos conseguir atravessar nadando! - disse Gabi.

Mas de repente, Miro se lembrou de algo. Ele disse aos outros:

- A árvore caída! Que o zumbi derrubou para fazer uma ponte! Ali, vamos!

Eles foram correndo pela margem e logo avistaram o tronco que atravessava o rio. Devagar, atravessaram o rio agachados, equilibrando-se sobre a árvore, tentando não cair na forte correnteza. Quando os três estavam seguros do outro lado, olharam para trás e não viram o zumbi. Mas logo apareceram Macedo e seus homens. Eles começaram a atravessar a ponte também.

Julio, Gabi e Miro se viraram e começaram a correr para o meio da floresta. Mas não havia trilha ali e eles não conseguiam correr muito rápido. Moviam-se pulando as raízes e desviando dos galhos e troncos. Atrás deles, Macedo e seus homens se aproximavam rapidamente. Eles eram fortes, e caminhavam quebrando tudo pela frente como se fossem gravetos. Em pouco tempo, estavam cercados. Os homens de Macedo formaram um círculo ao redor das crianças. Elas não tinham por onde escapar.

Um dos homens se aproximou e agarrou Gabi, segurando-a firmemente. Miro tentou se desvencilhar de outro, mas não conseguiu, e também ficou preso em um forte abraço. Julio conseguiu escapar em um primeiro momento, mas ao tentar sair do círculo deu de cara com André. Ele parou, olhando para o pai. Nesse momento, Macedo balançou o Cetro da Lua e disse:

- Prenda o garoto!

André obedeceu, pois estava agora sob o comando do cetro de Macedo. Ele agarrou Julio com força, mantendo-o fortemente imobilizado.

Macedo deu um passo à frente e abriu um largo e maldoso sorriso ao olhar para Julio, Gabi e Miro, que estavam presos. Ele disse:

- A brincadeira acabou, crianças!

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 12

Segunda-feira, 28 de dezembro
0h01min

- Bom, antes que eu me esqueça: vocês três, aí! - Macedo disse, olhando para alguns de seus homens - Vão até a estátua e destruam-na! E joguem os pedaços no rio! Assim ninguém conseguirá o antídoto!

Julio, Gabi e Miro protestaram, mas os homens não ligaram. Eles sumiram na mata. Macedo então se virou para os três, que ainda estavam presos pelos homens, e disse:

- Bom, daqui a pouco eu vou tirar as pulseiras de vocês e serão meus escravos também! Meus mosquitos estão por todo lugar agora, não há mais como pará-los. Mas antes, eu queria agradecer!

- Agradecer por que? - perguntou Julio, com um tom desafiador na voz.

- Ora, foram vocês quem completaram meu plano! Graças a vocês, eu agora tenho um exército de super-homens ao meu comando! - e ele estendeu os braços, apontando para seus homens.

- De nada, então! - disse Gabi, brava.

- Ah! Ah! Ah! Gostei do seu senso de humor, garotinha. Mas é claro que vocês não foram tão inteligentes assim! Afinal, fui eu quem deu as dicas mais importantes para vocês, não é?

- Mas você não conseguiu abrir a sala secreta na casa da minha bisavó! - disse Julio.

Macedo ficou sério e disse:

- Sim, isso é verdade! Mas era só uma questão de tempo! Se a sua bisavó não tivesse falecido, cedo ou tarde eu

iria descobrir! Aliás, bem lembrado! Digam-me: como conseguiram descobrir a palavra-chave que abre a sala?

- Não vamos contar! - disse Miro.

- Ora, Miro, vamos, diga! - disse Macedo - Não há nada mais a ganhar agora. Na verdade, eu nem preciso saber, é só curiosidade!

- Não conta, Miro! - disse Gabi - Deixa ele ficar curioso.

- Bom, acho que posso convencê-lo, Miro! - disse Macedo - Você, aperte o pescoço dela!

O homem que segurava Gabi colocou a mão no pescoço dela e começou a apertar. Ela soltou um gemido de dor, mas Macedo estendeu a mão, e o homem soltou o pescoço imediatamente. Ele disse:

- E então Miro? Por favor, satisfaça a minha curiosidade, senão sua amiguinha vai acabar machucada!

Miro suspirou e disse:

- Tá bom! Estava no túmulo de Borba! Escrita no último pedaço do mapa da casa.

Macedo se interessou. Ele ficou sério de novo e perguntou:

- Onde?

- Havia um compartimento secreto, embaixo do altar, na capela! Encontramos o pedaço do mapa lá, junto com a estátua vermelha! - respondeu Gabi.

- Inteligente! Muito inteligente esse Borba! Ele não colocou todos os tesouros em um só lugar, estou vendo! Bom, nessa eu tenho que admitir, vocês me venceram de verdade! Eu vasculhei tudo lá dentro. Inclusive, abri o caixão onde ele estava enterrado para pegar esse cetro aqui! - e

levantou o bastão curvado, para mostrá-los - Frederico Borba arranhou para que o cetro fosse enterrado junto com ele, sabiam? Tinha medo de que pudesse cair em mãos erradas! Ah! Ah! Ah! Fique tranquilo, Borba, seu Cetro da Lua está em boas mãos, comigo! Ah! Ah! Ah!

- Está nada! - disse Julio - Suas mãos são imundas, assim como você!

- Julio, não seja mal-educado com seu futuro mestre! Ou eu peço para seu pai lhe dar um belo apertão no pescoço, que tal?

Julio ficou quieto. Macedo continuou olhando-os, apreciando o momento de sua vitória. Ele disse:

- E essa estátua vermelha? Eu li no diário que vocês encontraram que ela serve para produzir a cura para a doença! Cadê?

Relutante, Julio disse:

- Está em meu bolso!

- Ótimo! Pegue-a e dê para mim! - ele ordenou a André.

André colocou a mão no bolso de Julio e retirou a estátua. Em seguida, ele a estendeu para que Macedo a pegasse.

- Ora, então com essa coisinha vocês quase arruinaram meu plano, né? - ele disse - É uma pena que ... ops!

Macedo derrubou de propósito a estátua no chão, e ela se quebrou em vários pedaços.

- Ah, que pena! Quebrou! - disse Macedo, sarcasticamente.

Julio estava espumando de raiva. Macedo tinha destruído a estátua vermelha, e seus homens deviam estar

nesse momento fazendo o mesmo com a grande estátua com os chifres. Miro tinha dito que ela estava mais resistente, mas os homens de Macedo eram superfortes, e provavelmente conseguiriam quebrá-la. Depois de alguns momentos, eles voltaram. Macedo perguntou:

- E aí? Destruíram a estátua?

Eles acenaram a cabeça positivamente. Julio fechou os olhos, desanimado. Tudo estava acabado. O líquido que ele tinha deixado na estátua era a última chance que eles tinham para curar as pessoas e derrotar Macedo. Agora não havia mais outra maneira de produzir a cura.

Macedo deu um suspiro alto de satisfação e disse:

- Ótimo! Agora vamos todos para casa, que tal? Você, tire a pulseira da garota!

O homem que estava segurando Gabi alcançou seu pulso e arrebentou a pulseira, arremessando-a para longe. Ela começou a chorar, e sentiu imediatamente os mosquitos se aproximando.

- Uma já foi! - disse Macedo - Agora você, Miro! Sempre fomos amigos, acho que vai gostar de ser meu escravo!

Ele acenou com a cabeça para o homem que estava segurando Miro, e ele retirou a pulseira, também arremessando-a para longe.

Julio estava respirando forte. Ele seria o próximo. Ficou imaginando como seria quando fosse dominado pela doença do zumbi. Será que ele sentiria alguma coisa? Ou será que ficaria feliz obedecendo às ordens de Macedo? Ele olhou para Gabi, que continuava chorando, e Miro, que estava com a cabeça baixa, desconsolado.

Julio começou a chorar. Nesse momento, Macedo disse:

- Ora, vamos! Não precisa chorar! Vocês vão se juntar aos seus pais, afinal, não é mesmo?

E ele fez um sinal para que André retirasse a pulseira de Julio. Mas antes que André o fizesse, Julio levantou o rosto e cochichou no ouvido do pai, ainda chorando:

- Pai, não faça isso! Você se lembra do que disse para mim quando eu estraguei tudo naquele jogo de futebol? Você me disse: É melhor perder tentando fazer a coisa certa do que ...

Antes que pudesse completar a frase, Julio levou um susto, pois seu pai disse, também baixinho em seu ouvido:

- ... obedecer uma ordem que seu coração sabe que está errada!

Julio olhou para André e viu que seu rosto estava contraído, como se ele estivesse travando uma intensa luta consigo mesmo. Sua mão estava sobre a pulseira de Julio, mas ele não fazia o movimento de retirá-la. Ele estava conseguindo resistir à ordem de Macedo. Sua vontade e o amor pelo filho eram mais fortes do que a magia Vodou que corria em suas veias.

Macedo, percebendo a demora, aproximou-se e levantou o cetro na frente de André, dizendo:

- Vamos, me obedeça! Você está em meu poder! Tire a pulseira do garoto, agora!

Julio sentia que André estava tremendo. Mas mais importante, seu abraço estava afrouxando. Julio sentiu que poderia escapar, se quisesse. Ele então percebeu que seu pai estava lutando muito para lhe dar a chance de escapar. A

chance de fazer algo. A princípio, Julio ficou paralisado. Mas então ele olhou para Macedo, que estava muito próximo dele, e enfim soube o que deveria fazer. Ele se desvencilhou rapidamente do abraço de André e correu na direção de Macedo. Esticou a mão e agarrou, em seu pulso, a pulseira colorida que usava, arrancando-a de uma só vez. Em seguida, saiu correndo desenfreado para longe dali.

Macedo, ao perceber o que tinha acontecido, ficou enlouquecido. Em poucos segundos, estava coberto por uma nuvem de mosquitos. Ele começou a agitar os braços freneticamente para espantar os mosquitos e evitar uma picada. Ele dizia, para os mosquitos:

- Saiam! Saiam daqui! Fiquem longe de mim!

Como Macedo disse essas palavras enquanto balançava o cetro, seus homens interpretaram essa ordem como se fosse para eles. Com isso, soltaram Miro e Gabi e correram para longe. As crianças aproveitaram a confusão e correram para o lado oposto, juntando-se a Julio.

Correram sem parar por meia hora, até que Miro e Gabi foram vencidos pelo sono intenso da doença. Apesar de não ter sido picado, Julio também estava exausto, e também deitou para descansar um pouco. Os três acabaram adormecendo abraçados um ao outro.

Segunda-feira, 28 de dezembro
4h48min

Julio abriu os olhos e viu que ainda estava escuro. Ele olhou para os lados e viu Miro e Gabi dormindo perto dele. Ele se levantou e olhou em volta, mas não viu ninguém. Decidiu tentar acordar os dois. Primeiro ele os chacoalhou de

leve, mas não funcionou. Precisou cutucá-los bem forte para que eles enfim abrissem os olhos.

- Andem, nós precisamos voltar rápido! Vamos! - ele disse.

Gabi e Miro concordaram, e eles começaram a caminhar de volta ao local onde tinham deixado Macedo e os demais. Gabi perguntou, bocejando:

- Mas Julio, por que vamos voltar? Não é melhor tentar fugir?

- Não, eu acho que vai estar tudo bem! Confie em mim! - ele respondeu.

Depois de quase uma hora, chegaram ao local, e Julio viu que sua expectativa tinha sido confirmada. Macedo e seus homens estavam todos deitados no chão, dormindo profundamente. André também estava ali, dormindo. Julio se aproximou de Macedo, e pegou o Cetro da Lua de suas mãos. Ele o ergueu vitorioso, depois mostrou para Miro e Gabi, dizendo:

- Viram? O Macedo foi picado e também ficou doente. O pobre coitado caiu no sono, e agora eu sou o mestre!

Gabi e Miro abriram um enorme sorriso, e os três se abraçaram por um longo tempo. Depois que eles se soltaram, Gabi perguntou:

- Mas como você conseguiu isso, Julio?

- Meu pai conseguiu vencer a magia Vodú! - disse Julio, olhando para o pai deitado ali do lado - E aí ele me soltou! Ele é meu herói!

- E agora, Julio? - perguntou Miro - O que vai fazer?

- Olhem para lá e cubram os ouvidos! Não quero que vejam nem ouçam as minhas ordens!

Miro e Gabi se afastaram e cobriram os ouvidos. Julio se virou para os homens que dormiam no chão, começou a agitar o cetro e disse em voz alta:

- Acordem!

Todos se levantaram, obedientes. Julio deu outra ordem:

- Vamos atravessar o rio, até a estátua perto do barranco!

Todos começaram a caminhar na direção indicada por Julio. Ele olhou bem o cetro em suas mãos, abriu um enorme sorriso, e disse:

- Isso é muito legal!

Segunda-feira, 28 de dezembro
6h21min

Ao chegarem perto do local, antes mesmo de cruzar o rio pela ponte improvisada, Julio já viu o que temia. A grande estátua branca com os chifres não estava mais lá. Havia também um grande buraco no chão, o que significava que os homens de Macedo tinham arrancado e quebrado até as raízes da estátua.

Eles atravessaram o rio, que agora estava calmo novamente, e Julio ordenou para que todos, exceto André, Miro e Gabi, fossem até a vila para procurar um ônibus ou algo que pudesse levá-los de volta à cidade, onde estariam todas as pessoas. Enquanto observava os homens subindo pelo barranco, ficou ali um tempo observando o buraco no chão. Lembrou-se de que esteve muito perto de ter o líquido da cura em suas mãos. Tinha faltado apenas uma garrafa, uma mísera garrafa.

- Bom, vamos embora também? - ele disse aos outros - Precisamos pensar numa coisa para reverter o feitiço Vodou.

- Será que tem jeito? - perguntou Miro, bocejando.

- Bom, se não tiver, pelo menos agora o cetro está em boas mãos! - disse André, também bocejando e dando um tapinha nas costas de Julio. Mas como André era agora superforte, o tapinha doeu bastante.

Eles subiram o barranco e começaram a caminhar pela trilha. O dia já tinha nascido, mas a trilha era escura, e eles só viram a claridade quando chegaram à vila. Julio levantou o rosto e, sentido o calor do Sol em sua pele, agradeceu pelo fim daquela longa noite. Ele disse aos outros:

- Será que eles conseguiram achar um ônibus para a ...

Mas ele não terminou a frase. Viu que André, Miro e Gabi estavam paralisados, olhando para a frente. Ele se virou para ver o que eles estavam olhando, e também ficou paralisado. O zumbi que tinha fugido deles na floresta, na noite passada, estava no meio da rua, olhando para eles.

- O zumbi! - disse Miro - Esquecemos do zumbi!

- Mas agora nós somos superfortes! - disse Gabi - Eu não tenho mais medo do zumbi!

- Sim! - disse André - Vamos derrotá-lo!

Eles ficaram em posição de luta, à frente de Julio, para protegê-lo. Mas o zumbi parecia estranho. Ele estava se coçando, como se sua pele estivesse irritada. E ele protegia os olhos com as mãos, parecendo bastante incomodado com a luz do Sol.

- Olhem! - disse Julio, apontando - Acho que o feitiço está terminando!

- Mas ele vai beber água da garrafa! - disse André - Vai se recuperar!

- Ué, mas a garrafa não estava... vazia? - perguntou Gabi.

- Só se... - Julio abriu um sorriso ao dizer isso.

O zumbi fez o que eles estavam prevendo. Ele pegou a garrafa na cintura e bebeu um gole. Mas ao invés de retomar sua postura agressiva, o zumbi pareceu gostar muito da bebida. Levou a garrafa outra vez à boca e bebeu outro gole. Em seguida, sua boca se abriu numa espécie de sorriso. Era estranho ver um zumbi sorrindo, mas ele parecia feliz. Ele derrubou a garrafa no chão, que por sorte não se quebrou. Em seguida, ele se deitou.

- O que está acontecendo? - perguntou Miro.

O zumbi se encolheu, como se estivesse se aconchegando para dormir. Ele fechou os olhos e seu rosto ficou agora claramente feliz e sereno. Deu um suspiro e adormeceu profundamente. Logo em seguida, sua pele começou a se desfazer, revelando a carne podre embaixo. Depois, a carne também sumiu, deixando somente os ossos, que por fim viraram pó.

- Ele dormiu! - disse Gabi - Ele parecia feliz, não parecia?

- Sim, Gabi! - disse Julio - Acho que ele finalmente teve um sono merecido.

- Mas o que aconteceu? - perguntou Miro - Por que ele não continuou vivo?

- Eu sei! - disse Julio - Venham!

Julio foi até o local onde a garrafa tinha caído e a pegou no chão. O vidro da garrafa estava bastante sujo, então ele o

limpou com a camiseta, revelando o que tinha dentro. Era um líquido vermelho-claro bastante cristalino, que reluzia levemente.

Os três soltaram uma exclamação. Gabi levou as mãos a boca. Miro começou a chorar, e André disse:

- O líquido da cura! Mas como é possível?

- Depois que nós fugimos pelo rio, encontramos o zumbi, lembram? - disse Julio - Ele tinha encontrado a garrafa que a Gabi esvaziou, mas ainda não estava cheia. Aí Macedo e seus homens vieram atrás da gente, mas o zumbi ficou para trás.

- É, eu achei isso estranho mesmo! - disse Miro - Esse zumbi era agressivo, sempre queria atacar a gente!

- Então, - continuou Julio - antes que os homens de Macedo destruíssem a escultura, ele deve ter subido e enchido a garrafa! Só que eu já tinha misturado os líquidos. Ele não deve ter percebido a diferença e encheu a garrafa com o líquido da cura!

- Isso quer dizer que... - começou a dizer Gabi.

- Nós conseguimos a cura! - disse Julio.

- Conseguimos! - disse Miro.

Todos se abraçaram fortemente, comemorando.

Nesse momento, um ônibus apareceu na esquina. Ao se aproximar, Julio viu que era Macedo quem dirigia. Ele colocou o rosto para fora e perguntou para Julio, com um sorriso bondoso no rosto:

- Esse ônibus está bom, mestre?

Julio, Gabi, Miro e André se entreolharam e sorriram. Eles entraram no ônibus, onde os outros homens já estavam, e foram rumo à cidade.

Segunda-feira, 28 de dezembro
10h00min

- Será que vai dar certo? - perguntou Gabi.

- Tem que dar! - disse Julio - Não tem o suficiente para todo mundo!

- Vai dar sim, Julio! Vá em frente! - disse André.

Eles estavam na praça da cidade, em meio à enorme multidão de pessoas enfeitiçadas. Todos estavam parados, olhando para Julio, que estava em pé ao lado de uma grande fonte de água. Ele respirou fundo, ergueu a garrafa com a cura da doença do zumbi e derramou seu líquido na fonte. Imediatamente, toda a água se tornou vermelho-clara. Julio sorriu, sabendo que tinha dado certo.

Ele se virou para a multidão, ergueu o Cetro da Lua, e disse em voz alta:

- Venham todos até a fonte e bebam um gole da água! Apenas um gole! E depois deem licença para que os outros possam beber também.

A multidão começou a se mover vagarosamente. Uma a uma, as pessoas bebiam a água e voltavam ao normal. Miro, Gabi e André tinham sido os primeiros, e já estavam normais. Em pouco tempo, Julio viu passarem por ali alguns conhecidos, seus amigos da escola, depois os pais de Gabi e a mãe de Miro.

Ao voltar ao normal, todos relatavam que conseguiam se lembrar de tudo que tinha acontecido. Eles diziam que sabiam que estavam sob controle de Macedo, mas que não podiam fazer nada. Ao ouvi-los falando isso, Julio sorriu e concordou, mas deu uma olhada para o pai, dizendo:

- Nem todos, né pai?

André respondeu com uma piscadela.

Depois apareceu Fabiana. Assim que voltou ao normal, ela deu um forte abraço em Julio e André. Ela os beijou bastante, e disse:

- Meus heróis! Vocês salvaram o mundo!

Macedo foi um dos últimos a voltar ao normal. Assim que recuperou o controle sobre si mesmo, ele explodiu de raiva. Saiu esbravejando e xingando Julio, Miro e Gabi, que apenas deram risada.

- Bem-feito para ele! - disse Julio.

- Sabe o que é o melhor de tudo? - perguntou Gabi, enquanto a multidão se dispersava.

- O que? - perguntou Julio.

- Os pobres dos zumbis vão poder descansar em paz, finalmente!

- Ai, lá vem ela! Gabriela, a defensora dos mortos comedores de cérebro! - zombou Julio.

- Eles não comeram nenhum cérebro! - disse Gabi - Bom, aquele último ia comer o seu, Julio, mas acho que ia passar fome!

Todos riram bastante. O sol brilhava e o céu estava azul, sem nenhuma nuvem no céu. A cidade estava em paz novamente.

O mistério da chácara - por Daniel Lucrédio

Semana 15

Sexta-feira, 22 de janeiro

17h29min

O jogo estava empatado em um a um. Faltavam poucos minutos para terminar, quando um jogador se machucou. Julio estava sentado no banco de reservas, mas se levantou imediatamente quando o treinador o chamou:

- Julio! Vai lá e faz o seu melhor!

Ele tirou o colete dos reservas e olhou para a arquibancada. Viu seus pais, ao lado dos pais de Gabi. Ela também estava lá, assim como Miro, que estava na cidade passando a semana com eles. Todos comemoraram muito quando viram que Julio ia entrar no jogo.

Julio entrou na quadra confiante. Recebeu um cumprimento dos colegas, inclusive de Fernando. Agora que Julio era o herói da cidade, Fernando estava sendo bem mais legal com ele.

Julio tentou fazer tudo o que o treinador pedia. Marcou, passou e correu. Ele estava indo bem. Errou alguns passes e jogadas, mas não tinha feito nada que comprometesse o jogo. Até que ele recebeu uma bola no ataque.

Dominou com o pé direito e partiu para cima do adversário. Viu que Fernando estava livre, mas o colega não disse nada. O adversário o olhou, tentando adivinhar o que ele iria fazer. Julio fingiu um drible para a direita, e o adversário se moveu para esse lado. Mas Julio imediatamente mudou de direção, jogando a bola no contrapé do zagueiro, que caiu sentado no chão. O goleiro saiu assustado, tentando tirar o espaço e evitar que Julio chutasse no gol. Ele se jogou, deslizando em direção à bola. Mas Julio foi mais rápido e tocou para Fernando, que estava livre e de frente para o gol,

sem goleiro. Ele deu um leve toque na bola, que foi parar suave nas redes.

A torcida gritou e Julio correu para abraçar Fernando. Em seguida todo o time se amontoou num abraço coletivo. Julio conseguiu escapar um pouco e olhou para a arquibancada. Viu Gabi acenando e dando pulinhos. Viu Miro fazendo um sinal positivo com as mãos. Seu pai o olhava com orgulho. Julio se lembrou da grande aventura que tinham vivido juntos, e de como chegou a acreditar que o terror e a tristeza não teriam fim. Nesse momento, Julio acenou de volta.

Ele estava feliz.

O mistério da chacara - por Daniel Lucrédio

Fim